





le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









ARTE DE FURTAR,  
ESPELHO DE ENGANOS,  
THEATRO DE VERDADES,  
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,

GAZU' A GERAL

*Dos Reynos de Portugal.*

OFFERECIDA A EL REY

NOSSE SENHOR

D. JOAÕ IV.

PARA QUE A EMENDE.

Composta pelo

PADRE ANTONIO VIEYRA

*Zelozo da Patria.*



AMSTERDAM,

NA OFFICINA ELVIZERIANA 1652.



FL. V. b. n. calp. 745. **VERA EFFIGIES CELEBERRIMI  
P. ANTONII VIEYRA,**

*et Societ. Jesus, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionatoris  
num Principis, quem dedit Lusitania mundo Ulyssippo Lusitanica,  
Societati Brasilia. Obiit Bahiæ prope nonagenarius die 22 Julii An.  
1697. Quiescit in regio Collegii Bahyensis templo, ubi sepultus frequen-  
tissimo urbis concursu, æterno orbis desiderio.*

## SENHOR.

**H**Um Sabio disse, que não havia neste mundo homem, que se conhecesse; porque todos para consigo são como os olhos, que vendo tudo, não se vem a si mesmos: e daqui vem não darem muita fé em si de suas perfeiçoens, nem advertirem em seus defeitos; e ser necessario, que outrem lhes diga, o que passa na verdade. Se V. Magestade não se conhece, nem o mundo, em que vive, e de que he Senhor, eu o direy em breves palavras. He V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderozo, e o mais feliz homem do mundo; e este mundo he hum covil de ladroens. Digo que he V. Magestade o mais nobre; porque o fez Deos Rey, e lhe deu por Avós

Reys Santos , e poderosos , que elle mesmo escolheo , e ennobreceo , para a mais nobre acção de lhe aumentar , e estabelecer sua fé. He o mais valente , assim nas forças do corpo , como nas do espirito : nas do corpo ; porque não ha trabalho , a que não resista , nem outrem , que possa medir valentia com V. Magestade : e nas do espirito ; porque não ha fortuna , que o quebrante , nem adversidade , que o perturbe. He o mais poderoso ; porque sem arrancar a espada , se fez Senhor do mais dilatado Imperio , tirando-o das guerras de leoens , que o occupavaõ ; com tanta pressa , que não poem tanto huma posta em levar a noiva , quanta V. Magestade poz em arvorar a victoria nas mais remotas partes do mundo. He o mais feliz ; porque em nenhuma empreza poem sua Real mão , que lhe não succeda a pedir por boca ; e se alguma se malogra , he a que V. Magestade não approvou ; tanto , que temos já por unico remedio , para se acertar em tudo , fazerse só o que V. Magestade ordena , ainda que a outros juizos pareça desacerto. E digo , que este mundo he hum covil de ladroens ; porque se bem o considerarmos , não ha nelle couza viva , que não viva de rapinas : os animaes , aves , e peixes comendo-se huns aos outros , se sustentãõ : e se alguns ha , que não se mantenhaõ de outros viventes , tomãõ seu pasto dos frutos alhejos , que não cultivaraõ ; com que vem a ser tudo huma pura ladroeira ; tanto , que até nas arvores ha ladroens ; e os Elementos se

comem , e gastaõ entre si , diminuindo-se por partes , para accrescentar cada qual as suas. Assim se portã as creaturas irracionaes , e insensiveis , e as racionaes ainda peor que todas ; porque lhes sobeja a malicia , que nas outras falta , e com ella trata cada qual de se accrescentar a si : e como o homem de si nada tem proprio , claro está , que se os accrescenta , muitos haõ de ser alheynos. E de todo este discurso nada he conforme á ley da natureza ; a qual quer , que todas as couzas se conservem sem diminuiçã de alguma. Nem a Ley Divina quer outra couza ; antes lhe aborrecem tanto ladroens , que do Ceo , do Paraiso , e do Apostolado os desterrou ; e a este ultimo desterro se accrescentou forza : e notese que a tomou o réo por sua mã , sem intrevir nisso sentença de justiça , para nos advertir o castigo , que merecem ladroens , e como naõ devem ser admittidos , nem tolerados nas Republicas.

Quer Deos , que haja Reys no mundo , e quer que o governem assim como elle , pois lhes deu suas vezes , e os armou de poder contra as violencias ; e como a mayor de todas he tomar o seu a seu dono , em emendar esta se devem esmerar. E em V. Magestade corre esta obrigaçã mayor , pois fez Deos a V. Magestade o mais nobre , o mais valente , o mais poderoso , e o mais feliz Rey do mundo. E deve pòr cuidado grande nesta empresa , porque a fazenda de V. Magestade he a mais combatida destes inimigos , que por serem mui-

tos só com hum braço taõ alentado, como o de V. Magestade, poderaõ ser reprimidos, e castigados. A mayor difficuldade está no conhecimento delles; porque como o officio he infame, e reprovado por Deos, e pela natureza, não querem ser tidos por taes, e porisso andaõ todos disfarçados; mas será facil darlhes alcance, se o dermos a suas mascaras, que são as artes de que usaõ: destas faço aqui praça, e lhas descubro todas, mostrando seus enganos como em espelho, e minhas verdades como em theatro, para fazer de tudo hum mostrador certissimo das horas, momentos, e pontos, em que a gazia destes piratas faz seu officio. Não en sina ladroens o meu discurso, ainda que se intitula Arte de furtar; ensina só a conbecellos, para os evitar. Todos tem unhas, com que empolgaõ, e nas unhas de todos hei de empolgar, para as descobrir, por mais que escondaõ; e será taõ suavemente, que ninguem se doa. Vay muito no modo, e no estylo: a pirola aviar-gosa não causa fastio, se vay dourada; e para que este tratado o não cause, irá prateado com tal tempera, que irrite mais a gosto, que a molestia. Sirvase V. Magestade de o entender assim, e de observar com seu grande entendimento até os minimos apices desta Arte; porque das contraminas della, que tambem descubro, depende a conservaçãõ total de seu Imperio, que Deos Nos o Senhor prospere até o fim do mundo com as felicidades, que seus venturozos principios nos promettem.

¶

AO SERENISSIMO SENHOR  
D O M T H E O D O S I O  
Principe de Portugal.

D E P R E C A C , A M ,

S E N H O R .

**T** Ambem a V. A. Real , e Serenissima pertence a emenda desta Arte por todos os titulos , que a ElRey nosso Senhor pertence , pois naõ assim como elle o limito em suas grandezas ; porque de tal Arvore naõ podia nascer menor ramo , e em nascendo mostrou logo V. A. o que havia de ser : e hum Mathematico insignem me disse olhando , por lho eu pedir , para os horoscopos do Ceo , que V. A. havia de ser Rey da terra , e sua Magestade , que Deos guarde , guardou este juizo. E ainda que estas razoens naõ militassem , que saõ certissimas , bastava vermos , que ha em V. A. poder , e saber para tudo : e saõ duas couzas muito essenciaes para emendar latrocínios ; o saber para os apanhar , e o poder para os emendar. Digo que vemos em V. A.

poder: porque vemos, que assim como Atlante cansado de sustentar as Esfêras do Ceo, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse; assim El-Rey nosso Senhor, Atlante do nosso Imperio, descarregou as Esfêras delle nos hombros de V. A. não para descansar, que he insustentavel, mas para se gloriar, que tem em V. A. hombros de Hercules, que ajudaõ os de Atlante, e o igualaõ no poder. A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. Com a Clava se significã suas armas, e poder, com as redes, e cadeas, sua sabedoria: e com estas duas couzas venceia, e dominava tudo. De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a V. A. assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto, como as do mundo) a sua obediencia; como tambem, porque ninguem as meneya com tanto garbo, valor, destreza, e valentia; ou seja a cavallo brandindo a lanca, ou seja a pé levando a espada, e fluminando o montante; e assim se demonstra, que ha em V. A. poder para emendar, e castigar. E porque este não basta, se não ha ciencia para alcançar, quem merece o castigo; digo que vemos em V. A. tanta sabedoria, que parece insusa: porque não ha Arte liberal, em que não seja eminente; não ha Ciencia especulativa, em que não esteja consummado; não ha habito de virtude moral, que o não tenha adquirido, e feito natural com o uso.

E em todo o genero de letras , artes , e virtudes , se consummou com tanta facilidade , e presteza , que nos parecia ter nascido tudo com V. A. naturalmente , e não ser achado por artz ; e assim se prova , que ha em V. A. saber para dar alcance a os latrocinios , de que aqui tratamos : e em os pescando com a rede da sabedoria , segue-se emendallos com a Clava do poder.

Sugeito por tanto esta Arte de furtar ao poder , e sabedoria de V. A. Ao poder , para que a ampare , e á sabedoria , para que a emende : porque só da sabedoria de V. A. fio que dará alcance ás subtilizas dos professores desta arte. Em duas couzas peço a V. A. que ostente aqui seu poder , em castigar ladroens , e em me defender delles , pois fico arriscado com os descobrir ; mas com me encobrir V. A. me dou por seguro. E em outras duas couzas torno a pedir ostente V. A. sua sabedoria , em emendar esta arte , em quanto pertence aos ladroens ; e tambem o estylo della , pelo que tem de meu. Levarey mal , que me argua outrem , porque não haverá , quem me não seja suspeito , salvo V. A. visto não haver outrem , que escape das notas , que aqui emendo. Dirão que fallo picante , ou levido : isso he o que pertendo , para adoçar por todas as vias o desagrado da materia. Cuidava eu que falar nisto muito chumbado , e serio , seria o melhor ; mas sendo o objecto de si penozo , porque he de perdas , e damnos , fazello mais penoso com o estylo , seria vestir hum capuz a este tratado , para todos lhe da-

rem o pezame de o não poderem ver ás escuras. Vestirey de primavera o mez de Dezembro, para o fazer tratavel, tecendo os casos, e materias de modo, que não fação mayor pendor para huma balança, que para outra, para que alivie o curioso da Arte, e estylo, o molesto da materia sem tropas de sentenças Cabalisticas, nem infantaria de palavras cultas, e penteadas, que me quebraõ a cabeça. Alguns li-vretes vejo desfes, que vão sabindo á moderna, e quando os leyo, bem os entendo; mas quando os acabo de ler, não sey o que me disserão; porque toda a sua habilidade poem em palavras. E já disse o proverbio, que palavras, e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gastão em dar conselhos politicos, a quem lhos não pede; e bem apertados, vem a ser melanconias do Autor, que por arrufos dêraõ em desvellos, ou por ambição em delirios; e poderamos responder aos taes, o que Apelles ao que lhe tachou as roupagens da sua pintura, sabindose da esféra do seu officio. Seja o que for, o que sey, he, que nada me toca mais, que zelo do bem commum, e augmento da Monarquia, de que he herdeiro, e Senbor V. A. Ladroens retardão augmentos, porque diminuem toda a couza boa: diminua-os V. A. a elles, e crescerá seu Imperio, que os bons desejaõ dilatado até o fim do mundo; porque todos amaõ mais que muito a V. A. que Deos guarde &c.

P R O T E S T A C , A M

D O A U T O R

*A quem lêr este Tratado.*

**E**M Ouguela, lugar de Além-Tejo entre Elvas, e Campo Mayor, ha huma fonte, cuja agua não coze carne, nem peixe, por mais que ferva. E na Villa do Pombal, perto de Leiria, ha hum forno, em que todos os annos se coze huma grande fogaça para a festa do Espírito Santo; e entra hum homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e se detêm dentro, quanto tempo he necessario, sem padecer lesão alguma do fogo, que cozendo o paõ não coze o homem. E pelo contrario na Tapada de Villa-Viçosa, retiro agradavel da grande casa de Bragança, adverti huma couza notavel, que haverá mais de dous mil veados nella, que todos os annos mudaõ as pontas, bastante numero para em pouco tempo ficar toda a Tapada juncada delles; e no cabo não ha quem ache huma. Pergunthey a razão ao Senhor D. Alexandre, irmão del Rey nosso Senhor, grande perscrutador de couzas naturaes? E me respondeo, o que he certo, que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou, que haja animais, que comaõ, e possaõ digerir ossos mais duros que pedras! Mas que muito, se ha aves, que comem, e digerem fer-

porque tudo comparado com os defeitos de outras nesta parte, fica a nossa mais acreditada, pois se deixa ver o excesso dos latrocínios, com que assolão o mundo todo por mar, e por terra. Segunda; porque tratamos de emenda, e onde ha esta, ou desejo della, he a mayor perfeição, que os Santos achão nas Religioens mais reformadas; e assim ficamos nós com o credito de Religiosos reformados, em comparação de gente dissoluta. Donde não me resulta daqui escrupulo, que me retarde. O que sinto he, que não sey, se conseguirá seu effeito o meu intento, que só trata de que vos emendeis, se vos achardes comprehendido: e se cada hum se emendar a si, já o disse hum Sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar assim o nosso Reyno, e emendallo, he o que pretendemos.

Dirá o Critico, e tambem o Zoilo [que tudo abocanhaõ, e róem] que isto não he gazua, com que se abrem portas para furtar; mas que he montante, que escala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonnar. A isso tenho respondido, que não tome ninguem por si o que lhe digo, e ficaremos amigos como dantes; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular: os casos, que aqui referir, são balas de batalha campal, que tiraõ a montão sem pontaria. Só digo o que vi, ou ouvi, sem pesquisar autores, nem formalidades

lidades mais , que as que as couzas dão de si : e se em algumas discreparem as circumstancias da narração , e não se ajustarem em tudo muito com o succedido , pouco vay nisso ; porque o nosso intento não he deslindar pleitos para os sentenciar , senão mostrar deformidades para as estranhar , e dar doutrina , e tratar de emenda. E estejaõ certos todos , que não dizemos nada , que não passe assim na verdade em todo , ou em parte principal. E não allegamos Autores para confirmação do que escrevemos ; porque os desta arte nunca imprimirão ; e de sua ciencia só duas letras se achão impresas nas costas de alguns , que são L. e F. e o que querem dizer , todos o sabem. E se algum me impugnar a mim para defender , o que estas letras denotaõ , mostrará nisso , que he da mesma confraria , e negar-se-lhe ha o credito por apaixonado , como parte , e dar-se-me ha a mim , que o não sou ; porque só pertendo mostrar neste espelho a verdade , e fazer publicas como em theatro as mentiras , e embustes de ladroens passados , e presentes. Apresen-tem-se todos para ouvir com paciencia ; e porque trato de não molestar , quem isto lêr , irey tecendo tudo em forma , que o curioso dos successos adóce o azedo da doutrina : e em tudo teraõ todos muito que aprender , para sempre serem virtuosos , se quizerem tomar as couzas , como as applico. Deos vos guarde de varas delgadas , que andaõ  
pelas

pelas ruas, e de tres páos grossos, que vos esperaõ,  
fenaõ tomardes meus avisos. Entre tanto estuday  
o Credo, e espertay a fé para o que se segue.

# I N D E X

## D O S C A P I T U L O S

### D E S T E T R A T A D O .

#### C A P . I .

**C**omo para furtar ha arte , que he ciencia verdadeira. p. 1.

#### C A P . II .

Como a arte de furtar he muito nobre. p. 8.

#### C A P . III .

Da antiguidade , e professores desta arte p. 13.

#### C A P . IV .

Como os mayores ladroens saõ , os que tem por officio livrar-nos de outros ladroens. p. 19.

#### C A P . V .

Dos que saõ ladroens , sem deixarem que outros o se-jaõ. p. 28.

#### C A P . VI .

Como naõ escapa de ladraõ , quem se paga por sua maõ. p. 33.

#### C A P VII .

Como tomando pouco se rouba mais , que tomando muito. p. 40.

#### C A P . VIII .

Como se furta ás partes fazendolhes merces , e ven-

*dendolhes misericordias. p. 45.*

C A P. IX.

*Como se furta , a titulo de beneficio. p. 50.*

C A P. X.

*Como se podem furta a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o servir. p. 56.*

C A P. XI.

*Como se podem furta a ElRey vinte mil cruzados , e demandalo por outros tantos. p. 63.*

C A P. XII.

*Dos ladroens , que furtando muito , nada ficaõ a dever na sua opiniaõ. p. 67.*

C A P. XIII.

*Dos que furtaõ muito accrescentando , a quem roubaõ , mais do que lhes furtaõ. p. 70.*

C A P. XIV.

*Dos que furtaõ com unhas Reaes. p. 75.*

C A P. XV.

*Em que se mostra , como pôde hum Rey ter unhas. p. 82.*

C A P. XVI.

*Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castella , e como nunca as houve em Portugal. p. 86.*

*Manifesto do Direito , que D. Filippe de Castella allega contra os pertendentes de Portugal. p. 89.*

*Razoens , que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina. p. 95.*

*Resposta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe. p. 104.*

*Mani-*

*Manifesto do Direito da Senhora Dona Catharina ao  
Reyno de Portugal contra D. Filippe. p. 123.*

*Razoens da Senhora Dona Catharina contra Filippe.  
p. 126.*

*Resposta delRey D. Filippe contra as razoens da Se-  
nhora Dona Catharina com seu dezengano.  
p. 140.*

C A P. XVII.

*Em que se resolve, que as unhas de Castella são  
as mais farpantes por injustiças. p. 150.*

C A P. XVIII.

*Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas. p. 162.*

C A P. XIX.

*Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se, que tal  
deve ser a paz, para que unhas pacificas nos  
naõ damnifiquem. p. 169.*

C A P. XX.

*Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares. p. 175.*

C A P. XXI.

*Mostra-se, até onde chegaõ unhas Militares, e quan-  
do se deve fazer a guerra. p. 181.*

C A P. XXII.

*Prosegue-se a mesma materia das unhas Militares, e  
como se deve fazer a guerra. p. 197.*

C A P. XXIII.

*Dos que furtaõ com unhas temidas. p. 204.*

C A P. XXIV.

*Dos que furtaõ com unhas tímidas. p. 213.*

C A P. XXV.

*Dos que furtaõ com unhas disfarçadas. p. 216.*

C A P. XXVI.

*Dos que furtaõ com unhas maliciosas p. 221.*

C A P. XXVII.

*Unhas mais maliciosas. p. 226.*

C A P. XXVIII.

*Dos que furtaõ com unhas descuidadas. p. 233.*

C A P. XXIX.

*Dos que furtaõ com unhas irremediaveis. p. 237.*

C A P. XXX.

*Que taes devem ser os conselheiros, e conselhos, para  
que unhas irremediaveis nos não damnifiquem.  
p. 247.*

*Que taes devem ser os Conselheiros. p. 249.*

*Tribunal, como, e que tal. p. 255.*

*Logo, e parecer de cada hum. p. 261.*

*Resolução do Conselho. p. 265.*

C A P. XXXI.

*Dos que furtaõ com unhas sabias. p. 269.*

C A P. XXXII.

*Dos que furtaõ com unhas ignorantes. p. 274.*

C A P. XXXIII.

*Dos que furtaõ com unhas agudas. p. 280.*

C A P. XXXIV.

*Dos que furtaõ com unhas singelas. p. 286.*

C A P. XXXV.

*Dos que furtaõ com unhas dobradas. p. 291.*

CAP.

C A P. XXXVI.

*Como ha ladroens , que tem as unhas na lingua. p. 296.*

C A P. XXXVII.

*Dos ladroens , que furtaõ com a mão do gato. p. 300.*

C A P. XXXVIII.

*Dos que furtaõ com mãos , e unhas postiças , de mais ,  
e accrescentadas. p. 310.*

C A P. XXXIX.

*Dos que furtaõ com unhas bentas. p. 316.*

C A P. XL.

*Em que se responde , aos que ao Fisco chamaõ visco.  
p. 325.*

C A P. XLI.

*Dos que furtaõ com unhas de fome. p. 332.*

C A P. XLII.

*Dos que furtaõ com unhas fartas. p. 338.*

C A P. XLIII.

*Dos que furtaõ com unhas mimosas. p. 340.*

C A P. XLIV.

*Dos que furtaõ com unhas desnecessarias. p. 344.*

C A P. XLV.

*Dos que furtaõ com unhas domesticas. p. 350.*

C A P. XLVI.

*Dos que furtaõ com unhas mentirozas. p. 356.*

C A P. XLVII.

*Dos que furtaõ com unhas verdadeiras. p. 362.*

C A P. XLVIII.

*Dos que furtaõ com unhas vagarosas. p. 368.*

CAP.

C A P. XLIX.

*Dos que furtaõ com unhas apressadas. p. 376.*

C A P. L.

*Mostra-se, qual he a jurisdicaõ, que os Reys tem sobre os Sacerdotes. p. 383.*

C A P. LI.

*Dos que furtaõ com unhas insensiveis. p. 389.*

C A P. LII.

*Dos que furtaõ com unhas, que naõ se sentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe. p. 395.*

C A P. LIII.

*Dos que furtaõ com unhas visiveis. p. 400.*

C A P. LIV.

*Dos que furtaõ com unhas invisiveis. p. 404.*

C A P. LV.

*Dos que furtaõ com unhas occultas. p. 411.*

C A P. LVI.

*Dos que furtaõ com unhas toleradas. p. 416.*

C A P. LVII.

*Dos que furtaõ com unhas alugadas. p. 424.*

C A P. LVIII.

*Dos que furtaõ com unhas amorosas. p. 428.*

C A P. LIX.

*Dos que furtaõ com unhas cortezes. p. 433.*

C A P. LX.

*Dos que furtaõ com unhas politicas. p. 437.*

C A P. LXI.

*Dos que furtaõ com unhas confidentes. p. 442.*

C A P. LXII.

*Dos que furtaõ com unhas confiadas. p. 446.*

C A P. LXIII.

*Dos que furtaõ com unhas Proveitosas. p. 453.*

C A P. LXIV.

*Dos que furtaõ com unhas de prata. p. 459.*

C A P. LXV.

*Dos que furtaõ com unhas de não sey como lhes chama-me. p. 467.*

C A P. LXVI.

*Dos que furtaõ com unhas ridiculas. p. 477.*

C A P. LXVII.

*Primeira tisoura para cortar unhas, chama-se Vigia. p. 484.*

C A P. LXVIII.

*Segunda tisoura, Milicia. p. 488.*

C A P. LXIX.

*Terceira tisoura, Degredo. p. 492.*

C A P. LXX.

*Dezengano geral a todas as unhas. p. 497.*

*Primeiro Dezengano. p. 498.*

*Segundo dezengano. p. 500.*

*Terceyro dezengano. p. 505.*

*Conclusaõ final, e remate do dezengano verdadeiro. p. 510.*



# TRATADO UNICO

\*\*\*\*\*:\*\*\*\*\*

## CAPITULO I.

*Como para furtar ha arte, que he ciencia verdadeira.*

**A**S artes, dizem seus Authores, que são emulaçoens da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia mostra, que tambem lhe acrescentaõ perfeiçoens. Deu a natureza ao homem cabello, e barba, para authoridade, e ornato; e se a arte não compuzer tudo, em quatro dias se fará hum monstro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe causou a idade, restituindose de cores, dentes, e cabello, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o escultor do tronco inutil huma imagem tão perfeita, que parece viva. Com arte tiraõ os cobiçozos das entrânhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metais preciosos, que a natureza produzio em tofco, e aperfeiçoando

A  
tudo,

tudo, lhe dão outro valor. E não só sobre cousas boas tem as artes jurisdicção, para as melhorar mais que a natureza; mas também sobre as más, e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as acrescentar em dano de outrem: como se vê nas maquinas da guerra, partos da arte Militar, que todas vão dirigidas a assolacões, e incendios, com que huns se defendem, e outros são destruidos. Não perde a arte seu ser por fazer mal, quando faz bem, e a proposito esse mesmo mal, que professa, para tirar d'elle para outrem algum bem, ainda que seja illicito. E tal he a arte de furtar, que toda se occupa em despir huns para vestir outros. E se he famosa a arte, que do centro da terra dezentranha o ouro, que se defende com montes de difficuldades, não he menos admiravel a do ladraõ, que das entranhas de hum escrinorio, que fechado a sete chaves se resguarda com mil artificios, desencova com outros mayores o thesouro, com que se melhora de fortuna. Nem perde seu ser a arte pelo mal que causa, quando obra com ciladas segundo suas regras, que todas se fundão em estratagemas, e enganos, como as da Milicia: e esta he a arte, e he o que dizia hum grande mestre desta profissão: *Con*

*arte*

*arte, y con engaño, vivo la mitad del año: y con engaño, y arte vivo la otra parte.* E se os ladroens não tiverem arte, busquem outro officio; por mais que a este os leve, e ajude a natureza, se não alentarem esta com os documentos da arte, teraõ mais certas perdas, que ganhos; nem se poderãõ conservar contra as invaõens de infinitas contrariedades, que os perseguem. E quando os vejo continuar no officio illesos, não posso deixar de o attribuir á destreza de sua arte, que os livra até da justiça mais vigilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a, que os largue, e tolere; porque até para isso tem os ladroens arte. Assim se prova, que ha arte de furtar, e que esta seja ciencia verdadeira, he muito mais facil de provar, ainda que não tenha escola publica, nem Doutores graduados, que a ensinem em Universidades, como tem as outras ciencias.

Todos os Philosophos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de ciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demonstra, e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a sagrada Theologia, a Philoſophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas,

as quaes são verdadeiras ciencias , porque não só ensinaõ o que professaõ , mas tambem provaõ por seus principios , e demonstraõ por consequencias evidentes , o que ensinaõ. E admit-tindo nós esta regra , que todos os sabios admit-tem , devemos excluir do numero das ciencias só aquellas artes , que páraõ na materia , em que se occupaõ , tomandoa assim como se lhes offe-rece , sem discursarem as razoens , nem os princi-pios , por onde se aperfeiçoão no alcance do seu fim. Exemplo seja a Jurisprudencia , que não se detem em especular , ou demonstrar , o que pro-põem seus textos : donde nasce não haver evidenc-ia publica da ração de seus preceitos : e se nos move a seguilos a obediencia , com que todos nos fugeitamos a elles , mais he por temor as ve-zes , que por respeito. E ainda que todos sejam fundados em ração , que os Principes acharaõ , e commumente apontaõ em seus decretos , pas-saõ por ellas os Jurisconsultos ordinariamente tanto em silencio , que por se lhe damos alcan-ce. E haõ-se nisto alguns Canonistas , e Legistas , como Deos , que obrigando os homens a huma ley de dez preceitos , em nenhum delles apontou a ração , porque os punha ; deixando-a ao dis-curso da ley natural , que nenhum homem deve

igno-

ignorar; ainda que ha alguns taõ grosseiros, que não atinaõ com ella. E porisso nunca ninguem disse, que a doutrina do Decalogo, pelo que pertence á observancia pratica, era ciencia, ainda que o seja no especulativo, pelo que descobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo este discurso se colhe com certeza, que a arte de furtar he ciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstraçoens verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrinsecos não chegue ao que pertende. Mas se o ladraõ tem bom natural, e he perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoura, a que nada escapa. Com huma historia notavel faço demonstraçoõ desta verdade. Em certa Cidade de Espanha houve huma viuva fidalga taõ rica como nobre: e como as matronas de qualidade por seu natural recolhimento não podem assistir a trafegos de grandes fazendas; desejava esta muito hum feitor fiel, e intelligente, que lhe podesse governar tudo. E não desejava menos hum ladraõ cadimo ter entrada em casa taõ caudalosa com algum honesto titulo, para se prover de huma vez de remedio para toda a vida. Lançou suas linhas, e armou suas traças em forma,

que nenhuma consequencia frustrou, assim para entrar com grande credito , como para sahir com mayor proveito. Achou por suas inculcas , que tinha a senhora hum confessor Religioso , a quem dava credito , e obediencia por sua virtude , e letras. Prégava este certa festa de concurso , vestio-se o ladraõ de trage humilde , e rosto penitente , e fez-se encontradiço com elle indo para o pulpito : poz-lhe na mão huma bolça de dobroens , que disse achara perdida , e pediolhe com muita submissão , e modestia , que a publicasse ao auditorio , e a restituísse a quem mostrasse que era seu dono , dando os verdadeiros finais della , e do que continha. Ficou o Reverendo Padre Prégador attonito com tal caso , que houvesse homem no mundo que restituísse em vida , e disse aos ouvintes milagres do fugeito ; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado , o não fizera , estimando mais a paz de sua alma , que o commodo de seu corpo : e que em hum daquelles era bem empregada a esmola. E assim foy , que acabada a prégação , mandáraõ muitos cavalheiros seus subsidios com mais de meya duzia de vestidos muito bons ao Reverendo Padre , para que desse tudo ao pobre santo , que lhe não pezou com elles : e foy a primeira consequencia , que colheu do seu discurso :

curso : e a segunda assegurar a bolça para si com sua mãy, que era huma velha taõ artilosa como elle, que já estava prevenida ao Padre do pulpito, e muito bem adestrada pelo filho : e em decendo o Padre, agarrou delle gritando : a bolça he minha ! Por final, que he de couro pardo, com huns cordoens verdes, e tem dentro seis dobroerts, quatro patacas, e hum papelinho de alfinetes. Ouvindo o Prégador finais taõ evidentes, e vendo que tudo assim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deos, que nada se perdera : e a mãy fez em casa a restituição ao filho, que assegurou de caminho a terceira consequencia de estafar tambem o Religioso, que o levou á sua sella, onde o regalou, e melhorou de vestido, e fortuna, informandose delle mesmo de seus talentos : e achando que sabia ler, e escrever quanto quera, e contar como hum Girifalte na unha, e que sobre tudo mostrava bom juizo : seguiu-se logo a quarta consequencia de o pôr em casa de sua confessada com mero, e mixto imperio sobre toda sua fazenda havida, e por haver, abonandolho por quinta essencia de fidelidade, e intelligencia, com que a seu salvo colheo a ultima consequencia, que pertendia das rendas de sua senhora, que enlacou em ouro para voar mais leve : e com

dez, ou doze mil cruzados, que dous annos de serviço lhe deparáraõ, se passou para outro emif-ferio, sem dizer a ninguem: ficay-vos embora: Digaõ agora os professores das ciencias, e artes mais liberaes, se formáraõ nunca syllogifmos mais correntes. Negará a luz ao Sol, quem negar á arte de furtar o discurso, e subtileza, com que aqui lhe damos o nome de ciencia verdadeira.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O II.

*Como a arte de furtar he muito nobre.*

**M**Ais facil achou hum prudente que seria acender dentro do mar huma fogueira, que espertar em hum peito vil fervores de nobreza. Com tudo ninguem me estranhe chamar nobre á arte, cujos professores por leys Divinas, e humanas são tidos por infames. Essa he a valentia desta arte, como a dos Alchimistas, que se gabaõ fazer ouro de enxofre: de gente vil faz fidalgos, porque aonde luz o ouro, não ha vileza. Além de que não he implicação acharem-se duas contrariedades em hum fugeito, quando  
reípei-

respeitaõ diferentes motivos. Que cousa mais vil, e baixa, que huma formiga! Taõ pequena, que não se enxerga, taõ rasteira, que vive enterrada, taõ pobre, que se sustenta de leves rapinas! Que cousa mais illustre que o Sol, que a tudo dá lustre; taõ grande, que he mayor que a terra; taõ alto, que anda no quarto Ceo; taõ rico, que tudo produz! E se vê a mayor nobreza com a mayor baixeza em hum fugeito, em huma formiga. Baixeza ha, que não andaõ em uso, porque são só de nome: e nomes ha, que não põem, nem tiraõ, ainda que se encontrem, porque se compadecem para diferentes effeitos. Fazia Doutrina hum Padre da Companhia no pelourinho de Faro: perguntou a hum menino, como se chamava? Respondeo, chamome em casa Abrahão-finho, e na rua Joannico. Assim são os ladroens: na Casa da Supplicação chamaõ-se infames, quando os sentençaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andaõ de continuo em alcatras, tem nomeadas muito nobres: porque huns são Godos, outros chamaõ-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos são piratas.

Mais claro proponho, e deslindo tudo. A nobreza das ciencias colhe-se de tres principios: o primeiro he objecto, ou materia, em que se occupa.

occupa. segundo : as regras, e preceitos, de que consta. Terceiro os Mestres, e sùgeitos, que a professaõ. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre que todas; porque tem a Deos por objecto. Pelo segundo he a Philo sophia, porque suas regras, e preceitos sãõ delicadissimos, e admiraveis. Pelo terceiro he a Musica; porque a professaõ Anjos no Ceo, e na terra Principes. E por todos estes tres principios he a arte de furtar muito nobre; porque o seu objecto, e materia, em que se emprega, he tudo o que tem nome de precioso : as suas regras, e preceitos sãõ subtilissimos, e infalliveis: e os sùgeitos, e mestres, que a professaõ, ainda mal que as mais das vezes sãõ, os que se prezaõ de mais nobres; para que não digamos que sãõ Senhorias, Altezas, e Magestades.

Alguns doutos tiveraõ para si, que a nobreza das ciencias mais se colhe da subtileza das regras, e destreza, em que se fundaõ, que da grandeza do objecto, ou utilidade da materia, em que se occupaõ: como vimos até na machina do que em cortiça obra couzas delicadas, que em ouro, que porisso he mais louvado. Aquelle artifice, que escreveo a Iliada de Homero com tanta miudeza, que a recolheo em humano, assombrou mais o mundo, que se a escrevesse

vesse com muitas laçarias em grandes laminas de ouro; aquella não enxarçada com todo genero de velas, e cordoalhas, tão pequena, que toda se cobria, e escondia com as azas de huma mosca, fez a Mermitides mais famoso, que a outros as grandes esculturas dos mayores Colossos. Na formação de hum mosquito mostra Deos mais seu grande entendimento, que na fabrica do Universo. Quero dizer, que não engrandece tanto as ciencias a materia, em que se exercitaõ, como o engenho da arte com que obraõ. E como o engenho, e arte de furtar ande hoje tão subtil, que transcende as aguias, bem podemos dizer que he ciencia nobre. E prouvera á Deos, que não tivera tanto de nobre, não só pelo que lhe concedemos de suas subtilezas, senão tambem, pelo que lhe negaõ outros da materia, em que se occupa, e fugeitos, em que se acha; pois vemos, que a materia he a que mais se estima, ouro, prata, joyas, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os fugeitos, em que se acha, são por meus peccados os mais illustres, como pelo discurso deste tratado em muitos capitulos iremos vendo. E para que não engasgue algum escrupuloso nesta proposição com a maxima, de que não ha ladraõ, que seja nobre, pois o tal officio

officio traz comfigo extinção de todos os fóros da nobreza: declaro logo, que entendo o meu dito segundo o vejo exercitado em homens tidos, e havidos pelos melhores do mundo, que no cabo são ladroens, sem que o exercicio da arte os deflustre, nem abata hum ponto do timbre de sua grandeza. Não he assim, o que succedeo em Roma a hum Emperador: Que entrando no Templo a adorar a Apollo, achou, que no mesmo Altar estava Esculapio seu filho, este com grandes barbas, e aquelle limpinho; porque assim os distinguia a Gentilidade antiga. Advertio o Emperador, que as barbas de Esculapio eraõ de ouro, e posticas: cobiçou-as, e furtou-as; dizendo que não era bem o filho tivesse barbas, quando o pay as não tinha: e nada perdeu de sua grandeza o Emperador com furtar as barbas ao seu Deos, antes a acrescentou, pois ficou com mais ouro, do que dantes tinha: e assim a acrescentaõ outros muitos com muitos outros furtos, que cada dia fazem sem calunnia nas barbas do mundo.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O III.

*Da antiguidade , e professores desta arte.*

**I**sto, que chamaõ antiguidade, he huma droga, que não tem preço certo; porque em tal parte vale muito, e em tal em nada se estima. Comunidades ha, em que a antiguidade rende; porque lhes daõ melhor lugar, e melhor vianda. E Juntas ha, em que a antiguidade perde; porque escolhem os mais vigorosos para as emprezas de proveito, e honra. Antiguidade, que conta só os annos, em cada feira vale menos: mas a que accumula merecimentos, para cargos tem mayor preço, e valêra mais, se fóra de dura. Quando ólho para os que me cercaõ, festejo o ser mais antigo; porque me guardaõ respeito: mas se ólho só para mim, tomaram me mais moderno. Este mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que do principio. Muitas coufas acabaõ por antigas, porque se corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ, isto he na antiguidade; porque só á custa della lograõ

graõ alguns bene'esses, como as trempens do Japão, que as mais velhas são de mayor estima. A nobreza tem esta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e vale mais por mais antiga. Homem novo entre os Romanos era o mesmo, que homem baixo: e o que mostrava imagens de seus antepassados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes, e ciencias corre a mesma moeda, que andaõ mais apuradas as mais antigas; e são mais estimadas, as que tem mais antigos professores. Entre alfayates, e oleiros se moveo questaõ, quais eraõ mais antigos na sua arte, para alvidrarem dahi sua nobreza. Venceraõ os oleiros, porque primeiro se amaçou o barro, de que foy formado Adão, e depois se lhe tomaraõ, e cozeraõ os vestidos. Aqui entraõ os ladroens com a sua arte, allegando, que muito antes do primeiro homem a exercitaraõ espiritos mais nobres. Mas deixando pontos, que nos ficaõ além do mundo antes de haver homens, de que só tratamos; fallemos das telhas abaixo, que he o que pertence á nossa esfera. E em dando nos primeiros professores, colheremos logo a antiguidade desta arte; e da nobreza daquelles, e antiguidade desta faremos o computo, que buscamos. Mas como se professa ás es-

condi-

condidas, será difficuloso achar os mestres. Hora não será; porque não ha, quem escape de discipulo: e os discipulos bem devem conhecer seus mestres. Na matricula desta escola não ha quem se não assente. Já o disse a ElRey Nosso Senhor, que he este mundo hum covil de ladroens, porque tudo vive nelle de rapinas; animais, aves, e peixes, até nas arvores ha ladroens. E agora digo, que he huma Universidade, em cujos geraes cursaõ todos os viventes geralmente. Tem esta Universidade só duas classes, huma no mar, outra na terra. No mar dizem que lêo de prima Jason aos primeiros Argonautas, quando passou á Ilha de Colchos, e furtou o velo de ouro tão defendido, como celebrado: e destes aprenderaõ os infinitos Piratas, que hoje em dia coalhaõ estes mares com a prôa sempre nas prezas, que buscaõ. Na terra dizem os antigos, que pôz a primeira Cathedra Mercurio, e que foy o primeiro ladraõ, que ouve no mundo; e porisso o fizeram Deos das ladroices. Bem se vê a sem rasão desta idolatria, pois não pôde haver mayor cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas por peor tenho, a que vemos hoje em muitos homens obrigados a conhecer este erro, que tem a rapina por sua deidade, pondo nella sua bem

aven-

aventurança, porque della vivem. Enganaram-se os antigos em darem esta primazia a Mercurio: primeiro que elle foy Adaó primeiro ladraão, e primeiro homem do mundo: e porisso pay de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima ferem ladroens. Preguntará aqui o curioso, se haverá algum, que o não seja: Responde-se que não: pelo menos na potencia, ou propensão; porque he legitima, que se repartio por todos. He bem verdade, que huns participaõ mais deste legado que outros; bem assim como nos bens castrenses, que se repartem a mais, e a menos pelo arbitrio do testador: posto que cá o arbitrio livre he dos herdeiros; e dahi vem serem alguns mais insignes na arte de furtar. E como não ha arte, que se aprenda sem mestres, que vão succedendo huns a outros, tem esta alguns muito sábios, e sempre os teve: e como não ha escola, onde se não achem discipulos bons, e máos, tambem nesta há discipulos, que podem ser mestres; e ha outros tão rudes, que nem para máos discipulos prestaõ; porque logo os apanhaõ. De todos determino dizer alguma cousa, não para os ensinar, mas para advertir, a quem se quizer guardar delles, o como se deve vigiar; e a elles quam arriscados andaõ.

Naõ me caluniem os que se tem por escoimados, queixando-se, que os ponho nesta reſte ſem prova, nem certeza de delitos, que cometefſem nesta materia, ſendo certo que naõ ha regra ſem excepção. Meta cada hum a maõ em ſua conciencia, e achará a prova do que digo, que eſte mundo he huma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ intereſſes, creditos, honras, vaidades, e eſtas couzas naõ as póde haver ſem mais, e menos: e em mais, e menos vai o furto, quando cada hum toma mais do que ſe lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede iſto até em huma cortezia, que excede por ambição, ou que falta por ſoberba. Ajuſtar obrigaçoens de juſtiça, e charidade, depende de huma balança muito ſutil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na maõ, tudo vay a eſmo, e a cobiça pende para ſi mais, que para as partes. E daqui vem ſerem todos como o leão de Hiſopete, que comia os outros animais com o achaque de ſer mayor. E temos averiguado que os profeſſores deſta arte ſaõ todos os filhos de Adaõ, e que ella he taõ antiga como ſeu pay. Mas de tanta antiguidade, e progenitores ninguem me infira ſerem nobres os profeſſores deſta arte, nem ſer ella Ciencia

verdadeira : porque as ciencias devem praticar algum fim util ao bem commum , e esta arte só em destruir toda se emprega : contente-se com ser arte , assim como o he a Magia. E em seus artifices ninguem creya , que póde haver nobreza , pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem , porque por natureza he infame , e ninguem póde dar o que não tem. A verdadeira ciencia he a das Leys , e Canones , que lhes da caça , mete a facco todos os ladroens : e bastava taõ heroico acto para se ennobrecer , e fazer estimar sobre todas a pezar dos roins , com quem tem sua rale : e se estes a desacreditaõ , não valem testemunha , porque os açouta.

Contra resoluçãõ taõ alentada me botaõ em rosto , o que disse agora ha nada nos dous capitulos antecedentes , que a arte de furtar era ciencia verdadeira , e seus professõres muito nobres. Respondo que nunca tal disse de minha opiniaõ : e se o disse , estaria zombando , para mostrar o engenho dos sophismas , ou a illuãõ , com que má gente apoya seus erros. Infame he a arte de furtar , infames sãõ seus mestres , e discipulos : e ainda que sãõ mais que muitos , muitos mais sãõ , os que andaõ sãõs desta lepra , principalmente os que se lavaõ com o Santo Bautifino , que nos livrou de  
 todos

todos os males, que herdámos de Adaõ. Ouçaõ bons, e máos este discurso, leaõ todos este tratado, e ver-se-haõ escritos, e retratados: os bons teraõ que estimar, por se verem limpos de taõ infame lepra: e os máos teraõ que aborrecer, conhecendo o mal, que he impossivel naõ se detestar, tanto que for conhecido.

\*\*\*\*\*

#### C A P I T U L O IV.

*Como os mayores ladroens são, os que tem por officio livrarnos de outros ladroens.*

**N**Aõ póde haver mayor desgraça no mundo, que converterse a hum doente em veneno a triaga, que tomou, para vencer a peçonha, que o vay matando. Ferir-se, e matar-se hum homem com a espada, que cingio, ou arrancou para se defender de seu inimigo; e arrebitar-lhe nas mãos o mosquete, e matallo, quando fazia tiro para se livrar da morte, he fortuna muito má de sofrer: e tal he, que acontece em muitas Republicas do mundo, e até nos Reinos mais bem governados: os quais para se livrarem

de ladroens, que he a peor péste que os abraza, fizeraõ váras, que chamaõ de Justiça, isto he, Meirinhos, Almotaceis, Alcaldes, puzeraõ guardas, rendeiros, e jurados: e fortaleceraõ a todos com Provisõens, Privilegios, e Armas: mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomaõ o rasto ás avessas, e em vez de nos guardarem as fazendas, saõ os que mayor estrago nos fazem nellas; de forte, que naõ se distinguem dos ladroens, que lhes mandaõ vigiar, em mais, senaõ que os ladroens furtaõ nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras descobertas; aquelles com seu risco, e estes com Provisãõ, e cartas de Seguro. Declarome: manda a Ley aos Senhores Almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, estalagens, e tavernas, &c. se vendem as cousas por seu justo preço. Anticipaõ-se todas as pessoas sobredittas, mandaõ a casa as primicias, e meyas natas de seus interesses, e ficaõ logo licenciadas, para maquinarem tudo, como quizerem. Tem obrigação os Meirinhos, e Alcaldes, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que se lhes encarregaõ: dissimulaõ, e passaõ por tudo, pelo dobraõ, e pela

pela pataca, que lhes mete na bolça; e seguem-se dahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas, e rendeiros adefensão dos passos, vinhas, olivais, coutadas, que não as destruaõ os gados alheyos; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito, porque concorrem os poucos de muitas partes, ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheyas, como se fóraõ proprias, sem encorrerem nas coimas. E eis aqui como os que tem por officio livrar-nos de ladroens, vem a ser os mayores ladroens, que nos destroem. Não fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas; nem das garnachas, que esperaõ mayores postos, e não querem perder o muito pelo pouco: livre-nos Deos a todos de offerecimentos secretos, que correm sua fortuna sem testemunhas, aceitos troçem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós cegos o fazem parecer inteiro; até nas residencias, onde se daõ em se fazerem as barbas huns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a mayor parte da preza em hum momento, que nos hia restaurar dos danos de hum triennio.

Milhares de exemplos ha, que explicaõ bem esta especie de furtos; e melhor que todos o que

poderemos pôr nos Phisicos : mas manda a Sagrada Escriitura , que os honremos *Propter sanitatem* ; e assim he bem que lhes guardemos aqui respeito , ainda que a verdade sempre tem lugar. Digamolo ao menos dos boticarios. Tem estes hum livrinho , não he mayor que huma cartilha , e nada tem de sua doutrina ; porque se devia de compor no limbo : certo he que o não imprimio Galeno , que houvera de ser muito bom Christão , se não fora Gentio , porque tinha bom entendimento. A este livro chamaõ elles : *Qui pro quo* : quer dizer , huma coula por outra : e o titulo basta , para se entender , que contem mais mentiras que verdades : antes só huma verdade contem , e he que em tudo ensina a vender gato por lebre , como agora : se lhe faltar na botica a agua de escorcioneira , que receita o Medico para o cordeal , que lhe podem botar agua de cevada cozida ; e se não tiverem pedra de baazar , que pevides de cidra tanto montaõ : se não houver oleo de amendoas , que lhe ponhaõ o da candeia. E assim vay baralhando tudo , de maneira que não pôde haver boticario , que deixe de ter quanto lhe pedem : e dahi pode ser que veyo o proverbio , com que declaramos a abundancia de huma casa rica , que tudo se acha

acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, se tudo tivera os mesmos effeitos; e se elles não nos levarão tanto pelos ingredientes suppostos, que nada valem, como haviaõ de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que naceo a murmuração, de quem disse, que as mãos dos boticarios são como as de Midas, que quanto tocaõ, convertem em ouro; porque não ha arte chimica, que os vença em fazer de maravilhas metais preciosos: nem pôde haver mayor destreza, que a de hum destes mestres, ou discipulos de Esculapio, que mandando pelo seu moço buscar hum molho de malvas ao monturo, com duas fervuras, que lhe dão no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformão de maneira, que não lhes sahem das mãos, sem lhe deixarem nellas tres, ou quatro cruzados, não valendo ellas em si hum ceutil: e o mesmo corre em outras mil e trezentas cousas. Tem os Physicos mores obrigação de vigiarem tudo isto; e assim o fazem correndo o Reyno, e visitando todas as boticas delle algumas vezes: chamaõ a isto dar varejo: e dizem bem; porque assim como nós varejamos huma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, assim elles varejaõ as boticas, para recolher dinheiro. He muito para ver a diligencia,

com que os boticarios se acodem huns aos outros nestas occasioens, emprestando-se vidros, e medicamentos, para que os Visitadores os achem providos de tudo: e poderá succeder, por mais que tenhaõ tudo bem apurado, e aponto, se naõ andarem mais deligentes em peitar, que em se prover, que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Porisso outros fazem bem, que visitaõ, antes de serem visitados, e com isso escusaõ o trabalho de se proverem, e apurarem: e escapaõ os seus frascos, como vaso máo, que nunca quebra. Bem se vê, como responde tudo isto ao titulo deste capitulo; so huma couiã ha aqui, que a naõ entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o homicida, que matou á espingarda ou ás estocadas hum homem; e que matem Boticarios, e Medicos cada dia milhares delles, sem vermos porisso nenhum na forca: antes são taõ privilegiados, que depois de vos darem com as costas no adro, e com vossõ pay na cova, demandaõ vossos herdeiros, que lhes paguem a peçonha, com que vos tiraraõ a vida, e o trabalho, que tiveraõ em vos apressarem a morte com sangrias peores, que estocadas, por serem sem necessidade, ou fóra de tempo. Hum ferrador vizinho do Cardinal Paloto desapareceo de

de Roma; e indo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo Pontifice, teve hum achaque, sobre que se fez junta de Medicos; e entre elles veyo o ferrador por mais afamado: conheceo-o o Cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe, quem o fizera Medico? Respondeo, que só mudara de fortuna, e não de officio; porque do mesmo modo, que curava em Roma as bestas, curava em Napoles os homens; e que lhe succedia tudo melhor; porque além de acertar nas curas tão bem, e melhor que os demais Medicos, se acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava porisso, como sua Eminencia, que lhe fez pagar huma mulla do seu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais succedeo no caso, não serve ao intento: mas do dito se colhe, que anda o mundo errado na materia de Medicos, e Boticarios, que haõ mister grandissima reforma; porque tendo por officio assegurar as vidas, não só no las tiraõ, mas sobre isso nos pedem as bolças. Não fazia outro tanto o Sol posto aos Castelhanos nas charnecas; e no cabo foy esquartejado porisso. E estes Senhores ficaõ-se rindo, e aguçando a ferramenta para hirem por diante na matança, de que fazem officio.

Em

Em França ha Ley, que nenhum Medico do Paço vença ſalario, em quanto alguma peſſoa Real eſtiver doente; porque aſſim ſe apreſſem em tratar de ſua ſaude: e os Portuguezes ſomos tais, que quando eſtamos doentes, fazemos mais mimos, e damos mayores pagas aos Medicos; ſem advertirmos, que por iſſo meſmo nos dilatarão a ſaude, e farão grave o mal, que he leve; como o outro, que curava de hum eſpinho certo Cavalleiro, e tinhalhe metido em cabeça que era poſtêma. Auzentou-ſe hum dia, e deixou hum ſeu filho intruido, que continuaffe com os emplaſtos do eſpinho, a que chamavaõ poſtêma. Mas o filho na primeira cura, para ſe mostrar mais deſtro, arrancou o eſpinho; ceſſaraõ logo as dores, e farou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veyo o pay; pediolle o filho alviçaras, que fará o doente ló com lhe tirar o eſpinho. Reſpondeolle o pay: pois dahi comerás para beſta. Naõ vias tu ſalvagem, que em quanto ſe queixava das dores, continuavaõ as viſitas, e ſe acrescentavaõ as pagas? Secaſte o leite á cabra, que ordinhavamos. Bem ſe acodiria a iſto, ſe ſe pagaffeſſem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito neceſſario era haver ley, que nenhuma cura ſe pagaffe do doente, que morreſſe.

resse. Podera-se pelo menos pôr remedio a tudo, com favorecerem os Reys mais esta Ciencia, que anda muito arrastada; porque não se applica a ella fenaõ, quem não tem cabedal para cursar outros estudos. No Estado de Milaõ todos os Medicos tem foro de Condes: nos Estados de Mantua, Modena, Parma, e em toda a Lombardia, são tidos, e havidos por fidalgos, e gozaõ seus privilegios. ElRey Dom Sebastiaõ começou a applicar algum cuidado nesta parte mandando á Universidade de Coimbra, que escolheassem de todos os Gerais os estudantes mais habeis, e nobres; e que os applicassem á Medicina com promessas de grandes accreentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dous pares delles com as mesmas promessas para estudarem a Medicina, com que todo aquelle vastissimo Imperio se cura; que sem controversia he a melhor do mundo, porque sabe qualquer Medico pelas regras da sua arte, em tomando o pulso a hum doente, tudo o que teve, e ha de ter por horas, sem lhe errar nenhum accidente; e logo levaõ consigo os medicamentos para a cura, se he que o mal tem alguma: e melhor fora hirmos lá buscar essa Ciencia para reparar a vida, que as porçolanas que logo quebraõ.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O V.

*Dos que são ladroens, sem deixarem, que outros o sejaõ.*

**D**O Leão contaõ os naturais, que de tal maneira faz suas prezas, que juntamente as defende, que lhes não toque nenhum outro animal, por féro que seja. Mais fazem os Affores da Noroéga, que conservaõ viva a ultima ave, que empolgaõ nos dias de Inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece, a largaõ; e observaõ, para onde foge, e não vão caçar para aquella parte, para não acabarem a ave, de que receberaõ algum bem; e não reparaõ, em que vá dar nas unhas de outros Affores. Ladroens ha peores, que estes animais, e são como elles os poderosos. Todos são como os Leoens, que não deixaõ, que outros animais se cêvem na sua preza; e nenhum como os Affores, que largaõ para outras aves a preza, de que tiraraõ proveito. Não admittir companhia no trato, de que se pode tirar proveito, he ambição, e he intereffe, a que podemos dar

nome

nome de furto. E he lançado muito contrario ao natural dos ladroens, que gostão de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem huns aos outros: mas isto he em ladroens mecanicos, e villoens de trato baixo: ha ladroens fidalgos, tão graves, que se querem só, e que ninguem mais sustente o banco: vê-se isto por essas Ilhas, e Conquistas, e tambem cá no Reyno. Ha em certa parte certa droga buscada, e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buscão para fazerem carregação della. Que faz neste caso o poderoso, abarca toda de ante mão pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lha levem a casa, em que lhe pez: e como se vê senhor de toda, fecha-se com ella, e talha-lhe o preço a seu pádar, de sorte que o estrangeiro ha de bebella, ou vertella a seu pezar. No pastel das Ilhas vemos isto muitas vezes, na coirama de Cabo Verde, no páo do Brasil, na Canela de Ceilaó, no anil, nos baafares, e outras veniagas: e neste Reyno o vemos cada dia no paó, na passa do Algarve, na amendoa, no atúm, e em quasi todas as mercadorias, que vem de fóra, como taboado, livros, baetas, sedas, telas, &c. as quais os atraveçadores tomaó por

juncto,

junto, e fazendo de tudo estanques, se fazem Reys; porque só os Reys podem fazer estanques, e porque só aos Reys pôde ser licito o engrossarem tanto. Isto de estanques he ponto, em que se deve hir muito attento, especialmente nas cousas necessarias para a vida, como são mantimentos, e roupas. Que haja estanque em solimaõ, cartas de jugar, tabaco, pimenta, e diamantes; pouco vay nisso; porque sem nada disso passaremos: mas que se permita, que nos atravessem o paõ, e que se fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro dobros, quando o povo breme por elle, he negocio, que se deve atalhar com todo o rigor, mandando por Ley estavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo sobre tres tostoens: nem se seguirá daqui faltar o paõ no Reyno, antes sobejará; porque os estrangeiros, com esse preço se contentaõ; e os lavradores nunca o vendem por mais, e assim nunca desistirão de o trazer, nem de o semear: e desistindo os atraveçadores de sua cobiça, todos o teraõ. Da mesma maneira se deve pôr taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vaõ todas sobindo muito sem razão, e queixaõ-se os povos sem remedio. Hum chapéo, que valia hum cruzado, custa

custa hoje dous , e tres : hum covado de pano , que se dava por tres tostoens , não o largão por menos de sete : huns çapatos , que chegavaõ a doze vintens , sobiraõ já a quinhentõs reis. E assim se procede em tudo o mais. E se lhes pergunto a causa destes excessos ? Respondem , que pagaõ decimas : e he o mesmo que responderem , que o fazem sem razão ; pois he quererem que lhes paguemõs nós as decimas , e não elles ; além de que o excesso , em que se satisfazem , he amedade , ou mais , e não a decima parte. Fique isto advertido de passagem , ainda que tambem pertence aos ladroens , que não deixaõ , que outros o sejaõ ; porque usurpando cada official no seu trato ganhos taõ excessivos , não deixa lugar , a quem com elles trata , para interessarem cousa alguma , nem aos agentes , e medianeiros , para cizarem hum vintem. E tornemos aos estanques , ou atraveçadores , que levaõ o mayor preço deste capitulo , que acabo com dous exemplos , que andaõ correntes com grande detrimento da companhia da bolça sobre a compra , e venda dos vinhos para o Brasil : mandaõ hum agente diante á Ilha da Madeira , que os compra em mosto pelo menor preço : e quando chegaõ os navios para tomar a carga , entregalhos cozidos por ou-

tro tanto mais doque lhe custaraõ, como se o mandaraõ negociar só para si, e naõ para toda a companhia, cujo era o cabedal, com que effeitou o primeiro lanço. Chegaõ ao Brasil, onde tem taixa, que naõ passem as pipas de quarenta mil reis, atraveça-as hum todas pelo ditto preço: e verifica á Bolça que as vendeo pelo que orça o Regimento. E o senhor, que as embebeo em si, talha-lhes outro preço, que passa de cem mil reis; e fica, quem quer que he, com os ganhos em salvo, e a fazenda alhea com os riscos, sem deixar que logrem taõ grandes lucros, os que puzeraõ o cabedal, e se expuzeraõ aos perigos. Nota para as de mais drogas: quem assim empolga no liquido, que fará no sólido? E advirtaõ todos os atraveçadores, como são peores que as feras; porque os interesses, que reservaõ só para si, e vedaõ aos outros da presa, que empolgaõ; nos Leoens he por generosidade, e nelles por villeza, para que lhe naõ chamemos aleivozia. Peores são que os Açores; pois estes largaõ a caça para outros, e elles tudo usurpaõ para si, sem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos, se houvesse ley, que perca tudo, quem abarcar tudo: e seria justa pela regra, que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O VI.

*Como não escapa de ladraõ, quem se paga por sua maõ.*

**A** Hum cego, deffes que pedem por portas, deraõ em certa parte hum cacho de uvas por esmola: e como se guarda mal em çevadeira de pobres, o que se póde pizar, tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço, que o guiava: e para isso concertou com elle, que o comessem bago, e bago, alternadamente; e depois de quatro idas, e venidas, o cego para experimentar, se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo, que seu amo falhava no contrato, calou-se, e deulhe os cabes a ternos: não lhe esperou muitos o cego; e ao terceiro invite descarregoulhe com o bordaõ na cabeça. Gritou o rapaz: porque me dais? Respondeo o amo: porque contratando nós, que comessemos igualmente estas uvas bago, e bago, tu comes a tres, e a quatro. Perguntoulhe entaõ o moço: e quem vos disse a vós, que fiz eu tal aleivozia? Isso

está claro, respondeo o cego; porque faltandote eu primeiro no contrato comendo a pares, tu te calastes, sem me requereres tua justiça; e não eras tu tão santo, que me levasse em conta, nem em silencio a minha sem razão, senão pagandote em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os Reys, Principes, Grandes, e Senhores do mundo, para dizer a todos em segredo, como andaõ cegos no ponto mais essencial de seu governo, que he o de suas rendas, e thesouros, sem os quais não se pôdem sustentar em seu ser, nem conservar suas Respublicas, e familias. Tenhaõ todos por certo, que se não guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos, e remuneraçoens dos serviços, que lhes fazem, que se haõ de pagar por sua mão. E boa prova disso seja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque haõ medo do bastaõ da potencia, em que se firmaõ, com que lhes pôdem quebrar as cabeças; mas para remirem sua vexação, usaõ do direito natural, que os ensina a refazer-se pela calada, e pelo mais quieto modo, que lhes he possível: e como a satisfação fica na sua revera, he ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar, que tudo he pouco para  
o que

o que merecem. E daqui vem, o que temos visto muitas vezes neste Reyno em Embaixadas, e emprezas, que sua Magestade manda fazer, dando sempre mais do necessario para os gastos, e no cabo não ha resultas, nem sobejos, que se restituão. Nem ha razão que dê a este ponto mais, que a de dizermos, que tomão tudo para si por paga de seus serviços; sem admittirem, que vão estes satisfeitos sobre outras mercês, que receberão de ante mão; e que pôdem faltar estas, córaõ com este pretexto a sobeja diligencia, com que se pagão. Duas razoens ha muito evidentes, com que se prova o muito, que agasalhaõ dos cabedais, que passaõ por suas mãos: primeira, que o fogo, onde está, não se pôde esconder, logo lança fumo, e luzes: e assim são estes, que logo tem fumos de mayores grandezas, e brilhaõ lustres, que manifestaõ o proveito, com que sahiraõ da empreza, em que apregoão que fizeraõ grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que a pezar de sua mentira descobre a verdade. Se gastaste tanto, e te atenuaste, irmaõ, como engordaste? A segunda razão ainda mais efficaz he, que ás vezes manda ElRey nosso Senhor Religiosos a tais emprezas com menos cabedal, e nenhuma mercês, porque não lhes

dá titulos, nem comendas, e comtudo no fim dellas restituem grandes fobejos. Dirá alguem que he, porque gastaõ menos, e eu digo que he; porque guardaõ mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaração, que todos gastaõ da fazenda Real, aquelles guardaõ para si, e estes para seu dono: aquelles pagaõ-se por sua mão, e estes não trataõ de paga, senão de restituição. Mas deixando esta materia, que me pôde fazer odioso com gente grande, e poderosa, e eu quero paz com todos, assim como trato de os pôr em paz com suas consciencias; só nos Reys, e Principes grandes tomára persuadir bem esta verdade, que paguem pontualmente o que devem, se querem que lhes luzaõ mais suas rendas; porque he certo, que não ha, quem se não pague, se acha por onde: e quando não acha, busca outro do seu lote, que deva ao Rey alguma cousa, e compoemse com elle: daine duzentos mil reis, e dezobrigovos de mil cruzados, que deveis a ElRey, porque elle me deve anim outros tantos. Já se succede, que o primeiro deva ao segundo alguma couza, ahi fica o contrato mais corrente; porque com pecunia mental se satisfaz tudo; e só o Rey fica defraudado na Real; porque com estas, e outras traças nada se lhe restitue:

e vem

e vem a montar no cabo ao todo dispendios muito grandes ; porque succedem serem mais que muitos estes lanços , e passarem de marca as quantias delles. E se buscarmos a raiz destas perdas grandes , havemolla de achar no descuido das pagas pequenas , que occasionáraõ licença nos acredores , para se pagarem de sua mão , sem repararem na censura de ladroens , que encorrem pelo que levaõ de mais : e se algum pezar os acompanha , he de não acharem mais , para se pagarem tambem de dous perigos , a que se puzeraõ ; primeiro de perderem o feu , segundo de ganharem a forca.

Esta sarna , ou tinha , que pelas mãos se pega , he taõ vulgar , que não ha pessoa , por ignorante que seja , que não saiba pagar-se des-trissimamente por sua mão , até em cousas muito leves ; porque mais sabe o sãdeu no feu , que o sábio no alheyo : e o mesmo he , quando cuida que o alheyo lhe pertence por algum serviço ; e para que lhe pertença , e para o appropriar a si , sabe dar dous boléos ao que traz entre mãos melhor que nenhum volatim : qualquer negocio , ou mandado , que vos fazem , hum emprestimo que seja , logo o julgaõ por digno de grande paga : e em lhes caindo alguma couza vossa

na mão, de que possaõ cizar, com ambas as mãos empolgaõ nella, para se remunerarem além das medidas: e não basta dizerem, e protestarem que vos servem por cortezia, nem contratardes com elles em o tanto, que lhes pagais pontualmente: porque a cortezia verdadeira, que professaõ, he julgarem todos, que muito mais merecem, sem advertirem, que o dado he dado, e o vendido he vendido; e que não pôdem alterar nas obras, o que assentaõ com as palavras. E já lhes eu perdoára tudo, aos que se pagaõ por sua mão, se leváraõ sómente, o que se lhes pôde dever a juizo de bom varaõ, mas pagaõ-se pela sua almotaçeria, que sempre he mayor, e occasionaõ grandissimas perdas aos proprietarios; como se vé na pescaria do Aljofar, e Perolas no Oriente, que rendia mais de hum milhaõ em outros annos á Coroa de Portugal, e para os pescadores, que eraõ mais de quarenta mil com quinhentas embarcaçoens grandes: porque havia, quem pagasse aos ministros fielmente sem lhes abrir entrada, por onde enfiopaõ a mão em monto taõ grosso. Tiveraõ estes traça para incorporarem em si a administraçãõ das despezas, e recibos, tirando de pessoas Religiosas fidelissimas, a titulo de mais fácil expediente: e seguiu-se logo ferem

os mergulhadores mal pagos, e os ministros remunerados em dobro, porque se pagavaõ estes por sua mão, e aquelles pela alhêa: fogiraõ os pescadores; e os que acodem forçados, são tão poucos em comparação do que eraõ, que não chegaõ a dez mil, com duzentas embarcaçoens pequenas; e assim ficaõ os lucros tão tenues, que não pôdem avançar a duzentos mil cruzados; e só os ministros engordaõ, porque se pagaõ por sua mão. Na compra do Salitre, e Pimenta, succede quasi o mesmo lá nessas partes: vinhanos de Maduré o Salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que são dezaseis arrobas; comprava-se todo para a Coroa de Portugal com grandissimo lucro: não achavaõ os ministros Reaes polpa em droga tão barata, para empolgarem as unhas: trataraõ de a haver dos Naiques, que são os Reys daquelle Imperio, os quais sabendo a estima, que faziamos do que elles arbitravaõ como se fosse arêa, fizeraõ logo estanque, de que não deixaõ fahir o Salitre por menos de vinte patacas o bar: e o mesmo succedeo na Pimenta por toda a India, por se cevarem mais do devido as unhas dos ministros em seus pagamentos.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O VII.

*Como tomando pouco se rouba mais, que tomando muito.*

**P**Arece que se contradiz o assumpto deste Capitulo, mas essa he a excellencia desta arte, que até de implicaçoens tira consequencias certas para os fins, que professã. E poderãse provar com o que furta a agulha ao alfayate em lugar, e occasião, que não pôde comprar, nem haver outra; e porisso fica impossibilitado para trabalhar aquelle dia, e os que se seguem; com que perde os seus jornais, e salarios, que vem a fazer quantia grossã. E he ponto este, que tem dado muito que suar aos Doutores Moralistas sobre a restitução dos lucros cessantes, e danos emergentes consideraveis do official, a que deo causa o ladraõ com taõ leve furto, como he o de huma agulha, que val quando muito real e meyo: e querem quasi todos, que seja furto de restitução os danos graves recebidos por taõ leve causa. Do mesmo modo discursão no que fur-  
 tou

tou a cabra, ou a galinha, de que seu dono esperava muitos frutos. E assim succede furtarem muito, os que tomão pouco. Mas não he minha tenção occupar a maquina deste Capitulo com ninharias. Võe a nossa penna a cousas mais altas. Todos sabem o dito comum, *Que tanta pena merece o consentidor, como o ladrao*: e nesta toada ha ladroens, que não furtando nada, porque nada lhes fica, furtao quasi infinito; como se vê nas justiças, em Guardas, Meirinhos, e outros officiaes, assim na paz, como na guerra, os quaes por dissimularem, ou não vigiarem, daõ causa a grandissimos furtos, e intoleraveis ladroices: já se vão forros, e a partir, com os que metem as mãos na massa até os cotovelos empolgando nas fazendas Reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos, que desbalizaõ, e nas drogas, que á força fazem ser de contrabando; ahi digo eu que vay o furtar de monte a monte, e que tomão os tais ministros sobre si cargas irremediaveis de restituicaõ, cujos antecedentes não lograõ, e só com as consequencias das tiçoadas, que por tudo hamde levar, se ficaõ. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladroens, que furtaõ mais, quando tomão menos.

Comecemos pelos mais graves. Sabe hum Mestre de Campo, que tem quatro Capitaens no seu terço, que recolhem os pagamentos de seus Soldados a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogão no mesmo dia, em que lhes entregaõ, ficando assim Soldados, e Capitaens sem bazaruco, e dissimulaõ com isso: Pois saiba o Senhor Mestre de Campo, quem quer que he, que fica sendo em consciencia taõ grande ladraõ, como os seus Capitaens. Respondem negandome a consequencia; porque nada tomou para si. Mas a isso lhe digo, o que já tenho dito que ha ladroens, que não furtando nada, furtão muito, e elle he o mayor de todos, pois deu occasião a mayores danos, não só na fome, e desnudez dos Soldados, e nos roubos, que lhes occasionou fazerem para se remedarem; mas tambem na batalha, que se perdeu a seu Rey, po não irem alentados, e contentes.

Caso notavel, e que poderia acontecer Veyo do Norte a certo homem de negocio hum navio de bacalhão meyo corrupto, e tal que de seiperou da venda, e gasto de tal droga: foy-se hum Conselheiro, ou Provedor das fronteiras meteeolhe dous mil cruzados em ouro na ma para luvas com seu berslado, que em mayore em-

empenhos o defeja servir, se lhe der passagem a huma partidazinha de bacalháo para os gastos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe custou, por fazer serviço a sua Magestade. Deixe vm. estar o lanço, lhe responde elle com os dous mil nas unhas, que hoje o porey em conselho, e feráõ sua Magestade, e vm. feividos. Esperalhe pancada, e em vindo a pêlo a fome dos Soldados, propoem muito severo, e grave: Senhores meos, bacalháo he muito bom mantimento para campanha, e povoado; tem-se de reserva, e he fadío: e eu tenho, porque nada me escapa, quem nos dê huma partida grossa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamay cá esse homem de veludo raço, que ahi está fóra: entra elle vendendo bullas, e fazendose de rogar, e que tem dous mil quintais para provimento do povo, que hade ficar bramindo; mas que o serviço de sua Magestade hade hir diante, e que terá o povo paciencia, e que lhe hamde dar vinte mil cruzados pela dita partida, e que se lhe derem hum real menos, fica perdido. Vá-se vm. para fóra, temos ouvido, consultaremos. Sahe-se elle para fóra promettendo candeinhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa saida á sua fazenda perdida.

Dá

Dá hum brado o promotor do negocio : aqui veraõ. VV. SS. como sirvo a sua Magestade. Fazo lançar respondem todos, não se perca, embarque-se logo todo para Aldea Galega, e contem-se-lhe os vinte mil cruzados ; e assim se effectua. Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem bestas, tudo se executa : e lá vaõ comendo todos do bacalhão por estas estradas até Elvas, onde o molhaõ, para que não falte no pezo ; recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ao segundo dia já enjoa toda a Cidade com o cheiro ; os Soldados não o aceitaõ, nem os caens o comem. E se alguém não tiver isto por factível : veja lá não lhe provem, que lhe succedeo a elle. Digaõ-me agora os Senhores Doutores, se he isto furto, ou esmola, que se fez a sua Magestade : no Conselho o appellidaraõ por serviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras são necessarias, para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. Quem fez este furto he a mayor duvida ? O mancebinho, que recolheo os dous mil cruzados, cuida que nada fez ; e elle por estes algarismos vem a ser, o que tomando pouco furtou muito ; porque deo occasião a arderem vinte mil cruzados del-Rey sem

ne-

nenhum fruto. Na alma lhe não quizera eu fazer á hora da morte.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O VIII.

*Como se furta ás partes fazendolhes mercês , e vendendo-lhes misericordias.*

**O** ffereceo-se o milhano á galinha para ser seu enfermeiro em huma doença , e em cada visita lhe mamava hum pintaõ pela calada , até que deu fé pela diminuição de sua familia e casa , que a mercê , que lhe fazia o seu Medico , tinha mais de furto , que de misericordia. Saõ os Ministros , com que se governaõ as Republicas , como Medicos , que acodem a seus trabalhos , que saõ as suas doenças ; e acrecentarlhe estas a titulo de cura , e de misericordia , he aleivozia , e he ladroíce descarada , e acontece de mil maneiras ; toco algumas , que todas não pôde ser. Manda ElRey nosso Senhor fazer infantaria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras , e do Brasil , ou da India : vaõ os Cabos muito bem providos de dinheiro , que  
lhes

lhes dá sua Magestade para os pagamentos; levão seus officiais em forma com todos os requisitos, para que tudo se faça authentico com razão, e justiça. Chegaõ a hum lugar, tomaõ noticias dos que ha mais aptos, e expeditos para as armas: saõ logo malfinados, os que tem inimigos, e chovem excusas sobre os que saõ aparentados: passa o Cabo cedula aos meirinhos, que lhos tragaõ alli todos; e se os não acharem, que lhe tragaõ os pays, ou as mãys por elles: e elles que gostaõ mais do ninho, em que se criaraõ, e levalllos á guerra he arrancar-lhe os dentes; poem-se em cobro, deixando seus pays nos piotes, que para remirem sua vexaçãõ, e a de seus filhos, lançaõ mil linhas; e vendo que as de intercessõens não montaõ, appellaõ para as do interesse: oferece cada qual os vinte, e os trinta cruzados, que não tem, e para os fazer vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo escapa, e livra o filho a titulo de manco, sendo mais escorreito que hum veado: e não saõ poucos, os que trincaõ a fedela desta maneira em cada terra; com que vem a ser mais que muito o cabedal dos Milhafres, que em vez de fazerem gente para a guerra, fizeraõ thesouro para a paz, e para o jugo. Muitos pays houve, que  
livra-

livraraõ seus filhos feis, e sete vezes deste modo, em diferentes annos, com que lhes vieraõ a custar tanto, como se os resgataraõ de Turquia.

O mesmo succede nos aprestos das armadas para a côsta, e frotas para o Brasil, e India. Faltaõ barbeiros, falta marinagem? Alto sus: vaõ os fargentos por essa Ribeira, revolvaõ a Cidade, prendaõ, e tragaõ toda a couza viva, que possa prestar para os tais ministerios, e cá faremos a escolha: e como se o decreto fora rede varredoura para ajuntar dinheiro, vaõ empolgando em quantos achaõ geitozos, para pingarem quatro tostoens, porque os deixem: vinde por alli, que sois marinheiro; e vós vinde tambem, que sois sangrador. Aqui del-Rey, grita este, que não estou ainda examinado! Que não sou marinheiro do alto, chora aquelle! Deixem-nos vossas mercês, eis aqui duas patacas para beberem; que não ha patacas, instaõ os agarradores, todas são falsas, viva Deos, e tudo he falso, quanto allegais; bem vos conhecemos. Pois porisso mesmo, acodem os salteados, haõ vossas mercês de usar de misericordia commosco, pois nos conhecem; e serem servidos de nos darem huma palavra aqui á parte de segredo, que importa ao serviço de sua Magestade. E tanto que lhe untaõ as mãos com

moeda

moeda corrente, logo os deixaõ escorregar dellas, avifando-os, por lhes fazerem mercê, á puridade, que não appareçaõ os oito dias seguintes até darem á vela; e aos circunstantes, que acodiraõ a ver a morte da bezerra, daõ satisfação com deixem passar senhores estes fidalgos, que são familiares. E eis aqui como estes, e outros fazendo mercês, e vendendo misericordias, furtaõ atrecho: e vem a resultar de tudo, que se fazem os provimentos, dos que não tiveraõ substancia para seu resgate, de quatro mãos trapilhos inuteis, e miseraveis; e porisso depois em seus postos ha as faltas, que choramos: nem se devem imputar a elles, que são huns coitados, senaõ a quem tais provimentos faz, esfolando a nossa Republica para engordar a sua pelle, e encher a bolça.

Outro modo ha mais admiravel de furtar fazendo mercês, que entra em mayor custo, e toca em fugeitos mais altos, assim nas perdas, como nos ganhos. Aprestaõ-lê as náos para a India, não ha Pilotos, nem bombardeiros; porque são officios, cujas artes ja se não professão, nem ensinão: offerecem-lê os lacayos dos mayores senhores a seus amos, para que os façaõ prover nestes officios, em satisfação de seus serviços; porque sabem que tem mayores lucros nelles, que em pen-

far as mulas, e frizoens dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe feu amo; como pódes tu fer Piloto de huma náó, se nunca entraste nella, nem sabes que coufa he Balestilha, nem Astrolabio? Não repare V. S. nisso, respondeo elle, porque as náos da India não haõ mister Pilotos; sempre ouvi dizer, que Deos as leva, e Deos as tráz. E fiados nisto, ou em seus intentos, que elles fãberaõ quais são, e nós tambem, provêm os officios das náos de maneira, que quando vem á praxe, e exercicio delles, nenhum sabe, qual he a sua mão direita: e porisso vaõ dar com as náos por essas costas, e se deixaõ render nas occasioens de peleja; e vemos perdas taõ grandes, e intoleraveis, que pelo serem muito, as attribuimos aos peccados, que não vemos, e se poderiaõ muitas vezes queixar de se lhe levantarem tantos falsos testemunhos; como lá, não sey onde, se queixou hum diabo de certo noviço, que deu a seu Mestre por escusa de huns óvos, que frigio em hum papel á candeia, que o tentára o demonio; o qual acodio logo por sua innocencia desmentindo-o, que tal fritada não sabia, como se podia fazer daquella maneira. Não nego, que peccados nos podem fazer, e fazem muita guerra; mas vejo que ignorancias são as que nos destroem,

e quem favorece estas a titulo de misericordia, dá occasião a mayor crueldade: e fazendo esmolas, e mercês a seus criados, faz furtos, e dá perdas á Republica, que não tem reparo.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O IX.

*Como se furta a titulo de beneficio.*

**B**eneficios ha sem pensão, e beneficios ha com ella. Tomara eu os meos dezobrigados, para não desejar a morte ao pensionario. Se o beneficio he tenue, e a pensão grossa, melhor me fora ser Cura, que Beneficiado. Isto he, que melhor me estava curar de mim com trabalho, que renderme a outrem com tributo. O interessê he moeda, que todos os homens cunhaõ, e só entre elles corre, e a falsificaõ de maneira, que por cobre querem que lhe deis prata. Deos nosso Senhor está continuamente enchendo este mundo de beneficios sem esperar outra pensão mais, que de louvores em agradecimento. He hum milagre continuo a disposiçaõ, e providencia, com que o Ceo governa os tempos do anno fazendo com suas influencias

fluencias fahir partos dos Elementos, animais, e plantas, com que os Racionais se fustentaõ, e vestem; sem porisso nos pensionar mais que em louvores, que quer lhe demos; tributo facil, porque depende de affectos, que faõ naturais, e porisso de nenhuma molestia ao agradecido. Os Reys tambem faõ como Deos, e como a natureza nesta parte a tudo acode com universal providencia, dispondo as cousas com suas Leys de forte, que se naõ ouver quem as quebrante, naõ haverá fome, que afflija os pobres, nem adversidades, que inquietem os pequenos; todos, altos, e baixos andaraõ satisfeitos, sem as pensoens de tributos, que se occasionaõ de disbarates, que os ambiciosos, e turbulentos movem; e para se reprimirem he necessario que todos concorraõ, porque as forças de hum Rey ás vezes naõ bastaõ, para enfrear a violencia dos grandes, que sempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A opulencia he esponia, que se ceva na substancia da pobreza, e he hidropesia, que nada a farta: e dahi vem arrebentarem huns de gordos com a abundancia, e entificarem outros de magros com a esterilidade. E no cabo cuidaõ os grandes, que faõ como as sanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaõ o

fangue; cuidaõ que fazem soberano beneficio aos  
 pequenos, quando se servem delles até os aniqui-  
 larem. O beneficio, que vos fazem, he servirse de  
 vós, e a pensaõ tomarvos a fazenda, como se a  
 ganharaõ, quando vos admittiraõ ao serviço, que  
 lhes fizestes. Naõ se vio mayor sem razaõ ! E eu  
 lha perdoara [porque cuidaõ que vos authorizaõ,  
 quando vos chegaõ a si, e que naõ ha em vós  
 preço, com que lhe possais pagar este beneficio]  
 senaõ accrecentaraõ a este delirio outro peor, de vos  
 venderem tambem por beneficio o deixarem de  
 vos affligir, quando os excita a isso a vingança  
 injusta, que conceberaõ contra vós, por naõ vos  
 professardes escravos seus, até quando naõ só a na-  
 tureza, mas tambem a concurrencia das obriga-  
 çoens que sonhaõ, vos fez livre. E para que naõ  
 pareça isto discurso fantastico, a quem o ler, po-  
 nho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro,  
 e bem entendido.

Naõ ha Reyno no mundo tam bem provído,  
 como este nosso de Portugal; porque além do  
 que dá de si bastante para seu sustento, lustre, e  
 agrado, tem de suas Conquistas, com que se en-  
 riquece, e provem todas as naçoens. E como o  
 meneo de tantas cousas he grande, ha mister gran-  
 des homens, que lhe assistaõ com grande gover-  
 no

no em todas as partes , aonde chegaõ seus commercios. Destes houve antigamente , e ainda ha alguns taõ fidalgos , que estimando mais a honra , que thesouros , trataraõ só de dár o seu a seu dono ; e assim tornaraõ para suas casas ricos só de bom nome , que he melhor , que muitas riquezas , como diz o Sabio. Outros pelo contrario , antepondo as leys da cobiça aos respeitos da nobreza , naõ só se fazem chatins , mas estendendo as redes até pelo alheo , se fazem ricos á custa dos pobres , com tanta arte , que querem á força lhe fiquem a dever dinheiro , depois de se servirem delles , e os despojarem de quanto tinhaõ. Soube hum Governador destes , que certo negociante tinha hum trançelim de diamantes , que se avaliava em cinco mil cruzados : creceolhe a agua na boca , e mandou-lho pedir só para o ver por curiosidade : e depois de visto , torna outro recado , que estimará lho venda : tenho-o para o dár em dote a huma filha , lhe respondeo o dono. Seja assim , diz o senhor Governador ; e eisahi tem v. m. a sua peça : e antes de vinte e quatro horas o manda notificar , que se embarque prezo para o Reyno , para dár conta diante de sua Magestade de certos cargos , e crimes *lesæ majestatis* , provados com mais de vinte testemunhas. Lança o bom Portuguez suas con-

tas: eu não devo nada a ElRey; mas dizem lá que á cadea nem por coima de figos, e se me deixo hir, heide gastar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo não ficarey bem limado de tudo, sobre bem affligido. Leve S. Pedro o tran celim, que taõ caro me custa. Chama hum Re legioso destro, e de segredo, entregalho com hum recado para sua Senhoria, que lhe faça mercê de se servir daquella peça, e de tudo o mais, que ha em sua casa, porque estava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o senhor Governador o envoltorio, dando a entender, que cuida saõ reliquias, que lhe oferece o Reverendo Padre, e ajunta muito criminoso: grande couza he ter hum amigo em Arronches. Põde agradecer a V. P. esse cavalheiro a merce, que lhe faço de o absolver de culpa, e pena: e de graças a Deos, que escapou de boa. Por esta arte fazendo benefi cio da maldade que urdiraõ, chupaõ em satisfa ção, quanto ha precioso em ricos, e pobres. Façaõ me mercê que lhes resistaõ, e veraõ, onde vaõ parar suas vidas, e fazendas.

De outras tretas usaõ ainda mais suaves para se fazerem senhores do alheyo a titulo de benefi cios fantasticos, principalmente quando trataõ de se voltarem para o Reyno: fingem-se validos, e pode-

poderosos com os ministros de todos os conselhos, e até com as Altezas, e Magestades: offerecem-se aos que sentem de mais churume, que faraõ na corte suas partes: e como nenhum ha, que naõ tenha nella requerimentos, todos se dispendem com donativos, e offertas, que dizem com as pessoas, e elles vaõ agasalhando tudo; e pondo em listas [que nunca mais haõ de ver] seus negocios: e para os apoiar mostraõ cartas, que fingem dos validos, e ministros, onde vaõ topar os pleitos, e requerimentos, e fazendo dellas esporas, e garavatos despenhaõ os pertendentes, e os desbalizaõ de quanto tem: e assim os roubaõ a titulo de lhes fazerem beneficios, sem chegarem nunca os acredores a colher o fruto de suas esperanças; porque semearaõ em terra esteril, e matto maninho. Deos nos ajude, e nos dê a conhecer coraçõens fingidos; a natureza, e os elementos produzem tudo para os homens, sem lhes pedirem nada por taõ grandes beneficios: e os homens saõ taõ intereceiros, que sem lhe darem nada, lhe querem levar tudo por huma mercê fingida. Naõ ha entre elles beneficio sem pensaõ, e he ordinariamente taõ pezada, que nada me deixa para alivio. O Reyno está sempre cheo para elles, e para mim só vazio; os Reys trataõ de todos, e elles só de si, e nenhum

de mim, fenaõ quando me sentem com churume, que possaõ forver. Vello-heis visitarem-se huns aos outros com alvitres de grandes ganancias, se entrarem ao escote nos empenhos, que trazem por mar, e terra; e que vos fazem mercê de vos admittirem ao trato da sociedade, de que esperaõ frutos, e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o seu intento he pôr-vos de lodo despojan-do-vos da substancia, para a encorporarem em si; e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixaõ *Zote de requie*: e quando abris os olhos, achais, que o descanso se vos converteo em demandas, com que acabais de despenhar o ruço a traz das canastras; estas vaõ cheas para elles, e a quelle fica dando-vos couces na alma. *Equo né credite Teucris. Timeo Danaos, & dona ferentes.*

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O X.

*Como se pôdem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o servir.*

**A** Era he taõ defarrezoadada, que com summa *Habilidade*, digo humildade, ajunta soberba sum-

summa , tomando satisfação atroz de hum serviço inutil , como se o que dá , fora muito , sendo nada ; e o que toma fora nada , sendo mais que muito. He pro natureza tão humilde , e rasteira , que se não tiver , quem lhe dê a mão , nunca se alevantará do pó da terra : e he por artificio tão soberba , que não pára , até não sobrepujar a quem lhe deo o alento ; nem descança , até não destruir a seus bemfeitores , roubando-lhes a substancia , e arruinando-lhes o ser em satisfação do leve serviço , que lhes faz do ornato de suas folhas. Levanta-se por beneficio das mais altas arvores , a que se encosta , dilata-se com o favor dos mais fortes muros , a que se arrima ; pagalhes com sua frescura , e pagase desta ruina , e destruição total de todos seus Mecenas. Até aqui ingraticidão ! E tais são homens humildes por natureza , soberbos por artificio , que recebendo de seus senhores o ser , e beneficios sem conto , escassamente lhe fazem hum leve serviço mais de folhagem , que de substancia , e logo se pagão delle pondo-os no ultimo , e dando-lhes faco ao mais essencial , sem repararem ruinas , que a grandes dispendios necessariamente se seguem. Não tolho que se paguem serviços : mas estranho satisfaçãoens , que excedem ; e que as affectem ambiciosos , até onde não ha merecimen-

tos. Córando estes com a mesma acção perniciosa, estão roubando a seu Rey, e a seu Senhor, e querem que por isso vá cheia de merecimentos a mão, que enchem de rapinas; e que tudo seja pouco para premio de sua aleivozia disfarçada com mascara de serviço. E ainda que nelles houvera serviços dignos de premio, são os pagamentos, com que se satisfazem, tão grossos, que exceedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados disse no titulo deste capitulo: Pois disse pouco, quando sey casos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occasiões, que a sabedoria do vulgo ficou cuidando, que recebia ElRey no lanço hum serviço heroyco de grandissimo interesse. Succedeo o caso, não direy onde, porque não trato de sindicar invasões de inconfidentes, senão de advertir ministros fieis, para que saibão, por onde se nos vay a agua: basta saber-se, que além már recolhem os Reys de Portugal para si todos os dizimos, como conquistadores; porque os Papas os largaraõ aos Mestrados, para levarem avante a conversão da gentildade, e sustentarem o culto Divino naquellas partes com magnificencia da Fé, e aumento da Christandade. Em huma praça pois destas mais opulentas se põem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos,

zimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orfadas huns annos por outros em cento e quarenta até cento cincoenta mil cruzados. Urdio hum poderoso os lanços de maneira, que não sobiraõ de sessenta mil cruzados; e nelles se rematou o ramo a hum Prioste seu confidente, com quem hia forro, e partir: e para isso intimidou todos os lançadores, e prendeo alguns, que tinha por mais affoutos, para os impossibilitar naquelle tempo, por lhe constar queriaõ lançar no tal ramo, cento e quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinhaõ lançado, e no seguinte lançaraõ, porque se lhes removeo o impedimento. Donde se colhe, que não defraudaraõ a sua Magestade mais que em oitenta mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizeraõ grande serviço, para que não se perdesse de todo a arrendação dos dizimos, visto não haver quem desse por elles mais. E destas ninherias ha por lá muitas guizadas com tais escabeches, que he necessario muito ardil para lhes dár na têmpera: e ainda que ha quem a entenda, assim como ha quem a goste, não ha quem a declare, por se não encarregar de desgostos arriscando a vida, e a honrra á ventura de haver, quem faça prevalecer suas mentiras contra minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriscado que este, com que se furtaõ a sua Magestade todos os annos os vinte mil cruzados, que propuz no titulo, sem se sentir a pontada, nem abrir ponto, por onde se possa emendar a rotura. E he assim, que os Reys de Portugal saõ senhores de todos os mattos do Brasil, e conseguintemente de todas as madeiras, que se talhaõ nelles: e he certo, que todos os annos se fabricaõ mais de cincoenta mil caixas para vir o açucar, tabaco, gengivre, malagueta, &c. e que não se paga a El Rey por tanto taboado, e madeira nem hum ceutil, achando os interessãdos, que assã o servem nos direitos, que de tantas drogas pagaõ, como se os não deveraõ por outra cabeça: e por esta arte a titulo de o servir lhe defraudaõ cincoenta mil cruzados, que lhes poderá levar por outras tantas caixas, que bem baratas hiriaõ por este preço: e ainda que lhas não desse mais que a dous tostoens [que seria dallas de graça:] faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos, que tem aquelle estado de nosso commercio, e passaõ de cento cincoenta, fazem somma de dous milhões e meyo: e em tanto está defraudada esta Coroa a titulo de bem servida: e no cabo os seus ministros, que se prezaõ de belizes; e que pescaõ

atomos com linceas, não tem dado fé desta perda, se quer para fazerem della alvitre: nem eu o vendo por tal.

Ministros vigilantes, e intelligentes não tem preço, com tanto, que não desponhem de agudos para seu proveito, como hum, que me veyo á noticia ha poucos annos, que de hum forvo engolio vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que não cuidem que só porhi álem se fazem os bons saltos: fez este cadimo o seu com pretextó de servir bem a sua Magestade, e ajudaram-no sendo dos bisinhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriaõ em bom dinheiro de contado por lhe esperarem quatro palavras tabaliõas com outras tantas trocadas pelas costas com huma bengalla? Conforme ellas forem, responderaõ elles, não se defavindo no contrato, feraõ de amigo, *Et citra sanguinis effusionem*. Tanto, mas quanto: com cinco mil cruzados se contentou cada hum, saindo a cinco tostoens cada bengalada como bofetada em peão. Accrecentaõ elles a fazenda de huma não em huma barança [se era para a Alfandega, ou casa da India, elles o digaõ, que a mim me esquece] e vindo com huma carga de drogas tais, que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados, paráraõ em

em parte certa de pensado, como quem tratava de dar conta de si, e descarregar sua consciencia: fahio-lhes o da bengala ao encontro por entre outros barcos, que levavaõ fazendas despachadas para fóra; e perguntando, e resolvendo á vista de Deos, e de todo o mundo, para mais assegurar o campo, lhes disse; que fazcis aqui villoens muito ruins? Deveis de estar bebados! Pois trazeis cá o barco, que fahio daqui registado: levayo a seu dono, e deempachay o caminho: e porque não menceraõ os remos com tanta pressa, como o salto necessitava, accrescentou: estes madraços só ás pancadas se governaõ; e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda del-Rey, nem das partes: e passando das palavras ás obras lhe fez a caridade, como tinhaõ concertado: confessando elles, que tinha sua mercê muita razão, e assim ficaraõ todos justificados, e os circumstantes persuadidos, que tudo hia bem governado conforme aos regimentos da cartilha, e o barco sem ruim presunção foy dar consigo, onde sua Magestade perdeu vinte mil cruzados de direitos, dando-se em tudo por muito bem servido, em que lhe pez, porque não havia outra luz, que manifestasse a verdade.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O X I .

*Como se pôdem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos.*

**T**Errivel ponto he, o que neste capitulo se offerece. Furtar, e ficar taõ fóra de restituir; que pertenda o ladraõ se lhe pague com outro tanto o trabalho, que teve em fabricar, e embolçar o furto! He caso, que só na escóla de Caco se pratica, e acha resoluto: e poderia acontecer [se não he que já succedeo] de muitas maneiras: ponhamos huma, que explicará todas. Eis lá vay hum Coronel mandado por sua Magestade, não sey a que comarca, vinte mil cruzados leva para levantar hum terço perfeito de Infanteria: escolhe elle os officiais, todos seus criados, criados á mão como estorninhos, que só palraõ, e descantaõ o que lhe metem no bico. Daõ comsigo de assuada em huma granja sua, que nunca grangeou tanto em sua vida: e porque era quinta de prazer, regalaraõ nella suas almas quinze, ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, gali-

galinhas, capoens, perús, e leitoens á custa da barba longa. Escrevem alli os de melhor penna em hum livro branco mil e quinhentos nomes de soldados, que nunca viraõ, com os nomes de patrias, e pays, que tais filhos naõ geraraõ; tudo por capitulos com finais, e firmas differentes, pondo muitos com diversas cruces por finais, denotando, que naõ sabiaõ escrever, como acontece. Feito assim o livro da matricula, e authenticõ com todos seus requisitos, sem lhe faltar huma cifra: anexando-lhe logo cartas, que com a mesma facilidade fizeraõ, e fingiraõ vindas das fronteiras cheas de agradecimentos do recibo de taõ bizarra gente; e que logo a repartiraõ por varias praças, que estavaõ muito arriscadas: mas que já ficaõ seguras com mil e quinhentos leoens; e outros tantos annos viva sua Senhoria para fazer semelhantes serviços a ElRey, e á patria, que lhos saberaõ agradecer, e pagar, como merece. E com estas cartas de quitação, e livro de receita, daõ consigo na corte allegando a sua Magestade o grandissimo trabalho, que tiveraõ, levando máos dias, e peores noites, botando o bofe pela boca, e labutando com repugnancias, escuzas, e murmuraçoens de pays velhos, mãys viuvas, irmãos donzellas. Boto a tal, que se naõ póde fazer este

este officio por quanto ha no mundo : e que não nos paga sua Magestade com as melhores comendas de Christo o serviço , que lhe fizemos de mil, e quinhentos rayos de Marte, tigres dezatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gastámos de nossas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que nos mandou dar sua Magestade, claro está que não bastavaõ, nem para as despezas dos caminhos, ferras, e charnécas que andámos com mãos gafalhados, e peores mantimentos. Recebe-os ElRey nosso Senhor com entranhas de pay; agradece-lhes liberal o trabalho com sua costumada benevolencia; encheos de mercês, e despachos confiado a outras emprezas. E accrescentaõ elles depois de satisfeitos, e contentes: Senhor he hum milagre ver, que de tantos infantes, nem hum só mostrou má vontade de hir servir a V. Magestade; tanto monta o bom modo, com que fizemos isto.

Vedes aqui irmão leitor, como podeis furta-  
 a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo logo  
 por outros tantos em juizo, allegando, que vos  
 pague, não só o que trabalhastes, senão tambem  
 o que pagastes em seu serviço. Os soldados foraõ  
 por letra fantasticos, e invisiveis: mas os vinte  
 mil foraõ á vista, reaes, e não encantados. O

serviço foy roubo occulto; e por elle pedem, e levaõ satisfação, e paga manifesta. E se lhes tardaõ com ella, queixaõ-se, e demandaõ, até que lhes daõ pelo trabalho do furto mais, do que interessaõ na rapina. Deste, e de outros casos, que vaõ por esta esteira, se póde colhera reposta para alguns zelozos, que estranhaõ as prolongadas demoras, que cada dia vemos em despachos. Admitto que he muito mal feito dilatar os requerentes na Corte fóra de suas casas: mas peor o faz, quem requer, o que lhe não he devido: e para se averiguar a verdade de todos, e seus merecimentos, he necessario tempo, porque ha muitos enganos nas justificaçoens dos serviços, que se allegaõ. E acontece muitas vezes virem das Conquistas, e das fronteiras carregados de certidoens de grandes serviços, os que mais roubáraõ a sua Magestade, e á força querem que lhes pague com comendas, e officios de muitos mil cruzados os latrocínios, que lá fizeraõ, e vem provados atraz delles na reta-guarda da sua fortuna; e se espera, que cheguem para rebater as baterias de certidoens falsas, que apresentaõ na vanguarda de seus requerimentos.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XII.

*Dos ladroens , que furtaõ muito , nada ficaõ a dever na sua opiniaõ.*

**H**A humia figura na Rhetorica , que se chama *Gradatio*, porque vay como por degrãos atando as palavras , e pendurando-as humas das outras. Declaremos isto com hum exemplo , que servirá para a prova deste capitulo. Todo o soldado Portuguez he briozo , todo o briozo he polido , todo o polido calça justo , todo , o que calça justo , não admite çapato de fancaria: e os çapatos, que os Assentistas mandaõ ás fronteiras para os soldados , são todos de fancaria , e carregação : logo bem diz , quem affirma , que he fazenda perdida , a que se gasta em taes çapatos. E que sejaõ de fancaria , prova-se com a mesma figura ; porque os taes são de carregação , e toda a mercadoria de carregação he pouco polida , toda a coufa pouco polida he dezalinhada , toda a coufa dezalinhada he de fancaria , logo bem dizia eu que he fazenda perdida ; porque soldados briozos , quaes são os Portuguezes , não usaõ cou-

zas de fayanca. E prova-se mais ser fazenda perdida pela experiencia; porque sabemos de poucos, que calçassem nunca taes çapatos; e vemos muitos, que recebendo os a ração de tres e quatro tofoens o par, porque lhes não daõ outra couza, os tornaõ logo a vender por cinco, ou seis vintens: e tornando-os os Assentistas a recolher por este segundo preço, os tornaõ a encaixar aos soldados pelo primeiro, revendendo-os seis, e sete vezes. O mesmo fazem com as bótas, meyas, couras, guarinas, carapuças, e outros aprestos, que sua Magestade lhes permite levar ás fronteiras, para expediente da milicia: mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do paõ bota terra, na farinha cal, na cevada joyo, na palha fisco; para fazer de esterco prata, e vencer com os ganhos o custo. E a graça de tantas desgraças he, que os authores destas emprezas depois de roubarem com ellas a ElRey, aos soldados, e a todo o Reyno, porque a todo abrangem tantas perdas, ficaõ se saboreando da destreza, com que fizeram seu officio: e se a consciencia os pica, que venderaõ gato por lebre, alimpaõ o bico á mesma consciencia, que a ninguem puzeraõ o punhal nos peitos, nem venderaõ nada ás escondidas; e o que se faz na bochecha do Sol com acertação

ração das partes, vay livre de coimas, e de escrupulos. Parece que ainda não leraõ, nem ouvião, que ha vontades coactas, e forçadas sem punhais nos peitos. Se vós lhes não dais outra coufa, nem ordem, para que a busquem por sua via, claro está que se hamde comprar com vossa ladroíce, para remirem em parte sua vexação. Mas isto não vos livra, de que ficais obrigado a ElRey, porque o enganastes, e aos soldados, porque os defraudastes, e ao Reyno, porque o saqueastes enfacando em vós o dinheiro das decimas, e paleando tudo com hum quartel, que expuzestes de ante mão, como se assim os arriscareis todos; e como se nós não vissemos, que quando chegais ao segundo, já estais pagos do primeiro. E tendes nas unhas cobranças seguras para o terceiro, e quarto, havendovos em todos, como se os tragnareis com vossa fazenda; e sendo a negociação ao todo com fazenda alhea, vos pagais nos interesses, como se fora vossa. E lançadas vossas contas, achais na vossa opiniaõ, que nada ficais a dever, e que se vos deve muito, pelo muito que ganhastes. Muito tinha eu aqui que discorrer: mas fiquem estes torcicollos de reserva para o capitulo 20. §. *Seria immenso*, das unhas militares.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XIII.

*Dos que furtão muito accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtão.*

**E**M Braga houve hum Primáz Arcebispo, que o foy tambem no Oriente: este costumava dar todos os provimentos de Abbadias, Igrejas, Beneficios, e officios aos pertendentes, por quem intercedieõ menos padrinhos; e deixava sem nada aos que tinhaõ muitos intercessõres. E a razão, em que se fundava, para se justificar com sua conciencia, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, senão por interessê: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha, com que os comprava; e que os buscava, por se ver falto de merecimentos; e pelo contrario, quem pertendia sem padrinhos, hia pelo caminho da justiça, e fiava-se na verdade, e em seus talentos: e assim achava o bom Prelado, que provia melhor, quando furtava a volta ás abonaçoens que excediaõ, tendoas por suspeitas. Mas teve hum Provisor, que lhe deu na trilha; e furtavalle a agua com outra treta abonando-lhe, os  
que

que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando-lhe, que assim lho dizia muita gente. E era o mesmo, que ficar de fóra, e destituido aquelle, a quem mais accrescentava, e ornava para ser provido. Valente defengano he este para Principes, que não cuidem, que poderão ter roteiro, que se lhes não contramine. *Pensata la lege, pensata la malicia*, disse o Italiano; que não ha ley, nem traça de governo tão considerada, a que a consideração da malicia, e especulação do discurso interessado não dê alcance para a perverter, e torcer a seu intento. Hum caso, que me passou pelas mãos ha pouco tempo, explica isso admiravelmente. Creceirão queixas de mais de marca nesta Corte contra os Ministros Ultramarinos: tratou-se de lhes mandar hum sindicante, que as apurasse. Escolheo sua Magestade hum Bacharel de encómenda: tinhaõ os Ultramarinos prevenido com valentes saguates seus confidentes, para que armassem os páos de maneira, que o sindicante fosse homem venal, e não incorrupto. O eleito bem viaõ todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada? Desfazer nelle era impossivel, porque tua opiniaõ vencia, e açamava até á propria inveja. Deraõ em fazerem elogios, e prégar encomios

delle a sua Magestade , e que o mandasse logo , que assim convinha. E porque sabiaõ , que era homem de capricho , e brios , que não havia de evitar a empreza sem os requisitos para ella ; e para seu credito , e honra navegar direito , accrecentaraõ que não convinha dár-lhe béca , nem habito de Christo antes de ir : porque se lhe dessem logo o premio , não lhe ficava cá que esperar , e não serviria taõ diligente , nem tornaria taõ cedo , deixando-se engodar lá com outros lucros ; e que perderiaõ hum fugeito de grandissimo prestimo. Quadrou a razãõ , por ir vestida de zelo de bem commum : e vendo o sindicante , que o mandavaõ desmastroado de authoridade , e dos requisitos , para fazer bem seu officio , renunciou a jornada , que era o que pertendia , quem tanto o abonou , e accrecentou de cabedal , e talentos para o esbulhar de tudo. Deixo outras conseqüencias , que teve a historia , porque estas bastaõ para mostra que há ladroens , que furtaõ accrecentando , a quem roubaõ mais do que lhe furtaõ. Por este rumo navegaõ , os que , para entabolarem seus aliados , quando competem com outros , que lhes vaõ diante nos merecimentos , abonaõ tanto os melhores , que os botaõ fóra da pertençaõ a titulo de ser pequena , e que he bem  
lhes

lhes dem coufas mayores; que aquillo he bastante para fulano; e assim o plantaõ no posto, e se esquecem do provimento mayor, que alvidravaõ, e prometiaõ, ao que botavaõ fóra com o applaudirem por mlhor.

Tambem se estende esta futiliza por materias pecuniarias, fazendovos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuiçaõ: abonaõ-vos por Cressõ, e Midas, para vos porem ás costas as perdas que querem lançar das suas. Em Portalegre vî este caso por occasiaõ de huma alçada, cujos gastos não achou o Dezembargador que os pagasse depois de feitos; nem quem comprasse fazendas dos culpados, porque eraõ poderosos, e aparentados. Fez o sindicante seu officio rectiffimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da Cidade para os obrigar, a que dessem a quantia necessaria para a alçada, e que tomassem as fazendas para se pagarem com ellas logo, ou com seus frutos nos annos que bastassem, descontando tambem a razaõ de cambio os lucros cessantes do seu dinheiro. Vendo todos o risco a que se expunhaõ; porque em virando o Dezembargador as costas, haviaõ de revirar sobre elles os culpados com toda sua parentella, que era da governança, e lhes haviaõ de fazer amargar os  
frutos,

frutos, perder o dinheiro, e arriscar as vidas: deo na traça deste capitulo de accrescentarem os bens, a quem tratavao de os diminuir: differaõ de hum certo, que tinha de seu mais de cem mil cruzados, que elle só podia com tao grande pezo, e era poderoso a ter as pélas contra tudo, o que succedesse: e seguiu-se daqui, que fazendo-o rico, o meteraõ em riscos de grandissimas perdas. Nos lançamentos das decimas succede quasi o mesmo, que vos fazem rico sendo pobre, para que pagueis o de que se eximem os ricos por poderosos. O orçamento he justo; porque se me depella a substancia do que pòde a freguezia, e que conta até pelos livres dos dizimos: mas quando vay ao repartir da contribuiçaõ, baralhaõ as cartas, os que estaõ senhores do jogo, e fazem fãhi triunfo de ouros, a quem não tem cobre com que pague; e páos, e espadas, a quem tem prata para que a defenda; e não faltaõ logo copas, que apagaõ as duvidas. E a galhardia he que com zelo do serviço del Rey nosso Senhor tapa a boca todos, para que não grunhaõ. He terrivel maõ a que se arma com azeiros reais; porque ainda que não sejaõ mais, que apparentes, temem suas unhas até os leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na fraze dos azeiros

ou unhas Reaes ; porque he certo que ha unhas Reaes muito perniciosas , como explicará o seguinte capitulo.

\*\*\*\*\*.\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XIV.

*Dos que furtaõ com unhas Reaes.*

Quando Alexandre Magno conquistava o mundo , reprehendeo hum cossario , que houve ás mãos , por andar infestando os mares da India com dez navios : e respondeo-lhe discreto : eu quando muito dou alcance , e faco a hum , ou dous navios , se os acho desgarrados por esses mares ; e V. Alteza com hum exercito de quarenta mil homens vay levando a ferro , e fogo toda a redondeza da terra , que naõ he sua : eu furto , o que me he necessario , V. Alteza o que lhe he superfluo. Digame agora , qual de nós he mayor pirata , e qual merece melhor essa reprehensão ? Quiz dizer nisto , que tambem ha Reys ladroens ; e que ha ladroens , que furtaõ o que lhes he necessario , e que ha ladroens , que furtaõ tambem o superfluo : estes saõ ladroens por natureza ,

tureza, e aquelles o faõ por desgraça. Deos nos livre de ladroens por natureza, porque nunca tem enrenda; os que furtaõ por desgraça, mais sofriveis faõ, porque naõ faõ taõ continuos. Se ha Reys ladroens, he questaõ muito arriscada. Certo he que os ha; e que naõ furtaõ ninherias: quando empolgaõ, faõ como as Aguias Reaes, que só em coufas vivas, e grandes fazem preza. Milhafres ha que se contentaõ com sevandijas; mas a Rainha das aves com coufas mayores tem sua ralé. Quando ElRey Philippe, que chamaraõ prudente, morreo; dizem que só no Reyno de Navarra engasgou, se pertencia ao Francez; como se naõ tivera mais, que duvidar no de Portugal, e outros, cuja posse, se bem examinára, pode ser que lhes achára mais de rapina transversal, que de linha direita. Os Reys de Portugal tiveraõ sempre esta prerogativa, e bençaõ de Deos, que tudo quanto possuiriaõ, e possuem de Reynos, foy herdado com legitima successaõ, ou conquistado com verdadeira justiça. E assim naõ topaõ aqui entre nós as unhas, que chamamos Reaes: por outra via lograõ este nome, com que se acreditaõ, e armaõ, para empolgarem mais a seu salvo nas prezas que fazem, as quais faõ tantas, e de tal qualidade, que naõ he possivel referillas todas: toco algumas. Sahe

Sahe de Lisboa hum enxame de officiaes dos Assentistas, quando não tem pelas comarcas varas mayores, que lhes substituaõ no cuidado de fazer trigo, e cevada para as fronteiras, e todos leuaõ nas mãos provisõens reaes, para tomarem o que for necessario, e lhe amainarem o preço: correm no novo as eiras, e os celeiros de todos os lavradores, e tambem dos Religiosos; e sendo necessarios mil moyos, vg. recolhem tres mil: e vendem depois em Abril, e Mayo os dous mil dobrandolhe o preço, e tambem quadruplicando-lho conforme a carestia, que elles causaraõ. Hum Fidalgo de Beja me contou, que vira hum destes doutores fazer huma peça digna de conto. Atraveçou o celeiro de hum lavrador ricaço, e disse-lhe muito serio: este trigo he muito sujo; não o hey de levar senaõ joeirado; porque não quero comprar má fazenda para os soldados de sua Magestade, que he bem andem mimozos, pois nos defendem de nossos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por se ver livre delle; e tirou de dez moyos mais de meyo moyo de limpaduras; as quaes comprou logo o mesmo Ministro dos Assentistas a vintem cada alqueire; e em as tendo por suas, deu com ellas no trigo impo, e misturando tudo o enfacou. Não se

vio mais pouca vergonha, nem mayor futiliza? Até no terreiro de Lisboa fazem preza estas aguias. São necessarios vinte, ou trinta moyos de cevada para as cavallariças Reaes, e tomaõ mais de duzentos. O mesmo fazem na palha, que mandaõ vir em barcos do Riba-Tejo: não sey se será para venderem em Mayo a cruzado o panal, que lhe custou hum tostaõ; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compráraõ a tres, ou a quatro vintens: Taõ Reaes como estas são as unhas de alguns Ministros, que retardaõ consultas de officios, para que occupem serventias, os que os peitaõ: e andaõ os pertendentes das propriedades annos, e annos requerendo debalde; porque tudo está empatado com despachos subrepticios, de que sua Magestade não he sabedor; que se o fora, mandára restituir lucros cessantes, e danos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foy causa contra justiça de se andarem consumindo, e lutando com enganos fóra de suas casas tanto tempo. Neste passo me negaõ tudo, quanto tenho ditto neste capitulo, os que se sentem comprehendidos: e para que me deixem, retrato tudo, e só o digo, para que não aconteça, e passo a coufas notorias.

Passando eu ha poucos annos por Montemór

mór o Novo, vi huma tropa de pádeiras irem gritando atrás de dous meirinhos, que levavaõ ás costas de quatro negros outros tantos facos de paõ amassado: perguntey, que briga era aquella? Responderaõ-me, que as incoimaraõ, por fazerem o paõ menos de marca, que mandava sua Magestade que o fizessem de arratel, e achou-se em hum meya onça menos. Mas sabida a historia mais de raiz, era que não queriaõ dár paõ fiado a alguns senhores da governança, porque nunca lhes pagavaõ; e assim as ensinavaõ a serem cortezes. Mais humano se portou hum meirinho nesta Corte de Lisboa, que com hum dobraõ, que lhe servio de negaça, caçou mais de hum annodo, o que lhe foy necessario para o sustento de sua casa. Hia o criado por essa Ribeira com a moeda de ouro de tres mil e duzentos, comprava aqui a perdiz, ácolá o cabrito, e o leite no dia de carne; e no dia de peixe a pescada, o favel, o linguado, e a lagosta; comprava até a couve, o nabo, a alface, o queijo, o figo, e a passa, e todo o genero de fruta, e nunca se defavinha no preço, e sempre offerencia o dobraõ: e como todas as regateiras haviaõ medo do amo, por não o aggravarem, faziaõ da necessidade cortezia, e diziaõ, que não tinlaõ troco,

troco, que outro dia fariaõ contas, como o tivessem; e este dia nunca chegava, porque não era do Calendario. Mas tomaria a bulla da composição na Quaresma, que he de temer lhe não valesse, visto serem vivos, e conhecidos os acredores.

Em Portalegre conheci hum mercador da ley cançada, que vendia não só pannos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a este hum Vereador quatorze mil reis emprestados: temeo o trapeiro, que havia de ser o emprestimo a cobrar nas tres pagas ordinarias de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer que não tinha dinheiro. Baxou logo hum decreto da Camera com pena de quinhentos cruzados para o Fisco Real, que não vendesse cousas de comer, porque era suspeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais Reaes que estas: o contrato das Almadras do Algarve paga de dez atuns sete para a Coroa, que se obriga porisso a defender a costa aos armadores com galés, e armada; e todos os annos os desbarataõ os Mouros levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os sete atuns sempre se pagaõ. E porisso não ha escrupulo no muito, que se furta nos direitos. Que direy das obras pias: Me-

lhor

lhor he não dizer nada. Inventou-as ElRey Dom Manoel de gloriosa memoria , tirando hum real , ou dous de cada cento no Consulado , que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno , quando muito , para os estropeados de Africa , para viuvas de Portuguezes , que serviraõ , para occasiõens de Misericordia fortuitos : e carregaõ sobre ellas mais de dez mil cruzados de tenças , e donativos , que não pertencem á instituiçaõ das pias obras : e quando vaõ as partes cobrar , o que se lhes consigna nellas , achaõ-se em branco ; e quem anda mais diligente , se cobra hum quartel , dá graças a Deos , e os mais de barato. Tambem o Esmoler mór se queixa , que se lhe remetem petiçoens aos milhares , não tendo cabedal , que se conte por centos. O certo he que muitas cousas não se emendaõ , porque se não sabem , e não se sabem , porque ha unhas , que as escondem , porque vivem dellas sobcapa de servirem a sua Magestade , e assim se fazem Reaes.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XV.

*Em que se mostra, como pôde hum Rey ter unhas.*

**N**Aõ cuidem os Reys, que pelo serem são senhores de tudo, como o graõ Mogor, e o graõ Turco, que se fazem herdeiros de seus vassallos com tal dominio em seus bens, moveis, e de raiz, que os daõ a quem querem, deixando muitas vezes os filhos sem nada. Isto bem se vê, que he barbaria: ainda que dizem o fazem para terem os vassallos dependentes: mas tambem os teraõ descontentes; e porisso sabemos, que ha entre elles cada dia rebellioens, com que perdem Reynos, e tambem todo o Imperio, que só o possue, quem mais pôde. O Rey, que se governa com verdadeiras leys, mas que não sejaõ mais que as da natureza, ha de presumir, que até o que possue, não he seu, e que lhe he dado para conservar seus vassallos; e que se o defraudar fóra do bem commum com gastos superfluos, que poderá cometer nullo crime, a que se dê nome de furto. De tres maneiras pôde hum Rey ser ladrão. Primeira furtando a si mesmo. Segunda a seus

seus

seus vassallos. Terceira aos estranhos. A si mesmo furta, quando gasta da Coroa, e dos rendimentos do Reyno em cousas inuteis; aos vassallos, quando lhes pede tributos demaziados, e que não são necessarios: e aos estranhos, quando lhes faz guerra sem causa. E está tão fóra de se aproveitar com estas execuções, que executa nellas sua perda, e de seu Reyno total ruina. Exemplo temos de tudo na Monarchia de Castella, cujo Rey porque gastou quinze, ou vinte milhoens, senão foraõ mais, nas superfluidades do Retiro, os acha menos agora, quando lhe eraõ necessarios para os apertos, em que se vê: e porque véxou os povos com taes tributos, que chegou a quintar as fazendas a seus vassallos, se lhe alevantaraõ Portugal, Catalunha, Napoles, Cicilia, &c. e porque faz guerra a França, e a outros Reynos, e Estados, que lhe não pertencem, por sustentar caprichos, está em pontos de dar a ultima boqueada á sua Monarchia.

Os Romanos em quanto tiveraõ erario publico, em que conservavaõ os rendimentos do seu Imperio, conservaraõ-se invenciveis; e tanto que os gastaraõ em superfluidades, e ambições, perderaõ-se a si, e quanto tinhaõ: e porque para se terem maõ, apertaraõ demaziada-

mente com os povos, que dominavaõ, tirando-lhes a substancia, rebellaraõ-se todos: e porque crueis fizeraõ guerra sem causa, meteraõ em ultima dezesperaçaõ as Naçoens, que mancomunadas resistiraõ até defençaixarem de seus eixos todo o Imperio, cumprindo-se ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur*. A agua o deu, a agua o leva. As Respublicas conservaõ-se com fazenda, vassallos, e leys: e se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leys se quebraõ, lá vay, quanto Martha fiou; e não lhe resta mais, que fiar em huma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebrandando de farto, não previo, que depois das vaccas gordas vio Pharaó as vaccas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejaõ mal logradas, como thezouros encantados, que no melhor desaparecem, deixando carvoens nas mãos do ambicioso, que não contente com se ver farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebrandou como a rãa de Hisopete. Convém que o Rey ande sempre com o prumo na mão sondando os baixos, e os altos da fortuna, e da Republica, que tem muitos altibaixos: deve computar o que tem de seu, e em que se gasta; os vassallos, que governa, e  
para

para q̃anto prestaõ ; os amigos , e inimigos , que o cercaõ , e de que valor sãõ. E considere , que Rey sem fazenda he pobre , sem vassallos he s̃õ , e com inimigos he perseguido : e hum Rey pobre , s̃õ , e perseguido , facilmente he vencido , e vay perto de naõ ser Rey. Mas se tiver fazenda , e a conservar , serã rico ; se tiver bons vassallos , e naõ os offender , achalos-ha a seu tempo : e sendo rico , e tendo vassallos que o sirvaõ , naõ tem que temer inimigos : e estando seguro destes , florecerã prospero , reinarã poderoso : e a hum Rey prospero com riquezas , bem servido de vassallos , e poderoso em seu Imperio , pouco lhe falta para bemaventurado. E todos estes bens lhe vem de naõ ser ladraõ : e naõ o serã , se naõ faltar a si , nem a seus vassallos , nem aos estranhos , como temos ditto. E já que chegãmos a estes termos de altercar , se ha Reys ladroens , convem que naõ passemos avante , sem resolvermos huma questaõ , que actualmente anda na praça do mundo sobre o nosso Reyno de Portugal , a quem pertence , se a ElRey Philippe IV. de Castella , se a ElRey D. Joãõ tambem IV. de Portugal ? ElRey Philippe diz , que injustamente lho tomou ElRey D. Joãõ : e ElRey D. Joãõ affirma , que violentamente lho tinha usurpado ElRey D.

Philippe : e neste conflicto de opinioens não escapa hum delles de ladraõ. Sim ; porque tomar o alheo he furtar : e quem furta , he ladraõ ; qual o seja , dirá o capitulo seguinte.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XVI.

*Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castella ; e como nunca as houve em Portugal.*

**E**Ntramos em hum pégo sem fundo , em que muita gente de valor fez naufragio , e se affogou por ignorancia , covardia , e paixãõ. Huns por ignorancia perderaõ o leme , e tambem o nõrte : outros por covardia meteraõ tanto panno , que quebraraõ os mastros : outros por paixãõ fizeraõ-se tanto ao alto , que deraõ em baixos , e baixos miseraveis ; e todos encanrados das Serêas cairaõ em Sirtes , e Caribdes , que os forvêraõ. Até os que navegaraõ estes mares , como Dedalo os ventos , se perderaõ : pelo meyo irás seguro , dizia elle a seu filho Icaro : mas como he máo de achar o meyo entre extremos repugnantes , fizeraõ , como Icaro , naufragio em seu

feu vôo por falta de azas, ou de Estrella, que os guiasse. Naõ estou bem com gente neutral, que tira a dous alvos com a mesma frecha. He impossivel tomar huma não no mesmo tempo dous pórtos: o de Castella estava entãõ aberto, o de Portugal fechado; este sem forças para guarnecer, quem nelle se acolhia, aquelle com armas, que a todos metiaõ medo. Picaraõ-se os mares, alteraraõ-se as ondas; ninguem tomou pé em pégo taõ fundo: e só ficaraõ em pé alguns poucos, que tiveraõ boas bexigas para nadar, ou azas melhores que Icaro para se acolher. O que mais admira he, que durasse o tempo turvo sessenta annos sem haver Piloto, que governasse a carreira. Muitos fizeraõ cartas de marear para ambos os pórtos, poucos se governaraõ por ellas; e porisso todos vacilaraõ na esteira, que haviaõ de seguir; até que os mares se socegaraõ, e o tempo serenou, e se viraõ no Ceo Estrellas, que abriraõ caminho, com que se tomou terra. Sobre esta tomadia ferve outra vez a tempestade repetida, se bem menos escura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que espalha as nuvens: e dahi vem que nem todos tomaõ o mesmo, e cada hum se recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual seja mais seguro para

escapar, elles o digaõ, que o experimentaõ. Qual tenha mais razãõ para dominar, o que vay lo-grando, isso direy eu, porque o sey de certo. E naõ ufarey de embuços, como alguns, que fallaõ por escrito sem dizerem o mal, e o bem de ambas as partes, havendo-se nisto como Advogados, que só huma parte abonaõ. Naõ vî em Portugal correr publico nenhum manifesto, que por si fizesse Castella: nem sey, quem visse em Castella manifesto de Portugal. Se he por temer cada hum, que as razoens do outro mascabem as suas? Naõ lhe acho razãõ: porque a verdade he como as quintas substancias, que nadaõ sobre todos os licores; e com as mentiras mais se apura a guiza dos contrarios, que juntos mais se espectaõ. Sondarey pois aqui como em carta de marear ambos os pórtos; naõ deixarey alto, nem baixo, que naõ descubra; porque assim acertará cada hum melhor com a carreira direita, e segura: e fio da boa industria de todos, que vendo ao olho, onde está o perigo, que o saibaõ fugir, e que lancem ancora, onde se possaõ salvar mais descansados na vida, mais seguros na fazenda, e mais quietos na consciencia. Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o naõ largou por espaço de sessenta annos. Sobre es-

ta unha botou Portugal harpêo com taõ boa preza, que se melhorou no partido; e ainda lutaõ sobre esta melhora. Qual destas duas unhas esteja mais segura, verá o mundo todo, se vir com attençaõ, o que aqui escrevo sem diminuir nas forças de cada hum, nem accrescentar fraquezas. E porque Castella começou a estender primeiro as unhas, com que empolgou neste Reyno, direy primeiro as razoens, que allega para a preza ser sua.

\*\*\*\*\*

*Manifesto do direito, que D. Philippe Rey de Castella allega contra os pertendentes de Portugal.*

**H**E notorio, que por morte do nosso Rey Cardeal ficou este Reyno como morgado de Clerigo, que não tem successor exposto a herdeiros transverfais, que sendo muitos, baralhaõ as razoens de todos, e armaõ pleitos, e discordias inextinguiveis. E para procedermos com clareza, devemos presuppor, que El Rey D. Manoel de gloriosa memoria cazou tres vezes; a primeira com Dona Isabel filha primogenita dos Reys Catho-

cos.

cos. Segunda com Dona Maria filha terceira dos mesmos Reys. Terceira com Dona Leonor filha delRey D. Philippe o I. e irmãa do Emperador Carlos V. Os filhos do primeiro, e terceiro matrimonio morrerão sem successão: do segundo teve dez filhos: o primeiro foy o Principe D. João, que teve nove filhos da Senhora Dona Catharina filha delRey D. Philippe o I. de Castella: destes morrerão oito sem successão; e o nono, e ultimo, que foy D. João, houve da Senhora Dona Joanna, filha de Carlos V. ao fatal Rey D. Sebastião, em quem se acabou esta linha. A segunda prole delRey D. Manoel foy a Infanta Dona Isabel, que casou com Carlos V. Emperador, e de ambos naceo ElRey D. Philippe II. e deste Philippe III. e deste Philippe IV. de Castella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foy a Infanta Dona Brites, que casou com D. Carlos Duque de Saboya; e de ambos naceo Phelisberto Emmanuel Principe de Piamonte, oppositor com seus descendentes a Portugal. A quarta prole, o Infante D. Luiz, que não casou, e teve de humã Christãa nova hum filho natural, que foy o Senhor D. Antonio, tambem oppositor a este Reyno. Quinta prole, o Infante D. Fernando, que casou com Dona Guio-

mar Coutinha, filha dos Condes de Marialva : e extinguiose esta linha. Sexta prole, o Infante D. Affonso Cardeal Arcebispo de Braga, e Bispo de Evora. Setima prole, o Infante D. Henrique, que foy Cardeal, e Rey sem successão. Oitava prole, o Infante D. Duarte casou com Dona Isabel filha de D. Jaime Duque de Bragança, e tiveraõ tres filhos : primeiro a Senhora Dona Maria, que casou com Alexandre Farnes Principe de Parma; segundo a Senhora Dona Catharina, que casou com D. João Duque de Bragança; terceiro D. Duarte Condestável, e Duque de Guimaraens : da Senhora Dona Maria naceo o Senhor Rainuncio Principe de Parma tambem oppositor : da Senhora Dona Catharina naceo o Senhor D. Theodosio Duque de Bragança, e delle o Senhor D. João, que hoje he Rey de Portugal, onde tem jurado por Principe a seu filho o Senhor D. Theodosio, que houve em legitimo, e Santo matrimonio da Senhora Dona Luiza, esclarecido ramo da Real Casa dos grandes Duques de Medina, e Sydonia, Propugnaculos invictissimos de toda a Christandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por suas heroicas obras alcançaraõ o admiravel appellido de *Buenos*; e bastava para o merecerem destinalllos o Ceo para darem a Portugal tal

tal filha para nossa Rainha, e Senhora.

As mais proles, que foraõ a Infanta Dona Maria, e o Infante D. Antonio, naõ deixaraõ successaõ, porque logo morrerãõ. E das que temos dito fecundas, se levantaraõ cinco oppositores a este Reyno, que ficaõ notados em suas linhas, e pela ordem da antiguidade dellas saõ o primeiro ElRey D. Philippe, o segundo o Duque de Saboya, terceiro o Senhor D. Antonio, quarto o Principe de Parma, quinto o Duque de Bragança. A Rainha de França Dona Catharina tambem pertendeo oppor-se, allegando, que descendia por linha direita delRey de Portugal D. Affonso III. Conde de Bolonha, e de Dona Metilde sua primeira mulher: mas foy excusa sua pertençaõ por improvavel, e prescripta; porque os successores do Conde de Bolonha [ que naõ consta os tivesse ] nunca fallaraõ nesta materia, depois que aquella linha de Bolonha se ajuntou a França: e a verdade he, que á Condesa Metilde naõ ficaraõ filhos, como consta do seu testamento, que está em Portugal na torre do Tombo, segundo se escreve. E o engano esteve no successor de Metilde, que foy Roberto seu sobrinho filho de sua irmãa Alis. E este he o Roberto, de quem França queria tomar a nossa genealogia fazendo-o filho

lho de Metilde , e de D. Affonso III. irmão de D. Sancho Capello. Quanto mais que na presente opposição só de descendentes delRey D. Manoel se tratava , que era o tronco ultimo , e em quanto os houvesse , não tinhaõ lugar outros pertendentes ; e porisso tambem se não fez caso da pertençaõ da Sé Apostolica , pois não estava o Reyno vago de herdeiros.

Dos cinco Oppositores descendentes delRey D. Manoel , foy havido por incapaz no primeiro lugar o Senhor D. Antonio Prior do Crato , por dous defeitos , ambos por parte da Mãy , hum no sangue , outro no nascimento ; são notorios , não os explico ; e nunca houve supplemento para elles. O Duque de Saboya cedeo aos parentes mais chegados , e tambem de cá o excluição por Estrangeiro. O Principe de Parma ficou atraz na pertençaõ por tres razoens ; primeira , por ser morta sua Mãy , irmã da Senhora Dona Catharina , que havia de fazer a opposição. Segunda , por falta da representaçaõ , que só se admite nos descendentes immediatos do primeiro gráo , e elle era já bisneto delRey D. Manoel , em comparaçaõ da Senhora Dona Catharina , que era neta pela mesma linha do Infante D. Duarte. Terceira , por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra do

do Reyno ; como se mostra das Cortes de Lamego , celebradas no anno 1141. onde ElRey D. Affonso I. com todos os Estados ordenou , que as femeas , ainda que podessem herdar o Reyno , perderiaõ o direito a elle cazando fõra : e porisso nas Cortes de Coimbra de 1382. excluiraõ a Senhora Dona Brites , filha unica do nõsõ Rey D. Fernando , por casar com D. Joaõ I. de Castella : e D. Joaõ I. de Portugal , que lhe succedeo , confirmou esta ley em seu testamento no anno de 1436.

Excluidos assim todos os sobreditos , ficaraõ no campo sõs a Senhora Dona Catharina , e ElRey D. Philippe : deraõ-se duas batalhas , a primeira como Anjos , a segunda como homens : a primeira com forças de entendimento , a segunda com violencia de braço : na primeira venceo a Senhora Dona Catharina , porque lhe sobejavaõ razoens : na segunda venceo Philippe , por ter mais armas : desta naõ se trata aqui , porque as armas entre Christaõs naõ daõ Reynos , nem os tiraõ justamente ; quando ha razoens , que resolvem o direito delles : e porisso pertende ElRey Philippe vencer tambem nesta parte com as razoens seguintes.

\*\*\*\*\*

*Razoens , que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina.*

I **R** Azon. Por el casamiento del Rey Don Juan I. de Castilla con Doña Beatris, hija del Rey Don Hernando de Portugal, quedó el derecho del dicho Reyno en los Reyes Castellanos, porque ella era la unica heredera legitima. II Razon; porque no pertenecia el tal derecho en aquel tiempo a Don Juan I. de Portugal, por ser illegitimo, sinó a D. Juan I. de Castilla, por ser octavo nieto del primero Rey de Portugal. III. De todos los nietos del Rey Don Manoel pretendientes de Portugal, que vivian, quando murió el Rey Cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por esso el mas habil a la Corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al Senhor Don Antonio por legitimo, a la Senhora Doña Catarlina por varon, a Rainuncio, por ser nieto, y el visnieto del Rey Don Manuel, y por esso mas llegado al ultimo possedor; y al Duque de Saboya con la edad de la Emperatriz su madre, hermana mas vieja de Beatris

madre

madre del Saboyano. V. Porque siendo los Reynos del Derecho antiguo de las gentes, no se deve regular la suceffion dellos por el Derecho Civil lleno de futelezas, y ficciones, que tantos años despues formaron los Emperadores; y que si bien los Reyes supremos lo avian introducido en los Reynos por el buen gobierno de los Vasallos, nó avian por esso alterado las simples reglas naturales de la suceffion Real, las quales affirmaban averse de seguir en este caso, como si ubiera sucedido primero que naciera Justiniano, que fue el inventor de la representacion; a que nó obsta aver algunos Doctores querido temerariamente fugetar la suceffion de los Reynos a la Civil Institucion: y assi siguiendo esta consideracion hacia Phelipo su derecho indubitable. VI. Dado que valga la representacion en Portugal, esta nó se admite, sinó quando el nieto del Rey litiga con su tio hermano del tal Rey; y nó entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la Senhora Catalina, y confirmase con exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin Rey de Aragon, que nó tuvo hijos legitimos, pretendieron su Corona la Infanta Doña Violante su sobrina hija del Rey Don Jaimes su hermano mas viejo, y el Infante Don Hernando

do de Castilla su sobrino hijo de la Reyna Doña Leonor su hermana : y dieron sentencia los Estados, y sus Jueces por el Infante Don Hernando, por ser Varon, no haciendo caso de la representacion, que si valiera, avia de dar el Reyno a la Infanta, por ser sobrina, y hija de hermano mas viejo ; el qual si fuera vivo, avia de excluir a Doña Leonor su hermana, y madre de Fernando. Con ley, porque el Emperador Carlos V. la hizo particular en Alemania, que nó valga la representacion, si nó concurriendo sobrinos con tio vivo, y es opinion de Azon, y muchos Doctores, que se observa en Francia.

VII Demas de que la representacion solo la puede aver, quando el Padre, que se pretende representar, ubiera tenido el primer lugar en la sucession, de que se trata. Donde supuesto que el Infante Don Duarte en su vida nó tuvo tal lugar, nó podia dexar a sus hijos el derecho, que nunca se radicó en su persona. VIII En Portugal muerto el Rey Don Juan II. le sucedió su primo Don Manuel, excluyendo al Duque de Viseu Don Alfonso : y si valiera la representacion, avia de ser preferido, por hijo de Don Diego hermano mas viejo de Don Manuel. IX El beneficio de la representacion nó se admite en la sucession de los

Maiorafgos, y bienes avinculados para andarem en el pariente mas cercano de cierta generacion; y es cierto, que los Reynos tienen naturaleza de Maiorafgos en la manera dicha. Demas que los Reynos se heredan por concession de los pueblos, que transmitieron el poder Real, que era suyo, a los primeros Reyes, y a su generacion: y consta que la representacion nó tiene lugar en la succesion de la cosas, que vienen *ex concessione dominica*, como resuelve Bartholo.

X La Ordenacion de Portugal lib. 2. tit. 17. §. 1. dize que por muerte del ultimo poseedor entrará en los bienes de la Corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y consecutivamente echa fuera al nieto, y exclue la representacion. Y confirmase con exemplo de heredamiento de Reyno; porque en Castilla Don Alonso el sabio excluyendo su nieto hijo del Principe muerto, hizo iurar su segundo hijo. Item mas, la mesma Ordenacion lib. 4. tit. 62. §. 3. dispone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo, ó hija, nó entre en el prafo nieto, ó nieta, aunque sean hijos de algun hijo mas viejo ya defunto. XI El beneficio de la representacion es privilegio concedido contra las reglas ordinarias del Derecho, y es una  
ficción

ficcion de la ley , por la qual contra la verdad se finge , que el hijo está en el lugar de su padre , y es con el la misma persona ; y por ser privilegio , e fingimiento , nó puede aver lugar , sinó quando se hallare expressamente introduzido por Derecho : y es cierto que nó está introduzido expressamente , sinó en la suceffion de los heredamientos , y feudos , aunque nó sean hereditarios. Donde , no siendo los Reynos de Portugal feudos , ni se defiriendo la suceffion dellos en todo como heredamiento proprio , y ordinario , por ser cosa de maior momento , y mas calificada , y de que se devia hazer expressa mencion , nó puede aver lugar en el la dicha representacion. XII Para nó parecer que huye Phelipo del Derecho , prueba , que en los Reynos mas propriamente que en ninguna otra cosa se sucede por el Derecho , que llaman de la sangre , mirando al primer instituidor ; y que en este Derecho se consideran las personas por si mismas sin representacion , como si fuesen hijos del ultimo possedor ; y desta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII Dado que la Señora Catalina pudiesse representar el grado de su padre ; nó podia representar el sexo : y era duro de admitir , que

la hembra igual folamente en el grado , y inferior en lo demas , fueſſe preferida al varon para gobernar Reynos , quando el proprio defecto della le hazia mas daño que a Phelipo el de ſu madre. XIV Conforme al Derecho las hembras nó pueden ſer admitidas a oficios publicos , ni tener jurifdicion , ni adminiſtracion de la Republica ; porque en ellas falta fortaleza , conſtancia , prudencia , liberalidad , y otros dotes neceſarios : y tenemos exemplo en la Reyna de Caſtilla Doña Beatris , que ſiendo hija unica del Rey Don Hernando de Portugal , nó fue admitida , y ſe dió el Reyno por vacante , y lo heredó Don Juan I. donde ſe colige , que ſon las hembras incapazes de representar en Portugal , pues ſon incapazes de heredar. XV Viſto nó declarar Henrico ſuceſſor , era devida á Phelipo la ſuceſſion ſin ſentencia , por ſer ſu perſona ſuprema , izenta , y libre de qualquier juizio coercivo , y folamente obligado a juſtificar ſu derecho con Dios , y declararlo al Reyno : ni avia en el mundo , a quien pudiesſe pertenecer la judicatura deſte caſo , por nó tocar al Papa , por ſer matetia puramente temporal ſin circunſtancias , que le pudiesſe dar derecho : menos pertenecia al Emperador , por nó le ſer reconociente el Reyno de Portugal,

tugal , y mucho menos a los Juezes , que avia nombrado Henrico , porque eraõ todos parte material , y entegral del Reyno , sobre que se litigava , como Portuguezes : demas de que nõ avia Portuguez alguno , que no fuesse sospechofo , y recusable por el odio publico , que tienen todos a la Nacion Castellana : ni avia lugar de se comprometer en Juezes loados , por la impossibilidad de hallar personas , de quien se pudiesse fiar cosa tan grande , y tan peligrosa ; y porque la obligacion de comprometer no cae sinõ en cosa dudosa , y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI Dado que fuesse necessaria sentencia , Phelipo la tuvo por los mismos Juezes , que nombró Henrico ; porque de cinco que eran , tres le juzgaron la Corona. XVII Sobre todo allega Phelipo , que quando el derecho es dudoso , y corre opinion probable por entrambas partes , que las armas lo resuelven todo ; y que con ellas tomó la possession , y los pueblos lo admitieron , y juraron en las Cortes de Tomar por Rey , conque se quitó toda la niebla , y razon de dudas. XVIII Llevando Dios viente e dos herederos , que precedian al Rey Catholico , dava a entender , que queria unir Portugal a los Reynos de Castilla , para fortificar un braço en su Iglesia ,

para resistir a los insultos de los infieles , y de los hereges ; y mejorar desta manera el mismo Reyno , haziendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra sus enemigos , y en sus conquistas. XIX Finalmente allega por si la possession prescripta de sesenta años , bastando treinta , sin contradicon alguna. Y quien lo quitare de la tal possession , merecerá titulo de tirano , y de ladron , porque de hecho es tirania , y robo enorme , quitar un Reyno a su dueño sin causa , razon , ni justicia.

Estas são as razoens , que por si allega o Rey de Castella , para entrar na herança de Portugal. Nenhum Portuguez abafe com ellas , que logo lhas desfarey como sal na agua : mas primeiro quero responder ao candido Leitor , que me pergunta , que razaõ tive para mudar de estylo neste manifesto , e fallar por outra linguagem differente da em que himos tirando á luz este tratado. A isso podéra responder , que o manifesto he de Castella , e porisso o puz na sua lingua : mas para explicar melhor a razaõ mais principal , que me moveo , contarey huma historia , que aconteceu em hum Tribunal de tres , que tem o Santo Officio neste Reyno. Prenderão hum bruxo , por ter trato com o diabo , e consul-

consultalo em muitas duvidas : Reprehenderão-no os Inquisidores , porque sendo Christão baptizado dava credito ao diabo , sendo obrigado a ter , e crer , que he pay da mentira. Pay da mentira he , respondeo o bruxo , e por tal o conheço : mas com tudo isso , ainda que muitas vezes me mentia , não deixava algumas vezes de me fallar verdade , e eu pelo uso alcançava logo tudo ; porque me fallava em duas linguas , que eraõ a Portugueza , e Castelhana : e todas as vezes que me fallava em Portuguez , era certo que dizia verdade ; e sõ quando me fallava em Castelhana , era certissimo que mentia. Não sey , se me declaro ? Quero dizer , que a lingua Castelhana he estremada , e unica para pintar mentiras , como escolhida por quem he pay , e mestre dellas ; e a Portugueza para fallar verdades : e porisso puz em Castelhana o manifesto de Castella , e porey em Portuguez a resposta da Senhora Dona Catharina.

\*\*\*\*\*

*Resposta da Senhora Dona Catharina contra as razões delRey D. Philippe.*

I **R**eposta contra a primeira razão he, que não vem a propósito a herança da Senhora Dona Brites : porque a nossa questão procede sobre descendentes delRey D. Manoel , e não sobre os delRey D. Fernando , cujas duvidas se averiguaraõ nos campos de Algibarrota : além de que a Senhora Dona Brites não deixou filhos , e assim necessariamente havia tornar a Portugal o direito. II Resposta contra a segunda razão he, que deveraõ advertir , como na successão taõ prolongada de D. Joaõ I. de Castella, oitavo neto do primeiro Rey de Portugal , havia o mesmo defeito de illegitimidade em seu pay D. Henrique , além de outros avós : e mais perto estava do ultimo avô o nosso D. Joaõ I. e do ultimo possuidor no primeiro grão de irmão , que o seu no oitavo ; e o nosso houve dispensação da illegitimidade , e não sabemos que o pay , e avós do seu a houvessem. III Contra a terceira he que diz bem , se todos os Oppositores foraõ filhos do mesmo pay , assim como eraõ netos do  
mesmo

mesmo avô ; porque então o mais velho seria o Morgado , Principe , e legitimo herdeiro : mas sendo filhos de diferentes pays , como eraõ , devia-se o direito só áquelle , cujo pay o tinha á Coroa : e como os pays da Senhora Dona Catharina , e D. Philippe , por onde lhes vinha a successão , eraõ de huma parte varaõ , e da outra femea , claro está , que o varaõ havia ter o primeiro lugar : e este era o Infante D. Duarte , pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira , por se achar em melhor linha , que Philippe , filho da Emperatriz Dona Isabel irmãa do Infante D. Duarte. Quatro cousas se consideraõ aqui , linha , sexo , idade , e gráo : e no primeiro lugar se busca a melhor linha , e só quem nella prevalece , prevalecerá na causa , ainda que seja inferior ao outro pertendente no sexo , idade , e gráo : e sempre a linha , que procede de varaõ , he melhor , que a que procede de femea.

IV Reposta contra a quarta razaõ. Admittimos o argumento contra os outros Oppositores , e negamo-lo contra a Senhora Dona Catharina por razaõ da melhor linha , em que se achava , com que vencia a Philippe , como fica explicado na reposta proxima contra a terceira razaõ. V Contra a quinta. Quer ElRey Philippe hum

hum Santo para si , e outro para a outra gente , admittindo a representação para os vassallos , e negando-a para os Reys: se admitte, que se governaõ melhor aquelles com ella, deve admittir, que se governaráõ mal os Reys , se a não admittirem em suas successoens : e assim he , que por fugirem esta calumnia , a admittem quasi todos os Reys , e Estados da Europa , e até os mesmos Reys : e bastava terem-na admittido em Portugal ElRey D. Affonso I. nas Cortes de Lamego anno de 1141. e confirmada por ElRey D. João I. no seu testamento anno de 1436. e Affonso V. no anno de 1476. approvando-o os tres estados , todos sem paixãõ , nem occasiãõ de controversia, que lhes pudesse perturbar a razaõ; e sendo assim ley praticada neste Reyno , deve admittila Filippe, em que lhe pez. E porque este ponto da representação he o Achilles desta demanda , convém que o expliquemos , para melhor intelligencia della. Representação he hum beneficio inventado pela ley , que por elle ordenou nas heranças , que se differem ab intestado , que os filhos entrem no lugar de seus pays defuntos , e representem suas pessoas succedendo em todo o direito , que elles houveraõ de ter , se vivos foraõ. Esta Representação na linha direita de ascendentes

dentes não tem limite : e nas transversais sómente se concede aos filhos , ou filhas dos irmãos , ou irmãs do defunto , de cuja successão se trata : e assim ficam excluídos os mais parentes collaterais , que se acharem fóra deste segundo gráo , porque não se estende a elles a representação. E conforme a isto fica claro o direito da Senhora Dona Catharina , que he melhor , que o de Philippe ; porque representa varaõ , que houvera de ser Rey , se fora vivo ; e elle representa femea , que não havia de entrar na Coroa , com ser mais velha , ainda que vivera. Antes digo mais , que dado que fora viva a Senhora Dona Isabel , e morto o Infante D. Duarte , ainda a Senhora Dona Catharina tinha mais direito ao Reyno , que sua tia , por representar a seu pay , que a vencia no sexo , e havia de entrar na herança diante de sua irmã : e he a razão , porque Fernando Rey de Napoles julgou o Reyno a sua neta de seu filho mais velho defunto , excluindo outros filhos mais moços : e Philippe Rey de Inglaterra deu sentença pela sobrinha do Duque de Bretanha , filha de seu irmão mais velho , excluindo os varoens mais moços irmãos do mesmo Duque. E não temos necessidade de exemplos forasteiros , quando temos em casa o nosso Rey D. Manoel ,

com

com quem se oppoz o Emperador Maximiliano , estando ambos em igual gráo , e este mais velho , mas em linha inferior por femea , e D. Manoel por varaõ , que representava ; e julgou-se , que porisso prevalecia ao Emperador.

VI Os Doutores Castelhanos defendém o contrario admittindo a representação entre primos : e a razão o mostra ; porque o sobrinho , que excluia a seu tio , ou tia , por representação de melhor gráo , ou melhor sexo , muito melhor excluirá a seus primos filhos do tal tio , pois são já mais remotos , e não pôdem representar couza , que a outro não tenha já vencido. Ao exemplo se diz , que não deixou a Infanta Dona Violante de herdar , por não se admittir á representação no caso , senão por ser inhabil por ley particular , que ElRey D. Pedro seu avô fez em Aragaõ , com que inhabilitou as femeas , para poderem herdar aquella Coroa. E a ley de Carlos V. procedeo sômente nas terras sujeitas ao Imperio , ao qual não he sujeito Portugal ; e ainda que em outras partes se pratique a opinião de Azam , como em Franca , que por costume antigo não admite representação nos collaterais em caso algum ; não em Portugal , onde seguimos o contrario com o direito cõmum ,  
e opi-

ẽ opinioens de Acurfio , e Bartholo : donde se vem a concluir , que o beneficio da Representação ha lugar na successão destes Reynos , quando os sobrinhos pertendem succeder a ElRey seu tio irmão de seus pays , sem haver outro Irmão do mesmo Rey , que concorra com elles.

VII Não he necessario que o pay possuisse, o que se pertende herdar por via da Representação ; porque aqui não se leva a herança por transmissão , em que não pôde o pay fazer bom ao filho , o que não possuhio : e que no nosso caso não entre a herança do Reyno por transmissão , mostra-se ; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de seu avô , a qual não ha duvida , que lhe pertence : e assim entra o tal por virtude da Representação , que o poem em lugar do pay ao tempo da successão.

VIII O exemplo de D. Affonso não vem a proposito ; porque além de ser illigítimo , se lhe negou a Representação , não porque ella se não use em Portugal , senão porque estava fóra do gráo , a que se concede , pois não era irmão , nem filho de Irmão delRey D. Joáo , mas filho de seu primo , com que ficava já no terceiro gráo , em que se não admite representação nas linhas transverfais ; e assim lhe foy preferido D.

Manoel,

Manoel, por se achar hum gráo mais chegado. IX. Concedemos, que não ha representação na herança dos mórgados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geração; porque não procede *Jure hæreditario*, mas *ex concessione Dominica*, que os póde dár a quem quizea: e os Póvos deraõ aos primeiros Reys o poder Real, e á sua geração, para que os possuíssem, e se deferissem como herança sua a seus descendentes: e assim o sente o mesmo Bartholo. E no que diz que na successão dos Reynos feudais não ha lugar a representação, he communmente reprovado; além de que o Reyno de Portugal não he feudal, nem pódem militar nelle as razões das concessões dominicas; como em seu lugar mostrarey logo na resposta da razão X.

X Os documentos, e Ordenações, que allega, não se entendem assim. O primeiro lugar da Ordenação, que aponta, procede nos bens da Coroa, que são havidos por concessão dominica do Rey; e conforme a Ley Mental, porque se deo ordem de succeder nos bens da Coroa, não se diferem *Jure hæreditario*. Donde El-Rey D. João I. que foy o Author da Ley Mental, porisso lhe negou a representação. E tratando-depois em seu testamento da successão destes

Rey-

Reynos, declarou, que havia lugar a representação ; porque procediaõ *Jure hereditario*, e não *Ex concessione dominica*. Ao exemplo do Rey de Castella D. Affonso o Sabio se diz, que foy julgada aquella acção até em Espanha por injusta ; tanto que permittio Deos lhe tirasse á Coroa o segundo filho, que elle fez jurar em odio do neto. E as Leys de Castella dispoem, que morrendo o filho mayor, antes que herde, deixando filho, ou filha, vá a estes a herança, e não ao tio irmão de seu pay, e ha muitos exemplos. A segunda Ordenação prova sómente não haver representação nos prazos de nomeação, em que o foreiro *Ex concessione dominica* os póde deixar a quem quizer sem respeito a herdeiro, que succede *abintestado*, e não prova nada no que vay por herança. XI. Concedemos tudo, e negamos só a consequencia, que nada colhe de ser a herança dos Reynos materia exorbitante, e calificada: pois com isso está, que he verdadeira herança, e como tal se comprehende sem extensaõ alguma nos casos, em que o Direito concede este beneficio da representação. XII. Não admittimos o Direito do sangue, que allega ; porque o Direito dos Reynos, e suas possessoens procedeo do antigo Direito das gentes, segundo o qual tudo se

se deferia como herança, sem se conhecerem outros modos de successões, que por Leys mais novas foraõ inventados. Isto he doutrina commua dos Doutores, e praticada em Hespanha pelos Reys de Castella D. Fernando, D. Alonfo o VI. e D. Alonfo VIII. D. Jaime Rey de Aragaõ o Conquistador, que dividio os Reynos entre seus filhos, D. Alonfo o Sabio, e D. Henrique III. de Castella; aquelle desherdando seu filho, e este pondo-lhe gravames: e em Portugal o declarãõ as Bullas dos Summos Pontifices de sua fundaçãõ, assentos de Cortes do Rey D. Joãõ o I. e testamento del Rey D. Affonso V. onde tudo se leva por herança verdadeira, que admite Representaçãõ, como temos moltrado.

XIII O beneficio da representaçãõ está concedido na linha collateral da mesma maneira, que na dos descendentes: na dos descendentes he certo nestes Reynos, que succedem as femeas a seus pays com a prerogativa de varaõ; de modo, que se o pay, por ser varaõ, havia de excluir outras pessoas, exclua a filha as mesmas, como tios, primos &c. Prova-se esta representaçãõ dos descendentes em Portugal pela carta patente del Rey D. Affonso V. em que ordena lhe succeda o filho, ou filha do Principe seu primogenito, e  
naõ

naõ seus segundos filhos, o que tem força de Ley, e direito, por assim o declarar o mesmo Rey: e ha exemplos do mesmo em outras partes, que ficaõ apontados no fim da resposta da terceira razãõ. E que nos collateraes seja o mesmo, consta do texto *in Auth. de hered. §. si autem*. E da razãõ de equidade, em que as Leys se fundaõ, para conceder este beneficio aos descendentes, essa mesma tiveraõ para o concederem aos collateraes: e ha exemplos, como o em que o Rey Philippe de Inglaterra, por conselho de Letrados declarou, que o Ducado de Bertanha pertencia á sobrinha filha do Irmaõ mais velho do Duque defunto, contra outro irmaõ do mesmo Duque: e ha Leys, como a Ley quarenta do Touro em Hespanha, que diz: *Siempre el hijo, y sus descendientes legitimos por su orden representen las personas de sus padres*: & Molina lib. 3. c. 7. resolve que a dita Ley procede na successãõ dos Reynos, como na dos Morgados. Nem he deformidade, nem impossivel, que a fema represente sexo de varaõ; porque mais difficultoso he fazer, que hum filho tenha a idade de seu pay, que huma filha alcançar o sexo masculino; porque a natureza faz muitas vezes das fêmeas machos, e naõ pôde fazer, que o filho iguale a seu pay na idade, e

com tudo o Direito poem o filho diante do tio mais velho, só porque representa a seu pay mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer o que he menos, que a femea represente varaõ.

XIV O que diz o Direito, que femeas não entrem em officios, nem jurisdicoens, entende-se, onde se não succeda *Jure hereditario*. Tambem os Ecclesiasticos não pódem haver dignidades seculares, e com tudo possuem as herdades, como se vio no neto Cardeal Rey. Nem as femeas são taõ destituidas, como as fazem, principalmente as bem criadas: e os bons Conselheiros supprem seus defeitos. E os Doutores da Universidade de Coimbra resolveraõ, que a Senhora Dona Catharina devia ser preferida a Philippe conforme as Leys do Reyno confirmadas por Innocencio IV. que fazem capazes, e habilitaõ as femeas para a successaõ destes Estados, e excluem aquellas, que casaõ fóra do Reyno; e porisso foy excluida a Senhora Dona Brittes, e não por ser femea, e tambem illigitima, e schismatica, e quebrar os contratos jurados, que ao tempo de seu casamento foraõ feitos: schismatica aqui quer dizer de humorCastelhano. XV. Se Philippe por ser Rey fora izento de Juizes na pertençaõ deste Reyno

Reyno , não o mandára notificar o Papa Gregorio XIII. pelo Cardeal Riario Legado , que não affrontasse o nome Catholico com se fazer Juiz , e parte , por parecer dos seus , que com ambição do favor , e temor de dezagrado o enganavao ; e se não queria Juizes Portuguezes , por considerar nelles alguma paixao , que elle lhe daria Juizes desentereçados , e incorruptos : e bastava deixar ElRey D. Henrique devoluta a Juizes a questao , que elle só podera resolver , para o Rey de Castella ser obrigado a estar pela sentença ; e não a declarou o Cardeal Rey , não porque tivesse alguma duvida na materia , mas por evitar a guerra , que já o Castelhana ameaçava : e não tinha duvida , porque quando ElRey D. Sebastiao foy a Africa , deixou feito testamento , em que nomeava o Cardeal D. Henrique por seu successor no primeiro lugar , e no segundo a Senhora Dona Catharina ; e não manifestou isto , por divertir a furia de Castella , que estava muito poderosa com vitorias , e Portugal muito debilitado com a perda da Africa , e peste. Fiado pois o Cardeal por tantos principios na justiça da Senhora Dona Catharina , por evitar discordias nomeou Juizes , e requereo ao Catholico : o qual tergiversandolhe a razão o constrangeo , e inti-

midou a que ou lhe julgasse a causa , ou a não decidisse : não conseguiu o primeiro alcançou o segundo , porque estava muito poderoso com riquezas , e armas. Morto o Rey Cardeal , ficou a Senhora Dona Catharina só ; e o Castelhana para se cõrar com o mundo , poz a causa em juizo , assegurando a bolada por todas as vias ; porque escolheo os Juizes que quiz , os quais em Aya-monte , territorio de Castella , com evidente nulidade deraõ a sentença de maneira , que sendo cinco , só tres se renderaõ á corrupção : e para dezasombrar a consciencia a todos , sumiraõ o testamento delRey D. Sebastiaõ ; e boa prova he que nunca appareceo ; e tambem he certo , que dizem , e se creve , que levarãõ para Castella o livro do Porco epim , que se guardava no Cartorio da Camera de Lisboa , em que estava o direito da successãõ deste Reyno com as Cortes de Lamego , em que se decretava , que não entrassem nesta Coroa Reys estranhos. Feitas estas diligencias , entrou em Portugal com hum exercito a tomar a posse como inimigo. Do dito se colhe , que não repugnou a ser julgado , nem lhe eraõ suspeitos os Juizes , pois os escolheo , e fiou delles tudo : e dizer que nenhuma duvida tinha , he falso , porque se a não tivera , não mandara visitar

a Senhora Dona Catharina pelo Duque de Osuna com recados dobrados, que se a achasse acclamada, lhe desse o parabem; e se por acclamar, o pezame da morte de seu tio o Cardeal Rey; e a requereffe para ser julgada a causa da pertençaõ do Reyno, que ambos tinhaõ. Nem pedira a Pedro Barboza, Doutor celebre em aquelles tempos, que escrevesse sobre o direito, que por varação tinha a esta successaõ; o qual lhe respondeo, que não tinha razoens na pertençaõ da Coroa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e porisso escreveu ao Duque de Gandia huma carta; em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de sua prima. E picado deste escrupulo deteve o Duque de Barcellos em Castella depois de resgatado, apoderando-se delle, pelo que temia de seu direito: dilatou-lhe tambem o resgate com côr de o fazer de graça a titulo de parente, para que cá não o declarassem por Principe, vendo que difficultariaõ sua vinda com os Mouros, que pediriaõ por elle os lugares, que temos em Africa. Confirma-se mais o escrupulo de Philippe com os partidos, que cometteo á Senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras, que foraõ do Infanteado, e franqueza para mandar todos os annos

humã não á India por sua conta. E finalmente porque vio, que não tinha bom partido, se puzera a questaõ nos Juizes, que convinha, sem se lembrar que ninguem he bom Juiz em causa propria, se fez Juiz, parte, e arbitro, usando de violencia, com que tudo ficou nullo conforme as leys, de que sempre fogio.

XVI He verdade, que tres Juizes deraõ sentença por Philippe com as nullidades, que ficão dittas; e além dessas outra muito essencial, que não acha escrita; e devia de escapar a todos os Autores, que trataraõ esta materia com serem muito diligentes: e não me admiro, porque com mayor diligencia sumio Castella todos os papeis, que podiaõ encontrar sua pertençaõ; mas dous vieraõ á minha maõ ha poucos dias por hum caso estranho, andando eu com este ponto na forja: e tendo o Principe nosso Senhor noticia, como estavaõ na minha maõ, mos mandou pedir pelo Conde Regedor, e me consta, que os estimou, e mandou guardar: hum he o Regimento, com que ElRey D. Henrique de parecer, e aprazimento dos tres Estados, mandou se fizesse a junta; e declara quando, como, onde, e que haviaõ de ser onze Juizes, e esses letrados nomeados por elle, e escolhidos pelos Estados. Outro  
papel

papel contêm outro Regimento del Rey Philippe para fazer este Reyno todo de seu humor por via dos Prelados, Prégadores, Confessores; e porque contêm violencias notaveis, farey menção dellas adiante no seu lugar no fim da decima razaõ do manifesto da Senhora Dona Catharina. O Regimento do Cardeal Rey he feito pelo Secretario Lopo Soares em Lisboa a 12. de Junho de 1579. todo da sua letra bem conhecida, e firmado por ElRey, e sellado com o sello grande das armas Reaes. E nelle mandava se fizesse a junta em Lisboa no mosteiro de S. Vicente de fóra, por ser mais retirado, e observante na clausura; e que delle não sahisses, nem communicassem com pessoa alguma, senão depois da causa julgada, e que teriaõ vinte e cinco alabardeiros de guarda: e os obrigava a que antes de entrarem na junta, se confessassem, e Comungassem na Sé, e na Capella mór della fizessem juramento de inteireza diante do Cabido, Camera, Procuradores, Prelados, Titulos &c. e nada disto se fez: bem se vê logo que a sentença, que Philippe houve de tres Juizes, foy defectuoza, subreticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII Ainda que Castella tivesse opiniaõ provavel nos seus Doutores, mais provavel era a que

estava pela Senhora Dona Catharina, e assim tirava toda a duvida, que se não podia tirar com armas, quando as couzas se tinhaõ posto por consentimento das partes em juizo contraditorio com Juizes escolhidos, e louvados, e estavaõ lite pendente, e Philippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeo até os desfazer, e diminuir. E he opiniaõ de innumeraveis Authores Castelhanos, como Vasquez, Molina, Sanches, Suares, Filiusio, Bonacina, e outros, que allegaõ; que se não pôde tomar por armas o Reyno, em que ha opiniaõ. *Quod si unus* [conclue Suares disp. 13. de Bello, sect. 6. n. 4.] *tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoc ipso injuriam alteri faceret, quam posset juste repetere, & eo titulo justi belli rem totam occupare.* E o juramento do Reyno nas Cortes do Castelhana foy irrito; porque em damno da Republica, e da Senhora Dona Catharina, e seus descendentes: e porque faltou o consentimento do Reyno livre, que foy extorto por medo do Exercito, com que cá entrou. Nem obsta o não reclamar; porque nunca houve lugar disso até o dia da Acclamação, que foy antes dos cem annos, que se requeriaõ para a prescripção de boa fé sem contradicção, e elles bem má fé tinhaõ; e bem reclamou o Senhor D. Theodosio  
 com

com seus filhos , cuja retractação se mostrou por escrito. E ainda que o juramento fora muito voluntario , ficava o Reyno desobrigado de o guardar , tanto que os Reys de Castella não guardarão os que fizeraõ a Portugal , ajuntando , que queriaõ perder o Reyno , se assim o não cumprissem.

XVIII Ao que diz do braço , que se fortificava com Portugal em Castella para defender a Igreja , respondemos , que se for o braço , qual o de seu pay , que deu sacro a Roma , que ficará bem fortificada a Igreja , e que favoreceo tanto Castella a de Portugal , que em sessenta annos que o dominou , não sabemos que lhe levantasse huma , nem que lhe desse sequer hum Calix. E se alguns politicos cuidavaõ , que melhoraria Portugal de forças contra inimigos , não foy assim ; e a experiencia mostrou o contrario ; porque Portugal conservava-se com a paz , que tinha com todos os Principes ; e Castella com guerra , que mantem a todos : donde perdemos os Comercios , que nos enriqueciaõ , e ganhamos guerras com todas as naçoens , que nos destruhiaõ : e para que nem desta destruição nos podessemos livrar , tiravamos Castella as forças levandonos nossas armas , thesouros , e soldados , para se servir de tudo

do em suas guerras, e conquistas, defamparando totalmente as nossas.

XIX Finalmente ao que diz da prescripção, e posse, respondemos, que a não póde haver em Reynos; e he de todos os Doutores, que não se póde dár em nenhuma materia sem boa fé, titulo, e consentimento das partes tacito, ou expresso. Não foy boa fé a de Philippe, pois com sentença nulla, e armado com exercito tomou a posse: nem houve consentimento da Real Caza de Bragança, pois consta, que reclamaraõ os Duques Dom Theodosio, e seu filho ao juramento, em que não foraõ perjuros, porque o fizeraõ forçados sem intençaõ de o cumprirem; além de que he do Direito, que quem com armas invade a posse, a perde com toda a causa: Donde dado, e não concedido, que Philippe tivesse algum direito, todo o perdeo pela violencia. E não merece nome de Tirano, quem toma o que he seu: *Et habet jus in re*: antes merece titulo de Principe moderado; porque offerecendo-lhe muitas occasioens de se restituir, dissimulou, esperando conjunção de o fazer com sócego, e sem damno de seus póvos: os quais hoje governa, conserva, e defende muito melhor que Philippe; porque nasce, e vive entre seus vassallos,

los, falla a sua lingua, conheceos de nome, ba-  
fejaos como Senhor, defendeos como Rey, cas-  
tigaos como pay, aumentaos como poderoso,  
sem lhes tomar as fazendas, como fazem Reys,  
que daõ em ladroens.

\*\*\*\*\*

*Manifesto do Direito da Senhora Dona Catharina  
ao Reyno de Portugal contra D. Philippe.*

**A**S repostas da Senhora Dona Catharina, que  
demos contra as razoens delRey Philippe,  
bastavaõ por manifesto de sua justiça: mas he-  
raõ manifesto o seu direito, que por mais razo-  
ens, que demos, sempre ha mais razoens que  
dár: e para entendermos bem as mais fundamen-  
taes, que aqui se seguem, devemos presuppôr,  
que a successão delRey D. João III. filho primo-  
genito delRey D. Manoel, acabou em ElRey D.  
Sebastião seu neto; e tornando aos filhos do mes-  
mo Rey D. Manoel, não achou varão vivo, mais  
que o Cardeal D. Henrique, o qual morrendo  
sem successão, e sem irmão, ou irmãa, a quem  
deixasse o Reyno, necessariamente havia de ir a  
hum de muitos sobrinhos seus, e netos de seu pay.

Viviaõ entaõ quatro , tres delles varoens , e huma femca , filhos de dous Infantes , e de duas Infantas : e pela antiguidade das Proles eraõ Philippe Prudentè , filho da Infanta Dona Isabel , Philiberto filho da Infanta Dona Brites , D. Antonio filho do Infante D. Luiz , e a Senhora Dona Catharina , filha do Infante D. Duarte. Rainuncio tambem oppositor já era bisneto na linha do Infante D. Duarte ; mas não se fez caso da sua opposição , por ser defunta sua mãy , que a devera fazer , e por não constituir linha diferente da em que se achava a Senhora Dona Catharina , em melhor gráo que elle. E se nesta materia se atentára só para a linha masculina , o Senhor D. Antonio ficava de melhor partido , por ser varaõ , e filho de Infante ; mas foy excusõ por illigitimo , e indispensado , porque a dispensação só seria licita em defeito de oppositor legitimo : e logo se seguia a Senhora Dona Maria , por ser filha de varaõ , e mais velha , que a Senhora Dona Catharina sua irmãa : mas excluiraõ-na , por defunta , e a seu filho , que era o Senhor Rainuncio Principe de Parma , por estrangeiro , e por ficar fora do gráo , em que se admite representação ; e principalmente por não constituir linha em opposição com a Senhora D. Catharina , que ficava com a

Senhora

Senhora Dona Maria na mesma linha do Infante D. Duarte pay de ambas. Seguiase logo a Senhora Dona Catharina, que era viva, e filha de varão: mas esbulhõa do Direito com violencia notoria, e não a deixou tomar posse ElRey D. Philippe dando por razão, que era varão, ainda que filho de Infanta, e que estava em igual grão com ella: e acrescenta estas palavras, que tenho escritas da sua letra no papel, de que adiante farey menção: *Que para entrar en estos Reynos nó tenia necesidad de aguardar sentencia de nadie, por ser el proximo successor en el Reyno, y nó reconociente superior en lo temporal; que saneada, y satisfecha su conciencia de su justicia, pudo ocupar la possession por su sola authoridad, conforme a Derecho; y que ya es cosa esta, de que nó se sufre disputar, sinó tenerlo por ley; y verdad manifiesta, despues que los tres Estados del Reyno le tienen jurado en Cortes Generales por su Rey, y Senhor natural, como lo hizieron en Tomar.* Mas do que temos ditto, e diremos, se colhe claramente, quaõ pouco fundamento tem, e quaõ fofisticas são estas razoens de Philippe, que na verdade se seguia logo depois da Senhora Dona Catharina, excluindo o Principe de Piamonte, e Duque de Saboya, por ser filho da Senhora Dona Isabel mais velha que a

Senhora

Senhora Dona Brites mãy do Piamonte Saboyano. Posto isto : por muitas razoens tomou o neto da Senhora Dona Catharina o Reyno de Portugal a Filippe com muita justiça : e nem por serem muitas, fazem melhor causa. O ponto está em serem boas : e então huma até duas bastão , e tres sobejão. As melhores neste caso se reduzem a quatro , que são Linha , Patria , Representação , Acclamação ; e porque destas nascem outras , direy todas por sua ordem , e são as seguintes.

*Razoens da Senhora Dona Catharina contra Filippe.*

I **R**Azaõ, porque este Reyno era devido ao neto, ou neta delRey D. Manoel, que se achalle em melhor linha : e então só a Senhora Dona Catharina o estava, como filha legitima do Infante D. Duarte, que houvera de ser Rey, se vivera com a Infanta Dona Isabel mãy de Filippe, e preceder-lhe por varaõ, ainda que ella fosse mais velha. II Razaõ, porque as leys de Portugal prohibiraõ passar a Coroa a estranhos ( como já dissemos, ou provamos das Cortes de Lamego ) e então só a Senhora Dona Catharina  
era

era natural deste Reyno. E que esta ley seja justa , prova-se da ley natural , porque não ha cousa mais natural , que governarem-se as cômunidades por seus naturais , que lhes sabem os costumes , e inclinaçoens : Da ley Divina ; porque no Deutoronomio mandava Deos ao seu povo , que não admitisse Rey estrangeiro : *Constitues Regem , quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum ; non poteris alterius gentis hominem Regem facere , qui non sit frater tuus.* Deut. 17. Das letras humanas : os Garçoens diziaõ , que não estavaõ obrigados a obedecer a ElRey de Inglaterra , senão quando assistia entre elles. Sandoval na historia dos Reys de Castella diz de Affonso o VI. que elle não casaria suas filhas com Estrangeiros , se foubra , que não havia de ter filhos ; e de seu neto filho de D. Ramon fazia pouco caso , por ser filho de Estrangeiro : e não levava em paciencia , que faltasse em Castella a successão Real. O nosso Rey D. Affonso Henriques assentou com os Estados , e pòvos , que na Coroa de Portugal não succedesse Estrangeiro , nem se admitisse a ella filho de filha , que casasse fóra do Reyno ; e em tempo delRey D. Affonso V. não quizerão os tres Estados , que fosse sua tutora a Rainha Dona Leonor sua mãy , por ser Arago-  
neza :

neza : e ElRey D. Joaõ III. teve feita ley para estes Reynos , em que não só excluyra os Estrangeiros , mas tambem as fêmeas filhas dos Reys destes Reynos , por tirar as duvidas pertendendo algum Rey Estrangeiro , ou outro casado no Reyno , succeder nelle ; mas a Rainha Dona Catharina a efforvou pelo amor que tinha a Castella , estando para se promulgar. A este ponto tirão as leys deste Reyno , que prohibem terem officios publicos Estrangeiros , e porisso ElRey Philippe jurou que os não daria senão a Portuguezes : e podiaõ os Reys Portuguezes fazer estas leys neste Reyno , não só por serem confôrmes á ley natural , e divina , em semelhante caso , senão tambem , porque as punhaõ em cousa propria , que podiaõ dispôr com as condiçoens , que quisessem ; porque ganharaõ á força do seu braço , e custa de seu sangue Portugal aos Mouros , que injustamente o possuhiaõ , e assim como em bens proprios lhe puêraõ as condiçoens , que se lêem nas Cortes de Lamego.

III. Porque só dispensando-se com a ley , que prohibia estranhos , podia ser admittido ElRey Philippe , a qual nunca se tinha dispensado : e havendo-se de entrar no Reyno com dispensação , mais direito tinha o Senhor D. Antonio para ser dispen-

dispensado , porque além de ser natural deste Reyno , era filho de Infante varão , e só necessitava de dispensação na illigitimidade , que já em ElRey D. Joáo o I. se tinha dado ; e a razão de ter por sua mãy sangue Hebreu , não estava prohibida , nem isso nos Reys avulta : donde de primo ad ultimum a Senhora Dona Catharina só devia entrar na successão desta Coroa , por não ter necessidade de dispensaçoes por neta legitima delRey D. Manoel , e Reyno. IV. Porque o beneficio da Representação ha lugar na successão destes Reynos , assim como por Direito commum está concedido nas heranças , que se diferem abintestado , e prova-se ; porque está geralmente induzido por Direito em todas as successoes hereditarias , porque o filho he huma mesma couza com seu pay : e estes Reynos são herança do ultimo Rey possuidor : logo bem se segue , que ha nelles lugar a Representação , assim como nas heranças , que se diferem abintestado. Confirma-se ; porque tambem se admite Representação nos Mórgados , e bens vinculados *jure sanguinis* , logo tambem nos Reynos , posto que fossem *jure sanguinis* ; porque foraõ instituidos pelos Póvos , em quem se não póde considerar , que tivessem mais amor ao filho ,

oũ irmão do Rey, por mais chegados, que ao neto, ou sobrinho, por mais remotos. Donde Molina lib. 3. c. 7. q. 1. n. 28. tendo, que a successão dos Reynos se difere *jure sanguinis*, admitte o beneficio da Representação. E a ley dispoem em Hespanha, que o neto será preferido ao filho segundo do Rey, e ha exemplos disto em Inglaterra, França, Hungria, Bretanha: e em Aragaõ fez ElRey D. Jaymes II. jurar por seu successor a D. Pedro seu neto, filho do Principe D. Affonso, sendo vivo o Infante D. Pedro seu filho segundo, e neste Reyno D. Joaõ o I. ordenou em seu testamento, que os filhos, e netos do Senhor D. Duarte seu primogenito precedessem ao Infante D. Pedro seu filho segundo, e ElRey D. Affonso V. ordenou o mesmo por sua carta patente, escrita aos Estados, acrescentando, que o filho, ou filha do Principe D. Joaõ seu primogenito, sendo legitimos, herdassem o Reyno, e não filho segundo seu. Posto isto, bem se infere que á Senhora Dona Catharina pertencia a Coroa deste Reyno, por representar a seu pay, que se vivera, havia de ser Rey diante da Senhora Dona Isabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ser femea.

V Daõ, que em Portugal não houvesse  
ley,

ley, nem ordenação expressa, que admitta representação na successão dos Reynos, ha com tudo ley, que o caso, que não estiver nas Ordenações d'elle decedido, seja julgado pelas leys imperiaes; e se nestas não estiver, pelas glosas de Acurcio; e se nestas não, por Bartholo, ou pela cômum opiniaõ dos Doutores. E o caso presente da maneira que o resolvemos, ainda que não está na Ordenação deste Reyno, colhe-se do direito Civil, e está determinado por Acurcio, Bartholo, e os Doutores, e admittido, e praticado em Portugal, e muitos outros Reynos, como mostrámos. VI Porque as femeas podem ser admittidas á successão dos Reynos de Portugal, e se prova, de que a successão destes Reynos se difere *jure hereditario*, como herança do Rey ultimo possuidor: e consta conforme a Direito, que as femeas por testamento, e abintestado são admittidas ás heranças hereditarias, assim pela ley das doze Taboas, como pelo Direito novo dos Emperadores, que se hoje guarda: e pois neste Reyno não ha ley, que as prohiba, claro está, que podem ser admittidas, assim como o são em todos os Reynos, e Estados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz Tiraquel. Tom. 1. e 10. á n. 4. e assim está

declarado em Portugal , e se colhe da doação feita ao Conde D. Henrique , e sua mulher Dona Therefa , que dizia : *para elle , e seus successores.* E conforme a Direito esta palavra ( *successores* ) admite tambem femeas , como a palavra ( *herdeiros* ) com a qual ElRey D. Affonso II. em seu testamento admite a sua filha Dona Leonor, para lhe succeder no Reyno : e do Reyno do Algarve se prova particularmente da doação delRey D. Affonso o Sabio de Castella a ElRey D. Affonso o III. Conde de Bolonha seu genro , para seus filhos, e filhas para sempre. Deites exemplos ha muitos , o melhor me parece o da carta , que ElRey D. Affonso V. escreveu aos Estados do Reyno , pela qual , quando entrou em Castella , determinou o modo , que se havia de guardar na successão destes Reynos , dizendo assim : *Se em algum tempo acontecer , o que Deos não mande , que o Principe , meu sobre todos muito amado , e prezado filho , faleça antes de meu passamento deste mundo , e delle fiquem filhos , ou filha legitimamente havidos , que aquelles , ou aquella herde os ditos meus Reynos de Portugal , e dos Algarves , e não outro algum meu filho , ou filha.* De tudo o dito se colhe , que as femeas em Portugal são habeis para herdarem esta coroa , e que a Senhora Dona Catharina

tharina

tharina não a podia perder por femea.

VII. Os Reynos herdaõ-se mais pelo direito hereditario , que pelo do fangue. Em Castella querem muitos que prevaleça o direito do fangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os Castelhanos pegaraõ do direito do fangue, para darem a Filippe o Reyno de Portugal : mas achando , que tambem por esta via tinha a Senhora Dona Catharina mais direito , pegaraõ do hereditario ; e parece que os moveo o verem , que possuhia Filippe Navarra , Leaõ , e Castella com direito só hereditario , e não ficava consoante occupar hum Reyno com direito contrario ao com que possuhia os outros. Donde se deve notar , que com o direito , que allegaraõ contra a Senhora Dona Catharina , perdiaõ os Reynos , que possuhiaõ : e em qualquer dos direitos ficavaõ de peor partido , e a Senhora Dona Catharina de melhor condiçaõ.

VIII. Direito do fangue he aquelle , que vem por instituiçaõ antiga , que dispoz fosse correndo a herança pelos parentes mais chegados em fangue ao Instituidor , como se vê nos Mórgados. Direito hereditario he aquelle , que sem attentar para as tais instituiçoens , dá a fa-

zenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De maneira que no direito do sangue succede ao primeiro Instituidor, e no hereditario ao ultimo possuidor ; e se bem attentarmos em ambos estes direitos, estava a Senhora Dona Catharina diante del Rey Filippe : no do sangue, por vir por linha masculina, que he preferida á feminina, por onde ella vinha ; e no hereditario, porque a instituição do nosso Reyno era, que se desse ao natural, como era a Senhora Dona Catharina, e não a Estrangeiro, como era Filippe. E prova-se da causa, porque elego Portugal o seu primeiro Rey natural, que foy, por se eximir do governo de Leão. E que este discurso, e opiniaõ esteja conforme a Direito, e razãõ, confirma Castella com semelhante caso, em que tirou a S. Luiz Rey de França a herança de sua Coroa, que lhe vinha por sua Mãe Dona Branca, filha mais velha do Rey Catholico, e a deo aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que assistiaõ em Castella:

IX. O Duque D. Joãõ, marido da Senhora Dona Catharina, era descendente por linha masculina do primeiro Rey de Portugal D. Affonso Henriques: e he certo, que quando de alguma herança he excluida a fema a favor de Varaõ, não

naõ tem isto lugar, quando ella he casada com agnado da mesma familia. Donde tambem por esta cabeça de successão hereditaria vinha o Reyno á Senhora Dona Catharina, e só podia haver duvida entre o Duque D. Joaõ, e a Senhora Dona Catharina sua mulher, por terem ambos o direito do sangue, e serem agnados, e prece-dello ella em ser mais chegada ao ultimo possuidor, e elle a ella, em ser varaõ: mas toda a duvida se solta no filho, que de ambos nasceo, o Senhor D. Theodosio, no qual se ajuntaraõ ambas as razoes, que se cõmunicaraõ a seu neto ElRey D. Joaõ o IV. o qual fundado nellas tomou posse pacifica do Reyno, que por pays, e avós lhe vinha directamente. X. Faz muito pelo direito da Senhora Dona Catharina a força, e violencia, com que ElRey Filippe invadio este Reyno, e tomou posse delle; e já mostrámos, que a força em causas juridicas tira o direito, a quem a faz: e esta se prova em Filippe, porque mandou declarar por rebeldes, e traidores com privação de vida, e fazenda a todos, os que com opiniaõ mais que provavel trataraõ da defen-são de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem prometido fidelidade: e por este principio deo garrote secreto a immensos Religiosos, que man-

dou lançar no mar com pedras aos peçoços. E que fosse injusta , ou tyranica esta violencia , mostrou-o o Ceo negando por muito tempo o peixe aos pescadores, que foraõ ao Arcebispo D. Jorge de Almeida queixar-se , que estava o mar excõ-mungado , porque lançando muitas vezes as redes nelle , em lugar de peixes tiravaõ muitos corpos de Frades. E foy assim , que mandando o Arcebispo absolver o mar com as ceremonias da Igreja , começou a dar pescado , e cessou a maldiçaõ , que melhor abrangeria a quem tal justiça executou. Mais fez para violentar não sõ os corpos , senão tambem as almas , que mandou a todos os Prélados Ecclesiasticos deste Reyno , que revogassẽ logo todas as licenças a todos , quantos houvesse approvados para confessar , e prégar ; e que as não concedessẽ de novo , senão aos que fõssẽ conhecidos por de humor castelhano ; e que puzessẽ censuras reservadas , de que com nenhuma bulla se podessẽ absolver , os que de palavra ou por escrito significassẽ opiniaõ contraria á de Philippe. E disto tenho na minha mão hum papel , ou Regimento , que já atraz toquey , digno de se imprimir pelas muitas couzas desproporcionadas , que contém , e por ser da mão , e letra delRey

Filippe

Filippe o Prudente , que nestes pontos mostrou, que o não era muito ; pois mandava aos Prélados inferiores ao Papa , que revogassem os poderes das Bullas , e as licenças , que só os summos Pontifices pódem tirar : mas como a pertençaõ principal era nulla , não ha que espantar , de que os meynos para ella fossem nullidades.

XI. É porque de hum absurdo se seguem muitos , como diz o Filosofo ; deste da força , e violencia se seguirão tantas injustiças , em que logo se despenhou Castella , que menos bastavaõ para lhe tirar o direito , dado , e não concedido , que algum tivesse , e para corroborar o da Senhora Dona Catharina , ainda que fosse fraco. Vinte e quatro Capitulos cheos de promessas , que Philippe jurou a este Reyno , quasi todos se quebraraõ , tendo no fim delles , que sendo caso , o que Deos não permitisse , nem se esperava , que o Serenissimo Rey D. Philippe , ou seus Successores não guardassem a tal concordia , ou pedissem relaxação do juramento , os tres Estados destes Reynos não seriaõ obrigados a estar pela dita concordia , e lhe poderiaõ negar livremente a fugeição , e vassallagem , e que lhe não obedecessem , sem porisso incorrerem em perjuro , crime *lesæ Majestatis* , nem outro máo caso algum.

algum. XII. Admittindo nós as injustiças allegadas em commum , que logo mostraremos em particular ; e dado , e não concedido , que a Real Casa de Bragança não tivesse a este Reyno o direito , que temos mostrado , estava o Serenissimo Duque neto da Senhora Dona Catharina obrigado a tratar do bem deste Reyno , por ser natural , e o mayor Senhor delle. Do bem da Republica póde tratar qualquer do povo procurando seu augmento , e segurança : he ley certa deste Reyno , por ser opiniaõ de Bartholo , que não tem nisto , quem o contradiga. He tambem certo em Direito , que quando hum Reyno está affogado , e opprimido com injustiças , tyrantias , e infolencias do Rey , que o possue , e de seus Ministros , que o Rey mais visinho he o seu protector , e a quem toca , e compete acudir-lhe : e com mais razão os Senhores Duques de Bragança Condestaveis deste Reyno , descendentes dos nossos Reys , podião tomar a sua conta a liberdade da Patria , de seus parentes , e criados. Esta doutrina admittem até os Castelhanos , e he de todos.

XIII. Está hoje ElRey D. Joaõ o IV. em posse de boa fé ; porque dado , que houvesse duvida no direito , ou violencia enterposta de  
huma

humã das partes , a resolução pertencia ao Povo , que pôde eleger por Acclamação , como elegeo o neto da Senhora Dona Catharina , usando de hum quasi postliminio no direito de eleger , que teve radicado do principio , e depois o transferio hereditario nos Reys ; assim Portugal decidio a sentença , que o Cardeal Rey não deo , e que o Castelhana nullamente fulminou. XIV. Sobre este fundamento da Acclamação voluntaria tiveraõ outro os Portuguezes não menos forçozo , para renderem obediencia aos descendentes da Senhora Dona Catharina , e facudirem o jugo de Castella , e foy o das injustiças , com que esta os governava : e prova-se ser bom em toda Europa ; em Castella com o Rey D. Pedro , em França com Gilperico , em Suecia com Christierno , em Dinamarca com Herico , em Portugal com D. Sancho Capello , que foy excluido do governo por sua froxidaõ , e teve a seu irmaõ o Conde de Bolonha por seu substituto : com este titulo se livraraõ os Hollandezes , e se livraõ os Catellaens , se levantou Napoles , se amotinou Cecilia , e Portugal declarou por seu Rey , a quem por direito o era , para o governar , como natural sem tyrantias.

*Reposta del Rey Filippe contra as razoens da  
Senhora Dona Catharina com seu  
dezengano.*

I. **R**eposta contra a primeira razaõ. Terrible caso ( diz Filippe ) que quiten los Portuguezes un Rey Catholico , y tan buen Christiano como ellos , de su silla , y que se jacten , lo hazen con rason , colgandola de una linea , y que arrastren con ella mi potencia , y mi derecho tan bien fundado en igual grado con mi prima , quien devia yo preceder por Varon , y mas viejo que ella ! Mas esta reposta se destaz , como nevoa á vista do Sol , com a ley , e razaõ da Representaçãõ , que ja discutimos. II. Contra a segunda. Admita , que podia Portugal lazer ley , que Estrangeros nõ le heredassen : mas niego , que la hizo , y lo pruebo con exemplo de la Reyna de Castilla Doña Beatris , hija unica del Rey de Portugal D. Hernando , la qual por muerte de su padre fue jurada en Portugal por Reyna , y Señora suya ; y confirmase con el Rey D. Manuel , quando heredo los Reynos , y Estados de Castilla en nombre de su hijo D. Miguel : y siendo poderosos para defenderse lo recibieron amorosamente , nõ obstante ser Estrangero , y quando despues los heredó el Archi-Duque de Austria , aunque era Aleman ,

*Aleman* , hizieron lo mismo : y que de la misma manera deve Portugal ser unido a Castilla. Mas estas repostas , e instancias tem facil resolução ; porque a certeza da ley consta muito bem a Castilla , que a sumio com as Cortes de Lamego , como fica dito : e a nós basta-nos a tradição por certeza , que se prova com muitos documentos. E a Rainha Dona Brites porisso a jurou Portugal ; porque era natural , e logo a repudiou , porque se fez Castelhana : e se Castilla admittia Estrangeiros , era , porque não tinha ley em contrario , como Portugal tem : e tambem , porque os fazia naturais com a assistencia continua ; e com esta faltou a Portugal não pondo nelle pé mais , que para o opprimir aggravando-lhe o jugo como estrangeiro , e porisso com muita razaõ o sacudio.

III. *Que nó tenia necesidad de dispensacion en esta ley , porque era Portuguez , hijo de Madre Portugueza , y se hizo Portuguez hablando la lengua de Portugal en sus Provisiones , y despachos , conservando las costumbres , y leys de los Portuguezes , con Palacio Real en su Reyno , y tribunales , prometiendole assistir en el el tiempo necesario para ser tenido , y avido por natural , y nó por extraño. Mas isto se bem o disse , mal o cumprio , porque nunca veyo a Portugal , mais que a tomar posse*

se armado como inimigo , metendo presidios Castelhanos em todas as forças do Reyno , e Ministros Castelhanos nos tribunais , armando a que todos fossemos Castelhanos ; porque só assim tratava de ser natural nosso : e para hum homem ser natural requer a ley deste Reyno , que seja nascido nelle , e que seu pay tenha nelle bens de raiz , e domicilio por dez annos continuos , e nada disto teve Philippe. IV. *Al punto de la Representacion negamos ficciones , y chimeras de Legistas , y tomamos posesion por la realidad.* Mas já fica deſenganado na reposta , que demos á razaõ quinta do seu Manifesto ; além dos exemplos , que na quarta razaõ da Senhora Dona Catharina de novo apontamos , que bem mostraõ , quam praticada foy sempre a Representaçãõ em todos os Reynos da Europa , e neste de Portugal muito particularmente , e estabelecida por ley.

V. *Que los Reyes , como Señores Soberanos , nõ son sujetos a las leyes , que se hazen para gobernar inferiores , y que las pueden derogar , quando resultaren en daño de la Corona , que es la primera cosa , que se pretende conservar con el derecho.* E diz muito bem em Reys tiranos , para os quais naõ ha ley mais , que a de sua vontade , conforme aquelle texto , que só elles guardaõ : *Sic volo , sic*

*sic Fubeo ; sic pro ratione voluntas.* Mas deverã advertir , que na opposiçaõ presente naõ fazia figura de Rey , ainda que o era , senã de filho da Senhora Dona Isabel , e como tal em figura de particular pertendia este Reyno , e naõ como filho do Emperador , por onde , ainda que era Rey , naõ lhe pertencia esta Coroa. VI. *Lo que toca , a que las hembras pueden ser admittidas a la successiõ de los Reynos de Portugal lo admite todo en las hembras de la linea recta , y que lo niega en las colaterales , aquien preceden los Varones , que se opponen en igual grado , y se prueva en Portugal de aquel Capitulo de las Cortes de Coimbra.* Mormente que de tal devido , como o dito D. Joã Henriquez havia com o dito D. Fernando , he da parte das mulheres , que segundo costume , e ley de Espanha , dos filhos a fóra naõ pôdem succeder em tal dignidade. Mas este argumento bem se vê que naõ vem a propósito ; porque se tomarmos o texto como soa , tambem a filha do ultimo possuidor naõ poderia herdãr o Reyno , contra o que temos provado , e Philippe admitte. Donde só se entende dos parentes collaterais , que naõ descem do Sangue Real dos nossos Reys , como naõ descia D. Joã Henriquez Rey de Castella , e porisso naõ devia succeder a El Rey D. Fernan-

Fernando, posto que fosse seu primo com irmão, porque este parentesco era por parte das mãys, que não desciaõ dos nossos Reys.

VII. *Que todos los Reynos tienen sus leyes, y derechos particulares, que en sus heredamientos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos Reynos por el derecho de la sangre, y otros por el hereditario.* Mas escusando nós agora esta questão, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com a veriguar, que assim em hum direito, como no outro, tinha a Senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razaõ do seu Manifesto. VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes Reynos: que Francia nó podia heredar Castilla, porque tiene estas leyes, y privilegios, que lo vedan: y Castilla podia heredar Portugal, porque nó avia impedimento de ley, que se lo estorvase.* Mas a isto já dissemos, que temos leyes, que não passe este Reyno a estranhos, e atraz na segunda razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina ficaõ apontadas: e se as nega Philippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França; e queremos, que nos valha neste caso, se foy bom o dilaõ, que entaõ usou contra França.

IX. *Yo lo heredé, yo lo compré, yo lo conquisté,*

quisté. Yo lo heredé; porque me lo resolvieron muchos Doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias: yo lo conquisté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquistado es, de quien lo heredó, compró, y conquistó: de la misma manera Portugal por todas las cabeças es mio, y nó de la Señora Catalina, que nó lo heredó, ni lo compró, ni lo conquistó, como yo. Diz bem que o herdou por dito de Doutores, que corrompeo com dádivas, e terrores. Mas não rendeo a opiniaõ do melhor de todos, como já tocámos no fim da resposta quinze ao seu Manifesto; e o mesmo Jurisconsulto referindose-lhe huma visãõ, que tivera huma pessoa louvada em virtude, que lhe mostrara Deos a alma de Philippe passando do Purgatorio para o Ceo, respondeo perguntando: Restituhio elle já Portugal á Senhora Dona Catharina? Pois em quanto lho não restituir, não creyo, que está no Ceo. E este he o direito, que adquirio pela herança, compra, e conquista que allega. Herdou, o que lhe não pertencia; comprou, a quem não era dono, que podesse vender; conquistou contra direito, e assim o ficou perdendo a tudo pelas mesmas tres cabeças, por onde jacta, que se fez Senhor. X.

*Al punto de la fuerça se dize, que vim vi repel-*

lere licet. *Que una fuerça grande no se deshaze finó con otra mayor.* E diz bem, que sentio grande força intrinseca no direito da Senhora Dona Catharina, porque força extrinseca não a havia nella: antes com paz, e socego se punha na razão, que Philippe não quiz admittir, nem ouvir; e porisso chamamos violencia á posse que tomou; com que na verdade perdeu todo o direito, que affectava.

XI *Que tal juramento de guardar capitulos, y perder el Reyno, sinó los guardasse, responde, que nunca lo hizo, ni se mostrará authenticó; y que lo prometido en las Cortes se cumpria, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen gobierno de las cosas, que nó pueden siempre mirar aun solo sin, que los Reyes pueden alterar para mejor gobierno, y mayor provecho de sus Estados.* E falla verdade em dizer, que não está authenticó o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581. porque o não deixou imprimir na carta patente de confirmação dos vinte e quatro capitulos. Tralla porém impressa em Madrid o Autor da Ley Regia de Portugal fol. a 29. E o certo he que não he mayor o poder nos Reys, para condenarem por traidores os vassallos, que no promettido, e jurado lhes faltarem; que

nos mesmos Póvos, para lhes negarem a obediencia, e os excluïrem, quando lhes faltaõ com a palavra dada, e quebrantaõ o juramento de sua promessa. Está nos Póvos a eleição, e creação de seus Reys, e nella contrataõ com elles haveremnos de administrar em sua conservação, e utilidade. Donde todas as vézes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ de os defender, e conservar, os pôdem remover, e negarlhes a obediencia, como Portugal fez a ElRey D. Philippe, depois de o admittir intruso, e violento. XII. Ridicula he a resposta, que Castella dá á XII razão da Senhora D. Catharina; porque consta de opprobrios: *Llamandonos rebellados, pre-juros, traidores, tyranos: y luego vendrá el Leon con sus garras invencibles a hazer justicia, y poner el derecho en su lugar y puncto, &c.* Mas bem claro fica do que temos discursado, a quem pertencem estas nomeadas, que mais se confirmaõ com as ameaças das novas violencias, que nos promete: e entre tanto nos consolemos com o que lá dizem em Castella: *Que del dicho al hecho vá gran trecho*: quanto mais, que onde as daõ: e não ha pé, que haõ ache forma de seu çapato.

XIII *Niega Phelipo estar el Pueblo en poses-  
sion*

*sion de elegir Reyes ; porque nó tenían mejor privilegio de elegir Rey en Portugal , que en los otros Reynos de Hespanha , los quales son de sucession , en quanto vive descendiente legitimo de la familia Real : y en esta parte tiene Portugal menor libertad , que los otros Reynos ; porque procede de donacion de los Reyes de Castilla , y de Conquista de los Reyes de Portugal : y como el Pueblo nó dio el Reyno , nó puede haver caso , em que sea possible elegir. Bem está : assim he. Mas nas duvidas não ha duvida , que tem o Povo direito para as decidir , quando não ha , quem as resolva limpamente , e se sente offendido : porque se haõ no tal caso os Reynos , como vagos , e reduzidos ao primeiro principio natural de sua instituiçãõ antes de terem Reys , em que os Póvos pódem eleger quem quizerem : e bem se prova , que os de Portugal nunca quizeraõ a ElRey Philippe , pois nunca lhe deiraõ hum viva , como notaõ até seus Chronistas , nem na mayor pojança do horrendo triunfo , com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as aclamaçoens de vivas , com que ElRey Dom Joãõ o IV. foy súblimado ao Trono , para dezengano do mundo todo , que sabe muito bem , que a concorde , e voluntaria aclamaçãõ dos Póvos he o melhor titulo , que ha para Reynar ;*

por-

porque assim se instituirão os Reynos, e fizeraõ os primeiros Reys. Donde havendo duvida entre herdeiros, e oppositores a huma Coroa, o melhor direito, que ha para as decidir, he a vontade do Povo, que primeiro fez os Reys.

XIV Finalmente responde Philippe, *Que nõ se pueden presumir tiranias de un Rey Catholico, ni injusticias de un Monarcha tan poderoso, que de nada necessita, para ajustarlo todo, dando medio con suavidad a lo violento, y salida facil a lo dudoso.* E diz bem, porque em duvida, de todos os Reys se hade presumir bem: mas quando as couzas são evidentes, não ha escuza, que as livre. A evidencia das injustiças, que Castella usou com Portugal sessenta annos, que o teve fugeito, mostrará o capitulo seguinte: e neste damos fim aos Manifestos de huma, e outra parte; em que ficaõ averiguadas, e bem manifestas as unhas de Portugal, e Castella; e bem curto de vista será, e bem cego de paixão, quem com a luz destas verdades não vir, que Portugal não tem unhas, e que Castella sempre as teve, e para este Reyno muito grandes.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XVII.

*Em que se resolve, que as unhas de Castella são as mais farpantes por injustiças.*

**D**O que temos dito fica affás claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Castella sempre usou dellas. E porque pôde haver, quem não alcance tantas razoens, assim porque sendo muitas confundem, como porque ha corujas, que não vem luz, poremos aqui huma demonstração tão clara, que todos a vejaõ até com os olhos fechados, e a entendaõ, ainda que estejaõ dormindo. Cesteiro, que faz hum cesto, fará cento. Diz o proverbio. E se isto he verdade, como he; mais o será, se dissermos: cesteiro, que faz hum cento de cestos, quero dizer de furtos, he mais que certo; e não he necessario para os provar, trazermos aqui Cetros, nem Co-roas, como a de Navarra, de que se intitula ainda Rey o Francez; nem Milaõ, que o mesmo appellida por seu: nem Napoles, sobre que fulmina o Papa, que lhe pertence: nem Castella, e Leaõ, sobre que reclamaõ hoje os Lacerdas em Medina

dina Cæli : nem Cicilia , que tem Senhor , que a não logra por falta de poder : nem Aragaõ , que lá tem no seu Limoneiro o direito , que o certifica da violencia que padece , nem os mais : que se com estes se forem para seus donos , ficará Philippe como a gralha de Hisopete. Não nos he necessario discorrermos por Reynos alheyos , dentro do nosso daremos pilhagens aos milhares , em que ensanguentou tanto suas unhas Castella , que bastaõ , para provar , que as tem muito grandes ; e que não repararia em levar este Reyno de hum golpe , sem ser seu , pois não reparou em o desbaliçar por partes , depois de o possuir com unhas tiranicas. Das injustiças nasce a tirania , não para estar ociosa , mas para obrar mais injustiças. E he assim que os Autores a dividem em duas , quando a definem. A primeira se dá , quando se occupa hum Reyno com violencia contra as leys. A segunda , quando o Rey o governa contra as mesmas Leys. A primeira manifesta fica nos dous Manifestos , e em suas repostas. A segunda se manifestará nas injustiças seguintes.

Quando Portugal passou para Castella , hia a perfeiçoando suas Conquistas com novos modos de tratos , que se descobriaõ ; hia se ampliando , e propagando nossa santa Fé. Tudo parou logo,

e com o tempo foy tornando para tras. Tinhamos poderosas armadas, immensas armas, muita gente destra para tudo; quasi de repente, e sem o cuidarmos, nos achámos sem nada. Póz-nos mal Castella com todas as Naçoens, com que se diminuhio o trato, as rendas das Alfandegas faltaraõ, as mercadorias encareceraõ; os Estrangeiros não podendo vir a nossos portos buscar nossas drogas, hiaõ buscallas a nossas Conquistas, lançandonos dellas; porque não tinhamos forças, para lhes resistir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltavanos a direcção do governo, e o cabedal, que nos devorava Castella. Capitulo 1 por vezes pazes com os Hollandezes da Linha para o Norte, deixando fóra dellas, o que fica para o Sul, onde cahe o principal de nossas Conquistas, como quem se não dohia dellas. Deu licença a Estrangeiros para irem commerciar a nossas Conquistas com grande perda, assim de particulares nossos, como das rendas Reaes: e no anno de 1640. mandou publicar nos Estados de Flandes obedientes, que podiaõ livremente navegar a quaesquer pórtos nossos: e mandou, que as nossas bandeiras variaßem de côr, para se diferençarem das suas. Diminuiaraõ-se as náos da India; despachavaõ-se taõ tarde, que arribavaõ; pro-  
viaõ-

viaõ-se tão mal, que pereciaõ, e as que vinha governavaõ-se de modo, que davaõ á costa: as armadas não logravaõ effeitos, por má direçaõ; e as que nos mandavaõ fazer, e prepa a titulo de acodirem a nossas Conquistas, feitas, tomavaõ para as de Castella, e lá pereciaõ. gente, que cá se alistava, mandavaõ, que cá buscasse o dinheiro para a pagarem; e o mel para as armadas, com que os hiamos servir. nõssas Fortalezas andavaõ tão mal providas, e as tomavaõ os inimigos, como se vio na Bahia Pernambuco, Mina, Ormus, &c. Tomar nos mais de sete mil peças de artilharia: e hu vez se viraõ na ribeira de Sevilha mais de no centas peças de bronze com as armas de Portugal. Tomaraõ-nos todos os galeoens, galés armadas; de que resultou ficarem nossos mare queados, e não escapar embarcaçaõ nossa; at pescadores nos tomavaõ os Mouros: até os ditos, e fintas particulares, que os homens de gocio davaõ para fabrica de armadas, que os fendessem, incorporaraõ em si; e comiaõ-os ordenados das galés sem as haver; e tudo, quanto adquiriamos de armas, tomavaõ para Castella. Dizem que nos acodiaõ com suas armadas, como se vio na restauraçãõ da Bahia. Respor

mos que o fizeraõ para assegurarem as suas Indias, e que se pagavaõ muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, sempre foy á nossa custa, como se vio na nossa armada, que foy a Cadiz no anno 1637. Os serviços da nossa Coroa feitos á de Castella, pagavaõ-se com premios de Portugal, e os serviços feitos á nossa Coroa nunca tinhaõ premio. Com isto, e com as continuas levas de gentes de mar e guerra, para as emprezas de Castella, ficavaõ as nossas dezamparadas, e se perdiaõ. Mandavaõ obedecer nossas armadas ás suas Capitánias, e Almeirantas contra nossos fóros; com que nenhum homem de bem queria servir, por naõ perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que se lhe naõ poria tributo, senaõ admittido em Cortes; e jurando Castella de nos guardar todos, nos pôz a titulo de regalia sem Cortes o Real dagua, accrescentou a quarta parte das cizas, no sal novos, e intoleraveis tributos em Castelhana, e sobre as caixas de açucar. Incorporouse na fazenda Real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos, que os Póvos concederaõ para fortificar muros, e Castellos. Faziaõ estanques de muitas mercadorias, com que obrigavaõ o Rey-

no a comprar o peor , mandando para fóra o melhor. Andava isto de tributos taõ defaforado , que se atreviaõ os Ministros a lançalos sem ordens Reaes ; como o das barcas pescadoras , que obrigaõ em Lisboa a ir registrar ás torres , para pagarem novas imposiçoens , além das muitas , que já tinhaõ. Quizeraõ introduzir neste Reyno a moeda de Belhaõ , os despachos em Castelhana , o papel sellado , e nos Concelhos de Madrid naõ nos queriaõ despachar senaõ nelle. Metteraõ os roubos de contrabando , e levavaõ para Castella o procedido delle ; naõ se despendendo o seu em couza alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona , quem ha que o naõ julgasse por tyrannico , além de rediculo : e ainda mais rediculo o das maçarocas , cujos executores apedrejavaõ as mulheres no Porto. A violencia das meyas anatas , que se pagavaõ até de titulos vaõs , e fantasticos , e inuteis , e do que era devido por justiça. Fizeraõ praticar neste Reyno couza nunca vista entre Portuguezes , venderem-se aquem mais dava os officios , que antigamente se davaõ de graça ; sem olharem se as pessoas eraõ dignas. E porque as indignas são , as que por dinheiro sobem aos officios , ficava a Republica mal fervida , e perturbada : o sobir sem meritos , e o naõ cair por

erros

erros igualmente se vendia. Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davaõ por elles, nem os que pertendiaõ por interposta pessoa: Prohibiaõ ás partes virem com embargos a tais provimentos, e se alguem dava mais pelo officio já comprado, lho largavaõ sem restituirem o dinheiro ao primeiro comprador; aquem satisfaziaõ com que apontasse, e pedisse outra couza. Vendiaõ habitos até gente indigna delles, e pertenderaõ inventar novas honras, para as vender, e habilitar com ellas gente infame ás mayores. Dos Nobres tomaraõ grandes pedidos; e dos que possuhiãõ bens da Coroa a quarta parte: negarem os quartéis das tenças, e dos juroes era muito ordinario. Obrigavaõ os Nobres, Comunidade, e Prelados, que dessem soldados vestidos, armados, e pagos á sua custa, para fóra do Reyno. Ultimamente pertendiaõ tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas, e forças para a guerra de Catalunha; para o obrigar affim exhausto, defarmado, e fugeito ao que quizessem. Avaliaraõ as fazendas de todos os Portuguezes, para as quintarem: mas amotinoulê Evora, resistiraõ os Póvos de Alem-Tejo, e logo todo o Reyno; com que cessaraõ outros muitos tributos, de que estavaõ já provisõens pelas Comarcas.

marcas. Creciaõ as rendas Reaes com tributos por huma parte, e por outra multiplicavaõ-se as perdas: destruiase a Monarquia, e tudo se gastava em appetites: faltavaõ as armadas, e nos tanques do Retiro navegavaõ baixeis. Triunfando os Hollandezes de Hespanha pelas companhias, que contra ella levantavaõ; a da nossa India se consumio, e desapareceo, sem os Póvos receberem ganho, nem se lhes restituir se quer, o que lhes tinhaõ feito contribuir, nem se tomar conta aos Ministros, que o devoraraõ. As necessidades, em que nos punhaõ com este modo de governo; tomavaõ por achaque de novas imposiçoens para as remediarem; do castigo faziaõ remedio, para que até o remedio fosse castigo.

Os Juizes Castelhanos julgavaõ, e sentenciavaõ os Portuguezes, que se achavaõ em Castella; e elles tinhaõ em Portugal Juizes Castelhanos. Chamavaõ a Madrid as demandas dos Portuguezes; commetiaõ-nas a Juizes Castelhanos; e se alguem resistia a isto, era punido. Quando se lhes devaçava de algum caso commetido neste Reyno por Portuguezes, e Castelhanos; pagavaõ tudo os Portuguezes, se sahiaõ culpados, e os Castelhanos eraõ remetidos a seus Juizes, que sempre os absolvioõ livres de culpa, e pena. In-

ventaraõ huma companhia de S. Diogo , onde se matriculavaõ com quantos delles descẽdiaõ , para que gozando dos privilegios de izentos , se não extinguisse o nome Castelhana , antes se augmentasse entre nós , e fosse mais estimado , e appetecido. Punhaõ olheiros Castelhanos nas nossas Alfandegas , não os havendo Portuguezes nas de Castella em nosso favor , sendo hum Ministro Castelhana tido por menos limpo de mãos , que cem Portuguezes : e applicavãse a hum só delles mais ordenado , que a todos os Ministros nossos do Tribunal , em que se punhaõ , e se lhes pagava desta Coroa. Faltaraõ-nos com as promessas de nos libertar nos direitos dos Pórtos secos ; e com outras mil de huns , e outros , que não conto. Levaraõ para Castella o provimento dos Corregedores , Provedores , e Juizes do primeiro banco , para os fazerem dependentes , e os divertirẽ para lá : tudo contra o promettido , e jurado. Faltouse a Real Casa de Bragança com algumas preeminencias , e cortezias devidas á sua grandeza , e concedidas por Reys passados. Entregaraõ o meneo deste Reyno , e seu total governo a dous Ministros , cunhado , e genro , que correspondendo hum em Madrid , e outro em Lisboa , com intelligencias diabolicas , nos tiranizavaõ. Pu-  
zeraõ

zeraõ por Viso-Rey a Duqueza de Mantua estrangeira, e que naõ era parenta do Rey no grão, que se requeria para tal governo: puzeraõ-lhe Collaterais, e Conselheiros Castelhanos, que se naõ doessem de nós dependentes, para que fugeitassem seus votos. Fizeraõ que todos estes votos fossem fechados, e secretos, para que se pudesse attribuir aos tais votos tudo, o que tiranicamente ordenassem. Assim se fizeraõ os dous sobredittos, cunhado, e genro, como o valido, senhores absolutos. Disse o Rey Philippe hum dia ao Conde Duque á folas: *Que haremos con estos Portuguezes? Nõ acabaremos con ellos de una ves?* O valido, que fabricava fazernos Castelhanos, e Provincia, para assim nos extinguir, respondeo, *Dexe V. Magestad esto a my cuenta, que yo se le daré buena dellos.* Manifestou isto hum Grande, de quem entaõ se naõ acautelaraõ pela desestimação da idade.

Assim se portava Castella com Portugal no governo temporal, e menêo da Política de seus Estados. E que direy do que obrou contra o governo espirital, e Ecclesiastico? Nas duvidas, que se moviaõ com os colleitores, se davamos sentença em favor da Igreja, eramos privados por Castella dos cargos; se contra ella, deixavamos estar  
 excõmun-

excômungados, e com interditos, sem remediar nada, para que não só os corpos, senão também nossas almas padecessem. Tiravaõ dinheiro das pessoas Ecclesiasticas com esperanças, que lhes davaõ dignidades: nem tiveraõ pejo de provocar os Bispos com cartas, que ao que mais desse, levantariaõ com mayores honras, e dignidades. Não se tinha por illicito, nem indecente, o que trazia consigo algum lucro: e daqui vinha dar-se os premios da virtude á maldade, porque tinha esta dinheiro, com que as comprava. Os depozitos das Ordens militares, que resultavaõ das comendas vagas, consumiaõ-se em usos profanos contra os Breves Apostolicos. Promettiaõ-se as comendas, antes de vagarem. Os rendimentos das Capellas, os legados pios, e até das Missas das Almas se tomavaõ a titulo de emprestimo; e a restitução era em tres pagas de tarde, mal, e nunca. As Capellas eraõ premio, de quem as accusava, e ficavaõ as Religioens perecendo, e as Almas do Purgatorio sem suffragios, penando. E porque o colleitor Castra Cani resistio a isto como Ministro fiel da Igreja, foy prezo, arrastado, e desterrado com grande afronta de todo o Estado Ecclesiastico, e escandalo da gente Catholica. Da residencia dos Prelados nenhum caso se

se fazia , gastando-os em ministerios temporais com grande danno espirital de suas ovelhas. A Bulla da Cruzada se applicava a outros usos fóra da defensão de Africa , para que foy concedida : até das rendas da Igreja tomavaõ subsidios , e mesadas : para alguns pediraõ Breve allegando , que os Póvos queriaõ , sendo assim , que reclamaraõ sempre. Multiplicavaõ as provisões das Mitras , com que hia muito mais dinheiro para Roma , e elles multiplicavaõ as Simonias.

E eu tenho dado conta das injustiças , e roubos , que Castella executou em Portugal , e porque estou já rouco de repetir tantos , deixo muitos mais , e concluo com a minha consequencia , de que , quem tal fez , que não faria ? Quem teve unhas tão farpantes para destruir hum Reyno , que appellidava seu , peores as teria para o agarrar ; ainda que lhe constasse , que era alheyo. E em conclusão Castella se tem havido em tudo com Portugal tão desarreoada , e cruel , que lhe podera dizer Portugal , o que na Ilha de Cuba disse hum Indio Regulo Cacich chamado Hatuey , atormentando-o Castelhanos , queimando-o vivo com fogo lento , para que lhes desse ouro : cathequisava-o hum Religioso de S. Francisco neste estado , e tendo-o já reduzido a receber

o bautifmo , para hir ao Ceo : perguntou , se hiaó lá Castelhanos ? E respondeo-lhe o Religiofo , que fim ; diffe , que naó queria receber o bautifmo , nem hir ao Ceo , por naó ver lá taó má gente. Fr. Bartholomeu das Cazas Author Castelhana , e da Ordem dos Prégadores , refere este exemplo com outros muitos das crueldades , que ufaraó em Indias : e nós dizemos , naó tanto como este Regulo , mas pelo menos , que naó queremos neste mundo trato , nem commercio com tal gente , e affim me despeço della , e de fuas unhas , para continuar na emenda das que nos tocaó.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XVIII.

*Dos Ladroens , que furtaó com unhas  
pacificas.*

**N**As Republicas , que lograó muitos annos paz , naó ha duvida , que com a ociofidade fe fomentaó , e criaó vicios ; porque faó como as charnecas , onde porque nunca entra nellas a fouce roçadoura , tudo faó malezas. Mal grande he a guerra , mas traz hum bem comfigo ,  
que

que traz a gente exercitada, e divertida de alguns males mais perniciosos, e hum delles he o de furtos domesticos. E daqui vem naõ haver no tempo da guerra tantos ladroens fornigueiros, nem de estradas, como no da paz; porque os que tem inclinação a furtar, applicaõ os danos ao inimigo, onde naõ temem castigo, e deixaõ a sua Republica illesa. Mas como naõ ha estado, nem tempo, que escape desta praga mais, ou menos, todos os tempos tem unhas, que os infestaõ, assim na paz, como na guerra; desta diremos logo: da paz digo agora, que naõ estou bem com ladroens, que furtaõ metendo espingardas no rosto, desparando pistólas, esfolando caras, como o ladraõ gayaõ, e o Sol posto, que sahiaõ ás estradas mais para matar, que para roubar. Mais humanos são, os que com boa paz saudando a gente lhe pedem a bolça por bem para seu mal. Tal foy aquelle, que na charneca de Aldea Galega pondo chapeos pelas moutas com páos, que pareciaõ espingardas de longe, pedia ao perto aos passageiros com cortezia da parte daquelles Senhores, que lhes fizesssem mercê de os soccorrer com o que podessem: e assim davaõ quanto traziaõ, para que os deixassem passar em paz: e tais eraõ, os que em tempo de Castella pediaõ do-

nativos pelas portas a titulo de socorros, e emprestimos, sem nos porem os punhais nos peitos: mas quem não dava até a camiza, quando outra couza não tivesse, sempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir esmola com potencia, he pedir socorro nas estradas publicas com carapuça de rebuço, e armas á destra, he querella levar por força, e com unhas pacificas. Outro homem tão pacifico, que fazia exhibir aos passageiros o dinheiro, que levavaõ: e logo lhes perguntava, para onde hiaõ? E lançando as contas ao que lhes bastava para a jornada, islo lhes restituia, com nunca Deos queira que vossas mercês lhes falte o necessario para seu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaraõ em huma feira de mão cõmum outras tantas peças de pano de linho, duas com trinta varas cada huma, e a terceira de trinta e seis. Ficou-se hum com esta, por ser o capataz, e deu aos companheiros as outras, a cada hum sua: acharaõ-se defraudados nas seis varas, que levava de mais, e arguiraõ-no, que não guardava igualdade, nem justiça, com tão fieis companheiros. Respondeo que tinhaõ razãõ, e que não era elle homem, que se allevantasse ás maiores com o alheyo, e partindo as seis varas deu à cada hum duas dizendo: ajude Deos a cada

a cada qual com o que he seu *pro rata*. Taõ pacificas como isto tinha este ladraõ as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras ; podemos-os comparar com as rameiras , que cheirando a almíscar , e fazendo praça de lizonjas , e afagos , estafaõ as mais inexpugnaveis bolças , e escorchaõ os mais privilegiados depositos.

Naõ sey , se pertencem a este Capitulo as piratagens , que se u'ãõ por esses Almojarifados , e Alfandegas de todo o Reyno nos pagamentos dos juros , tenças , e mercês , que sobre as rendas Reaes se carregãõ. Vaõ os acredores pedir os quartéis a seu tempo , e a reposta ordinaria , que achaõ , he : naõ ha dinheiro , e com este cabe poem de rê até aos mais poderosos requerentes : mas se apertados da necessidade , que naõ tem ley , pormettem a ametade do quartel , ou a terça parte , logo lhes sobeja , e vos despachaõ passando-lhes vós provimento , ou escrito , de como recebestes tudo ; e assim o carregãõ na despeza , tirando para si do recibo as resultas , com que se guarnecem em bella paz livres de demandas , e contendas. Bem conhecido foy nesta Corte hum homem honrado , que se fez dos mais ricos della pela maneira seguinte. Lançava nas rendas Reaes

sempre mais que os outros , e porisso sempre as levava : mas punha no contrato huma clausula , de que se não fazia caso , porque pagava adiantado , e era de muita importancia para elle , que lhe haviaõ de aceitar nos pagamentos a terça parte em papeis correntes. Divulgava logo , que quem tivesse dividas para cobrar delRey , que viessem ter com elle , e que á vista lhas pagaria , se fossem de receber os creditos della. Choviaõ-lhe em casa os acredores ; que sempre os ha desesperados de nunca cobrarem , porque a fazenda Real he parte rija : vialhes os papeis , marchava em todos : concertava-se por fim de contas , que lhes daria a ametade ; e taes havia , que por cem mil reis lhe largavaõ papeis liquidos de mil cruzados , e por mil cruzados lhe largavaõ facilmente dous contos ; e por esta arte tão quieta , e pacifica , sem se abalar de sua casa , veyo a medrar mais , que os que levaõ grossos cabedais ao Brasil , e navegaõ com grandes riscos á India.

Venha aqui o Duque de Lerma , que com grande valimento , e mayor paz governou a Monarquia de Hespanha por muitos annos livrando todos seus estados de muitas guerras. A traça , que tomou para tão louvavel empreza , foy de furtar hum milhaõ á Coroa com approvaçãõ do

do Rey todos os annos , e este despendia em peitas , com que comprava o segredo de todos os Reys , Principes , e Potentados da Europa : tinha em todas as Cortes da sua mão hum Conselheiro , que lhe correspondia com os avisos de tudo , o que se tratava ; e acada hum dava porisso cincoenta mil cruzados , que era muito boa propina. Corriaõ estes canos muito occultos ; e tanto que tinha assopro , que se maquinavaõ guerras , logo lhes divertia a agua com cartas , e embaixadas a outro proposito taõ bem armadas , que desfamaõ tudo , apagando temores , extinguindo suspeitas , e grangeando de novo amizades : tanto monta a destreza , e ardil de hum bom Ministro , sagaz , e prudente ! E assim dizia este ao seu Principe : Senhor as cousas levadas por mal , arrebentaõ em guerras , e levadas por bem , florecem com paz. Hum anno de guerra gasta muitos milhoens de dinheiro , abraza muitas fazendas de particulares , extingue muitas vidas dos vassallos : e a paz sustenta tudo em pé faõ , e illeso : e com hum milhaõ , que se gasta cada anno em peitas , compramos este bem taõ grande , e nos livramos dos gastos de muitos milhoens , e das inquietaçoens , que traz consigo a guerra. Neste passo me pergunta o

curioso Leitor : aonde estão aqui as unhas pacificas? Perguntastes bem : mas responderey melhor : que estão nos Senhores Conselheiros , que gualdriparaõ o milhaõ a cincoenta mil cruzados cada hum , vendendo por elles o segredo dos seus Principes , que he huma joya , que não tem preço , porque depende delle o augmento dos seus estados , que muitas vezes se a poya na execuçaõ prompta de huma guerra justa. Mas podemos-lhe dar escuza nas consequencias da paz , que sempre he mais proveitosa para os povos , cujo bem , e conservaçaõ deve ter sempre o primeiro lugar nos discursos de todo o bom governo , se não trouxer consigo mayor perda , como a com que nos enganou Castella. Alguns Estadistas tiveraõ para si , que fora grande ventura passar a Coroa de Portugal a Castella pela paz , com que nos conservava sua potencia dentro no Reyno. He verdade , que não entravaõ cá inimigos com exercitos , que nos inquietassem o sonno : mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga , e como lima furda nos hia gastando , e contumindo , sem darmos fê do dano , senaõ quando já quasi que não tinha remedio. Deos nos livre de tal paz : paz fingida he peor , que guerra verdadeira , e esta he melhor , porque a boa guerra faz a boa paz.

A boa

A boa paz he a melhor droga, que nos trouxe o comércio do Ceo á terra, e como tal a applaudirão os Anjos em Belém depois da gloria de Deos : e porisso he bem que digamos os frutos della, e os documentos, com que se grangea.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XIX.

*Profegue-se a mesma materia, e mostra-se, que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos não damnifiquem.*

**O** Officio do Principe he procurar, que seus vassallos vivaõ em paz : e porisso quando o juraõ, leva na mão direita o Ceptro, com que ha de governar o povo em paz. Os Romanos traziaõ o anel militar na mão esquerda, que he a do escudo, para denotar, que as Republicas bem governadas tem mais necessidade de se defenderem, para conservarem a paz, que de offenderem a outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ser sempre a paz; porque a guerra he castigo de peccados : e  
assim

assim se devem considerar sempre as causas , que  
 houve para se romper a paz ; e tratem de as re-  
 parar. Para ser firme a paz haõ de procurar , os  
 que a fazem, de terem a Deos propicio : e tello-haõ,  
 se lhe pedirem , que lhes dê juizo , e entendi-  
 mento para administrar justiça. Será a paz de  
 dura , se as condiçoens della forem honestas , e  
 se se assentar com vontade verdadeira sem enga-  
 nos. Melhor he paz com condiçoens honestas ,  
 que guerra perigosa com interesses incertos. Os  
 Lacedemonios , e Athenienses diziaõ : Provesse a  
 Deos que as nossas armas estivessem sempre cheas de  
 teas de aranhas. Quem trata de paz , se a naõ  
 poder concluir , faça pelo menos treguas ; por-  
 que por meyo das treguas se alcança muitas  
 vezes a paz ; porque daõ tempo a se considera-  
 rem , e alcançarem de ambas as partes os incon-  
 venientes da guerra : e deve-se advertir , se quem  
 pede a paz , he gente de sua palavra : e quem está  
 victorioso deve concedella , porque se lhe admit-  
 tem mais facilmente as condiçoens que quer. A  
 guerra faz-se para ter paz , e porisso he melhor  
 sempre admittir esta , que fazer aquella. As con-  
 diçoens da paz saõ de grande momento para ser  
 de dura. Os Romanos na paz , que fizeraõ com  
 os Carthaginezes , puzeraõ-lhes por condiçaõ ,  
 que

que lhes entregassem a armada , que tinhaõ : puzeraõ-lhe o fogo , e ficaraõ todos quietos. Ninguem se deve fiar muito na paz feita com inimigo porfiado ; porque a malicia , e a ambição com pretexto de paz se valem de enganõs , e cautelas , peores que a guerra : e porisso o Principe prudente no tempo da paz não deve deixar os enfaços da guerra , e exercicios militares ; nem que os seus vassallos se dêem ao ocio , e regalos ; porque , como diz Tito Livio , não fazem tanto danno á Republica os inimigos , quanto fazem os regalos , e deleites. Na mayor paz ter as armas , e armadas prestes enfrea os inimigos. Paz desarmada he mais arriscada , que a mesma guerra. Não estaõ ociosos os galeoens no estaleiro , nem as armas com bolor nos armazens : dalli sem se moverem , estaõ reprimindo os impetos do inimigo , que se acanha só com cheirar , que ha de achar resistencia. O Emperador Justiniano , tem que os Principes haõ de estar ornados com as armas da guerra , e armados com as leys da paz , para governarem bem os povos , que tem a seu cargo. Começa a ruina de huma Republica com o desprezo das leys , onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeo Babilonia , não matou , nem cativou , os que lhes resistiraõ : mas

só

fó mandou para se vingar delles , que não exercitassem mais as armas , e que se occupassem em tanger , cantar , e dançar , e em serem jograis , e taverneiros , e com isto conseguio , que a gente daquella Cidade tão insigne no mundo fosse vil , e fraca. Tal foy a paz , que o governo de Philippe trouxe a Portugal com o perdaõ geral , que deu a todos os que lhe resistiraõ : e houve Estadistas tão sabios , que tiveraõ isto por felicidade.

Da maneira que os corpos , e substancias terrestres nadem , crecem , e morrem ; e quando não tem de fóra , quem os gaste , dentro em si criaõ , quem as consome : assim as Republicas quando não tem inimigos de fóra , dentro em si criaõ , quem as destroe. Dizia o Emperador Carlos V. que da maneira , que no ferro nasce a ferrugem , que o gasta , se o não usaõ , e no pão o gurgulho , que o come , se o não movem , e até o mar se corrompe em si mesmo , onde lhe faltaõ as marés que o abalem ; assim nas Republicas nadem bandos , e dissençoes , que as inquietaõ , e consomem , se com a paz deixaõ entrar nellas a ociosidade. O Principe dos Filósofos no cap. 7. lib. 5. da sua Politica adverte tres cousas partos da ociosidade , que assolaõ as Republicas. Primeira : admittirem-se .

tirem-se poucos ao governo , havendo muitos dignos. Segunda : excluïrem os ricos viciosos aos pobres virtuosos. Terceira : levantar-se hum valido com o meneyo de tudo. De tudo resulta , que com tyrania se izentaõ , com ambição roubaõ , e com soberba atropellaõ os inferiores ; e fazendo-se odiosos movem revoluçoens , como em nuvem prenhe de exhalaçoes , que não focega , até que não arrebenta com trovoens , e rayos , affolaçoens , e ruinas. Plataõ diz que a Republica ociosa cria muitos pobres , que logo daõ em ladroens , e sacrilegos , mestres de maldades. Convêm que assim como as abelhas não consentem zangaõs na sua Republica ; assim os que governaõ a nossa , não devem consentir gente ociosa exposta a vicios , novidades , e inquietaçoens. Aristoteles , que sempre contradiz a seu Mestre Plataõ , afirma que mais mal fazem á Republica os ricos no tempo da paz , que os pobres ; porque com o poder se eximem da obediencia das leys , e com a ociosidade estaõ prestes para motins , e com as riquezas aptos para os sustentar : impedem a reformação dos costumes , relaxaõ a modestia do povo com gastos superfluos no comer , e vestir , incitando o vulgo a desobedecer. E se o Principe os não vigiar para os trazer a todos

a todos em regra com temor , e amor , darlhe-hão com a Republica , e com a Monarquia atravéz , e vem a ser consequencia infallivel , que peccados publicos tolerados affolaõ as Republicas como fogo : não são os dos Reys , os que fazem o mayor dano , fenaõ o descuido , com que toleraõ as demazias dos Póvos , que Deos castiga com Pharaões , Caligulas , e Neroens , que lhe servem de algozes : e quando o Principe he bom , permite , que tenha Ministros taes , como estes Emperadores , e que os não possa atalhar , porque o enginaõ com a hipocresia mascarada com côr de virtude , e zelo. Livrar-se-ha destes enganõs , far-se-ha admiravel , e florecerá invencivel o Rey ( disse hum Sabio ) que guardar inviolavel quatro leys. Primeira , que não consinta que os grandes opprimaõ aos pequenos , e será tido por justo. Segunda , que não dissimule nenhuma desobediencia , por leve que seja , sem castigo pezado : e far-se-ha temido. Terceira , que não deixe passar nenhum serviço sem premio : e será bem servido. Quarta , que ninguem de sua presença se aparte desconfolado : e será de todos muito amado. E hum Rey justo , temido , bem servido , e amado , conservará sua pessoa segura , seu imperio inexpugnavel , sua fazenda com augmentos , e  
seus

seus Vassallos sem faltas. E em chegando a este auge, logrará prospero seu Ceptro em paz, livre dos danos, e unhas, que chamamos pacificas.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XX.

*Dos Ladroens, que furtaõ com unhas Militares.*

**S**anto Agostinho lib 1. *de Civitate Dei*. Cap. 3. diz, que assim como os Medicos curaõ aos doentes com dietas, evacuaçoens, sangrias, e fogo; assim Deos cura os peccados do mundo com fomes, que são as dietas; com pestes, que são as evacuaçoens, e com guerras, que são as sangrias, e o fogo. E vem a ser os tres açoutes, que Deos mostrou a David, com os quais costumava castigar os homens: e por mayor se póde ter o da guerra; porque a nada perdôa, tudo leva, sagrado, e profano, fazendas, honras, e vidas. E como na agua envolta achaõ mayor ganancia os pescadores; assim nas revoltas da guerra achaõ mais, em que se empolgar suas unhas, que chamamos Militares. Na restauraçõ da Bañia entregou

entregou o Monarca dous, ou tres milhoens a a D. Fadrique de Toledo para as despezas da guerra. Houve depois desgostos entre elle, e o Conde de Olivares, que governava tudo: e ajudando-se este do valimento para se vingar do Fadrique, mandou-lhe tomar contas; e alcançando-o em meyo milhaõ apertou com elle, que o pagasse, ou dèsse descarga: deu elle esta em huma palavra, que gastára o resto em Missas ás Almas, em esmolas, e obras pias, para que Deos lhe dèsse a victoria que alcançou, que muito mais valia. E podera dizer tambem, que grande parte se foy por entre os dedos das unhas militares, que a forveraõ; porque o dinheiro, que corre por muitas mãos, he como o pez, e breu, que logo se pega aos dedos, e mete por entre as unhas.

Seraõ estas porventura sua, ou desgraça nossa as unhas dos pagadores; os quais se se mancomunam, ou descuidaõ-huns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro delRey, que o deixaõ em passamento, e os soldados em jejum, fazendo-lhes de todo o anno quaresma: Se não são estas, póde ser que ajudem; porque escrevendo despezas, onde não houve recibos dos soldados, recebem para si todos os restos,

stos , que com serem grossos , não se enxergão no fim das contas , que capeaõ sua malicia com titulo de milicia : e ficando esta taõ defraudada no cabedal , e porisso nos soldados , vale-se tambem das unhas , que mais propriamente são Militares , para que não falte aos soldados o necessario , e tambem o superfluo ; e daqui vem , que o mesmo he ser soldado , que não vos fiardes delle. Tem a guerra grandes licenças , não lho nego , mas nunca he licito fazer preza no alheyo sem titulo , que cohoneste a pilhagem ; e não póde haver este , onde se não falta com o necessario. Os Póvos concorrem com o tributo das decimas para a sustentação dos soldados , que he bastante , e de sobejo ; e porisso os soldados são obrigados a defender os Póvos , que não padeçaõ injurias , dannos , nem perdas. E sobre esta obrigação , sahirem da mesma milicia unhas , que destruaõ os Póvos , he grande injustiça , a qual vem a cahir , sobre os que occasionaõ nos soldados com defeito das pagas tais necessidades , que os obrigaõ a buscar remedio para não perecerem ; e o que se lhes offerece logo mais á mão , he meter a mão até o cotovello pelo alheyo , quando se lhes falta com o proprio. Metaõ todos os Ministros , Cabos , e Officiaes a mão em suas consciencias ,

e acharáõ , que tanta pena como o ladraõ merece , quem lhe dá occasiãõ semelhante para o fer. E se achar que fallo escuro , não mo tache ; porque o tempo anda carregado ; acenda huma candeya no entendimento , e verá logo , que he obrigado a restituir , não só o que embolçou , mas tambem o que o soldado furtou , por elle lhe não pagar.

Naõ são os Pagadores , nem os soldados sós , os que jogaõ unhas militares : tambem os Senhores Capitaens , e Cabos mayores tem suas unhas , tanto mayores , quanto o são os cargos. Offerece-se hum destes a sua Magestade , que lhe dê huma gineta , e que elle levantará a Bandeira de Infantes á sua custa. Contenta o alvitre no Concelho , porque forra de gastos a fazenda Real : sobe a consulta ; dá-se a provisiãõ : parte o supplicante com ella ; aguarda duzentos , ou trezentos mancebos solteiros , filhos de pays ricos , e pouco poderosos : chovem intercessõens , e logo as peitas , para que os largue : vay largando os que dão mais , não por esse titulo , mas porque diz lhe provaõ que tem o pay aleijado , a mãy cega , ou irmãs donzellas : e o menos , que tira de duzentos , que liberta , são quinze , ou vinte mil reis por cabeça , e ajunta assim quatro ,

tro , ou cinco mil cruzados : gasta delles mil e quinhentos , quando muito nas pagas , e comboy de cem infantes , que não se poderão livrar da violencia por miseraveis , e fica-se com tres mil cruzados de ganancia ao menos , com que vay luzindo na marcha , e poem em pés de verdade , que tudo he á sua custa : e deste serviço , e outros semelhantes faz outra unha , com que alcança huma cômenda. E como estas pilhagens tem propriedade de crescerem ao galarim , vem a engrossar tanto , que por meyo dellas dá caça a officios , e beneficios , com que enche , e ennobrece toda a sua geração : e vem a ser tudo destreza sua , que onde outros achão a forca , por furtarem sem arte , elle acha tronos com esperanças de mayores accrescentamentos. Nos Vice-Reys da India vimos em tempos passados exemplos desta fortuna prosperos , e tragicos ; porque os que lá não furtavaõ , para cá remirem sua vexação , morriaõ no Castello com ruim nomeada ; e os que traziaõ milhoens furtados , de tudo se escoimavaõ galhardamente com nome de muito ínteiros. Emfim o que reza este §. já não corre. Seria immenso , se quizesse esgotar aqui todas as unhas militares , assim em não pagarem o que devem , como em cobrarem o que não he seu ,

ajudando-se para isso da jurisdicção das armas. Acabo este Capitulo com huma habilidade dos Assentistas, e Contratadores, a que poucos dão alcance, e nenhum o remedio. He certo em todas as economias humanas, ( e tambem nas divinas ) que quem mayor cabedal mette, mayor premio merece: e porisso ninguem repara nos grandissimos lucros, que os Assentistas colhem da obrigação que tomão de prover as fronteiras; porque se suppoem que empregão nisso ao menos hum milhaõ de dinheiro, e a hum milhaõ de emprego claro está que deve corresponder hum grandioso lucro; e tal lho deixaõ recolher, sem se advertir, que he mayor o arruido que as nozes; porque cem mil cruzados, que tenhaõ de cabedal, bastaõ, e sobejaõ para todo o meneyo de dous milhoens. E he assim, que Sua Magestade lhos vay pagando pro rata aos quarteis dentro no mesmo anno, desorte, que quando os acabaõ de gastar, os acabaõ tambem de cobrar: e a difficuldade está só no principio, e no primeiro quartel das pagas, que se fazem antes de cobrarem da fazenda Real alguma cousa; e para darem principio ás primeiras pagas da milicia, bastaõ os cem mil cruzados, que temos dito, com que entraõ de cabedal: e quando naõ cheguem ao  
fundo,

fiado, e ao puxado, remedeão o primeiro quartel; e quando vem o segundo, já tem cobrado das conſignaçoens delRey, o que basta para navegar por diante, e ſupprir atrazados; e aſſim fazem os gastos com a fazenda Real, e cuida o mundo; que os fazem com a ſua, e que ſão poriſſo merecedores do que ganhaõ, que he mais que muito. Alvidrem agora lá os Estadistas, ſe he mayor guerra, a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro, e fogo, ſe a que nos fazem eſtes amigos com o dinheiro.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXI.

*Moſtra-ſe, até onde chegaõ unhas Militares, e como ſe deve fazer a guerra.*

**H**E a guerra hum de tres açoutes, com que Deos caſtiga peccados neste mundo, já o diſſe: e poriſſo traz comſigo grandes trabalhos, aſſim para quem a faz, como para quem a padece; e hum dos mayores he o dos latrocinios, e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre

si as partes exercitaõ. E porque nem tudo o que se toma he furto , e na guerra muito menos, declararey tudo, o que permittem as leys da guerra, e logo ficará claro, até onde pôdem chegar as unhas Militares. Já que o Reyno de Portugal he taõ guerreiro, que nasceo com a espada na mão, armas lhe deraõ o primeiro berço, com as armas cresceo, dellas vive, e vestido dellas como bom Cavalleiro ha de hir para a cova no dia do Juizo, bem he, que saiba tudo, o que permittem, e tambem o que prohibem as leys verdadeiras da guerra, que ordinariamente tiraõ a conservar o proprio, e destruir o alheyo, para que com a potencia não destrua o contrario.

He erro cuidar, que ha prohibiçaõ de guerra entre Christãos; e he heresia dizer que he intrinsicamente máo, ou contra a caridade fazer guerra: porque ainda que se sigaõ della muitos males, são menores, que o mal, que com ella se pertende evitar. A guerra, ou he aggressiva, ou defensiva. A defensiva não só he licita, mas he obrigação fazella: he licita pelo preceito natural: *Vim vi repellere licet*. E he obrigação fazella, quem tem a seu cargo defender a Republica. A aggressiva não he máo fazer-se, antes pôde ser bom, e necessario: não he máo,

mão, porque temos muitas na Sagrada Escrip-  
tura mandadas fazer por Deos; e he necessario fa-  
zer-se, porque a razão a dita para evitar injurias.  
Para qualquer dellas ser justa, são necessarias três  
circunstancias. Primeira, que se faça com poder  
legitimo; segunda, com causa; terceira, que se  
guarde a moderação devida. Só o Rey, ou Prin-  
cipe, que não tem Superior, e seus Ministros  
com vontade expressa, ou presumpta de sua ca-  
beça, podem fazer guerra; porque lhes pertenc-  
ce a defensão.

O mesmo dizemos dos Ecclesiasticos, que  
tem poder supremo no temporal; porque militão  
nelles as mesmas razoes, e não ha direito, que  
lho prohiba: e como podem pôr Juizes nos Tri-  
bunais, que sentencem causas criminaes, pô-  
dem pôr exercitos em campo, que conservem  
illeza a sua Republica, porque não intentaõ com  
isso directamente homicidios, senão actos de  
fortaleza, que he virtude. Mayor duvida he,  
se podem os Ecclesiasticos tomar armas, e pelei-  
jar? Na guerra defensiva não ha duvida, que  
podem; porque o direito Natural permite, e  
o Positivo não prohibe aos Ecclesiasticos defen-  
derem suas vidas, e fazendas. A guerra aggressi-  
va he prohibida pela Igreja aos de Ordens Sacras,

por ser indecente ao estado : mas dado , que quebrantem este preceito , não serão obrigados a restituir o que pilharem , se a guerra for justa ; porque ainda que peccaõ contra Religiaõ , não peccaõ contra justiça : e pela mesma razão não ficaõ irregulares , se não matarem pessoalmente ; como nem os que exhortaõ á peleja , ou a conselhaõ aos seculares , que vão á guerra. Se a guerra for injusta , todos ficaõ irregulares , até os seculares , e os que não cometerem homicidio , porque basta , que o corpo do exercito o cõmettesse. O Papa pôde dar licença aos Ecclesiasticos para militarem , porque pôde dispensar nos preceitos da Igreja : e em tal caso não incorrem irregularidade , porque dispensados no principal ficaõ livres no accessorio.

O Papa ainda que não tem jurisdicãõ temporal fóra do seu dominio , tem direito para avocar a si as causas da guerra dos Principes Christãos , e julgalas , e são obrigados a estar pela sua sentença , se não for injusta : e daqui vem que raramente succede ser justa a guerra entre Principes Christãos , porque tem o Papa , que pôde determinar suas causas : mas muitas vezes não convêm interpor o Summo Pontifice sua authoridade , para que não se sigaõ outros inconvenientes maiores ,

yores , qual seria rebellar contra a Igreja a parte desfavorecida : e em tal caso não são obrigados os Principes a esperar definições do Papa , nem pedillas , e podem levar a cousa por força de armas ; e fica de melhor partido para a concien- cia o Principe , que não deu occasião ao Papa , para se abster no juizo da tal demanda.

A guerra, que se faz sem legitima authoridade, he contra a justiça, ainda que seja com causa legitima ; porque o acto feito sem jurisdicção não he valioso : e será obrigado a restituir os danos da guerra , quem a fez , se não recompensou com elles alguma perda , que o inimigo lhe tivesse dado. Se o Papa prohibir ao Principe a guerra , como contraria ao bem commum da Igreja , peccará contra justiça o Principe fazendo-a , e será obrigado a restituir os danos ; porque no tal caso já não tem titulo para levar a cousa por força , pois está dada sentença.

A gentilidade antiga teve para si , que bastava para fazer guerra o titulo de adquirir nome , e riquezas ; mas isto bem se vê , que he contra o lume natural , pois nunca he licito tomar o alheyo sem causa , que o possuidor desse. A tres cabeças se reduzem todas as causas justas. Primeira : se hum Principe toma a outro , o que não he seu.

ſeu. Segunda : ſe cauſou leſão grave na fama , ou na honra. Terceira : ſe nega o direito das gentes , como ſão paſſagens , e cômércios ; porque o Principe tem obrigação de conſervar os ſeus illeſos neſtas couſas. Da meſma maneira pôde ſocorrer o Principe ao que ſe meteo debaixo de ſua tutela , ſe tiver alguma deſtas cauſas por ſi. Quem fizer guerra ſem alguma deſtas cauſas, pecca contra juſtiça , fica obrigado a reſtituir os danos : e tendo cauſa juſta , ſe ſe ſeguirem da guerra mayores dannos á ſua Republica , que lucros á ſua victoria, não pôde fazer em conciencia a tal guerra, porque he obrigado a olhar pelo mayor bem da ſua Republica : e não ſe ſegue daqui ſer neceſſaria certeza da victoria , porque eſta he contingente , e menor poder a alcança muitas vezes.

Os Principes Chriſtãos pôdem fazer guerra aos Principes infiéis , que impedem ás ſuas Republicas receber a Ley de Chriſto ; porque neſta parte defendem innocentes , que tem direito para a tal guerra pela injuria , que ſe lhes faz. E por eſta via conquistou Portugal os Reynos , e Estados , que tem Ultramarinos. O exame das cauſas da guerra pertence ao Principe , que a faz , e não aos Vaſſallos : os Conſelheiros ſão obrigados a tomar plenario conhecimento de todos

todos os fundamentos ; porque a República he como o corpo humano , onde á cabeça pertence o governo , e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia, de que se trata, for duvidosa igualmente por ambas as partes , prevalecerá a que estiver de posse ; porque assim se julgaõ as de mais causas civeis em todos os Tribunais ; e se nenhuma das partes estiver de posse , partir-se-ha a contenda , se for de cousa partivel ; e se o não for , lançar-se-haõ sortes , ou pagará a ametade á outra parte , que quizer ficar com tudo. Assim o dita a razaõ natural , e o Direito cõmun.

Os Soldados , e Vassallos não são obrigados a examinar as causas da guerra : e pôdem hir a ella , se lhes não constar , que he injusta ; porque os subditos são obrigados a obedecer a seu Superior ; e devem presuppor , que elle terá averiguado tudo em razaõ , e direito , como he obrigado. E o mesmo se hade dizer dos Soldados estipendiarios , que não são subditos , que se pôdem deixar hir , por onde vaõ os outros ; além de que pelo estipendio ficaõ subditos. O modo , que se deve guardar na execuçaõ da guerra , depende de tres grãos de gente , que são : o Principe ; os Capitaens , e os Soldados , em tres tempos distintos ; que são : antes da batalha , no actual conflicto,

flicto, e depois da victoria. E em tudo isto se devem considerar tres cousas ; o que se póde fazer ao inimigo , o como se deve haver o Principe com os Soldados , e como se devem haver os Soldados com o Principe. O principe he obrigado a sustentar os Soldados , e estes apeleijar por elle sem fugir , nem largar os seus postos : e daqui se segue , que não pódem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do Principe , e que seráo obrigados a restituillas : mas depois da victoria pódem partir os despojos segundo o costume. Antes de se começar a guerra, he obrigado o Principe a propor as causas della á Republica contraria ; e pedir-lhe por bem a satisfação , que pretende : e se lha dêr , he obrigado a desistir ; mas poderá demandar os gastos feitos : e se a não dêr , procede a guerra justamente , e com direito á mayor satisfação pela nova injuria de não aceitar o contracto pacifico ; e poderá pedir , e tomar o que parecer necessario , para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até se alcançar a victoria , he licito , e justo fazer ao inimigo todos os danos , que se julgarem necessarios para a satisfação , ou para a victoria , sem offensa de innocentes. Depois de alcançada a victoria  
tambem

tambem he licito dar aos vencidos todos os danos, que bastem, para vingança, e satisfação dos danos que deraõ: e não se devem computar aqui as pilhagens dos Soldados, porque assim o tem o uso, e se lhes deve, por exporem suas vidas: mas deve ser permitindo-lho o Principe, que póde ainda depois da victoria matar aos inimigos rendidos, se não se der por satisfeito; e cativallos, e tomar-lhes seus bens. E daqui vem o direito, que faz aos vencedores Senhores de todos os bens dos vencidos: e tudo se deve regular pela offensa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos se acharem alguns de amigos, devem-se-lhes restituir. Se os danos feitos aos inimigos bastarem para a satisfação, não se podem extender aos innocentes. Innocentes são os meninos, e as mulheres, e os que não podem tomar armas, e todas as pessoas Religiosas, e Ecclesiasticas. Os peregrinos, e hospedes não se contaõ por membros da Republica; mas se os tais danos não bastarem, bem se podem extender aos bens, e liberdade dos innocentes, porque são partes da Republica. Entre Christãos já o uso tem, que os cativos não sejaõ escravos; mas podem ser retidos para castigo para resgate, ou troco. E porque este privilegio se introduzio  
em

em favor dos fieis, pódem ser escravos, os que apostatarão para o paganismo, não para a heresia, porque de alguma maneira ainda retém o nome Christão. Não só as pessoas Ecclesiasticas, mas tambem os bens das Igrejas são izentos da jurisdicção da guerra pela reverencia, que se lhes deve; e porque a Igreja he outra Republica espirital distincta, e izenta da temporal. E accrescenta-se, que tambem os bens, e pessoas seculares, que se recolhem nas Igrejas, ficam livres pela immunidadade: mas se fizerem da Igreja fortaleza, para se defenderem, pódem ser arrastados, despojados, e mortos, porque não usarão bem do favor.

Será justa a guerra, em que se guardarem todas as cautélas, que temos dito: e por remate se perguntao quatro cousas: Primeira: se he licito usar de ciladas na guerra? Responde-se que he licito occultar os conselhos, e esconder as traças, mas não mentir. Segunda: se he licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Não he licito, salvo faltando elle em algum concerto. Terceira: se se póde dar batalha em dia Santo? Sim, se for necessario, e a obrigação da Missa segue a mesma regra. Quarta: se póde o Principe Christão chamar infieis, ou dar-lhes socorro para guerra justa?

justa? Bem pôde ambas as cousas, se não houver perigo nos fieis se perverterem; porque quem pôde ajudar-se de feras, tambem poderá de animaes racionaes.

Guerra Civil entre duas partes da mesma Republica nunca he licita da parte aggressiva; e muito menos contra o Principe, se não for tyrano: porque falta em ambos os casos a potestade da jurisdicção; e daqui se segue, que pôde o Principe fazer guerra contra á sua Republica com as condiçoens requisitas, que temos dito. Dezaños entre particulares nunca são licitos, assim porque são prohibidos, como porque ninguem he senhor da vida alheya, nem da sua, para a pôr em tão evidente perigo. Nem val o argumento de defender sua honra, para não ser tido por covarde, se não sahir ao dezaño; porque isso são leys do vulgo imperito, que não devem prevalecer contra as do direito: e mayor honra he ficar hum valente tido por Christão entre prudentes, que por desfalmado deferindo a ignorantes. Será licito o dezaño com authoridade publica, como quando a batalha, e victoria de dous exercitos se poem em dous Soldados escolhidos por consentimento de todos, como em David, e o Gigante: porque a causa he justa,

e o po-

e o poder legitimo : e sendo licito peleijar todo o exercito , tambem o será a parte delle , com tanto , que não seja evidente a victoria no todo , e a ruina na parte.

O primeiro homem , que meneou arma offensiva para matar , foy Caim contra seu Irmaõ Abel. Os Assirios forão os primeiros , que capitaneados por ElRey Nino fizeraõ guerras a Naçoens estranhas. Paõ , hum dos Capitaens de Bacho , inventou as alas nos exercitos , e ensinou o uso dos estratagemas , e o vigiar com sentinellas. Sinon foy o primeiro , que usou fachos. Lycaon introduzio as treguas ; Theseo os concertos ; Minos deo principio ás batalhas navaes ; e os Thesfalos ao uso da cavallaria. Os Africanos inventaraõ as lanças ; os Mattinenses as espadas : e esgremir estas armas ensinou Demeo. E sobre todos campeáraõ Constantino Anclitzen Friburgense , e Bartholdo Suarz monacho , que descobriraõ o invento da polvora , e maquinas de artilharia , e fogo , para destruiçaõ do genero humano. E todos quantos na guerra empregaraõ suas forças , e induttrias , bem examinados , nenhuma outra cousa pertenderaõ mais , que accrescentar se a si á custa alheya : e vem a ser as unhas militares , a que dediquey este Capitulo ,  
para

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXII.

*Profeguese a mesma materia do capitulo antecedente.*

**E** Sponja de dinheiro chamou hum prudente á guerra, e isso he o menos, que ella sorve, vidas, e fazendas, e honras são o seu pasto, em que como fogo se ceva: e tudo se toléra pelo bem da paz, que com ella se pertende, e alcança, quando não a pica a tyrania do interesse. A boa guerra faz a boa paz: e porisso he mal necessario o da guerra. Como se póde fazer, já o disse no capitulo precedente: como se deve executar direy a gora, para que as unhas militares não desbaratem, e malogrem milhoens de ouro, que nella se empregão.

Traz a guerra consigo muitos perigos, trabalhos, e gastos; e porisso nenhum Principe a deve fazer, salvo quando as condiçoens da paz são mais prejudiciais a seu estado, e reputação. Sendo necessario fazer-se, se considerar os danos, que della resultaõ, nunca se resolverá em a fazer; e não se resolvendo, accrescentará as forças ao inimigo, e debilitará as suas. E assim convém, que

resolvendo-se em tomar armas, se resolvaõ todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conselho suas forças com as do inimigo: e conhecellas-ha em sabendo, qual tem mais dinheiro, porque este he o nervo da guerra, que a começa, e a acaba. Tres couzas lhe são muito necessarias para a victoria, e sem ellas não trate da batalha, porque será vencido: a primeira he dinheiro; a segunda dinheiro; a terceira mais dinheiro: com a primeira terá quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a segunda terá armas de sobejo: e quem as tem melhores, assegura a victoria. Com a terceira terá mantimentos; e exercito bem provido, tarde, e nunca he vencido. Veja logo que Capitaens tem, porque se não forem esforçados, prudentes, e venturozos, perderá tudo: e não basta isto; porque he necessário tambem que os soldados sejaõ alentados, escolhidos, e bem disciplinados. Quando Julio Cesar deu batalha a Petreio em Hespanha, disse que peleijava com hum exercito sem Capitaõ: e quando peleijou com Pompeo, disse que dava batalha a hum Capitaõ sem exercito. Tanto monta ser tudo escolhido, e não introduzido a caso, e de tumulto. Faça rezenhas das armas, que tem, e  
saiba

saiba as do inimigo, porque a victoria segue ordinariamente, a quem tem melhores armas. Os soldados bem armados, e vestidos cobraõ brios, e concebem esforço: çapato, e camiza nunca lhes falte: he conselho de hum Grande Capitaõ Portuguez. Tres esperanças deve ter o soldado sempre certas, para peleijar com esforço, e ser leal a seu Principe: primeira do soldo ordinario. Segunda da remuneraçao extraordinaria. Terceira da liberdade, quando lhe for necessaria. A primeira alenta; porque pela boca se aqueenta o forno: e não devemos querer, que sejaõ os soldados como os fornos da Arruda, que só huma vez na semana os aqueentaõ, e isto lhes basta para cozerem o paõ de domingo a domingo: tem-se isto por prodigio grande, e por mayor se deve ter, que aturem os soldados mezes, e mezes, sem receberem hum real de soldo, para se vestirem, e manterem. A segunda os faz oonstantes; porque o desejo de montar, e crescer he natural; e com a certeza, de que haõ de melhorar de posto, e alcançar bons despachos, fazem pelos merccer, e não temem arrisçar as vidas; porque o estimulo da honra he o melhor alicate que ha para avançar a grandes emprezas; e tambem o do interesse. A terceira os faz leais; porque se se imaginaõ ca-

tivos , e que nunca poderaõ renunciar o trabalho da milicia , vestem-se da condiçaõ de escravos , e he o mesmo que de odio a seus Senhores , e ham-se como forçados da galé. E naõ só he conveniente esta razaõ , mas tambem he justo que os soldados sejaõ voluntarios , e que tenhaõ caminho para se libertarem , quando lhes for necessario , porque naõ saõ escravos comprados : nem o preço de quatro mil reis na primeira praça iguala o da liberdade , em que naceraõ , e de que estaõ de posse : nem a obrigaçaõ de servirem á patria prepondera , quando de serem livres resulta acodirem mais , e servirem melhor. Haja correspondencia igual de ambas as partes : isto he , que o Principe pague , como o soldado serve ; e acodiraõ logo innumeraveis a servilo , sem ser necessario buscallos : porque nisto saõ como as pombas , que acodem todas ao pombal , onde achao bom provimento , e fogem da casa , onde as depeñaõ.

Se examinarmos as causas , porque os soldados fogem das fronteiras para suas casas , e tambem para o inimigo , acharemos , que pela mayor parte saõ duas desesperaçoes ; huma da liberdade , e outra do provimento , e que para ambas as couzas tem justica : para o provimento , porque quem serve , o merece ; e para a liberdade ,

de, porque nenhuma nação do mundo os obriga mais, que a tempo limitado: França em se acabando a facção, mas que não seja mais que de tres mezes, logo os desobriga, e liberta, por mais soldos e pagas, que tenham recebido: e tambem Portugal usa o mesmo estylo com os soldados das suas armadas, que em se recolhendo, os deixa ir para suas casas: e não ha mayor razão para não se praticar o mesmo estylo, com os que servem na campanha pondo-lhe seus limites. Castella não faz exemplo; porque se obriga seus soldados para sempre, tambem lhes dá privilegios equipollentes: e se os leva amarrados com cordas, e algemas, não são esses os que melhor pelejam; e de tais extorçoens lhe vem perder tantas facçoens. Quanto mais, que se lá tratao os vassallos como escravos, Portugal sempre se prezou de os tratar como filhos. Nem se achará Doutor Theologo, que approve o uso de Castella, e que não diga que he injustiça, indigna até de Turcos, não dar liberdade aos soldados depois de algum tempo; quando até aos forçados das galés se concede depois de dez annos, mas que sejam condenados a ellas por inornes delictos por toda a vida.

Ter o Principe amigos, e espias na terra

do inimigo, e conhecimento dos lugares, por onde marcha, e ha de ter encontros, he muito necessário. Faça muito por sustentar a reputação, e credito de sua pessoa, porque terá quem o sirva, e todos se lhe sujeitarão. Alexandre Magno divulgou, que era filho de Jupiter, para ser respeitado, e obedecido; justifique a causa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com Manifestos; porque dá animo aos soldados, que o servem, e acovarda os contrarios. As causas da guerra ao todo em geral ordinariamente são quatro. A primeira para cobrar, o que o inimigo tomou. Segunda para vingar alguma afronta. Terceira para alcançar gloria, e fama. Quarta por ambição. A primeira, e segunda são justas: a terceira he injusta: a quarta he tyrannia. Quem for vencido, deve examinar a causa de sua ruina, se foy por falta dos Capitaens, se dos soldados, para emendar o erro: e se o não houve, nem no inimigo mayor poder, deve aplacar a Deos, tendo por certo, que o irritou contra si com as causas da guerra. E se com tudo foy por estar o inimigo mais poderozo, deve dissimular até se melhorar de forças: porque melhor he soffrer dez annos de guerra furtandolhe o corpo, que hum dia de batalha, em que se perde tudo. Conservar-se ha em

pé nestas demoras conservando o amor dos soldados, e a benevolencia dos Póvos; esta ganhase administrando justiça, e aquelle usando liberalidade.

Questão ha, qual será melhor, se fazer a guerra na terra do inimigo, se na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro nella. Scipião dizia, que mais útil era fazer-se a guerra fóra de Italia. As conjunções das empresas, e urgencias dos tempos ensinão, o que será mais conveniente. Ajudar hum Principe a outro na guerra, quando he amigo, ou confederado, he muito ordinario. Dom Fernando Quinto Rey de Castella favorecia sempre ao que menos podia, para não deixar crescer o contrario: nem entrava em ligas, de que não esperava proveito. Os Romanos, diz Appiano, que não quizerão aceitar por vassallos muitos Póvos, porque eraõ pobres, e de nenhum proveito. No proveito do interesse, e credito da honra, devem levar sempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos, que temos dado, terão menos em que empolgar unhas militares: isto he, que não haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz consigo.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXIII.

*Dos que furtaõ com unhas temidas.*

**E**Xcellencia he de todas as unhas o serem temidas ; e tanto mais , quanto mais fero he o animal que as meneya. Quem ha , que naõ tema as unhas de hum Tigre assanhado , e as garras de hum Leaõ rompente ? Até as de hum gato teme qualquer homem de bem , por valente que seja , quanto mais as de hum ladraõ , que escala o que mais se guarda , e o que muito mais se estima. Temidas são todas as unhas militares , de que até agora tratámos , porque as acompanha a potencia , e violencia das armas fulminando favor. Com tudo armas offensivas nas mãos de hum Pigmeo naõ as temo : e ha soldados Pigmeos , que naõ passãõ de formigueiros : livrenos Deos das que movem Gigantes : destes fallo : Gigantes ha ladroens , e ladroens Gigantes : e assim são as unhas suas taõ agigantadas , que nada lhes pára diante ; e porisso com razaõ todos as temem , e tremem. Estes são os poderozos por nobreza , por officio , por titulo , e outras calidades , que

òs fazem affoutos, intrepidos, e izentos: e quando daõ em furtar, não ha outro remedio, que o de pôr em cobro com temor, e pavor, ou a prestar paciencia, e render á sua reveria as armas, e as fazendas, e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz hum destes, irmão leitor? Ve-se falto de vestido, e librés para seus criados: chama a sua casa o alfayate mais caudaloso, e diz-lhe: bem vedes como andamos, assim eu, como toda a minha familia: bem me sabeis o humor: compray lá pannos, e sedas ao costume, fazeime tudo á moderna, e o preço de tudo corra po vossa conta, até que me venha dinheiro da minha comenda: tomay logo as medidas, e fazeime prazer, que dentro de oito dias venha tudo feito: quando não entendey, que o sentirei muito, lá me entendeis. Vai-se o official, sem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças, de que lhe haõ de medir o corpo como hum polvo, se discrepar hum ponto de tanta costura. Vem a obra feita no dia afinalado; vestem-se todos como palmitos; e só o alfayate fica despido, e empenhado até a morte, e se fallar mais no custo, custalhe a vida. Outros milhafres destes de unha preta, e mais alentados poderá haver, que empinem mais o vôo,

e para

e para que os não tenhaõ por lagarteiros empolguem no mais bem parado. Vaõ-se a casa do mercador mais grosso, escolhem as peças que querem de tellas, sedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receita para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para sua casa, corta largo á custa da barba longa, e rasga bizarro brilhando na Corte: chega o tempo de cobrar o mercador, o que o poderoso já rompeo, para corresponder a Milaõ, Flandes, e Inglaterra: responde-lhe, que não seja importuno, se não quer que lhe seja molesto, e que lhe custe mais cara a venda, que a elle a compra; e assim se vay deixando esquecer com a fazenda allheya; e se o acrédor boqueja, lança-lhe huma mordança, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachaço.

Outros fazem a sua ainda melhor, com cortezia, e mais pela mansa. Já sabem os homens de negocio, que tem dinheiro, fazem-lhe huma visita a titulo de amizade, com que os deixaõ desvanecidos: ainda que alguns ha taõ advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar galego? E segundaõ logo com outra, a titulo de necessidade, que representaõ, e para a remediar pedem emprestado, e tambem a razão de juro, que

que para elles tanto monta cinco, ou seis mil cruzados, de que lhe passaõ escrito, porque se obrigaõ a pagar tudo dentro em hum anno, e daõ á fiança, quantos moinhos de vento ha em Lagos, e que lá tem huns figueirais no Algarve, &c. E como no tempo dos figos não ha amigos, assim no tempo da paga; porque além de que nunca mais lhe cruzou a porta, mandalhe dizer na primeira citação, que lhe ha de cruzar a cara, se fallar na divida, ou se queixar á justiça. E o pobre do homem, porque lhe não paguem com cruces os seus cruzados, dará outros seis mil, e que o deixem lograr suas queixadas sans, e levar suas brancas limpas ao outro mundo, ainda que vá com a bolça limpa, e sem branca. Outros, e são estes já mais que muitos, para se forrarem de tantos custos, e riscos, recopilaõ os lanços; esperaõ em paragens escusas, ou a deshoras as pessoas, que sabem tem moeda copiosa, põem-lhe duas pistolas, ou dous estoques nos peitos, e que faça alli logo hum escrito: e eis aqui papel, e tinta, e lanterna de furta fogo, se he de noite; com todo o encarecimento a sua mulher, ou ao seu caixeiro, que entregue logo logo á vista ao portador dous mil cruzados em ouro: e assim se estaõ a pé quedo, até que volta  
hum

hum delles com a reposta em effeito. E andaõ taõ affeitos, que em suas proprias casas envestem aos que sentem capazes destes assaltos. Testimunya seja o Abbade de Pentens em Tras dos montes, a quem levaraõ por esta arte huma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em huma tulha. Que direy dos que lançaõ em remataçoens de fazendas, que fazem pôr em leilaõ por mil tranquilhas: Ha neste Reyno Ley, que prohibe aos Ministros da Justiça, que não lancem nas fazendas, que se executaõ [e guarda-se exactissimamente nos officiais da Santa Inquisição] porque com o respeito, que se lhes deve, e temor, que outros lançadores tem delles, defraudaõ muito nos preços, e ficaõ as partes inormemente lesas: mas como as leys são teas de aranha, que caçaõ moscas, e não pescaõ tritoens: logo estes bulcaõ traças: *De pensata la lege, pensata la malicia*; e fazem os lanços por terceiras pessoas, manifestando pela boca pequena, que o lanço he de hum poderoso, com que todos se acanhaõ: e assim lançando cincoenta, no que val duzentos, levaõ as cortas por menos da ameadade do justo preço; defraudaõ, e roubaõ as partes, não só no substancial dos bens moveis, e de raiz, que se vendem, senão tambem os direitos

Reaes,

Reaes, e as cizas, que se diminuem muito com  
 ão grande diminuição nos preços. Tambem ha  
 nhas temidas, que empolgaõ affoutas nos tribu-  
 os Reaes: tais são, as que se levantaõ com as  
 decimas, porque não ha justiça, que se atreva a  
 xecutalas; e porque são mais que muitas, fundem  
 s decimas muito pouco: são muitos os que as  
 obraõ, e poucos os que executaõ a si mesmos:  
 ão muitos os poderozos, que se exinem, e pou-  
 o o cabedal dos pequenos, que as pagam. En-  
 te pessoa Real nesta empreza, a quem todos res-  
 citem, e temaõ, e logo creceraõ as decimas em  
 obro: nem ha outro remedio para unhas temi-  
 as, que oppor-se-lhe quem ellas temaõ. Escrito  
 stá este remedio no que fez hum Rey de Portu-  
 al a certo fidalgo, que tomou hum pipa a  
 um lavrador, e lhe entornou o vinho, que ti-  
 ha nella para recolher o seu, que tinha por mais  
 rivilegiado. Era o lavrador de boa tẽmpora,  
 ue não se acanhava a medos, nem ameaças;  
 eo comfigo na Corte, lançou-se aos pés delRey,  
 ontoulhe o caso: mandou-o ElRey agafalhar com  
 um tostaõ por dia, e hum cruzado para sua  
 mulher, e filhos á custa do fidalgo, que mandou  
 go chamar á Beira: veyo muito contente espe-  
 ndo grandes mercês, que todos cuidaõ as me-  
 recem.

recem. Seis mezes andou requerendo entrada, sem achar audiencia: e no cabo o fez ElRey apparecer para ante si com o lavrador: e perguntandolhe, se o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro, e todos os custos; e que não lhe dava mayor castigo por outros respeito; mas que advertisse, que em sua cabeça levava a vida, e faude daquelle homem, e que lha havia de tirar dos hombros, se alguma desgraça lhe succedia; e que rogasse a Deos, que nem adoeceffe; porque tudo havia de resultar em mayor desgraça sua. E resultou daqui, que as unhas temidas ficaraõ tímidas: e este he o remedio que as açama, nem ha outro.

Este mesmo remedio de aspereza me disse hum prudente, que se devera applicar ás unhas de Hollanda, e Inglaterra. Ao ladraõ mostraõ-se os dentes, e não o coração. E bem se vê, que quanto mais buscamos estas naçoens com embaixadas, e concertos, tanto mais insolentes, e desfarazeadas se mostraõ, pagando com descortezias, e ladroices nossos primores; porque lhes cheiraõ estes a covardia, e consideraõ-se temidos, e blafonaõ. Se elles não nos mandaõ a nós Embaixadores sendo piratas, e canalha do Inferno, porque lhos havemos nós de mandar a elles, que  
somos

fomos Reyno de Deos, e senhores do mundo? Esta razão não tem reposta; e a que daõ alguns Politicos do tempo, he de cobardes bisonhos, que ainda não sabem, que caens só ás pancadas se amansão. Mas dirão que não temos páos para espancar tantos caens. A isso se responde, que antigamente hum só galeão nosso bastava para investir huma armada grossa, e botando fogo, e despedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda. Sete gurumetes nossos em huma bateira bastavaõ para investir duas galés; e renderão huma, e puzeraõ outra em fugida. Poucos Portuguezes mal armados comendo couros de arcas, e solas de çapatos sustentavaõ cercos a muitos mil inimigos, que venciaõ: e sempte foy nosso timbre com poucos vencer muitos. Hoje somos os mesmos, e assim fica respondido, que temos páos, com que espancar a todos. Ainda me instaõ que estaõ mudadas as couzas, porque ainda que somos os mesmos, são os inimigos muito differentes: aquelles eraõ cobras, e estes são leoens, e mais déstros que nós na artelharía, de que tem mayor cópia; e de galeoens, e náos, com que inçaõ esses mares, pejaõ nossas barras, e tudo nos tomaõ sem termos cabedal, com que resistamos. Respondo, que porisso o não temos, porque

que lho deixamos tomar : o certo he que com nossa substancia engrossaõ : haja entre nós piratas para elles , assim como elles o faõ todos para nós : dê-se licença aos Portuguezes poderozos para armarem navíos , que andem ao corso como se deu antigamente aos de Viana , que em quatro dias alimparaõ os mares. A mesma Viana arma hoje como entaõ , se quer tres navíos , o Porto quatro , Lisboa seis , Setuval tres , o Algarve outros tres , e ElRey ajuntelhe dous galeões por Capitancias : e eis-ahi huma armada de vinte velas com duas esquadras : e armese huma bolça só para isto de gente voluntaria , e livre , e veremos logo as nossas barbas sem vituperios. Mas dirão ainda os zelozos criticos , que isto de bolças he pernicioso invento , que hereges introduziraõ , e que na do Brasil ha muito que emendar. Negolhe todas as consequencias. A do Brasil he muito boa , e só poderia ter de mal , se entrasse nella alguma gente , que tratasse só de seu interesse , ou nos pudesse ser suspeita : mas seriaõ inconvenientes faceis de emendar , e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado daqui , ou dalli , he ponto que me não pertence : Doutores tem a Santa Madre Igreja , que está em Roma , e poderá supprir , e tirar os escrupulos. Quanto mais  
que

que o que aponto de novo, nada leva deffes escabeches, porque ha de ser de gente escoimada. E provéra a Deos que tiveraõ os fidalgos Portuguezes estomago, para fazerem outra bolça só para a India, pois he empreza sua: e ferlhes-ha facil, se puzeraõ nella só, o que gastaõ em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e daõ a rameiras, e consomem na cura de males, com que estas lhes pagaõ: e ficariaõ elles de ganho, e o nosso Reyno sem tantas perdas temido, e venerado. Deos sobre tudo.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXIV.

*Dos que furtaõ com unhas tímidas.*

**T**Enho por mais crueis, e daninhas estas unhas, que as passadas; porque os tímidos, e covardes, para se assegurarem fazem mayor estrago, que os temidos, e valentes, que levaõ carta de seguro em seu braço. Hum leão contentase com a preza, que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais, em que as possa empregar. A rapoza, quan-

do dá em hum galinheiro, tudo degola, e espedaça até o superfluo. Nem ha outra causa desta disparidade, senão que a rapoza he covarde, e o leão he generoso, e valente. Taes são as unhas tímidas, mayores danos causão com seu temor, que as temidas com sua potencia. E daqui vem as mortes que daõ, e as caras que esfolão ladroens formigueiros por essas estradas: temem o ser descobertos, que lhes dem na trilha, e para se assegurarem, nada deixaõ com vida: a mesma arte, que os ensina a furtar, para sustentarem a vida, lhes deu esta regra, para a assegurarem, que arredem testemunhas com as mesmas garras. Nem páraõ aqui os danos, que adiante passaõ; porque nas mesmas rapinas executaõ crueldades: como aquelles de Arrayolos; que furtando hum relógio de ouro, que hia de Lisboa para hum Rey de Castella, por não serem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeraõ em pedaços, e o lançaraõ de hum ponte abaixo em hum rio. E os que furtaraõ a prata de S. Mamede na Cidade de Evora, pela mesma causa a enterraraõ amaçada na estrada de Villa Viçosa, junto ao poço de entre as vinhas, sem se aproveitarem della para nada.

Dá hum ladraõ destes tímidos em hum Al-  
fandega

fandegá , tira o miolo a duas caixas de açúcar , e não repara em derreter huma duzia dellas com agua que lhes botou por cima , para que se cuide , que o mesmo caminho levarão as duas , cuja substancia elle encaminhou para sua casa , e que as humidades do mar , e do sitio obrarão aquelle mão recado. Tira hum marinheiro dous almudes de vinho de huma pipa , e para que não se sintá a falta , bota-lhe outro tanto de agua salgada , e faz isto mesmo a vinte , ou a trinta , porque assim se foy brindando , e a seus companheiros toda a viagem ; e não repara no danno , que deo de mais de quatro mil cruzados , por poucos almudes , de que se aproveitou , porque no fim tudo se achou corrupto. Da mesma covardia nasce não reparar hum ladrao destes tímidos , em fazer rachas hum escritorio de madre pérola , que val mais que o recheyo , quando não póde levar tudo debaixo do braço ; nem em pôr fogo a huma casa , para que se cuide , que se foy no incendio a peça rica , com que elle se foy para sua casa , &c.

O remedio singular , que ha para todos estes , he a forza , porque como são tímidos , só o medo della os póde enfrear : e se a nenhum se perdoar , todos andarão compostos como , lá disse

hum Poeta : *Oderunt peccare mali formidine pœnæ.* E huma Rainha de Portugal dizia , que tam bem parecia o ladraõ na forca , como o Sacerdote no Altar. Ainda que eu não sou de opiniaõ , que se enforquem homens valentes , quando ha outros castigos taõ rigorosos como a forca , quaes são os degredos para as conquistas , onde pódem ser de prestimo : e em seu lugar discutiremos melhor este ponto, quando tratarmos das tesouras, com que se cortaõ todas as unhas. Agora só digo , que havendo-se de enforcar alguns, sejaõ os tímidos, covardes, gente inutil , que batarão para documento , e freyo , que sustente em regra os mais.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXV.

*Dos que furtaõ com unhas disfarçadas.*

**O**S Padres da Companhia de Jesus criaraõ no seu Convento de Coimbra hum gato taõ deitro no seu officio de caçar , que até as aves do ar fugeitava á jurisdicaõ das suas unhas. Este como se tivera o discurso, que os Filósofos negão

gaõ a animais , que carecem de entendimento , revolviam-se em lama , e com ella fresca dava com si no guarnel do paõ , e espojando-se nelle levava pegado na lama , e entre as unhas quanto podia , e deitava-se ao Sol como morto , até que os pardais acodiaõ aos grãos de trigo , que lhes offerencia por esta arte : e como os sentia de geito , tirava o disfarce ás unhas de repente , e agarrava hum , ou dous , com que se fazia prato todos os dias regalando a vida , como corpo de Rey com aves de penna. Tres disfarces se notaõ aqui ; hum da lama , com que se vendia pelo que não era ; outro da diffimulação de morto , com que armava a tirar vidas ; e outro da iguaria , que offerencia ás aves , para fazer dellas vianda. Traça he esta muito ordinaria em caçadores , e pescadores , que disfarçaõ o anzol , e o laço para assegurarem a preza á sua vontade. E os ladroens por estes modos disfarçaõ tambem as unhas para o mesmo intento , e para se assegurarem a si , que isso tem de tímidas : e até as mais temidas , e affoitas buscaõ disfarces , para evitarem pejos , e escandalos. E vimos a concluir , que não ha ladraõ , que se não disfarce para furtar ; porque até os mais descarados , que saltam nas charneças , cobrem o rosto com máscaras , e rebuços : e os de capa preta , que no povoado

nos salteão , se não cobrem a cara com carapuças de rebuço , ao menos o disfarção com mil máscaras, de que usão , cores , e capas, que tomaão para encobrirem sua maldade , e fazerem a sua boa.

Chega o pertendente ao Ministro, por cujas mãos sabe, que correm os despachos de certo officio , ou beneficio , que pertende , e fazem hum concerto entre si , que perderá o Ministro duzentos mil reis , se não lhe houver o officio ; e que lhe dará o pertendente cem mil reis , se lho alcançar : asseguraõ-se com escritos , que se passaõ de parte a parte , cuja letra , ou solfa, nem eu a sey descantar , nem o diabo lhe entende o compasso : e com este disfarce acreditaõ seus primores , e encobrem os barrancos, que se seguem : e o que he simonãia , usura , ou furto mero , taes enfeites lhe poem , que parece virtude. E com dizerem , que se arriscaõ a perder mais nos duzentos , gualdripaõ os cento , a que chamamos menos , e ficaõ muito serenos na consciencia , pela regra dos contratos onerosos ; como se no seu houvera algum risco , quando elles tem todo o jogo na sua mão , e baralhaõ as cartas , e fazem o que querem *a dextris* , e *a sinistris*.

Senhor , diz o outro , eu darey a v. m.  
humã

huma quinta , que tenho muito boa , e dizima  
 a Deos , ou a vossa Senhoria ( que tambem  
 entraõ Senhorias nisto ) já que he omnipoten-  
 te na Corte , se me livrar de huma tormenta  
 de accusaçõens , que actualmente chovem so-  
 bre mim , em que me arrisco a sahir confiscado ,  
 ou com a cabeça menos. Sou contente , respon-  
 de o Ministro ; mas ha-me Vossa Mercê de  
 fazer huma escritura de venda , em que confesse,  
 que lhe comprey a tal quinta com dinheiro de  
 contado. Feita a escritura , toma com ella pos-  
 se da propriedade ; e mette velas , e remos , para  
 livrar o donatario ; e não descança , até o pôr em  
 gemeas escoimado , e limpo , como huma prata.  
 E porque não ha couza occulta , que tarde , ou  
 cedo , se não revéle , e os murmuradores tudo  
 deslindaõ , veyo-se a descobrir o feito , e o por  
 fazer na materia : chegaraõ accusaçõens , a quem  
 puxou pelo ponto : deraõ-lhe logo com a es-  
 critura nas barbas ; fizeraõ mentirosos os zela-  
 dores , e ficaraõ-se rindo ; se não he que ficou  
 chorando , o que perdeu a quinta , por ver quam  
 caro lhe custou o disfarce da escritura , com que  
 o seu valido capeou o conluyo. Outros com  
 hum sagueate de nonada , com hum açafate de figos  
 disfarçaõ fidelidade , para confiardes delles cem

dobrões emprestados , que vos pagão com mil figas. Do zelo, e serviço delRey fazem luvas , que encobrem unhas , que agarraõ emolumentos grosillimos dos bens da Coroa. Estou-me rindo, quando os vejo fervorosos , e diligentes no maneyo da fazenda Real : não dormem , nem comem , antes se comem com o cuidado , e diligencia , que mostraõ em tudo , não perdoando a trabalho ; e eu estou cá comigo dizendo : assim tu barbes , como tu tens mais amor ao proveito delRey , que a ti mesmo : que tens tú amor á fazenda delRey , eu o creyo , e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com effes merecimentos. Quem introduzio cambios no mundo, disfarce inventou para pallear usuras , quando, passaõ dos limites : e pratica de remir vexações com peitas nas pertençaens de beneficios , capahc , com que se disfarçaõ simonias. Mudaõ os nomes ás couzas , para enganarem remorços. Defmentem humas maquinas com outras : architectaõ castellos de vento , para renderem á força da conciencia , e zombarem do preceito : *Sed Dominus non irridetur.*

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXVI.

*Dos que furtaõ com unhas maliciozas.*

**A**S unhas disfarçadas muito cheiraõ a maliciozas, mas tem estas de mais, que aquellas hum grande palmo, se naõ he covado: e por isso lhe damos particular capitulo. Naõ ha furto sem malicia, nem peccado sem malicia; donde se colhe que se o furto he peccaminoso, tambem ha de ser malicioso: e porque em tudo ha mais, e menos, poremos aqui os de mayor malicia. Por taes tenho õs que escondem, e represaõ o paõ, para que naõ se veja abundancia, e appareça a carestia, e suba o preço. O mesmo fazem os mercadores com sedas, e pannos: mostraõ-vos só huma pessa da côr, ou lote, que buscais, e juraõ-vos por esta alma, pondo a mão na dos botoens da roupeta, que naõ ha em toda a rua Nova mais que este retalho, e assim vo lo talhaõ pelo preço, que querem; e em gastando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles; como o ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavaõ, tanto mais renascia,

cia, cadavez mais formoso. Mas que muito que fação isto na rua Nova, quando até os que não professão a ley velha, fazem o mesmo nas carnes, vinhos, e azeites, que vem vender a Lisboa: vem trazendo tudo aos poucos, porque se o trazem junto, ha abundancia, e em a havendo abatem os preços: e para que subaõ, e enchaõ bem as bolças com affolação do povo, ajudam-se da malicia, que está descoberta, e será remedida, se se dêr por perdida toda a fazenda, que andar retida, e atraveçada com semelhantes estanques.

Arrendastes huma vinha por hum anno, puxastes por ella na póda, e fizestes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno seguinte, e furtastes com unhas maliciosas ao Proprietario a substancia de hum anno, e póde ser que de muitos. Em Beja vi huma estalajadeira comprar por dez reis duas covas murcianas; lançou-as em huma tigela com dous pimentoens bem pizados, e outros dez reis de azeite, deo-lhe duas fervuras, e sem se erguer de hum tanho, fez trinta pratos, a vintem cada hum, com que banqueteu hospedes, e almocreves, que se deraõ por bem servidos: mas máis bem servida ficou a malicia da hospeda, que com hum vintem, que despendea

inte-

interessou seis tostoens , que embolçou. Não sey se diga , que se estende tambem a malicia destas unhas a crime *Lese Majestatis* , quando chegaõ a tanto atrevimento , que fazem , e vendem cartas , e provisoens falsas , com firmas , e sellos Reaes ? Hum freguez destes conheci no Limoeiro por fazer moeda falsa , e cercear a verdadeira : pedio-me lhe houvesse hum pequeno de chumbo em segredo ; e sabida a couza , tratava de livrar-se appellando para outro foro : dizia que era Religioso de certa Ordem de Italia ; e já tinha armada a Patente , e só lhe faltava o sello , e queria o chumbo para fazer delle o sinete.

Em materia de contratos ha tambem unhas muito maliciosas. Pedio em Evora Cidade hum lavrador do termo a certo ricaço hum moyo de trigo fiado , para semear : sou contente , mas haveis-mo de pagar para o novo pelo mayor preço , que correr na praça todo este anno , e nisso ficaraõ com assento feito. Succedeo , que nunca sobio o trigo de trezentos e vinte : mas o Cidadãõ mandou pôr na praça meyo moyo seu escolhido com ordem á vendedeira , que o não desse por menos de cinco tostoens : e para que não estivesse ás moscas , mandou logo seus confidentes com dinheiro , que para isso lhes deo , que

com-

comprassem todo aquelle trigo , como para si pelo preço , que a medideira pedisse : e assim recolheo outra vez para sua casa o seu paõ , e o seu dinheiro , e tomou testemunhas de como se vendera toda aquella semana a quinhentos reis na praça. Veyo o lavrador a seu tempo pagar pontualmente a razão de trezentos e vinte , que era o preço verdadeiro ; sahio-lhe o seu acredor desoslayo com a tramoya ; convenceo-o em Juizo com as testemunhas , e fez lho pagar a quinhentos , em que lhe pes. E ainda fez mais , que não tendo o lavrador dinheiro , lhe tomou o preço da divida em trigo , que entao valia a dous tofoens : e tudo bem formado veyo a fazer a quantia de dous moyos e meyo , que recolheo em boa satisfação do moyo , que tinha emprestado havia poucos mezes.

Quasi semelhante a este he outro contrato , que vi fazer muitas vezes no Reyno do Algarve : Vem os lavradores da Serra ás Cidades prover-se do que lhes he necessario dos mercadores , que lhes daõ tudo fiado até ás colheitas do figo , e palha , mas com tres encargos muito onerosos. Primeiro , que lhes encaixaõ , o que levaõ da loge , pelo mais alto preço a titulo de fiado. Segundo , que haõ de pagar em palha , e figo avaliando-o  
pelo

pelo mais baixò a titulo do beneficio , que receberão , quando lhes gastaraõ as mercadorias , que lhes a podreciaõ em casa. Terceiro , que lhes haõ de pôr tudo na Cidade á sua custa. Mais maliciosa está outra onzena , que vi exercitar na Ilha da Madeira. Embarcaõ-se alli muitos passageiros para o Brasil , e os que não tem cabedal para se aviarem de matalotagem , e outros aprestos , pedem aos mercadores dinheiro emprestado a responder com açucar : Respondeo hum : vendo pannos , não empresto o dinheiro , com que trato : se v. m. quer panno fiado , dar-lho-hey , buscará quem lho compre , e fará seu negocio com o dinheiro , de que necessita. Seja como v. m. quizer : ouro he , o que ouro val , e por ser fiado , talhou-lhe o preço por cima das gavias : e feita a compra , de que havia de fazer os cincoenta mil reis revendendo-a , ajuntou o mercador : para que v. m. se não cance com hir mais longe , eu lhe comprarey esse panno pelo preço , que o costume comprar em Londres , e contar-lhe-hey logo o dinheiro , que he outro beneficio estimavel , e abateo-lhe em cada covado mais , do que lhe tinha levantado na venda ; e pagou-se logo do cambio , que havia de vencer naquelle anno o seu emprestimo , para ficar livre daquelle cuidado , e asseguro

rou o capital com boa fiança ; e ficaraõ custando ao passageiro os cincoenta mil reis mais de cento : e o mercador interessando na correspondencia , e revenda do açucar , com que do Brasil lhe pagou , mais de duzentos , e a isto chamo eu malicia refinada mais que açucar em ponto.

## C A P I T U L O XXVII.

### *De outras unhas mais maliciosas.*

**G**Rande malicia he a das unhas , que agora tocámos ; mas ainda ha outras mais maliciosas ? Se houvesse contratador , que tivesse pezos grandes para comprar , e pequenos para vender , e todos marcados pela Camera , não ha duvida , que o poderiamos marcar por ladraõ de unhas mais que maliciosas ; e para que não se tenha isto por impossivel entre gente de vergonha , conheci hum não longe de Tomar , que tomava muita fazenda ás partes com dous alqueires que tinha ; hum grande , com que comprava , e outro pequeno , com que vendia. Em varas , e covados ha muito que vigiar nesta parte , e nisto de medir , e pesar , são alguns taõ destros , que arreme-

remeçando na balança o que pezaõ de pancada , e dando hum folavanco na medida , ou apertando mais , e menos a rasoura , e estirando a peça com o covado , e vara , defraudaõ as partes em boa quantidade , com bem má consciencia.

Peço licença ao noõso Reyno de Portugal para escrever aqui a mais dereftavel malicia , que ha , nem pôde haver entre Turcos , quanto mais entre Catholicos , e Portuguezes ; a qual por ser publica , e notoria , a ninguem fará escandalo referilla. Nem eu a crera , se me não constara já por muitas vias : e a primeira foy em Barcellos , aonde fuy de Braga ha muitos annos ver as Cruzes , que milagrosamente apparecem em hum campo nos dias da Santa Cruz , assim de Mayo , como de Setembro , e festa feira de Endoenças. A ver esta maravilha veyo tambem de Viana Joaõ Daranton Inglez Catholico , do qual me contaraõ , que enfadado da fortuna , que o perseguia com grandes perdas , se embarcara para o Brasil com sua mulher , e quatro filhos , e todo o cabedal , que tinha , que sempre chegaria a dez mil cruzados. O Piloto do navio com seus adjuntos , Mestre , e marinheiros confidentes deraõ com as fazendas das partes em suas casas desembarcando-as de noite secretamente.

Deraõ á vela , e deixaraõ-se andar mais de oito dias pela cósta com não sey que achaques , sem acabarem de se fazerem ao alto , até que os passageiros entraraõ em suspeitas , que buscavaõ piratas para se entregarem ; e os requereraõ apertadamente que fizessem sua viagem. Deraõ entaõ com o navio á costa á meya noite , que he o segundo remedio , que tem para se escoimarem dos furtos , quando não achaõ ladroens que os roubem. O navio se fez em dous com a primeira pancada : a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto ; e só João Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos , para dar nas casas dos mareantes , onde achou sua fazenda. E tenho-vos descoberta a maranha , Irmaõ Leitor , e assim passa na verdade , e assim costumaõ fazer este salto homens do mar neste Reyno , no Brasil , na India , e em todas nossas Conquistas com affronta grandissima da nossa nação , encargo irremediavel de suas consciencias , e escandalo atroz de Estrangeiros , que com serem ladroens por natureza , profissaõ , e arte , não sabemos , que usem de taõ horrenda , e detestavel malicia , e modo de furtar.

Estando eu na Ilha da madeira , chegou á vista huma Urçaça de S. Thomé , a qual se deixou

xou andar tres, ou quatro dias barlaventeando, sem tomar o porto, até que o Governador, que então era o Bispo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer, e notificar que entrasse, como entrou em que lhe pez; e sabida a causa pelo aranzel da carga, constou que lhe faltavaõ as mais das drogas, que tinha deixado, onde lhe ferviaõ mais que na Urca; e porisso buscava mais os piratas, que o porto, para se entregar, e ter descarga, que dar aos correspondentes, se lhe pedissem a carga: porque satisfaz hum destes a todos com dizer, e mostrar que foy roubado: o seu ganho mayor consiste na mayor perda; roubaõ mais, quando são roubados: e quando daõ á costa, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para si a salvamento. O que mais me af-sombra, e deixa estupidos todos os meus sentidos, e potencias, he ver que naõ repara hum destes lobizomes em dar com huma não da India a través, e affogar dous, ou tres milhoens delRey, e das partes, pelo interesse de quinze, ou vinte mil cruzados, que poz em polvorosa.

He a maldade destas unhas maliciosas mais detestavel, quando toca no bem cõmum, e da Coroa, que nos conserva, e sustenta a todos. Naõ sey se o sonhey, ou se mo contou pessoa

fidedigna : caso he que me affombra ! Valha o que valer : se não succedeo , servirá de documento , para que não aconteça. Poderia ser assim : Hum Ministro , que tinha por officio pagar quartéis de juros , e tenças a todo o mundo , foy sonogando muito a titulo de não haver dinheiro ; e em poucos annos com esta , e outras industrias tão maliciosas , como esta , ajuntou mais de cem mil cruzados , de que deo oitenta mil a ElRey nosso Senhor , gabando-se que os poupara aos poucos , e que eraõ fructos ( melhor dissera fructos ) da pontualidade ; e primor , que guardava em seu Real serviço. Estimou Sua Magestade o lanço , tendo-o por legitimo , tanto , que lhe deo por elle huma cõmoda de cem mil reis. No cabo de sua velhice apertou com elle o escrupulo , e tratando de sua salvação , se foy á Mesa da fazenda , e disse que devia mais á sua alma , que a seu corpo ; e que para descarga de sua consciencia declarava alli , que toda , quanta fazenda tinha , era furtada dos bens da Coroa , e das tenças , e juros de todo o Reyno ; que mandassem logo tomar posse de tudo em nome de Sua Magestade. Tinha este hum filho , que já servia o mesmo officio do pay , e lograva a fazenda , que era muita. Sabendo o que passava , põem em pés de verdade

verdade, que feu pay estava doudo : prendeo-o em casa, amarrou-o com huma cadeya, sem o deixar fallar com gente, e tal trato lhe deo, que era bastante, para lhe dar volta o miolo ; e com esta arte evitou a restituição ; que o pay queria fazer a ElRey, e ás partes, do que maliciosamente tinha furtado. Digaõ-me agora os zelosos Sabios, que isto tiveraõ por doudice, precindindo della : quaes foraõ mais maliciosas, as unhas do pay, que ajuntou tanta fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediraõ a restituição do pay ? Venha o démo á escolha, taes me parecem humas, como as outras ; e por taes tivera as de quem sabendo isto, se o dissimulasse por respeitos, que não cabem aqui.

Tres generos de gente abominavaõ os Romanos, assim no governo da paz, como no da guerra ; ignorantes, maliciosos, e desgraçados. Ser hum Capitaõ, hum Piloto, e hum Ministro Sabios, e venturosos, he grande couza, para conseguirem bom effeito suas emprezas : mas se com isso forem maliciosos, desdouraõ tudo ; e dos que faõ tocados desta farna, se devem vigiar os Principes, Reys, e Monarcas mais que de peste ; porque nunca se vio peste, que levasse de coalho todo hum Reyno, ou Republica : e

humã traição foijada com malicia degola de hum golpe todo hum Reyno , ou Imperio : e por serem taõ arriscadas unhas malicioſas , ſe devem vigiar mais , que nenhumaſ outras ; porque torcem todo o governo para ſeus intentos , deſlumbrando os diſcurſos do Principe com razoens palliadas , e empatando as execuçoens rectas com côres de mayor bem da Coroa : e bem examinado , he mayor dano ; e ſe algum bem resulta , he para os particulares , que mechem a treta. Mil caſos podera tocar , que deixo , por não ferir a quem ſe poderã vingar raſgando eſta folha , que no mais nada lhe temo ; mas direy hum por todos , e ſeja o ſómenos. Correo hum pleito mais de vinte annos neſte Reyno , e na Curia de Roma entre a Mitra de Evora , e o Convento de Aviz , ſobre os beneficios de Coruche , que ſão muito pingues , qual os havia de prover. Chegou Aviz a tomar poſſe : veyo Evora com força eſbulhala della : interpoz ſeu braço ElRey , como Graõ-Meſtre favorecendo Aviz , que lhe pertencia : acodio o zelo por parte de Evora : Senhor , veja Voſſã Mageſtade o que faz ; porque á manhãa quererã Voſſã Mageſtade prover hum Infante neſte Arcebiſpado , e ſerã bom que ache nelle eſtes beneficios , para ter Sua Alteza que dar a ſeus criados,

criados. E melhor differa : Senhor ficando estes beneficios em Aviz , são todos de Vossa Magestade , que os poderá prover em quem quizer , como Graõ-Mestre ; e ficando em Evora , são as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas , e só quatro são de Evora ; e em Sé Vacante he tudo de Roma , e de Evora nada : e assim sempre lhe fica melhor a Vossa Magestade serem os beneficios de Aviz. E esta he a verdade ; mas a malicia calla tudo isto , e só representa o que lhe arma para seu intento, palliando tudo com razoens affectadas , e sophisticas , até dar caça ao que pertende em favor da parte , que lhe toca , ou que o peita.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXVIII.

*Dos que furtaõ com unhas descuidadas.*

**A** Té agora reprehendemos a malicia , e vigilancia de todas as unhas , porque não ha furtar sem malicia , nem malicia sem cautéla. Donde se següe , que o ladraõ descuidado , ou não he ladraõ fino , ou anda arriscado a pagar a

cada passo o capital , e as custas : com tudo tor-  
no a dizer , que ha unhas descuidadas , e que  
são peores , que as maliciosas , e muito vigilan-  
tes, nos danos que causão. Tem obrigação, õs que  
aprestaõ náos , e armadas , de as proverem muito  
bem de tudo em abundancia , e elles descuidan-  
do-se das quantidades necessarias , cizaõ de tudo  
hum terço , se não for a ametade : dizem elles ,  
que para ElRey ; mas Deos sabe para quem , e  
nós tambem. Descuidaõ-se na eleição da quali-  
dade das couzas ; e até dos lugares , aonde as  
devem arrumar , se descuidaõ. E resulta de tudo  
faltar o biscouto , e agua no meyo da viagem ;  
porque acertaõ os tempos de a fazerem mais com-  
prida ; faltar polvora , bala , e corda na occasião  
da melhor peleja ; não se acharem as couzas ,  
quando são necessarias , e serem ás vezes taes ,  
que melhor fora não as haver , porque são cor-  
ruptas , e de tal sorte , que causão mayores ma-  
les , e doenças com seu uso. O mesmo succede  
nos medicamentos , de que não ha provimen-  
to por descuido , que mal se póde livrar de ma-  
licia crassa , e maldade supina : porque não ha  
Ministro tão ignorante , que não saiba , que no  
mar se adoece ; e que se morre , onde não ha re-  
medio conveniente para atalhar o mal.

Outros

Outros descuidos , e esquecimentos ha muito geraes , e daninhos , que correm nas posses de fazendas , Mórgados , e Capellas , as quaes se tomão muitas vezes sem titulo legitimo , por estarem auzentes as partes , a quem pertenciaõ ; ou porque poderaõ mais os que as tomaraõ : e remordendo-lhes a consciencia no principio , se deixaõ hir ao descuido , até que esquece o escrupulo , e assim passa o esquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas Reaes , e bens da Coroa andaõ desta maneira sonegados ; tanto , que se se fizer hum exame geral de titulos , poucos haõ de apparecer cabaes ; salvo se se acolherem á posse immemoravel , a qual naõ val contra Reys , porque tem privilegio de menores , e força de mayores ; mas naõ usaõ della ás vezes , por naõ inquietar seus estados. Rendellos , e esbulha-los hum , e hum , facil couza feria ; mas naõ se acabaria em cem annos a empreza : investillos todos juntos he perigoso ; porque muitos unidos farão guerra a este mundo , e mais ao outro : e para se defenderem , naturalmente se ajuntaõ , aiada que sejaõ entre si contrarios. Peleja hum elefante com hum rinoceronte : acometeos hum leão na mayor força da batalla , e logo poem ambos de parte o odio , e se amigaõ em hum corpo , pa-

ra resistirem ao mayor contrario ; e tanto se esforço , que o vencem com as forças unidas. Hum Rey de Castella mandou pedir a todos os Fidalgos, e Grandes dos seus Reynos todos os titulos, escripturas, e provisoens do que possuhiaõ , porque por descuido dos tempos andavaõ muitas couzas distraidas , e defanexadas da Coroa. Fizeraõ seu Conselho , e louvaraõ-se todos no Duque do Infantado , que estavaõ pelo que elle respondesse : e respondeo , que mostrasse ElRey os titulos , com que possuhia , quanto tinha de seus Reynos , e Estados , que governava : e que elles se obrigavaõ a mostrar outros titulos muito melhores do que possuhiaõ. Ficou entendido o motim, e recolheo-se o decreto do Rey com boa ordenança por duas razões, que se deixaõ ver. Primeira, porque de dous males se deve escolher o menor: e menor mal achou , que era possuhirem alguns, o que se lhes tolerava por descuido , ainda que não fosse seu , que dar occasiaõ a todos se perderem , e não ganhar a Coroa , nem o Reyno nada com isso. Segunda , porque se se examinarem bem os bens , que possuem os Reys , ninguem ha taõ arriscado a possuir o alheyo ; porque a potencia os faz izentos , e a cobiça he cega , e amiga de embolçar , e tudo parece devido á mayor

supe

superioridade. Perigoso foy sempre bolir com o caõ que dorme : e porisso muitas vezes as couzas passaõ por alto até as sepultar o esquecimento : mas isso naõ tira ser furto , o que por esta via se arrasta. E estas saõ as unhas , que chamamos descuidadas ; porque até quando mais lembradas , a avareza por huma parte , e o medo por outra , as poem em estado de descuidadas , e esquecidas : e assim fica tudo sem remedio.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O    X X I X .

*Dos que furtaõ com unhas irremediaveis.*

**D**Igo que ha unhas irremediaveis , naõ porque admitta neste mundo demazia , que naõ tenha remedio para se emendar ; mas porque muitas vezes naõ ha quem lho applique : e quando as unhas crecem em mãos poderosas , saõ muito más de cortar. Declararme-hey com huma parabola , que ainda que he tenue , tem muita substancia , para todos me entenderem. E he, que a Republica dos ratos entrou em conselho , e fez huma junta , sobre que remedio teriaõ para se ve-  
rem

rem livres das unhas do gato : Presidio hum arganáz de bom talento : assentaraõ-se por suas antiguidades os adjuntos : votou o mais velho : mudemos de estancia ; vamo-nos para os Armazens delRey, onde não ha gatos, e sobejaõ bastimentos, biscouto arrodo, queijos a faltar, chacinas de toda a sorte : e onde muitos homens de bem achao seu remedio, sem lhes custar mais que tomallo ; tambem nós o acharemos, que nos contentamos com menos. Enganais-vos, disse o Presidente, comer á custa delRey nunca he barato, nem seguro ; porque quem a galinha delRey come magra, gorda a paga ; e nos seus Armazens ha unhas peores, que as dos gatos, que nada lhes escapa. Votou outro, devia de ser alentado : sou de parecer, que cortemos as unhas ao gato. Acodio o Presidente : calay-vos lá murginho : cortar-lhas-heis vós ? Não dizeis nada ; porque logo lhes haõ de nascer outras mayores, e mais peçonhentas. Isto de unhas são como enxertos de mato bravo ; são como ortigas, e tojos, que nascem sem que os semeem : por mais unhas que corteis, nunca vos haveis de vêr livres de unhas. Vote outro. Levantou-se entao hum de cauda larga muito reverendo, e disse : o meu voto he, que lancemos hum cavêl

cavel ao pescoço do gato; e assim sentiremos, quando vem, e pornos-hemos em cobro; como fazem os Tapuyas no Brasil, quando ouvem as cobras, que chamaõ de cascavel. Bellamente dizéis, acodio o Presidente; mas quem ha de lançar o cascavel ao gato? Lançar-lho heis vós? Eu não, respondeo elle: nem eu, nem eu: Pois malhadeiros, se nenhum de vós ha de fazer, o que diz, para que me votais aqui couzas impossiveis? Não vedes, que nos destruiremos a nós, e á nossa Republica, se intentarmos couzas, que não pôdem ser, porque nos haõ de dar na cabeça todos esses remedios? E acabou-se a junta; e vêm a ser, que a mayor, e mais irremediavel ruina de huma Republica succede, quando os medicamentos, que applica para a vida, se lhe convertem em veneno para a morte: e isto he, quando os conselhos, que toma para se defender, disparaõ em maquinas para se destruir: e não cahe no erro, senaõ quando vê os efeitos despropositados nas forças gastadas com paradoxos, e no cabedal consumido em desvários. E estas são as verdadeiras unhas irremediaveis; porque trazem a peçonha no remedio: e entaõ mais irremediaveis, quando são incontrastaveis os Juizes, que maneão as perdas com applauso de ganancias.

Para

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me entender melhor, vinha-me vontade de armar aqui hum Concelho de Estado, ou de Guerra, ou do que vós quizerdes, para verdes o mal, que nos resulta das unhas, que chamo irremediaveis; e quem me tolhe a mim agora fazer aqui hum concelho? Faça-se, e seja logo. Arrojem-se cadeiras para todos. Eya Senhores Conselheiros, assentem-se Vossas Senhorias por suas dignidades. Quantos são por todos? Dez, ou doze; melhor fora duzentos, ou trezentos? He isto aqui parlamento de Inglaterra? Onde se dão tantas cabeçadas, por serem muitas as cabeças, que mereciaõ cortadas, por cortarem huma, que bastava. Não havemos mister tantos Conselheiros: bastaõ quatro, ou cinco: vão-se os mais para as suas quintas, onde não lhes faltará que fazer em suas ganancias: e quem nos ha de presidir neste concelho? Isto está claro: ha de presidir a ley: qual ley; a do Reyno, ou a de Machavelo? Ainda ha memorias desse caõ! Vá-se presidir no Inferno. Sabeis vós quem he este perro? He o mais máo Herege, que vomitaraõ neste mundo as Furias de Babilonia: e com ser este, he de temer, que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro.

Naõ

Naõ queremos , que nos presida a ley de taõ máo homem , que tem affolado , quantas Republicas o admittiraõ. A nossa ley , e Ordenaçaõ do Reyno he a melhor , que se sabe no mundo ; ella he a que ha de presidir , e assim propoem para tratar tres couzas. Primeira , a fortificaçaõ desta Cidade de Lisboa. Segunda , o presidio das fronteiras. Terceira , o cômercio de além mar. E quanto á primeira , diz o primeiro Conselheiro , que naõ havemos mister fortificaçaõ , onde estaõ nossos peitos. Se o Senhor Conselheiro , que tal vota, tivera o peito de bronze , tamanho como o campo de Alvalade , dizia muito bem , e duzentos peitos taes bastavaõ para fortificar , e defender Lisboa , e o Reyno todo : mas he de temer , que naõ tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes , e galinhas , e que na occasiaõ se retire , ou vá calçar as esporas , para atar as cardas. Diga o segundo , como nos havemos de fortificar ? Parece-me , diz elle , que tomemos todas as bocas das ruas com cestas. Tende mão , naõ vades por diante : cestos ? Cheyos , ou vazios ? Cheyos de terra. Melhor fora de uvas , teriaõ os Soldades que comer. Só hum bem acho nesses vossos cestos , que naõ deixarãõ curiar os guarda infantas pelas ruas taõ livremente , como andaõ. Diga o terceiro,

terceiro : sou de parecer , que nos cerquemõs com trincheiras de faxina. Esperay : fortificamo-nos nõs para dous dias , ou para muitos annos ? Naõ vedes vós , que a primeira invernada ha de levar tudo isso de enxurrada , e que haveis de ficar á porta inferi. Diga o quarto : digo que melhor he nada ; e eu digo que boca , que sahe com nada , que a houveraõ de condenar a que nunca entrasse por ella nada ; e entaõ veria como lhe hia com nada. Ouçamos a quem preside, o que lhe parece, e isso faremos. Parece-me, diz a ley, que a fortificação se faça de pedra , e cal , com muitos , e bons baluartes , e artilharia nelles , porque tudo o mais he impossivel defendernos. Oh como diz bem ! Mas ha de ser á custa do publico , e naõ do particular , para ser possivel ; e todos os mais votos saõ juizos occultos , que vaõ dar em roubos manifestos , e irremediaveis. Irremediaveis digo , porque os apoya o Conselho , de donde só podia sahir o remedio. E naõ obstante esta opiniaõ , que he a mais segura , accrescento , que fortificaçoens grandes , que demandaõ quinze , ou vinte mil homens de guarniçaõ , que mais barato he naõ se tratar dellas ; porque posta essa gente em campo , faz hum exercito capaz de dar batalha , e alcançar victoria , e Portugal assim se defende sempre.

Va-

Vamos á segunda couza. Que presidio podemos nas fronteiras? Vinte mil Portuguezes, diz o primeiro voto, e he o de todos. É de donde havemos nós de tirar vinte mil Portuguezes? Vem cá mão homem, não ves que se fizermos isso duas, ou tres vezes, que ficará o Reyno despovoado, e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a Republica? E faltando isto, que has de comer, que has de vestir, e calçar? Que nação viste tu nunca, que fizesse guerra só com os seus naturais? Os mais guerreiros Reys do mundo se ajudaraõ de estranhos, que sempre são mais comparados com nosco; porque lá não ha Frades, nem Freiras, e porisso são tantos como mosquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos nossos ramos; e se morrem, não pomos capuzes por elles, nem deixaõ filhos, que peçaõ mercês. Trata-se aqui da conservação dos naturais; e porisso elles fazem os gastos. De maneira, que quereis, que fação os gastos, e dem os filhos para ficarem sem fazendas, e sem herdeiros, e o Reyno extincto de tudo. Esse vosso voto está muito bom para darmos atravéz com toda a Republica, mas para a conservarmos, e defendermos, he impossivel. Mui-

tas Republicas depois de seus Capitaens, e Soldados serem vencidos, vencerão com estrangeiros; como os Chalcidonenses com Brasidas, os Sicilianos com Gelippo, os Asianos com Lisandro, Callicrate, e Agathocles, Capitaens Lacedemonios. E se alguns Capitaens estrangeiros tyranizavaõ as Republicas, que ajudaraõ, como os da casa Othomana, foy, porque não tiveraõ forças, os que os chamaraõ, para se defenderem delles: para evitar este inconveniente, não consentiaõ os Romanos, que os que os vinhaõ ajudar, fossem mais que elles; e para evitar hum mal irremediavel, ha-se de devorar algum inconveniente, quando he menor, que o mal que se padece.

Vamos á terceira couza. Que me dizeis do comércio de além mar? O primeiro Conselheiro diz, que não podemos com tantas conquistas, que larguemos algumas; como agora Pernambuco, porque: Atallhou o Presidente a razaõ, que hia dando: e perguntou-lhe muito serio: Almoçastes vós já? Pois havia de vir em jejum ao Conselho? Assim parece, e mais que não bebestes agua de neve. Hum conselho vos dêra eu mais saudavel para vós, do que esse vossõ he para nós: que vos guardeis dos rapazes, não vos apedregem, se souberem que fostes de parecer

cer que larguemos aos inimigos, o que nossos avós nos ganharaõ com tanta perda de seu sangue. Senhor, tenho que dizer a isso, replicou o Confeheiro. Calay-vos, não me insteis, que vos mandarey lançar hum grilhaõ nessa lingua: bem sey o que quereis dizer: não tendes que me vir aqui com conveniencias de cortar hum braço, para não perdermos a cabeça: são isso discursos velhos, e caducos. A maxima das conveniencias lie ter maõ cada hum no que he seu até morrer, e não largar a mãos lavadas, o que outrem nos ganhou com ellas ensanguentadas. Sois muito bacharel: não me sejais *Petrus in cunctis*; olhay que vos farey *Joannes in vinculis*. Ide-vos logo por aquella porta fóra. Oh de fóra! Está ahi algum porteiro? Chamai-me cá quatro archeiros, que me dêem com este zelote no Limoeiro, e vote o segundo. O segundo diz, que se trate do que haõ de trazer as náos, e frotas do Brasil, e India. Porque aqui não se trata (acodio o Presidente) do que haõ de levar, senaõ do que haõ de trazer; vem a trazer pouco mais de nada, e faltaõ lá as forças para conservar o conquistado. Levem, disse o terceiro, muito bacalháo, muito vinho, azeite, e vinagre. Esperay: ides vós lá fazer alguma celada, ou merenda? Ainda não

Q

dissemos

dissemos tudo , acodio o quarto. Levem muitos soldados , farinhas , traparias , e muniçoens , e isto basta. Aqui acodio a ley Presidente , dando hum grito : Justiça de Deos sobre taes Conselheiros ! Porque não dizeis todos , que levem Prégadores Evangelicos , que conquistem o Gentio para Deos , e Deos vos dará logo todos os bens temporais dessas conquistas , que venhaõ para vós : *Querite primum regnum Dei , & hæc omnia adjicientur vobis.* Matth. 6. Sentença he de eterna verdade , que estabeleçamos primeiro o Reyno de Christo , e logo ficará estabelecido o nosso Reyno , e tudo nos sobejará. He Portugal patrimonio de Christo , que fundou este Reyno , para lhe propagar sua fé. E cança-se debalde , quem trata de suas conquistas por outro caminho : furta a Deos , e ao Reyno o cabedal , que emprega em outros intentos , que nunca haõ de ser bem succedios , porque vaõ fóra dos eixos propios , e do centro verdadeiro. Todos os remedios , que applicar , para indireitar as rodas da fortuna , haõ de servir de mayor despenhadeiro , e acabemos de cahir nisto , pois somos Christãos Catholicos : não desmintamos nossa propria profissão ; e acabemos de entender , que de nós nace o mal , e porisso não tem remedio ; porque o estorva ,  
quem

quem lho houvera de dar. E já que as perdas são irremediáveis ; porque nagem de Conselheiros , que tem por officio dar-lhes o remedio , e não ha outros , que emendem estes , e os melhorem , ponhamos aqui hum Capitulo , que nos descubra o segredo da abelha , e jarrete todas estas unhas.

\*\*\*\*\*

### C A P I T U L O   X X X .

*Que taes devem ser os Conselheiros , e conselhos , para que unhas irremediáveis nos não damnifiquem.*

**H**Um Alvitrista , ou Estadista foy a Madrid , haverá vinte annos , e disse , que tinha achado hum remedio singular , para se dar fim brevemente ás guerras de Flandes com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre , como merecia : fez-se huma junta de todos os Grandes , e Conselheiros , para ouvirem o discurso do novo Apollo , que o recopilou em breves razoens , e disse a todos sem nenhum empacho : Senhores , todos vemos muito bem , que não prevalece

Espanha contra Hollanda huma hora ; mais que a outra , ha tantos annos ; e sabemos , que o nosso poder he mayor , que o seu : donde se colhe que todas as ventagens , que nos fazem , procedem , de que se sabem governar melhor que nós : pelo que eu era de parecer , que a Magestade delRey Filippe mande seus Conselheiros para Flandes , e que venhão os Conselheiros de Flandes para Espanha ; e logo nos hirá vento em popa , e Hollanda de cabeça abaixo , e teraõ melhora as perdas irremediaveis , que nos assolaõ ; porque as obraõ os Conselhos , por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Assim passa , que o que assola as Republicas sem remedio , saõ os Conselhos quando erraõ.

Esta palavra *Conselho* tem dous sentidos , hum material , e outro formal : no sentido material significa os Conselheiros juntos , e o Tribunal , em que se assentaõ : no formal he o voto de cada hum , e a resoluçaõ , que de todos se colhe : e vem a ser quatro couzas distinctas. Primeira , Conselheiros , segunda , Tribunal , terceira , o parecer de cada hum , quarta , a resoluçaõ de todos. Digo logo de cada huma , o que releva.

*Que taes devem ser os Conselheiros.*

**Q**uestaõ he , se ha de ter o Principe muitos Conselheiros , se hum só ? Hum só he arriscado a errar , mas que seja hum Architetel. Ter hum válido , de quem se fie , para o ajudar , he prudencia , e he necessario. Os Papas tem seus *Nepotes* , e os Principes devem ter seus confidentes para cada materia ; como hum para a paz , outro para a guerra , hum para a fazenda , outro para o trato de sua pessoa , &c. E não seja hum só para tudo , porque não póde assistir a tantas couzas , nem comprehendelas : e sendo varios , estimulaõ-se com a emulação a fazer cada qual sua obrigação por excellencia. Os Conselheiros devem ser muitos sobre cada materia , porque huns alcanção , e supprem o a que não chegaõ os outros ; mas não sejaõ tantos , que se confundaõ , e perturbem as resoluçoens ; quatro até cinco bastaõ. Outra questaõ he , se devem ser os Conselheiros Letrados , se idiotas , isto he , de capa , e espada ? Huns dizem , que os Letrados , com o muito , que sabem , duvidaõ em tudo , e nada resolvem ; e que os idiotas com a experiencia sem especulaçoens daõ logo no que convêm. Outros tem para si , que as letras daõ luz a tudo ,

e que a ignorancia está fugeita a erros : e eu digo , que não seja tudo Letrados , nem tudo idiotas : haja Letrados Theologos , e Juristas , para que não se cõmetaõ erros ; e haja idiotas , que com a sua astucia , sagacidade , e experiencia descubraõ as couzas , e dêem expediente a tudo. Poucas vezes acontece , que concorraõ na mesma pessoa engenho para discorrer sobre o que se consulta , e juizo para obrar , o que na consulta se determina : muitos são de fraco juizo consultados , mas para executar , o que se resolve , são destrissimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que daõ , mas na execução delles são taõ inefficazes , que os perdem. E porisso digo , que he melhor terem todos lugar no Conselho , para se ajudarem , e supprirem huns aos outros , e ficar tudo bom.

Outra questaõ se segue a esta [ dado que não póde neste mundo tudo ser perfeito , e cabal , porque não ha , quem não tenha seu pé de pavaõ ] se he melhor para a Republica ser o Principe bom , e os Conselheiros máos ; ou serem os Concelheiros bons , e o Principe máo ? Se o Principe se governar por seus Conselheiros , diz Elio Lampridio , que pouco vay em que o Principe seja máo , se os Conselheiros forem bons ; porque mais depressa se faz bom hum máo com o exemplo de

muitos

muitos bons , que muitos máos bons com o exemplo , e Conselho de hum bom : e como a resolução , que se segue , he dos bons , tudo fica bom. Mas se o Principe governar sem respeito aos Conselheiros , melhor he ser o Principe bom , ainda que os Conselheiros sejaõ máos ; porque o exemplo do Principe tem mais força para reduzir á sua imitação os que o servem ; e como diz Plataõ , e refere Tulio , quaes são os Principes , taes são os Vassallos : se o Principe he virtuoso , todos trabalhaõ por serem virtuosos ; e se he vicioso , todos se daõ ao vicio. Quando o Principe he Poeta , todos fazem trovas : quando he guerreiro , todos trataõ de armas : por monstro se tem em huma Corte haver , quem faça , ou diga couza , de que o Principe não goste. E dado que os Conselheiros não se reformem com o exemplo do Principe , nem sejaõ quaes pede a razão , para isso tem o Principe o poder na escolha dos súgeitos , não se limitando aos que o cercaõ , senão estendendo o conhecimento até os mais remotos , e lançando mão dos mais aptos. E para isso devem os Principes considerar , que da bondade de seus Conselheiros depende a sua fama , honra , e proveito de seus Póvos. Se o Principe errar na escolha dos Conselheiros , perde a sua reputação , e

podemos presumir, que errará em tudo. De ter bons Conselheiros, se segue bom successo em suas emprezas, bom nome em suas obras, e grande reputação com os estrangeiros, dos quaes será venerado, e temido, assim como amado, e obedecido dos seus. E para que o Principe possa acertar na escolha dos Conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os Authores, e Estadistas fazem grandes volumes.

O Conselheiro ha de ser prudente, e secreto, sabio, e velho, amigo, e sem vicios: não cabeçudo, nem temerario, nem furioso. Quatro inimigas tem a prudencia. Primeira Precipitação, segunda Paixão, terceira Obstinação, quarta Vaidade: a primeira arrisca, a segunda cega, a terceira fecha a porta á razão, a quarta tudo tufna. Tres inimigos tem o segredo; Bacho, Venus, e o interesse. O primeiro o descobre, o segundo o rende, o terceiro o arrasta. E perdido o segredo do governo, perde-se a Republica. A sabedoria, e velhice se ajudaõ muito, esta com a experiencia, e aquella com o estudo; com tanto, que a velhice não seja caduca, e a sabedoria inutil. Se for amigo do Principe, e da Republica, tratará do bem cõmum, e não do particular, em que consiste a maxima da mayor virtude, que

que deve professar hum Conselheiro , com que extinguirá todos os vicios , que o pódem deslustrar. E para assegurar este ponto, devem os Principes acautelar-se de pessoas , que tenhaõ aggravado, por mais talentos que tenhaõ , naõ siem delles os póstos , em que pódem ter occasiaõ de se vingarem : Plataõ diz , que os Conselheiros haõ de estar livres de odio , e amor. Virgilio canta , que o amor , e a ira derrubaõ o entendimento. Salustio escreve , que devem estar apartados de amizade , ira , e misericordia ; porque aonde a vontade se inclina , alli se applica o engenho , e a razãõ nada póde. Cornelio Tacito tem , que o medo desbarata todo bom governo , e Conselho. Carlos V. queria , que deixassem á porta do Conselho a dissimulaçaõ , e os respeitos. Thucydides , que entendaõ a materia , em que votaõ , que naõ se deixem corromper com peitas , e que saibaõ propor os negocios com graça , e destreza. Innocencio III. quer que saibaõ tres couzas. Primeira , se o que se consulta , he licito segundo justiça. Segunda , se he decente segundo honestidade. Terceira , se cumpre segundo Direito. E assim votarãõ sem temor de respeitos , que os possaõ encontrar : porque , como diz Santo Agostinho , melhor he padecer por dizer verdade , que receber

ber mercês por lifongear : e he confelho de Christo, que temamos a perda da alma , e não a do corpo.

Devem ter os confelheiros todos seus bens nas terras do Principe, a quem fervem , e todas suas esperanças postas nelle ; e o Principe não deve manifestar sua opiniaõ , para votarem livres. E póstos nesta liberdade , não sejaõ faceis de variar no parecer , nem afferrados ao que deraõ : movaõ-se por razão : porque não muda , nem varia o confelho , diz Tullio , quem o varia , e muda para escolher o melhor. Covardes ha , para que não lhes chamemos traydores , que capeaõ sua má tençaõ no confelho com astucias , que nunca lhes faltaõ , encobrando sua natural fraqueza , que nelles póde sempre mais , que a razãõ , e que a experiencia , que muitas vezes lhes mostra , que não tiveraõ causas para temer , e que lhes sobejou má vontade para enganar , e porisso variaõ. Livrar-se-há destes o Principe , se os vigiar , não lhes admittindo o confelho para effectuar couzas illicitas ; nem meynos illicitos , para conseguir couzas licitas : e assim he , que nesta pedra de toque vão sempre esbarrar seus quilates. Alguns Authores querem que os Confelheiros faibãõ muitas linguas , ou pelo menos as dos

Póvos, que o seu Principe governa, ou tem por aliados, e amigos; porque corre perigo descobrirem os interpretes o segredo, ou declararem mal as Embaixadas. Pedro Galatino diz que eraõ obrigados os Juizes de Israel a saberem setenta linguas, para não fallarem por interprete aos que diante delles litigavaõ. Devem ter lição das historias, e corrido muitas terras, e naçoens; saber as forças do seu Principe, de seus visinhos, amigos, e inimigos. Sejaõ liberaes; porque o Povo paga-se muito desta virtude, e a ama, e a adora: o avarento sempre he aborrecido, e por acodir á sua cobiça tudo faz venal. Favoreçaõ os que o merecem, sem que lho peçaõ: tenhaõ a porta aberta para ouvir a todos, sem escandalizar com palavras, nem dar occasião de desesperarem as partes. E finalmente seja o conselheiro bom Christaõ, e terá todos os requisitos; porque a pureza da Religião Christã Catholica não permite vicio, que não emende.

*Tribunal como, e que tal.*

**A** Ristoteles no lib. 1. da sua Rhetorica diz, que toda a Republica para ser bem governada deve ter cinco tribunais. Primeiro da fazenda

da publica, e particular. Segundo da paz. Terceiro da guerra. Quarto do provimento. Quinto da Justiça. E nesta parte estamos melhor que a Republica de Aristoteles; porq̃ temos doze tribunals, que bem examinados, se reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da Fazenda publica, e particular, temos dous; hum se chama tambem da Fazenda, e outro he o Juizo do Civel com sua Relação, para onde se appella, e aggrava. Para o segundo da paz temos cinco, tres delles para o sagrado, e são o Santo Officio, o do Ordinario, e o da Conciencia: e dous para o profano, que são a mesa do Paço, e a casa da Supplicação. Para o terceiro da guerra temos dous; hum que se chama tambem da Guerra, e outro Ultramarino. Para o quarto do provimento temos outros dous; hum he o da Camera, e outro o dos tres Estados. E para o quinto da Justiça temos outros dous, que ja ficão tocados, e são a mesa do Paço, e a Relação. E para melhor dizer, todos os tribunais tiraõ a hum ponto de se administrar justiça ás partes. E finalmente sobre todos hum, que os comprehende todos, e he o do Estado.

Os Romanos tinhaõ hum Templo dedicado á Deidade do conselho, e era escuro, para deno-

denotar, que os conselhos devem ser secretos, e que ninguem deve ver, nem entender de fóra, o que se trata nelles. Licurgo não permittia em Lacedemonia, que fossem magnificas, nem sumptuosas as casas, em que se faziaõ os conselhos, e punhaõ os tribunais, para que não se divertissem, nem ensoberbecessem os Conselheiros. E até nesta parte se accomoda Portugal muito aos antigos: e por credito seu não digo, o que me parecem os aposentos, em que arma os seus tribunais. Em outras couzas tomaramos que imitára os antigos, como no magnifico, e grandioso de obras publicas, fontes, pontes, torres, piramides, columnas, obeliscos, e outras maquinas, com que se ennobrecem as terras, e se affamaraõ Gregos, e Romanos. E em Lisboa, Promontorio mayor, e melhor do mundo, não haver huma obra publica, que leve os olhos! Se em minha mão estivera, já tivera levantadas columnas mais magestosas, que as de Trajano, e Agulhas mais grandiosas que a de Xisto; humas de marmores, e outras de jaspes, que nos sobejaõ; taõ altas, que vençaõ os montes, e cheguem ás nuvens, e se vejaõ até dos mares; e sobre ellas as Estatuas del-Rey nosso Senhor D. Joaõ o IV. e da Senhora Rainha, e do Serenissimo Principe seu filho, que  
 enche-

enchessem, e authorizassem com suas Reaes Magestades os terreiros, Rocíos, e praças, para eterna memoria, e gloria da felicidade, com que dominaraõ este Reyno, e nos livraraõ do jugo de Castella, sem arrancar espada, nem dar mostras de acção violenta, como rayos, que obraõ seu efeito, antes que se ouça o trovaõ. Nem ferialõ isto gastos superfluos, quando o credito, e admiração, que delles resulta, causaõ nas naçoens estranhas assombro, e respeito, com que se enfreaõ; considerando, que quem tem poses, e magnanimidade para couzas taõ grandiosas na paz, tambem as terá, para as que são mais necessarias na guerra. Mas elles vem, que não temos hum Cais, que preste; que não ha hum Mole em nossos pórtos, nem fortificação acabada em nossas fronteiras, perdem o conceito, que deveraõ ter de nós, e tomaõ orgulhos, e audacias, para nos fazerem das suas, confiados mais em nosso descuido, e desalinho, que em seu poder. De donde vem isto? He que não ha quem cure do publico: e porisso ja não me espanto do pouco apparato, e lustre dos nossos tribunaes, que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E são hum bem tem, que he estarem quasi todos juntos dentro de hum pateo, com

com que ficão menos trabalhosos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo, e passadas na busca dos ministros; que tambem fora bom viverem arruados todos, e não tão espalhados, e remotos huns dos outros, que fará muito hum requerente muito ligeiro, se der caça a dous, ou tres no mesmo dia, para lhes lembrar o seu negocio. Ao bem de estarem juntos os nossos tribunaes, se devera ajuntar outro de serem comunicaveis por dentro com o Paço Real, de forte, que pudesse ElRey nosso Senhor sem ser visto, nem sentido, ver, e ouvir o que nos tribunaes se obra. O Emperador dos Turcos tem humma gelosia coberta com hum sendal verde, por onde vê, e ouve tudo, quanto os Baxás fazem, e dizem, quando se ajuntão em conselho; os quaes são com cuidarem, que os estará espreitando o seu Rey, administraõ justiça, e não gastaõ o tempo em praticas, que não pertencem ao serviço de seu Senhor, ou ao bem publico.

Em conclusãõ as Republicas ricas devem mostrar sua grandeza na magestade de seus tribunaes com casas amplas de frontispicios magnificos, e bem guarnecidos por dentro, claras, e sumptuozas; porque a excellencia dos apparatus exteriores esperta no interior dos animos espiritos grandiozos.

diozos, e resoluçoens alentadas: alojamentos humildes acanhaõ os brios, embotaõ os discursos, e até nos intentos generosos lançaõ grilhoens, e algemas. Tamara lib. 1. c. 7. dos Costumes das gentes diz, que havia em França antigamente hum costume, que eu não posso crer, que o Conselheiro, que acodia muito tarde ao conselho, tinha pena de morte, a qual logo se executava. E que se algum se desentoava, ou fazia arroídos no tribunal, lhe cortavaõ o topéte. Deviaõ de tomar isto dos grous, que quando se ajuntaõ na Asia, para se mudarem de huma regiaõ para outra, depenaõ, e mataõ o que vem ultimo de todos. Juntos os Conselheiros no tribunal, a primeira acção, que devem fazer, antes de tratarem nenhum negocio, he oração ao Espirito Santo, offerecendolhe hum Padre nosso, ou huma Ave Maria, pedindolhe, que os allumie a todos illustrando-lhes o entendimento, para que saibaõ escolher, o que for mais conveniente ao Divino serviço, e mais proveitozo para o augmento da Republica, e bem de seu Principe. Dar principio a couzas grandes sem implorar auxilio do Ceo, he acção de Satyros, ou de A'theos.

*Voto, e parecer de cada hum.*

**O** Conselho, voto, e parecer dos conselheiros he hum aviso, que se toma sobre couzas duvidosas, para não errar nellas: toma-se sobre couzas, que não estão na nossa mão; não se toma sobre couzas infalliveis, porque estas pedem execução, e não conselho: deve ser de couzas possiveis, e futuras; porque as impossiveis presentes, e passadas já não tem remedio. Não deixa o conselho de ser bom, por fahir o successo máo; nem o máo conselho deixa de o ser, por ter bom successo; porque os successos são da fortuna, e dependem das execuçoens, que muitas vezes, por serem más, damaão a bondade dos conselhos; e tambem por serem boas, emendaão ás vezes o erro do conselho. Os Carthagineniês enforcavaão os Capitaens, que venciaão sem conselho, e não castigavaão aos vencidos, se consultavaão primeiro, o que depois obravaão. Na guerra, que os Gregos fizeraão a Troya, mais montaraão os conselhos de Nestor, e Ulisses, que as forças de Achilles, e Ayas. Henrique III. de Castella dizia, que mais aproveitavaão aos Principes os conselhos dos sabios, que as armas dos valentes; porque mais illustres couzas se obraão com o en-

tendimento da cabeça , que com as forças dos braços : e allegava o que diz Tullio , que mais aproveitaraõ a Athenas os conselhos de Solon , que as vitorias de Themistocles. He muito prejudicial saberem os conselheiros , o que o Principe quer ; porque logo buscaõ razoens , com que o justiquem. O conselheiro naõ ha de approvar tudo , o que o Principe differ ; porque isso será ser lizongeiro , e naõ conselheiro. Muitos naõ tem nos conselhos respeito ao que se diz , senaõ a quem o diz ; se he amigo , vaõ-se com elle : senaõ he do seu humor , ou parcialidade , reprovãõ-no : e he muito prejudicial modo de governar este. Pequenos erros , que no principio naõ se sentem , sãõ mais perigosos , que os grandes , que se vem ; porque o perigo , que se entende , obriga a bulcar o remedio ; mas os erros , que se naõ sentem , ou dissimulaõ , crecem tanto pouco a pouco , que quando se advertem , já naõ tem remedio ; como a febre tífica , que no principio naõ se conhece , e quando se descobre , naõ tem cura.

Conselhos bons sãõ muito bons de dar , mas muito máos de tomar : muitos os daõ , e poucos os tomaõ. Conselhos máos tem duas raizes , ou nascem de odio , ou de ignorancia : por peores tenho os primeiros ; porque a ignorancia precede da

da fraqueza, e o odio resulta da malicia; e a malicia he peor inimigo que a fraqueza. E até nos bons conselhos pódem reinar o odio, e a malicia, quando muitos os daõ, e poucos os tomaõ; ou seja no termo *á quo*, quando se dá conselheiro, pois todos o lançaõ de si; ou seja no termo *ad quem*, quando se recebe, pois poucos o admittem. Que sejaõ tomados com aborrecimento, he couza muito ordinaria: que sejaõ dados com odio, naõ he taõ commum; mas he grande mal; porque nunca póde ser boa a planta, que nasce de má raiz, ou se enxerta em roim arvore. E com ser máo o conselheiro deslindado nesta fórma, era muito bom para ser dinheiro pela propriedade que tem; e já diffemos, que muitos o daõ, e poucos o tomaõ. Em huma couza se parece muito o conselheiro com o dinheiro, e he, que ambos são muito milagrosos. Tres milagres muito grandes achou hum discreto no dinheiro; naõ ha quem os naõ experimente, e por serem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles. Primeiro, que nunca ninguem se queixou do dinheiro, que lhe pegasse doença. Segundo, que nunca ninguem teve nojo delle. Terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem se queixou delle, que lhe pegasse doença; porque an-

dando por mãos de quantos leprosos, farnosos, morbogallicos, e enpestados ha no mundo, e passando dellas para as mãos do mais mimoso fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença sabemos, que lhes pegasse, mais que fome de lhe darem mais. Donde colho que não he bom o dinheiro para pão; que se fora pão, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro; porque o recolhem em bolças de ambar, e seda, o guardaõ no seyo, e até na boca o metem, sem terem algo d'elle, nem se lembrarem, que tem andado por mãos de regateiras, ramelozas, e de lacayos rabugentos, e de negros raposinhos. E digo finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem pôde elle sahir da mais immunda cloaca, respira nelle bemjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de cheirar a ambar, algalia, e almiscar. Tal he o conselho: se he bom, nenhum mal faz: se he máo, ninguem tem nojo d'elle, nem lhe cheira mal; ainda que venha envolto em fumaças do inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do Paraíso: e entãõ mais, quando vem deslumbrando com taes nevoas, que tohem a vista de seu conhecimento. De tudo o dito se colhe, que se divide o conselho em bom, e máo:

e máo : se he bom , recebe-se com aborrecimento , se he máo , dá-se por odio. Quando se recebe com aborrecimento , nada obra , por bom que seja : quando se dá por odio , pertende arruinar tudo , e alcança o intento , tanto que se aceita. Deos nos livre de ser odioso o conselho , tanto me dá por respeito de quem o dá , como por parte de quem o recebe : em manquejando por algum destes dous pólos , ou não temos fé nelle , ou executa a peçonha que traz ; e de qualquer modo causa ruinas , e grandes perdiçoens. Para se livrar o Principe de todas estas Scylas , e Charibdes , deve conhecer bem de raiz os talentos , e animos de seus Conselheiros : e faça porisso , porque nisso está a perda , ou ganho total de seu Imperio.

*Resolução do Concelho.*

**A** Resolução he consequencia dos votos , e della nasce a execuão , e desta o bom effeito , que he o fim , que se pertende nos Concelhos. Nas empresas devem-se executar as resoluçoens , que tem menos inconvenientes ; porque he impossivel não os haver : e quem se não aventurou , nem perdeu , nem ganhou : e hum perigo com outro se vence ; e atraz do perigo vem o provei-

to. Não devem os que consultaõ deixar de executar, o que se determina, porque haja perigo na execuçaõ; se he mayor o proveito, que de executar-se se segue, que o perigo, que de não executar se, encorre. Prudencia he consultar com madureza, e executar com diligencia: *O Conselho na almofada*, diz o Proverbio, e *a execuçaõ na estrada*, e porisso se dizia dos Romanos, que assentados venciaõ. Principes ha, que para que não lhes vaõ á mão no que determinaõ, não admittem a Conselho, os que sabem lho não haõ de approvar, para que não lhes debilitem os animos, dos que esperaõ os ajudem no seu parecer: prejudicial modo he este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveo, não se devem lembrar do Conselho, que deixaraõ de seguir; para que não lhes esfrie o gosto, que dá alma á execuçaõ: e esta não se deve cõmetter nunca a quem foy de contrario parecer; porque por fazer a sua opiniaõ boa, dá a travéz com toda a empreza por modos illegitimos, que seu capricho lhe inculca, e capêa já com a pressa, já com o vagar, que prova sofisticamente serem meyoos necessarios. Negocios ha, que he melhor deixalos hum pouco, que executalos logo; porque executados se malograõ, ou concluem tarde; e dif-

simu-

simulados se esfriaõ mais cedo: muitas doenças sãra o tempo sem mesinha, e naõ o Medico com ellas: muitos negocios se perdem; porque naõ se executaõ em seus lugares, e conjunçoens: deve estar a empreza fazoada para se effectuar, como a horta disposta para se semear.

Quando o governo começa a descahir, porque sãõ mais os que resolvem mal, que os que resolvem bem, pouco impedimento basta, para que naõ se execute, o que na consulta se examina; e ainda que alguns aconselhem bem, naõ bastaõ a ordenar, o que os mais desordenaõ: nem serve de mais o estar no Concelho, que participar da culpa, que tem os que governaõ mal: e só lhe fica por remedio ao Principe retratar tudo; conhecido o erro: e he hum remedio muito prejudicial; porque diminue muito na authoridade do Principe, e augmenta impetos de desobediencia nos Ministros para as execuçoens, que mais importaõ. O Principe consulte, e cuide bem o que decreta; porque naõ parece bem retratado, salvo for em quadro com bom pinçel; mas com pena, nem de palavra, naõ fica gentil-homem. Se o erro for pequeno, melhor he sustentallo, se naõ se seguir delle grande dano, ou alguma offensa de Deos; porque prepondera mais o credito do

Principe : e se for de qualidade , que peça emenda , haja algum Ministro fiel , que o tome sobre si , e tambem a pena , que o Principe moderará , ou perdoará a titulo de descuido ; e assim se dará satisfação a todas as partes, ficando illesa a authoridade mayor. Se houvesse Principe , que facilmente se retratasse,allegando que não he rio , que não haja de tornar atraz : Respondera-lhe que ha tres Erres , que não tornaõ atraz , por mais montes de difficuldades , que se lhe ponhaõ diante : e são : Rey , Rio , e Rayo , e o Rey muito mais ; porque se dér em dobrar-se , em dous dias perderá o credito , que consiste em sustentar sua palavra , que como dizem , palavra de Rey deve ser inviolavel : e se o não for, faltar-lhe-haõ os subditos com a inteireza da obediencia , em que se apoya a Magestade , e não o conheceráõ por Rey , nem por Roque. E seguir-se-haõ danos irremediaveis , os quaes pertendemos atalhar em todo o discurso deste Capitulo , que bem considerado vem a ser, que do bom conselho se segue o bom governo , que sustenta as Republicas ilustres ; e do máo resultaõ affolaçoens de Reynos , e ruinas de Imperies , e o mundo todo he pequena pelóta para o bote , ou rechaço de hum lanço de máo governo.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O    X X X I .

*Dos que furtaõ com unhas sabias.*

**H**A no Brasil, e Cabo Verde tantos bugiões, que são praga; e porque os estimaõ em Portugal, e em muitas partes por seus trigeitos, usão lá hum modo de os caçar sem os ferir muito facil, e recreativo. Lançaõ-lhes cocos abertos, e providos de mantimento nas paragens, onde andaõ mais frequentes; mas abertos com tal proporçaõ, que caiba a mão do bugiõ aberta, e naõ fechada; e com este animal ser taõ ardiloso, que cuidaõ os Tapuyas, que tem entendimento, tanto que empolga no miolo do coco, nunca o larga, nem sabe abrir a mão para a tirar fóra. Daõ sobre elles os caçadores de repente, tanto que os sentem enfrascados no sevo; e porque tem seu valha couto nas arvores, fogem para ellas, e saltando-lhes as mãos para treparem, deixaõ-se apanhar, por naõ largarem a preza do mantimento. Mais ardilozas são as cobras, que para escaparem de animaes inimigos, que as perseguem, fazem minas, em que se guarecem, largas no principio, e estre-

estreitas no cabo com sua fahida apertada , por onde escapaõ , deixando entalado seu inimigo ; e logo voltando-lhe nas costas pela primeira via , lhe tiraõ a vida a seu salvo , e lograõ o despojo do cadaver. Fazer huma facção de grande porte he valentia , carregar nella de grande preza he felicidade ; deixar-se render com a preza nas mãos , e perdella com o credito , e vida , he desgraça , e he ignorancia de bogião. Levarem-me a preza , e illa tirar das garras do inimigo , mas que seja com emboscada , e estratagemma , he prudencia de serpente : e estas são as un'has de que trato , que sabem pescar com sabedoria , sem deixar rasto de que lhe peguem , nem porta aberta , por onde o cacem.

Ha outras unhas , que poem sua sabedoria em fazerem bem o salto , e darem logo outro , com que se ponhaõ em cobro ; como os que andaõ de terra em terra vendendo unguentos para todas as infirmitades : em Castella os vi applaudindo seus medicamentos pelas praças ; e para prova de sua efficacia passavaõ com estocadas suas proprias tripas ( se naõ eraõ as de algum carneiro ) e untando a ferida se davaõ logo por saõs : e a gente immensã , que isto via , comprava sem reparo as unturas , que vinhaõ a ser azeite com cera,

cera, e alecrim pizado; e os vendedores passavaõ avante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheyas de unguentos, que não prestavaõ para nada. Melhor succedeo a hum, que vî em Evora [ Castelhana era ] fez hum theatro na praça, poz nelle dous caixoens de canudos do unguento milagroso, que servia para todos os males: bailou sua mulher, e huma filha, que volteava por cima de huma mesa; fizeiaõ entremezes, a que acodio toda a Cidade: disse elle no cabo taes gabos da mesinha, que não ficou pessoa, que a não comprasse a tostaõ cada canudo, até vasar de todo os caixoens, que encheo de prata: e ao outro dia deo consigo em Castella, levando de caminho outros lugares: e sey que cegou huma pessoa com a mesinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrévar de huma perna, porque a untou com elle.

Outras unhas ha taõ sabias como estas, para pilharem dinheiro vendendo sabedorias. Nesta Corte andou hum brixote vestido de vermelho na era de 642. promettendo huma receita, se lhe dessem tantos, e quantos, com que se conservaria carne fresca mais de hum anno, frutas, e hortaliças: excellente invento para as náos da India, mas nada vimos, que conseguisse effeito. Eu o vi

em

em Evora fixar carteis impressos pelos cantos, que tinha hum medicamento para conservar os vinhos, e melhora-los: e hum curioso lhe deo algum dinheiro para fazer a experiencia em hum tonel; e fora melhor fazella em hum quarto, para não perder duas pipas de vinho, que se lhe danou com a buxinifada de areia, e outros materiaes, que lhe mexeo. Outro mais sabichaó que todos veyo vendendo, que sabia fazer bombardas de parafuzos, que podessem levar cincoenta Soldados cada huma em roscas, e armalla, e disparar aonde quizeffem: poem-se a especulaçáo em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e crisma a quasi todos. Outro tão sabio em pilhar dinheiro como este prometteo fazer peças de artilharia tão leves, que podesse levar duas huma azemola, como coltaes em carga á campanha; e que as havia de fazer de couros crús, e coídos, tão fortes, que disparassem quatro tiros sem risco algum de arrebantarem: poz-se a maquina em effeito; e eu a ví em Elvas lançada em hum monturo, porque arrebantando com meya carga de prova, nos descarregou a todos deite cuidado.

Outro gabando-se de engenheiro consumado, prometteo humas barcaças, que sahindo do Rio de Lisboa abrazariaó todos estes mares, e

quan-

quantas armadas inimigas nelles houvessem : encheo-os de palhas , e chamiços , que estavaõ promettendo quando muito huma boa fogueira de S. João , e day cá por cada invento destes tantos mil cruzados. Tal como este foy outro em Campo mayor , que se gabou sabia fazer huma arca de foguetes em fôrma de gîrandola ; e que haviaõ de sahir della de foslayo todos juntos como rayos , a ferir as barbas do inimigo com ferroens de settas. Por mais louco tive outro , que trouxe a este Reyno hum segredo de armas de papel , que disse sabia fazer , untadas com certo oleo , que as fazia impenetraveis a prova de mosquete , e taõ leves como a camisa. Que haja no mundo embusteiros , não he para mim couza nova ; mas que haja em Portugal quem os ouça , e admitta , he o que choro ; sem acabarem de cahir , que tudo saõ sonhos de Scipiaõ , enredos de Palmeirim , gigantes de palha , com que nos armaõ , mais a levar o ouro do Reyno , que a defender a Coroa delle ; e nisto he que poem toda a sua sabedoria , que trazem escrita na unha.

Outras unhas andaõ entre nós taõ sabias , que despontaõ de agudas : e podemos dizer dellas , o que disse Fcsto a S. Paulo : *Multæ te literæ ad insaniam convertunt*. Actor. 26. Que os fazem doudos

doudos as muitas letras que alrotaõ. Estes sãõ os Estadistas, Alvitristas, Criticos, e Zoilos, que tem por ley seu capricho, e por idolo sua opiniaõ; e para a sustentarem, naõ reparaõ em darem a travéz com huma monarquia: e ha gente taõ cega, que levada só do sequito, que os taes por outra via ganharaõ, até a seus erros chamaõ sabedoria, sem advertirem nos grandes danos, que de seus conselhos nos resultaõ.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXXII.

*Dos que furtaõ com unhas ignorantes.*

**D**itoas unhas sãõ estas, porque depois de fazerem immentõs danos no que desfazem, e desbarataõ com seus assaltos, ficaõ sem obrigação de restituir, se a ignorancia he invencivel; que se he crassa, ou supina, corre parellas com as dos ladroens mais caalimos. Ha humas ignorancias, que somos obrigados a vencellas pelas regras de nosso officio, que nos estaõ advertindo tudo: e quem he ignorante na arte, ou officio, que professa, todos os danos, que dahi resultaõ ás partes,

tes, a elle se imputaõ, e a quem conhecendo sua ignorancia, e devendo emendallo, o consente. Como pôde ser Medico, quem nunca estudou Medicina? Como pôde ser Piloto, quem não entende o Astrolabio? Como pode ser Advogado, que nunca leu a Ordenação; e o mesmo digo de todos, quantos officios ha na Republica. Até o alfayate se não sabe talhar, deita-vos a perder o vosso panno: e hum farralheiro, se não sabe dar a tempera ao ferro, ou aço, dana-vos a peça, que lhe mandastes concertar. E na ignorancia de todos se vêm a refundir innumeraveis, e infofri-veis perdas, que causão a todo o Reyno em vidas, honras, e fazendas, que são as couzas, que mais se estimaõ. Bem provído está tudo com Examinadores para todas as Artes, se não hou- vera peitas, e intercessoens, que corrompem até os mais escoimados Rodamantos. E se isto não basta, logo achaõ hum sabio na sua sciencia, que se examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinação, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por mestre peritissimo. Como ha de haver no mundo, que se tolere, e permit- ta provarem cursos em Coimbra mais de hum cen- to de Estudantes todos os annos, sem pôrem pé

na Universidade ? Andão na sua terra matando caens , e escrevem ao seu amigo , que os approvem lá na matricula , representando suas figuras , e nomes : e daqui vem as sentenças lastimosas , que cada dia vemos dar a Julgadores , que não sabem , qual he a sua mão direita , mais que para embolçarem com ella esportulas , e ordenados , como se foraõ Bartholos , e Covas-Rubias. Daqui matarem Medicos milhares de homens , e pagarem-se , como se foraõ Avicenas , e Galenos. E a graça , ou mayor desgraça he , que nem o diabo , que lhes ensinou estes enredos , lhes saberá dar remedio , salvo for levando-os a todos , que he o que pertende.

No serviço delRey não se devem tolerar taes ignorancias , porque se seguem dellas danos gravissimos. Quem perdeu as náos , que vinhaõ da India carregadas até ás gaviás de riquezas ? Dizem que o tempo : e he engano : não as perdeu , senão a ignorancia dos Pilotos , que foraõ dar com ellas em baixos , e cachópos. Quem desbaratou a frota , que hia para o Brasil ? Dizem que os piratas : e he engano : não a desbaratou senão a ignorancia dos marinheiros , que não souberaõ velejar a proposito. Quem perdeu a victória na Campanha ? Dizem que a remissão da cavallaria :  
e he

e he engano : não a perdeu senão a ignorancia dos Coroneis , que não souberão dispôr as couzas , como convinha. Gente bisonha , e mal disciplinada occasionarão com ignorancias intoleraveis perdas ; e o que se deve saber , e advertir , nunca tem boa escuza : mas não ha morte sem achaque , todos sabem dar sahidas a seus erros , fazendo homicida á fortuna , que está innocente no delicto. Mas como o mal , e o bem á face vem , logo se deixa ver a fonte da culpa : e he grande lastima , que arrebente esta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladroens tão ignorantes , que sempre deixão rasto como lesmas , e a mesma preza os descobre ; como o que furtou o trigo , sem advertir , que era o saco roto , e pelo rasto delle , que hia deixando , lhe derao na trilha , e o apanharao. Outros porque se carregao tanto , que não podem fugir , são alcançados. Outros porque se vestem do que furtarao , são conhecidos ; e todos só por ignorantes são descobertos. Antes he propriedade da ignorancia , que por mais , que se esconda , não póde muito tempo estar occulta. Como succedeo na Alfandega do Porto por descuido do Provedor , e incuria de seus Ministros , que a balança , em que se pezao

os açucares , e drogas , que pagão direitos pelo pezo , se falsificou de maneira , que a em que se punhaõ os pezos , tinha menos duas arrobas , que a outra , em que se punhaõ as caixas , e fardos , sem se dar fé deste delirio , senaõ depois de ElRey perder muitas mil arrobas nos seus direitos. Isto de balanças deve andar sempre muito vigiado , e naõ excludo daqui a casa da Moeda : pudera referir aqui muitos modos , que ha de furtar nellas , e deixo ; porque naõ pertencem a este Capitulo , seu lugar teraõ.

Naõ farey minha obrigação , se naõ enxirir aqui huma ignorancia fatal , que anda moente , e corrente neste Reyno , na emenda da qual temos muito que aprender nas outras Naçoens ; ainda que ellas obraõ com injustiça , o que nós podemos imitar sem nenhum escrupulo. E he , que nenhuma gente ha taõ desmazelada , que fazendo huma frota , ou armada para alguma empreza , naõ aflegure os gastos della por todas as vias ; de tal forte , que se o primeiro intento naõ succeder , se recupere no segundo , ou no terceiro. Como agora : faz o Hollandez , ou o Inglez huma armada , para hir dar em certa parte de Indias , onde tem a malhada huma grande preza : e se esta lhes escapa das unhas , por ventura de huns , ou des-

graça

graça de outros, já levão destinada outra facção, e outra em outras paragens, sejaõ quaes forem, para onde viraõ logo as prôas, e não se recolhem para seus pórtos, sem trazerem, com que refacção ao menos os gastos, quando não énchaõ as bolças. Só Portugal he nisto taõ prodigo, que tem por timbre ( chamara-lhe antes inadvertência, ou ignorancia ) entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fruto, que o de dar hum passêyõ com bizzarria por Val das eguas, e tornar-se para casa com as mãos vãsias, e as frásqueiras despejadas. Quanto melhor fora levar logo no Roteiro, que se não acharem piratas, que os busquem até dentro em seus pórtos; que vaõ a Marroços, que vaõ ás barras de nossos inimigos, que esperem que sayão, e que não se venhaõ sem recuperarem por alguma via os gastos, pelo menos, os que vaõ fazendo; e a estes sem fruto chamo tambem unhas ignorantes.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O   X X X I I I .

*Dos que furtaõ com unhas agudas.*

**T**Oda a unha, que arranha, he aguda, e toda a unha, que furta, arranha até o vivo: logo todas as unhas, que furtaõ, saõ agudas. Bom está o argumento, e bem conclue o syllogismo. Mas não fallo dessa agudeza, senão da subtilidade, com que alguns furtaõ, sem deixarem rasto, nem pé-gada de que lhes peguem: e aqui bate o subtil; e o agudo desta arte. O Estudante, que vendeo a Imagem de S. Miguel da Capella da Universidade de Coimbra, como se fora sua, a hum homem do Campo, não andou subtil; porque ainda que fez o contrato no pateo, e a entrega na Capella sem testemunhas, e se acolheo com dez mil reis nas unhas, logo se descobrio a maranha, e o apanharaõ pelos sinaes, que deo o villaõ, e lhe fizeraõ pagar o capital, e mais as custas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas, a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar, o poz em huma Igreja, onde estava o Padre Cura confessando, e  
chegan-

chegando-se a elle, lhe pediu por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissão aquelle homem, e respondendo alto que sim, e que esperasse, que logo o despacharia, se deo o vendedor por satisfeito, cuidando o mandava esperar, para lhe dar o preço da compra, e teve lugar o ladraão de se a colher com o furto; mas não advertio, que o podia conhecer o Confessor, como conheceo, de que resultou sahir o ladraão da alhada com mais perda, que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da mesma Cidade de Coimbra hum forasteiro bem vestido, armou a lhe furtar o fato na volta: e armou bem para seu intento; porque o esperou no bocal de hum poço, que está na estrada, por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe cahira naquelle instante hum cadêa de ouro dentro no poço, e que daria hum dobraão, a quem lho tirasse. Moveo-se a compaixão o passageiro, que devia de ser homem de bem, se não he que o picou o interesse, e porisso não presumio malicia: gabou-se que sabia nadar como hum golfinho, e que lhe tiraria a cadêa de mergulho: despio-se, sem se despedir do vestido, que logo se despedio d'elle; porque o matalote da cadêa, tanto que o vio debaixo da

agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato, e cabana, deixando a seu dono como sua mãy o pario, sem lhe deixar rasto, nem pégada, por onde o seguisse: nem podia, ainda que quizesse, pelo deixar prezo sem cadéa, nem grilhaó, como pintaó as almas do Purgatorio. Menos cruel andou huma Matrona em Madrid, e não menos ardilosa, que mandou fazer duas bocetas com fechaduras, ambas iguaes, e semelhantes na guarnição, e pregadura: meteo em huma tres mil cruzados de joyas, e na outra outro tanto pezo de chumbo, e pedras, que achou na rua; e escondendo esta na manga, se foy com a outra a hum mercador rico, que lhe désse dous mil cruzados a cambio sobre aquellas joyas: celebraraó o contrato, sem reparar ella na quantidade dos redditos, porque não determinava de os pagar; nem elle no capital, porque se assegurava com as joyas. Virou-se contra hum escritorio para tirar o dinheiro, e com mayor velocidade a Senhora harpiã trocou as bocetas, pondo na mesa a das pedras chumbadas, e recolhendo na manga a das joyas; e levando a chave consigo, para que lhe não enxovalhassem as joyas, ou atirassem com as pedras, se foy com os dous mil cruzados, aonde nunca mais appareceo,  
nem

nem apparecerá, fenaõ no dia do Juizo.

Naõ andou menos astuta outra Senhora na mesma Corte , para se vestir de córtes os mais preciosos , que achou na calhe Mayor , á custa do mercador , que lhos cortou por sua boca sua medida. Alugãõ-se em Madrid amas , assim como em Lisboa escudeiros , para acompanhar : tomou huma , que tocava de mouca , e chamando-lhe Madre mia , se foy com ella , aonde fez a compra de tudo o melhor que achou , sedas , telas , e guarniçoens , que passáraõ de quinhentos cruzados , sem reparar em medidas , nem em preços : e quando foy á paga disse , *que nó trahia caudal bastante , porque nó pensava , que hallaria cosas tan lindas , que alli quedava su Madre , y que luego bolvia com todo el dinero : quede-se aqui Madre mia , que yo voy com esta niña , que lleva la ropa , y buelvo luego en hora buena* , responderaõ ambos mercador , e velha , ignorantes da treta ; de que a velha se livrou em duas audiencias , provando , que era de alquiler , e mouca , e servia a quem lhe pagava : e o mercador pagou as custas sobre o capital , que se lhe acolheo , e naõ alcançou ainda. Em Lisboa certo picaõ tinha huma mulata mais amiga que sua , porque era forra , e grande conserveira , trato , com que vivia , e o

sustentava ã elle passeando sem nenhum trabalho ; e se algum tinha , era com os Confessores , quando se dezobrigava nas Quaresmas. Tratou por huma vez dar de mão ao trato , e para isso fallou com hum Sevilhano , Capitão de hum navio , se lhe queria comprar huma mulata de grandes partes ? E para que tomasse conhecimento dellas o convidou a jantar , e que o preço della seria , o que sua mercê julgasse em sua consciencia. Avizou-a que tinha hum hospede de importancia , e que se esmerasse para o dia seguinte no jantar , a que o tinha convidado : metteo a innocente velas , e remos , e fez de pessoa com todo o empenho hum banquete , que se podéra dar a hum Emperador , e servio á mesa , como criada , dando-se por authora de todos os guisados , e acipipes. Ficou o Castelhanao satisfeito , tanto , que talhou a compra em duzentos cruzados , que logo contou em patacas ao picaõ : e ficaraõ de acordo , que lha entregaria no dia de sua partida levando-lha a bórdo ; e assim o fez enganando-a segunda vez , porque o Sevilhano a queria regalar no seu navio em retorno do banquete. Poz-se ella de vinte e quatro , como se fora a bodas ; e ficou nos piozes , voltando-se o amigo para terra dizendo comsigo : veremos agora , se me negaõ a absolvi-  
ção

ção os Padres Curas. O navio deo á vela : gritava a triste , que era forra ! Confolava-a o Castellano , *que luego se le iria aquella passion , como se viesse em Sevilla , que era tan buena tierra como Lisboa , y que iba para ser Señora , mas que esclava , de una casa muy noble , y rica , &c.*

Estas são as unhas agudas , que fazem a sua fem deixarem coimas : e destas ha milhares , que na fazenda delRey fazem grandes estragos com alvitres , e conselhos , que despontão de agudos , e levaõ a mira em encherem as bolças , como se vio nos das maçarocas , e bagaços , de que não resultou mais que gastos da fazenda Real para Ministros. E destes ha alguns taõ déstros , que provêm todos os officios em seus criados , para lhes pagarem serviços proprios com salarios alheos : e são os peores , porque com as costas quentes em seus amos , procedem affoutos nas rapinas. Outras unhas ha destas , que por não encontrarem fazenda Real , em que empolguem , aproveitaõ-se da authoridade do Rey , para dar no povo com admiraveis traças , e habilidades , que a arte lhes ensina : e bem de exemplos a este proposito deixámos referidos no Cap. 4. em que mostrámos , como os mayores ladroens são , os que tem por officio livrar-nos de ladroens.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O   XXXIV.

*Dos que furtaõ com unhas singelas.*

**M**Elhor dicera rombas, ou grosseiras, para as contrapor com as agudas, de que atégora fallámos: mas tudo vem a ser o mesmo, e muito mais ainda, e logo contraporemos estas com as dobradas, que se seguirão. E para intelligencia de hum, e outro capitulo, devemos presuppôr, que assim como ha unhas dobradas, tambem as ha singelas. Dobradas são, as que se aprestando de varios modos, e invençoens, com tal arte, que nunca lhes escapa a preza. E daqui se infere, que as singelas eraõ as que não tem mais, que hum modo, e caminho, por onde furtaõ; não armaõ mais que a hum lanço, e se erraõ o tiro, ficaõ sem nada. E acrecento mais, porque singelo quer dizer simples; que furtar ninherias, e de modo, que vos apanhem, tambem he ser ladraõ de unhas singelas. Furtar cinco, ou seis mil cruzados abrindo portas com gáfias, ou arrimando escadas, e destelhando as cazas para decer por cordas, e dar no thesouro,  
modos

modos são de furtar, que sabe qualquer ladrao, antes de ser graduado, ou marcado, que he o mesmo. Mas levar o thesouro sem gafúas, sem escadas, sem cordas, nem sobrefaltos, aqui está o futil da arte, e o não ser aprendiz fingelo. Furtar esse thesouro, e dar comfigo na forca, porque o apanharao com o furto nas mãos, ou com as mãos no furto, isso he furtar de ladroens zinhos novatos, que não sabem, qual he a sua mão direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de hum milhaõ, e outro em cima, e ficar taõ enxuto como hum inhame; e taõ escoimado, como hum noviço cartuxo, sem deixar indicio, de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroide; e o que assim se porta, bem se lhe póde passar carta de examinação, com foro, e privilegio de mestre graduado nesta ciencia: e destes doutores ha mais de hum milhaõ, que cursaõ as Cathedras, e escolas de Mercurio, e Caco. E quem são estes? Perguntastes bem; porque como não trazem insignias de seus graos, nem sinal manifesto de sua profissao, são mãos de conhecer; e entao melhores mestres, quando peores de achar: sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, são insignes.

Seraõ

Seraõ estes, os que vos sahẽ nas estradas com carapuças de rebuço, e espingardas no rosto: Tiray lá, que ainda que lhes chamais falteadores por anthonomasia, são formigueiros por profissão; e taõ singelos, que nunca levantaõ casa de sobrado, nem tem bens de raiz, nem ajuntaõ moveis, que não caibaõ de baixo do braço; são como o caracol, que traz a casa consigo, e como o Philosopho, que dizia: *Omnia mea mecum porto*. Tudo, quanto tenho de meu, trago comigo. E ainda menos, pois o que trazem, tudo vem a ser alheyo. Seraõ os alfayates, que lançando o giz além das medidas, e metendo a te-zoura por mais duas dobras, do que cortaõ, tiraõ a limpo, sujando a consciencia, hum gibaõ de córte, e cortaõ hum calção de veludo para si, e huma anagoa para sua mulher: E tambem são ladroens singelos; porque são caseiros, criados á mão, não mataõ, nem ferem: quanto tomaõ, cabe em huma arca, que chamaõ rua; e porisso juraõ, quando lhes perguntais pelos retalhos, que sobejaõ, ainda que sejam muitos, e grandes, que os botaraõ na rua: e ficais sem escandalo do que vos levaõ. Seraõ os Tabeliaens, e Escriptivaens, que ha sem numero nesta Corte, e em todo o Reyno, que com huma pennada tiraõ, e daõ cem mil cruzados

zados a quem querem ? Effes grandes ladroens são, mas singelos , principalmente quando se applicaõ a si o que furtaõ , porque logo se lhes enxerga ; como aquelle , que fez humas casás em Lisboa junto a S. Paulo , que ainda hoje se chamaõ da pennada , porque vendo-as ElRey D. Sebastiaõ , disse : Boa pennada deo alli o Tabelliaõ ! De mais de que , como põem por escrito tudo , são faceis de apanhar seus erros de officio : e se dobraõ o partido com outro , para se justificarem , ficaõ á revelia de quem fará , que percaõ o feito , e o por fazer : e lá irá quanto Martha fiou , por se fiarem , de quem lhes não deu fiança a lhes guardar segredo no conluyo.

Seraõ os soldados de cavallo , que quando se vem montados em ginetes , que não são de seu gosto , lhes daõ tal trato , que em quatro dias daõ com elles no almargem , e no monturo , para que os provejaõ de outros ? Tambem são ladroens singelos ; porque dando com isso grande dano a sua Magestade , ficaõ com pouco proveito. Outros ha neste genero mais escrupulosos , que por não serem homicidas da fazenda Real , lhes ataõ fedas nos artelhos dos pés , ou das mãos com tal arte , que os fazem manquejar , até que os provêm de outros. E o furto está no dano , que se dá

dá a ElRey, e á milicia; porque se vende o cavallo manco por dous, ou tres mil reis, para huma atafona, ou nóra, tendo custado quinze, ou vinte. E dahi a quatro, ou cinco dias, vay o folhado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e darvoshey este rocim saõ em duas horas? Concertaõ-se em dez, ou doze tostoens; applicalhe hum emplasto de herva moura, para dissimular a tezoura, que vay por baixo, e córta a fedella, que lhe pescou os tostoenzillos, e fica o cavallinho saõ como hum pero no mesmo instante; e quem o mancou, e desmancou, taõ quieto na consciencia, como maré de rosas. Os infantes coitadinhos, querem alguns criticos especulativos, que sejaõ de unhas dobradas, porque saõ multiplicados os seus furtos: mas não tem razão, que assas singelos andaõ; e se agatalhaõ huma marrãa, ou hum cabrito, mas que seja hum carneiro, ou huma vaca, quando vaõ de marcha por elles campos de Jesu Christo, he, porque os achaõ desgarrados, para que os não coma o lobo; e assas tenue vay tudo, e assas singelo. Andem elles fartos, quero dizer pagos, e póde ser que tenha tudo emenda. A obri-gação, que a todos corre, já o disse no capitulo 21. das unhas militares.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXXV.

*Dos que furtaõ com unhas dobradas.*

**J**A' dissemos, que unhas dobradas são, as que se armaõ de varios modos, e invençoens, para furtar com tal arte, que nunca lhes escapa a preza. Ha na Dialectica hum argumento, que chamamos Dilema; porque joga com duas proposiçoens, como com pão de dous bicos, que necessariamente vos haveis de espetar em hum delles. Taes são os ladroens, que chamo de unhas dobradas; porque as agução de forte, que por huma via, ou por outra lhes haveis de cair nellas: com hum exemplo ficará isto claro, e corrente. Quando sua Magestade, que Deos guarde, manda fazer cavallaria para as Fronteiras, he certo, que ha grandissima variedade nos preços, e que nunca se ajustaõ os avaliadores, humas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o Dilema, de que não póde escapar o furto: quando levantaõ o ponto, no escudo delRey vay dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores descarrega o golpe. E succede ordinariamente a pesca, sem os Ministros delRey serem sabedo-

bedores das redes , com verem abertamente os lanços: ainda que pela experiencia bem poderão advertir na desproporção dos preços: furtase a ElRey, que manda comprar os cavallo, ou furtase aos vendedores: e a restitução de ambos os furtos, se bem a averiguarmos, vem a ficar ás costas dos avaliadores, que ordinariamente são os alveitares das terras, onde se fazem as resenhas, e escolhas dos potros, cavallo, e dragoens mais aptos para a guerra: e succede assim, que se o vendedor he poderoso, intimidada os ferradores, ou os peita, para que ponhão em quarenta, o que não vale vinte; e fica defraudada a fazenda Real em mais de ametade; e se o vendedor não tem ardil, nem poder, para agencear, e seguir esta trilha, avaliaõ-lhe o que vale trinta em quinze, e em dez, levados do zelo do bem commum, a que se encostaõ para engolir o escrupulo: e assim por huma via, ou por outra ordinariamente se afustaõ, e poucas vezes se ajustaõ com o legitimo preço, errando o alvo hora por alto, hora por baixo. E he certo, que sua Magestade, que Deos guarde, não quer nada disto: não quer o primiro; porque defrauda seus thesouros: não quer o segundo; porque offende seus vassallos, que tambem não são contentes de serem enganados em  
mais

mais da ametade do justo preço : com que fica certíssimo , que he furto manifesto por huma via, e por outra. Nesta agua envolta escorreraõ às vezes os executores tambem com os poderes Reaes, tomando para si os melhores potros por preços muito baixos : e talvez succede tomarem hum , e dous, e tambem tres por dez mil reis , e por oito cada hum , á titulo de irem servir com elles ás fronteiras , e dahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por sessenta , e por cem mil reis , por ser de boa raça , e melhores manhas. Se nisto ha furto , perguntemno a seus confessores , e veraõ o que lhes respondem com Navarro. Mas má hora , que tal perguntem.

Outro modo ha mais seguro de furtar com unhas dobradas , e póde ser , que mais proveitoso : e he , quando dous vaõ forros , e a partir no interesse , e succede na mesma cavallaria , quando della se fazem resenhas para as pagas ; e tambem acontece o mesmo na infantaria. Tem hum Capitão oitenta cavallos sómente , passa mostra de cento e vinte , porque pedio quarenta emprestados a outro Capitão seu amigo , a troco de lhe fazer a barba do mesmo modo , quando fizer a sua resenha : e assim embolçaõ ambos oitenta praças de ausentes , que bem esmadas por mezes , fazem

fomina de mil e duzentos cruzados cada mez ; e se durar a tramoya hum anno , chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados : e se usarem della muitos cabos , teremos de pôr de portas adentro pilhagens , e pilhantes peores , que os que nos vêm de Castella faltear os boys , e ovelhas. Mas o General das armas [ peço a sua Excellencia licença para o nomear aqui ] o Conde de S. Lourenço contraminou já tudo , e tem as couzas tão correntes com notas , e contra divizas , que não pôde haver engano : como tambem nas innumeraveis praças de infante , que se gualdripavaõ com achaque de doentes , e vinhaõ a ser peor que praças mortas ; porque taes doentes , e taes soldados não os havia no mundo : e mandando-os ver á cama , e não os achando , descobrio a maranha : e ainda deo alcance a outra peor , em que punhaõ de cama soldados faõs com nomes mudados. Nada escapa á subtileza desta arte de furtar : mas o zelo , e destreza do Conde General excede , e vence todas as artes no serviço del Rey nosso Senhor.

Em Viana de Caminha me ensinou hum Castellaõ a furtar com unhas dobradas com mais destreza ; porque jugando o páo de dous bicos , trancava ambas as pontas infallivelmente. Con-

certa-

certava-se com os navios, que vinhaõ de fóra, a quanto me haveis de dar por cada fardo, ou caixa, e porvos-hey tudo seguro, onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que cõmunica com o mar, e com a terra, e dava lhes passagem segura para as loges dos mercadores. E feito este primeiro salto, dava ordem ao segundo por via de hum alcaide, com quem hia forro, e a partir nas ganancias das prezas, que lhe inculcava: dava lhe ponto, e aviso infalível das paragens, onde acharia taes, e taes fazendas furtadas aos direitos. E assim era, que ficavaõ no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, huma das grossas peitas, que davaõ ao Castellaõ, e outra do muito mais, que eraõ forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse: e nesta segunda bolada tornava o Castellaõ a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas effectivamente sem errar o tiro de nenhuma.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXXVI.

*Como ha ladroens , que tem as unhas na lingua.*

**M**Elhor differa nos dentes , porque tem duas ordens , com que dobraõ a preza , e affer-raõ melhor que a lingua ; e tambem porque tudo , quanto se furta , vem a parar , ou a desapa-recer nos dentes. Espada na lingua já eu ouvi di-zer , que a havia , e tambem podera dizer setta ; porque fere ao longe como setta , e corta ao perto como espada ; e peor , porque muitas ve-zes de feridas incuraveis , como espada columbri-na , e setta hervada : Mas unhas na lingua he couza nova. Ainda mal , de que he taõ velha , e tantas vezes renovada em gente Aulica. Vello-sheis andar no Paço fazendo mizuras a cada passo , e tirando a gorra àlegua , chapéo queria dizer , que já se não usãõ gorras : não lhes tacho a cor-tezia , que he virtude muito propria da corte ; mas noto a intensãõ , e palavrinhas , com que a acompanhaõ ; as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia , sãõ unhas de aço , que não só arranhaõ creditos alheyos , mas empolgaõ para

para si, que he o principal intento, em tudo o precioso, que cuidaõ se pøderá dar a outros. E para isso naõ ha provimento, que naõ desdenhem, nem despacho, que naõ menos cabem; até o que he nos outros paga de justiça, fazem negociação de adherencia, para levarem a agua ao seu moinho, e fazerem cano das minguas alheas para as enchentes proprias, de que andaõ sequiozos. Façamos praça de exemplos, e correrá a verdade deste capitulo clara como agua.

Olhame para aquelle Capitaõ, que entra na Audiencia com hum braço menos; porque lho levou na guerra huma bala: vede dous soldados, que vem com elle, hum com hum olho vasado de huma estocada, e outro com huma perna quebrada de huma mina; porque para os fazer afortunados sua fortuna os marcou com taes desgraças. E como nos mayores riscos tem sua ventura a valentia, allegaõ a seu Rey, o que em seu serviço padeceraõ, para que os remunere com os despachos, que merecem: hum péde a Comenda, outro a tença, outro o Habito: todos merecem muito mais. Mas o invejoso, que está de fóra, e taõ defóra, que nunca entrou em taes baralhas, temendo, que lhe võe por aquella via o passaro, a que tem armado a costella, e que se lhe vá

da rede a preza, que pertende pescar; puxa da espada da lingua; porque nunca arrancou outra para cortar o direito, que vê vaõ adquirindo, e diz do torto: olhay, o com que vem agora cá o tortéles Polifemo! Por hum olhinho que perdeo, Deos sabe aonde, póde fer que bebendo em alguma taverna, quer que lhe dêm mais do que val toda a sua cara: ainda lhe ficou outro olho, isso lhe basta. Pois o outro Briareu, devia de querer cem braços, bastandolhe huma mão para empinar, quanto tem furtado com ambas; e por hum bracinho, que lhe cortaraõ, quer que lhe talhem huma Comenda, que não sonharaõ seus avós: e o outro que por huma perninha lhe dêm hum habito. Quanto melhor lhes fora a todos tres tomarem o habito de huma Religiaõ, para fazerem penitencia de quantas maldades obraraõ, para acharem estas manqueiras, de que vem fazer gadanho para estafarem mercês, que só nós merecemos a ElRey, como se vê ao perto. E por esta folfa se deixa este, e outros taes como elle, hir descantando semelhantes letras, até que saem com a sua por escrito, estorvando os despachos a quem os merece, para os incorporarem em si. É ainda mal, que lhes succede. Testemunha seja hum Capitaõ, que eu ví despedirse de hum ami-

go nesta Corte, para se voltar para as fronteiras com quatro mezes de semelhantes requerimentos: e perguntandolhe o amigo, como se hia sem esperar o seu despacho? Respondeo palavras dignas de se imprimirem: Voume desta Babylonia para a campanha; porque me he mais facil, e honroso esperar lá as balas do inimigo com o peito, que aquí com os ouvidos as dos ditos, e repostas dos Ministros, e Aulicos de sua Magestade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que tem as unhas na lingua, não descansão, até que não enxotão toda a sorte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a suas pertenções, que por esta arte alcançãõ; e assim furtaõ, e pescaõ com os anzoens, e unhas da lingua o que não merecem, e de justiça se deve dar, a quem arriscou a vida, e não a quem a traz empapelada: e estes são os ladroens, que tem na lingua as unhas, com que empolgaõ no que não he seu, nem lhes he devido. Facil tinha tudo o remedio, e escrito está, e marcado com sellos de chumbo, que os premios da guerra não se applicuem a serviços da paz. Se os Summos Pontifices largaraõ a este Reyno os dizimos de innumeraveis Comen-

das, que he sangue de Christo, para os Cavalheiros, que á custa de seu sangue propagaõ a Fé, e defendem a patria: como se póde permittir, que logre estes premios, quem nunca defendeo a Fé, nem honrou a Patria: Não sey se o diga: Que vi já Comendas em peitos inimigos de Deos, e algozes da patria. Calate lingua; não te arrisques: olha que temo chamem muitos a isto murmuracão, tomando-o por si: porque tudo o que pica dezagrada: e o que dezagrada, he final que lhe toca. Toquemos a recolher, e vamonos dizer antes sape a hum gato.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXXVIII.

*Dos que furtaõ com a mão do gato.*

**L** Adroens ha, dos quaes podemos dizer, que tem mais mãos que o gigante Briareu, porque não lhes escapa conjunção, lugar, nem tempo; e como se tiveraõ mil mãos, *á dextris, e á sinistris*, não erraõ lanço: e isto vem a ser furtar com mãos proprias, que não he muito; mas furtar até com as alheyas, he destreza propria def-

ta arte, que vence na malicia a subtileza de todas as artes. Diz Laetantio Firmiano, que a mayor maldade, que commette o demonio, he a de tomar corpos fantasticos para commetter abominaçoens: porque não pôde haver mayor malicia, que despir-se huma creatura de seu proprio ser, e vestir-se da natureza alhea, saindo-se de sua esfêra, para poder mais offender a Deos. Taes são os homens ladroens, que se ajudaõ de mãos alheas: saem-se de sua esfêra, e vão mendigar nas alheas modos, e instrumentos, com que mais furtem. Não se contentar hum ladraõ com duas mãos, que lhe deo a natureza, e com cinco dedos que lhe poz em cada huma, armados com muitos formosas unhas, e hir buscar mãos alheas, e emprestadas, para mais furtar, e poupar as suas para outros lanços, he o summo da ladroíce. No como se verifica isto, está ainda a mayor difficuldade, que será facil de entender, a quem olhar para a mão de Judas, quando no officio das trevas apaga as candêas. Obrigação he que corre por conta dos Sacristaens: mas porque não chegaõ ás velas, ou por se não queimarem, valem-se da mão alhea: e assim vem a ser mãos de judas todas, as que ajudaõ ladroens em seus artificios.

Ainda se não deixa ver, em que cabeça vay dar

dar a pedrada deste discurso. Os senhores Assentistas me perdoem , que elles haõ de ser aqui o primeiro alvo deste tiro. Digaõ-me Vossas Senhorias [ e naõ estranhem o titulo , que he cortezia , que nos introduziraõ cá os Berlanguches , que logo entrarãõ tambem nesta reſte ] ſe ElRey noſſo Senhor lhe concede licença para recolherem comprado no novo o paõ , que baſte para o provimento das fronteiras , o que podem fazer por ſi , e ſeus criados , para que empenhaõ niſſo os Juizes , Ouvidores , Corregedores , e Provedores de todo o Reyno? E porque eſtes ſãõ eſcoimados , e haõ medo de tomar peitas , á força lhas fazem aceitar , alcançando-lhes licenças de ſua Mageſtade para iſſo? Que he iſto? Donde vem tanta liberalidade , em quem trata de ſua ganancia? Interreſſe he tudo proprio: mãos de gato armaõ , e com ſaguates lhes aguçaõ as unhas , para as prezas ſerem mais copioſas paſſando dos limites , de cujas crecenças fazem negoceaçaõ , e venda a ſeu tempo com exceſſo , levando de codilho a ſubſtancia aos Póvos famintos , obrando tudo com as mãos da juſtiça , que he , o de que me queixo ; que a juſtiça chegue a ſer entre nós maõ do gato , para que naõ lhe chamemos maõ de Judas , que atica eſte incendio , em quanto os ſobreditos tem

as fuas de reserva em luvas de ambar para a gafa-  
lharem os lucros, que com tantas mãos negocea-  
raão.

Demos huma de mão aos Berlanguches, já,  
que lha promettemos, e elles não querem, que  
lhes faltemos com o promettido. Ha perto da nos-  
sa barra de Lisboa huns ilhéos, que chamamos  
Berlangas; e porque passaão por elles todos os Estran-  
geiros, que vem do Nórte, chamamos a todos  
Berlanguches. Estes pois deraão em nos virem  
meter na cabeça, que só elles sabem fazer ba-  
luartes, attacar petardos, disparar bombas, ar-  
tificiar maquinas de fogo, e engenhos de guerra.  
Sendo assim, que de tudo, quanto obraão, não vi-  
mos até agora fruto, mais que de immensas pa-  
tacas, e dobrões, que recolhem para mandar á  
sua terra: até agora não vimos bomba, que ma-  
tasse gigante, nem petardo, que arrazasse Cidade,  
nem maquina de fogo, que abrazasse armada, nem  
queimasse se quer hum navio. Porisso disse muito  
bem o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga ( que  
em tudo he discreto ) respondendo á petição de  
hum destes engenheiros, que demandava hum  
milhaão de mercês pelas barcas de fogo, que ar-  
quitectou contra os Parlamentariós, que nos pe-  
jaraão a barra do Tejo no anno de 1650. que o  
quei-

queimassem com ellas , por nos gastar a nossa fazenda com engenhos , que no cabo nada obraraõ. Somos como crianças os Portuguezes nesta parte : admiramo-nos do que nunca vimos ; e estimamos só , o que vêm de fóra , e apalpado tudo , he farello ; porque no fim das contas só o nosso braço he o que obra tudo , e leva ao cabo as emprezas. Aqui me pergunta hum curioso pelas unhas do gato ? E eu lhe respondo , que olhe para os thesouros delRey , e para as nossas bolças , e verá tudo arranhado com estas invençoens dos Berlanguches , peores para nós , que mão de gato ; pois nos furtaõ , e levaõ com seus gatimanhos , o que fora melhor dar-se aos filhos da terra , que o trabalhaõ , e o merecem : e no cabo andaõ despidos , e os Berlanguches rasgando cochovilhas , e brilhando telas. Basta hum tostaõ , para qualquer homem de bem passar hum dia : hora demoflha a elles dous , com que pôdem beber vinho , como boys agua ; para que he dar-lhes setenta e quatro mil reis cada mez de ordenado ? Desordenada couza chamára eu a isto ; pois lhes vêm a fahir a mais de hum tostaõ para cada hora , e mais de dous mil e quatro centos reis para cada dia , e hum conto para cada anno. Parece isto conto de velhas , e diicursõ de gigantes encantados : Gi-  
gantes

gantes de ouro são isto, que se nos vão do Reyno, conquistados por Pigmeos de palha, de que fazem a mão do gato; que de palha borrifada com polvora vem a ser o fogo, com que abrazaõ mais a nós, que a nossos inimigos: e elles o são mais verdadeiros, que os Castelhanos, porque estes nunca nos déraõ tal faco, nem entraraõ cá por taes esfolagatos.

E para que não pareça que só em estranhos damos com este discurso, viremos a prôa delle para nossas conquistas, e acharemos mãos de gato façanhosas, de que usaõ Portuguezes. Já toquey esta treta succintamente no §. ultimo do Capitulo IX. a outro proposito; mas agora a contarey mais difusa a este intento, em que tem mais artificio. Quer hum Capitaõ, ou Governador tornar para sua casa rico sem escandalos, nem revoltas: mete-se de gorra com os mais opulentos do seu distrito, vendendo bullas a todos de valias, e pedreiras, que tem no Reyno: mostra cartas suppostas, com avizos de despachos, habitos, cõ-mendas, e officios, que fez dar a seus afilhados: e como todos, os que andaõ fóra da patria, tem pertençaõs nella, crece-lhes a todos a agua na boca ouvindo isto; e vão-se para suas casas discursando o caminho, que terãõ para terem entrada

da com tão grande valia , que tantos compadres tem em todos os Conſelheiros , e logo lhes occorre a eſtrada coimbrãa das peitas ; porque dadivas quebraõ penedos ; e armaõ logo hum preſente para adoçar o Senhor Capitaõ , ou Governador , e o hir diſpondo ao favor , que pertendem : e já ſe imaginaõ dando alcance á garça , que tão alto lhes voou ſempre : crecem as viſitas , chovem os donativos de huns , e outros ; e quando chega a monçaõ de navios para o Reyno , chegaõ os memoriaes , e achaõ aos ſobreditos Senhores fazendo listas para a Corte , eſcrevendo cartas , arrumando negocios de mil pertendentes , e de tudo fazem rede para peſcar os donativos , com que naturalmente ſe deſpenhaõ. Chega hum , e diz : Senhor , bem ſabe Voſſa Senhoria que ha vinte annos ſirvo a Sua Mageſtade á minha cuſta , e que he já o tempo chegado de lograr alguma mercê por iſſo : e para que eu deva eſta tambem a Voſſa Senhoria , eſpero que me favoreça por meyo de ſeus validos , a quem proteſto ſer agradecido. Tenha mão v. m. acode a Senhoria , para que veja como trago a v. m. na caſa dianteira , e ſuas couzas diante dos olhos. Senhor Secretario , lea v. m. lá as cartas , que eſcrevi hontem para Sua Mageſtade , e para o Concelho da Fazenda , e Ultramarino. E

o Se-

o Secretario, que está de avizo, puxa pelas primeiras duas folhas de papel, que acha escritas; e com a destreza, que costumaõ, relata logo de cada huma feu Capitulo, que de repente vay compondo, talhado para as pertençaens do suppliante, em que o descreve taõ valente, leal, e bizarro, que nem a mãy, que o pario, o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petiçoens, e memoriaes Sua Senhoria, e manda ao Secretario, que as anexe áquelle ponto: e ao sobredito diz, que durma descansado, que em boa mão jaz o pandeiro: e elle mais solícito, que nunca, vay-se para casa, e manda logo o melhor que acha nella, para não ser ingrato; e por esta maneira de mil modos com estas abuiões cação os mais gordos tralhoens da terra, e metem nas redes os mayores tubaroens do alto: papos de almiscar em Macáo, bocetas de basares em Maláca, bisalhos de diamantes em Goa, alcatifas de seda em Cóchim, barras de ouro em Moçambique, pinhas de prata em Angola, caixas de açúcar no Brasil, e em cada parte de tudo tanto, que enchem navios, que vem depois dar á costa: *Male parva, male dilabuntur.* A agua o deo, a agua o leva. E ficaõ desfeitas como sal na agua todas as maquinas das pertençaens dos innocentes, e elles no limbo da

suspensão , e no Purgatorio do arrependimento, porque deraõ ao gato, o que não comeo o rato.

Tambem para ElRey Nosso Senhor ha mãos de gato , que lhe arranhaõ a fazenda , e arrastaõ a grandeza de suas datas, e mercês ; e são os exemplos tantos , que não me atrevo a contalos, assim por muitos , como por arriscados. Direy hum imaginado , que podia acontecer , e servirá de molde para muitos. Vaga em Coimbra huma Cadeira : vem consultada em tres oppositores. O primeiro he o melhor , o ultimo o sumenos : tem este por si mais amigos na Corte : temem falar a Sua Magestade ; porque são conhecidos , e sabem, que especúla muito bem os que são a apaixonados, para não admittir suas informaçoens : buscaõ huma mão de gato , e armaõ os páos, que venhaõ a cahir nella : espreitaõ a occasião , em que Sua Magestade vê as consultas , fallaõ-lhe , como a caso : Senhor, para que se cança Vossa Magestade em apurar gente, que não conhece ; consultas da Universidade são muito apaixonadas pelos bandos das opposiçoens , que muitas vezes poem no primeiro lugar , quem havia de vir no ultimo : aqui anda o Lente Fulano , que tem grande conhecimento de todos os sugeitos, e he dezenteresado nestas materias : informe-se Vossa Magestade delle,

delle, e verá logo tudo claro como agua. Tendes razão. Toca a campainha : acode o Moço Fidalgo : manday recado a fulano, que me falle á tarde. Aqui está na Sala, responde o mesmo : Deos o trouxe sem duvida, acodem os conjurados, que de proposito o trouxeraõ, e deixaraõ no posto bem instruido. Saem-se todos para fóra, e entra o louvado : cõmunica-lhe Sua Magestade a duvida : resolve-a elle fazendo-se de novas no ponto, que traz estudado : e affirma que os conhece a todos melhor que as suas mãos ; que nunca Deos queira, que elle diga a seu Rey huma couza por outra, que nem por seu pay mudará huma cifra contra o que entende : e com estes enfalmos apeya os melhores do primeiro lugar, e levanta o ultimo aos cornos da Lua : e como não presume malicia, quem não trata enganos, persuade-se ElRey, que aquella he a verdade ; e tomando a penna despacha a consulta, e dá a Cadeira ao que menos a merece : e faça-lhe bom proveito : e estes são os modos, suave leitor, com que cada dia se tiraõ sardinhas com a mão do gato.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O   X X X V I I I .

*Dos que furtão com mãos , e unhas postiças de mais , e accrescentadas.*

**D**E hum ladraão se conta , que tinha huma mão de páo taõ bem concertada , que parecia verdadeira , e devia de ser a direita , porque encostando-a á esquerda por entre as dobras da capa , se punha de joelhos muito devoto nas Igrejas de concurso junto aos que lhe parecia , que poderiaõ trazer providas as algibeiras ; e com a outra mão , que lhe ficava livre , lhes dava sacco subtilmente ; e ainda que os roubados sentiaõ alguma couza , olhando para o vilinho , de quem se podiaõ temer , e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deos , persuadiaõ-se , que seriaõ apertoeis da gente , o que sentiaõ. Assim me declaro nisto , que chamo furtar com mãos postiças , de mais , e accrescentadas : e melher ainda me declararey , com os que occupão muitos officios na Republica , comendo , e devorando a dous carrilhos , como monstros , a substancia do Reyno : como se lhes não bastara a mão

mão, que tomaõ em huma occupação, mettem pés, e mãos no meyo alqueire com seu Senhor, e ajuntaõ moyos de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaraõ a mão; e já lhes eu perdoára, se fõ huma mão meteraõ na massa, isto he, se fõ com hum officio se contentaraõ: mas manejar tres, e quatro com mãos postigas, he quererem agarrar este mundo, e mais o outro.

A Santa Madre Igreja Catholica Romana, que em tudo acerta, tem mandado com sua milagrosa providencia, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados, por amor da assistencia; que não sendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que apparece na mesma tempestade em dous navios, he impossivel tella em duas partes; e não quer, que coma, e beba o sangue de Christo, sem o merecer pessoalmente. E como ha de haver no mundo, quem coma, e beba o sangue dos pobres, e a fazenda delRey, e substancia da Republica, hum homem secular occupando dous postos, e dous officios incompativens: e porque saõ mais que muitos, chamo tambem a isto ladroens, que furtaõ, e comem a dous carrilhos; e ainda mal que comem a tres, e a quatro, como monstros de duas cabeças. Muitas cabeçadas se daõ, e toleraõ em Republicas mal governadas: mas que na

noſſa tão bem regida , e diſpoſta ſe ſofraõ eſtas , he para dar os bem entendidos com as cabeças por eſſas paredes. Ver que faça dous officios , e tres , e quatro , e ſete occupaçoens hum só homem , que eſcaſtamente tem talento para hum cargo , he ponto , que faz fogir o lume dos olhos : e pouca villa he neceſſaria para ver , que não póde eſtar iſto ſem grandes ladroïces : e a primeira he , que come os ordenados , com que ſe podéraõ ſuſtentar , ſatisfazer , e ter contentes quatro , ou cinco homens de bem , que o merecem. A ſegunda , e mayor de todas , que como he impoſſivel aſſiſtir hum só ſujeito a tantas couzas diferentes , paſſão-lhe pela malha mil obrigaçoens de juſtiça , não dando ſatisfaçaõ ás partes , trazendo-as arrasta-  
das muitos mezes , com gastos immenſos fóra de ſuas patrias : e no cabo deſpachaõ mil diſbarates por eſcrito , para ſerem mais notorios ; porque não tem tempo , para verem tantas couzas , nem memoria , para comprehenderem as certezaſ , que ſe lhe praticaõ : e quando vão a alinhar as reſoluçoens , eſcapaõ-lhe os pontos , e embaraçaõ-lhe as linhas , que tinhaõ lançado huns , e outros ; e perde-lhe o fiado , e o comprado , e o vendido ; e vem a ſer mais difficuloſo encaminhar hum deſarranjo deſtes , que começar a demanda de novo.

Per-

Perdem-se petiçoens , fõem-se proviçoens , faltaõ os Oraculos , respondem fésta por balhésta , fazem-vos do Ceo cebola , metem-se no escuro dos segredos , com mysterios , que não ha : e Deos nos dê boas noites. Baldaraõ-se as peitas , frustraõ-se as intercessoens , perderaõ-se os gastos , e a paciencia ; e appellay para o barqueiro , que de Deos vos póde vir o remedio ; porque se o buscardes na fonte limpa , que reprende com sua clareza tantas aguas turvas , arriscais-vos a huma enxurrada de Ministros , que vos tiraõ o Oleo , e mais a Crisma.

Finalmente digo , que assim como ha heresias verdadeiras , que encontraõ verdades catholicas ; assim ha heresias politicas , que encontraõ as verdades , que escrevo : e assim como seria heresia de Calvino , e Lutero dizer que he mal feito ordenar a Igreja , que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados ; assim he heresia na politica do mundo admittir que hum homemsinho de nonnada ocupe dous officios , que requerem duas assistencias. He nota de alguns Esripturarios , que nunca Deos provêo dous officios juntos em hum só sugeito : e para significar a importancia disto mandava , que ninguem semeasse dous legumes na mesma terra : e quando occupava algum servo

feu em huma empresa , dava-lhe logo com ella os talentos necessarios , e forças convenientes : e isto não pôdem fazer os Principes da terra , que se bem são Senhores dos cargos , para os darem a quem quizerem , não o são dos talentos , nem os pôdem dar , a quem os não tem , como pôde Deos ; e porisso deve hir attento nos provimentos , que fazem , porque até hum só , e singular requer homem capaz , para ser bem servido. E para que se veja , como as couzas vão muitas vezes nesta parte , contarey o que succedeo ha poucos annos em huma praça , onde foy provido por Capitaõ Mór certo Cavalheiro , que presumia de grande Soldado : e no primeiro dia , em que tomou posse do seu feliz governo , lhe foraõ pedir o nome para as rondas daquella noite. Estava elle em boa conversação de amigos , e Senhores , que o visitavaõ com o parabem de sua boa vinda : perguntou ao Cabo , que era o que demandava ? Que me dê Vossa Senhoria o nome para esta noite , he o que peço , respondeo elle : e o Senhor Capitaõ instou muito admirado : ainda me não sabem o nome nesta terra ? E muito mais o ficaraõ os circunstantes do seu enleyo. Acodio o Sargento : bem sabemos o nome de Vossa Senhoria , o que peço he o nome para a ronda. Aqui areou  
mais

mais o Capitaõ. E para não se arriscar a responder outro despropósito, disse-o peor, porque o mandou embora sem resolução, e que no dia seguinte tratariaõ o ponto com mais desafogo. E eis aqui que taes succedem ser os Senhores, que occupaõ grandes póstos: e sendo taes, que faraõ, se os puzerem em muitos.

He engano manifesto dizer-se, e cuidar-se, que não ha homem para os cargos, e porisso os multiplicaõ em hum Ministro. He o nosso Reyno de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa sejaõ todas as sciencias, e artes, que em Portugal acharaõ seus Authores. A nobreza, e fidalguia, authoridade, e chris-tandade entre nós andaõ em seu ponto. Todas as naçoens do mundo pódem andar com nosco á soldada nesta parte: mas não apparecem os talentos por tres razoens. Primeira, porque não ha, quem os busque. Segunda, porque ha, quem os desvie. Terceira, porque não são entremetidos; e isso tem de bons. Não ha quem os busque; porque não ha quem os estime. Ha quem os desvie, por se introduzir inutil. Não se offerecem, por não padecerem repulsa. E daqui vem andarem Scipioens valentes pelos pés das moutas comendo terra, e Tersistes cobardes pelos tronos cevando

vaidades : andaõ Anibaes prudentes guardando gado , e Nabaes estultos dominando opulencias. Andaõ Heitores leaes arrastados á roda dos muros da patria , que defenderaõ , e Sinoens traidores embolçando vivas , e triunfando em carros. Sejaõ ouvidos Varoens desentereffados , Sabios , e Religiosos , e elles descobriraõ as minas , onde está o ouro dos talentos mais preciosos : elles conhecem as talhas de barro , que conservaõ melhores vinhos , que jarras de ouro.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXXIX.

*Dos que furtaõ com unhas Bentas.*

**U**Nhas bentas , parecerá couza impossivel ; porque todas são malditas , e peçonhentas , como as dos gatos , que ha pouco discursamos. Mas como não ha regra sem excepção , desta té tiraõ algumas : taes são as da graõ besta , de quem dizem os naturaes grandes virtudes : e com tudo illõ tambem affirmãõ os mesmos , que até essas virtudes são furtadas ás conjunções da Lua ; para que nenhuma unha se possa gabar , que escapou da

da Estrella , que os Astrologos chamaõ Mercurio ladraõ famozo. E entre tantas unhas não ha duvida , que ha algumas bentas ; não porque tirem almas do Purgatorio com perdoens de conta benta ; mas porque lançadas as contas , lançando benções , e apoyando virtudes , e clamando misericordias , e amores de Deos , purgaõ as bolças , que encontraõ , melhor que pirolas de escamonéa. A mais de quatro criticos se me vay o pensamento neste passo , não de passagem , mas de proposito , e reixa velha , a certos fervos de Deos , a quem murmuradores chamaõ por desdem da Apanhia , levantando-lhes que mandaõ olhar a gente para o Ceo , em quanto lhe apanhaõ a terra. Mas isto he praga , que só se acha , em quem não val testemunhá conforme a sentença de Luiz Rey de França , que só hereges , e amancebados fallaõ mal dos taes sугeitos : estes , porq̃ os reprehendem com sua modestia ; e aquelles , porque os convencem com sua doutrina. E o certo he , que esses mesmos zoilos , que murmuraõ , quando querem a sua fazenda segura , ou o seu dinheiro bem guardado , que nas mãos destes Anjos da guarda depositaõ tudo.

As unhas , que usurpaõ a titulo de bentas , saõ aquellas , que empolgando piedades , fazem  
a preza

a preza em latrocínios. Explico isto com alguns exemplos, que darão noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dous Soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos ( desgraça ordinaria em todos ) acordaraõ valer-se do Sagrado, para que o profano os remediasse. Houveraõ ás mãos huma Hostia, que pediraõ em certa Saençia para huma Missã das almas: daõ consigo, e com ella na rua Nova: pedem a hum mercador, dos que chamaõ de negocio, lhes mostre a melhor peça de Londres: encaixaõ-lhe em huma dobra a Hostia dissimuladamente, mostraõ-se descontentes da cór, e pedem outra: vistas assim algumas, appellaõ para a primeira, e mandaõ medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como he costume. Mal eraõ medidos quatro, quando apparece a Hostia, a que elles fingindo lagrymas se prostraraõ batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe impu-tem de novo, o que em Jerusaleem tomaraõ sobre si seus antepassados. Naõ he necessario declarar os extremos, que de parte a parte passaraõ: Resultou por fim de contas, que levaraõ a bom partido a peça toda, sem outro custo, que o de jurarem, que ninguem saberia o caso succedido. Naõ sey se he isto furtar com unhas bentas? Sello haõ mil esmolas

esmolas pelo menos , que cada dia vemos pedir com capa de piedade , e misericordia , para pobres , para Missas , e Irmandades , as quaes vão arder na mesa do jogo , ou da gula. Hum mulatto conheci , que tinha huma opa branca , que comprou na roupa velha por dous tostoens, com a qual , com huma bacia , e duas voltas , que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as Missas de Nossa Senhora , ajuntava , o que lhe bastava , para passar alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direy de infinitos , que a titulo de pobres se fazem ricos ? Abrem chagas nas pernas , e nos braços , com causticos , e hervas : mostraõ suas dores com brados , que moveraõ as pedras : *Mira la plaga, mira la llaga!* Pelas Chagas de Christo nosso Redemptor , que me dêm huma esmola ! Dizia hum destes na ponte de Coimbra de outro , que tinha huma perna muito chagada : boto a tal , que tem aquelle ladraõ huma perna , que val mais de mil cruzados ! E assim he , que muitos mil ajuntaõ estes piratas : e lá se conta de hum aleijado , que morrendo em Salamanca , fez testamento ; em que deixou a ElRey Philippe I. ou II. de Castella a albarda do jumento , em que andava ; e acharaõ-se nella cinco , ou seis mil cruzados em ouro.

ouro. Hum Fidalgo piedoso lançou pregaõ na sua terra , que tal dia dava hum vestido novo por amor de Deos a cada pobre : ajuntaraõ-se no seu pateo infinitos ; e a todos deo vestidos nõvos , mas obrigou os a que logo os vestissem , e tomou-lhes os velhos , e nelles achou bem cozida , e escondida por entre os romendos mayor quantidade de dinheiro vinte vezes , que a que tinha gastado nos vestidos. Estes taes naõ ha duvida , que sãõ ladroens , que com unhas bentas esfolãõ a Republica , tomando mais do que lhes he necessario , e fora melhor distribuillo por outros , que por naõ pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis sãõ , as que professaõ benfedeiras , e tem mais de figanas , que de beatas. Entra em vossa casa huma destas com nome de santinha ; porque dizem della , que adivinha , e faz vir á mão as couzas perdidas , e depára cazamentos a orfãos , e despachos aos mais desesperados pertendentes. Pedis-lhes remedio para vossos dezejõs : pede-vos huma cadeya de ouro emprestada para seus ensalmos , quatro aneis de diamantes , meya duzia de colheres , e outros tantos garfos de prata , cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco Chagas:mette  
tudo

tudo em huma panéla nova com certas hervas , que diz colheo á meya noite , vespóra de S. João , e enterra-a muito bem coberta detraz do vossó lar , fazendo-vos fechar os olhos , para que não lhe deis quebranto : e a hum virar de pensamento , emborca tudo nas mangas do fayo , e fica vazia a ôlha , ou para melhor dizer chea de preceitos , que ninguem bula nella , sobpena de se converter tudo em carvões , até passarem nove dias em honra dos nove mezes ; e nelles se passa para Castella , ou França , com a preza nas unhas , que chamo bentas , pois por taes as tivestes , quando a poder de bençãos vos roubaraõ. Vedes vós isto piedozoz leitor , pois sabey de certo , que succede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem , e obrigada a não se deixar enganar taõ parvoamente.

Mas deixando ninherias , vamos ao que importa. Admittimos todos neste Reyno as decimas para a defenfa delle , e a todos contentou muito esta contribuiçãõ ; porque não ha couza mais racional , que assegarar tudo com a decima parte dos rendimentos , que vem a ser pequena parte comparada com o todo. Dizem os Ecclesiasticos neste passo , que são izentos de gabellas por diplomas Pontificios ; e eu não lho nego ; mas quize-

quizera-lhes perguntar , se gostaõ elles de lograr os lucros , que das decimas resultaõ , que saõ terem as suas fazendas seguras , e as vidas quietas das invasoens dos inimigos , que os nossos Soldados rebatem , alentados com as decimas : Naõ pôdem deixar de responder todos , que sim. Pois se assim he , como na verdade he , lembrem-se do ditado , e do Direito , que diz : *Qui sentit commodum , debet sentire , & onus*. E vem a ser o que diz o nosso proverbio , que quem quizer comer , depene. Que se depene , quem gosta de viver sem penas ; e estando isto taõ posto em boa razãõ , segue-se logo aconsequencia verdadeira , que devaõ dar seu consentimento na contribuiçaõ das decimas : e vindo elles nisto , como saõ obrigados , pela razãõ sobredita : *Et scienti , & consentienti non fit injuria* ; digaõ-me , onde encalha o seu escrúpulo ? Encalha nos Diplomas , de que fazem unhas bentas , para surripiar do cõmum , o que affectaõ para seus commodos particulares ? E naõ se vio mayor sem razãõ , que quererem conservar suas queixadas fins á curia da barba longa. E se ainda persistem na sua teima , ou interesse , que assim lhe chamo , e naõ escrúpulo ; respondaõ-me a este argumento. Se he licito aos Reys Catholicos tomarem a prata das Igrejas , para as

confer-

conservarem, e defenderem em extrema necessidade: porque não lhes será licito recolherem decimas dos Ecclesiasticos, para os defenderem no mesmo aperto? Licito he, não ha duvida; porque esta consequencia não tem reposta: e della se colle outra, que reprehende de muita cobiça, e avariza, o que elles querem, que seja escrupulo, e excõmunhaõ: e vem a ser rapina verdadeira, a com que se levantaõ ás mayores fazendo unha da Religiaõ, para a garrarem o capital, e os redditos, sem entrarem nos riscos, que sempre grandes lucros trazem consigo. E vedes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opiniaõ de sua cobiça, e malditas na de quem melhor o entende: e para que elles entendaõ, que sabemos tambem o respeito, que se lhes deve, e que não ha diplomas, que encontrem esta doutrina, direy claramente, o que ensinaõ os Theologos nesta parte, e he, que saõ obrigados os Ecclesiasticos a concorrerem igualmente para os gastos publicos das calçadas, fontes, pontes, e muros: porque todos igualmente se servem, e aproveitaõ destas couzas: e ha de ser em tres cricunstancias. Primeira, quando a contribuiçaõ dos Leigos não basta. Segunda, com exame, e ordem dos Prelados. Terceira, sem força na execuçaõ. Mas logo se  
 accref-

accreſcenta , que os Prelados ſão obrigados a executalos : e iſſo he , o que queremos na contribuição das decimas : e melhor fora não ſe chegar a iſſo , pois em gente ſagrada ſe devem achar mayores primores.

Naõ poſſo deixar aqui de acodir a huma queixa , que anda mal enfarinhada com reçaibos de unha benta , e topa no Fiſco Real , quando pelo Santo Officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiſcação. Poderião alguns zelosos dizer , que ſe gasta tudo no Tribunal , que o arrecada , e que he tanto , o que ſe confiſca , que excede ſeus gastos : e que dos ſobejos nunca resulta nada para Sua Mageſtade , que com grande piedade remette tudo nas conciencias de tão ſeis Miniſtros. Materia he eſta muito delicada com ſer pezada : e por credito da inteireza , que tão Santo Tribunal profeſſa , convêm que lhe demos ſatisfação adequada em Capitulo particular , que ſerá o ſeguinte.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XL.

*Responde-se aos que chamaõ visco ao Fisco.*

**P** Or fabula tenho , o que se conta do Sayvedra , que dizem metteo neste Reyno , por enganos de breves falsos , o Tribunal do Fisco da Santa Inquiçaõ; porque não ha memoria disso nos Archivos do Santo Officio , nem na Torre do Tombo , onde todas as couzas memoraveis se lançaõ : nem ha outro testemunho , mais que dizello o mesmo Sayvedra , por córar com isso outros crimes , que o lançaõ nas galés. O certo he , que o Rey Catholico D. Fernando lançaõ de Castella os Judeos na era de 1482. porque tinhaõ juramento os Reys de Hespanha , por preceito do Concilio Toledano , de não consentirem Hereges em seus Reynos. Muitos destes , ou quasi todos , deraõ comfigo em Portugal. Admittio-os ElRey D. Joaõ o II. por tempo determinado , que se iriaõ deste Reyno , sobpena de ficarem seus escravos , os que se não fossem. Muitos se foraõ : e os que se deixaõ ficar , correraõ a fortuna de escravos , e como taes eraõ vendidos : até que ElRey D. Manoel os

X

tornou

tornou a notificar com as mesmas, e mayores penas, que lhe despejassen todos o Reyno: alguns obedeceraõ, e os mais pediraõ o Santo Bautisto, e com isso aplacaraõ as penas: e ficaraõ taõ mal instruidos, que ElRey D. Joaõ III. vendo, que naõ só professavaõ a ley de Moysés publicamente, mas que tambem a ensinavaõ até aos Christãos vellos, alcançou do Papa Clemente VII. o Tribunal do Santo Officio no anno de 1531. e o fez confirmar por Paulo III. no anno de 1536. com Breves Apostolicos na conformidade, em que até hoje dura, e durará com o favor Divino por todos os seculos; porque a este Santo Tribunal se deve a inteireza da fé, e reformação de costumes, com que este Reyno floresce em tempos taõ calamitosos, que abrazaõ todo o orbe Christaõ com corrupçoens, e heresias.

A mayor pena, que tem os Hereges além da de morte, he, a que lhes executa o Filco da confiscação, e perda de todos seus bens: e he muito justa; porque as heresias nacen, e cevaõ-se com a cobiça das riquezas, com as quaes se fazem os Hereges mais insolentes, e pervertem outros, e com lhas tirarem, ficaõ mais enfreados; e só o Summo Pontifice póde applicar os bens confiscados, a quem lhe parecer mais conveniente; porque  
he

he causa meramente Ecclesiastica. Os bens dos que forem Clerigos, applicão-se por Direito á Igreja, os dos Religiosos á sua Religião, os dos Leigos a seus Principes, onde os taes bens existem, e não onde se condemnaõ. Em Hespanha, e Portugal pertencem os bens dos Leigos aos Reys por particular concessão; e os dos Clerigos, mas que tenhaõ beneficio, por costume geral em toda a parte, pertencem ao Fisco secular. De tudo isto se colhem tres conclusões certas.

Primeira conclusão: que os Principes seculares não podem remittir aos Hereges as penas do direito Canonico, nem do costume Ecclesiastico; nem ainda das leys, que os mesmos Principes puferaõ, se forem approvadas pela Igreja, porque pela approvaçãõ ficaõ Ecclesiasticas. Segunda: que não podem os Inquisidores remittir os bens confiscados sem consentimento do Principe, porque lhos concedeo o Papa ao seu Fisco; mas o Papa póde, porque he Senhor Supremo. Terceira: que depois de dada sentença, de tal maneira ficaõ os bens confiscados sendo proprios do Principe pela doaçaõ do Papa, que póde delles dispôr, e dallos a quem quizer, mas que seja aos mesmos Hereges, a quem se tomaraõ, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos, não podem pe-

las tres razoens , que ficão tocadas , que com as riquezas se cevaõ , e crecem as heresias , e os Heresges se fazem insolentes , e pervertem outros : e tambem , porque he causa Ecclesiastica , e não tem direito aos bens , que lhes não estão ainda sentenciados. Destas tres conclusõens se colhe huma consequência certa , que a confiscação he pena ecclesiastica , e que como tal não póde o Principe secular impedir a execuçaõ della sem licença do Summo Pontifice , que lha póde dar como Senhor Supremo da ley , que tem dominio alto sobre tudo.

De tudo o dito fórmoo agora hum argumento , com que acudo á queixa , que nos obrigou a fazer este Capitulo. Os Reys em Portugal são Senhores dos bens confiscados , depois de sentenciados , de tal maneira , que os podem dar até a os mesmos Heresges reconciliados : *Ergo á fortiori* , poderão dar a administração , e dominio dos taes bens absolutamente aos Senhores Inquisidores , para que os gastem , como melhor lhes parecer ; e que lhes tenhaõ dado este poder , he notorio , e se prova do facto , e da permissãõ continua sem repugnancia , nem contradicãõ. E ainda que a massa do Fisco he muito grande , não são menores os gastos da sustentação dos penitentes , das agencias  
de

de seus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos Ministros, das maquinas dos cadafalsos, e mil outras couzas, que emprezas tão grandes trazem consigo, que he facil conhecê-las, e difficultoso julgallas; porque o menos, que aqui se pondera, he o que vemos, e o mais, o que se nos occulta com o eterno segredo, alma immortal do Santo Officio. Nem se pôde presumir que haja desperdiços, onde ha tanta exacção, e pureza de consciencias, que apuraõ o mais delicado de nossa Santa Fé: antes se pôde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que sô com a confiscação dos Réos se sustente maquina tão grande, tão illustre, e tão poderosa! E dado, que passe alguns annos a receita além da despeza, succedem outros, em que a despeza excede os bens confiscados: e a providencia economica iguala as balanças de hum anno com os contrapezos do outro: e vimos a concluir, que tudo, o que se pôde metafisicar de sobejos, he pequena remuneração para tão grandes merecimentos. Nem ha no mundo interesse, com que se possa gratificar, o que este Santo Tribunal obra em si, e executa em nós. O que obra em si, he huma observancia de modestia, e inteireza, que assombra, e confunde aos mais reformados talentos; porque

o mesmo he entrar hum homem Ecclesiastico , ou secular no serviço do Tribunal da Santa Inquisição , que vestir-se logo de huma composição de acçoens , palavras , e costumes , que fazemos pouco , os que os vemos , quando não lhes fallamos de joelhos. O que em nós executaõ , bem se deixa ver na reformação dos vicios , na extinção das heresias , e no augmento das virtudes. Seria Portugal huma charneca brava de maldades , seria huma sentina de vicios , seria huma Babylo-  
 nia de erros , se o Santo Officio não vigiara as maldades , não castigara os vicios , e não extingui-  
 ra os erros. He Portugal hum Promontorio com-  
 mum de todas as naçoens : nelle entraõ , e sahem continuamente os hereges do mundo , sem que os vicios das naçoens nos damnem , sem que os erros das heresias se nos peguem. Não ha Reyno , nem Provincia na Chrittandade , que se possa ga-  
 bar de intacto nesta parte : só Portugal persevera illeso. A quem se deve tão gloriosa fortuna : Ao Santo Officio , que tudo atalha vedando livros , açamando feitas , castigando erros , e melhorando tudo. E vendo os Reys Serenissimos de Portugal a importancia de tão grande serviço , como a Deos , e á Republica fazem tão fieis Ministros , não fize-  
 raõ muito em lhes largarem todo o Fisco á sua disposição.

E se

E se ainda se não derem por satisfeitos os zelosos na sua queixa, oução, o que respondeo El-Rey Philippe o Prudente em Madrid a outra semelhante, que involvia notas com titulo de excessos no uso do poder: *Dexadlos, que mas estimo yo tener mis Reynos quietos, y Catholicos con treinta Clerigos, que todos effos interesses y respetos.* Fallou como Prudente que era; porque interesses, e respeitos temporaes, não tem comparação com lucros sobrenaturaes. Este mesmo Rey passando pela Praça de Valhadolid com todo seu acompanhamento, e pompa Real, encontrou dous Inquisidores, e em os vendo, se sahio do coche, e com o chapéo na mão os levou nos braços, dizendo: *Assi es bien, que honre yo, a quien tanto me honra a my, y defiende mis Reynos como vós!* Sabia conhecer, o que nós não ignoramos: e porisso affoutamente concluo, que cada hum diz da feira, como lhe vay nella. Quero dizer, que só gente suspeita poderá grunhir, onde desapaixonados cantão a gala, e o parabem ao Santo Officio com os vivas, que merece. E nós descantemos por diante os excessos de outras unhas, pois nas do Fisco não achamos o visco, que só gente satyrica pela toada de orelha de midas lhe apoda.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O X L I .

*Dos que furtaõ com unhas de fome.*

**N**As gazetas de Picardia se escreve , que houve hum moço taõ inclinado a seu acrescentamento , que assentou praça de pagem com hum Fidalgo , que tinha fama de rico : mas ao segundo dia achou , que assentara praça de galgo ; porque nem cama , nem vianda se usava naquella casa ; e porisso o Senhor della era rico , porque adqueria com unhas de fome o que enthesourava. Succedeo hum dia , que indo o novo pagem comprar huma moeda de rabaõs para a cea de todos, encontrou huma grande procissaõ de Religiosos , e Clerigos , que levavaõ a enterrar hum defunto , e detraz da tumba se hia carpindo a mulher , e lamentando sua desgraça , e ouvio que dizia entre lagrimas , e suspiros : aonde vos levaõ meu mal logrado ? A' casa , onde se naõ come , nem bebe , nem tereis cama , mais que a terra fria ? Em ouvindo isto o rapaz , voltou para casa como hum rayo fogindo , trancou as portas , e disse espavorido a seu amo : Senhor ponhamo-nos em ar-

mas,

mas, que nos trazem cá hum homem morto ! Tu deves de vir doudo , disse o amo , pois cuidas , que a nossa casa he Igreja. Bem sey , disse o moço , que esta casa não tem de Igreja mais que o adro , que he v. m. ao meyo dia ; e porisso entrey em suspeitas , se veriaõ cá enterrar aquelle finado: e confirmey-me de todo , porque a gente , que o traz , vem dizendo , que o levaõ a casa , onde se não come , nem bebe , nem ha cama , mais que a terra fria : e como aqui ninguem come , nem bebe , nem tem cama , bem digo eu , que cá o trazem ; e que fiz bem de fechar as portas , pois ahlás bastaõ os defuntos , que cá jazemos mórtos de fome , que he peor que de maleitas.

Com esta historia se explica bem , que couza são unhas de fome , que poupando furtaõ á boca , á saúde , e á vida , o que lhes he devído ; e assim chamamos unhas de fome a huns , que tudo escondem , e que tudo guardaõ , sem sabermos para quando , e he certo , que para nunca ; porque primeiro lhes apodrece , que faya a luz o que reservaõ : e quando vos daõ alguma couza , he sempre o peor , e o que não presta , ou de modo , que melhor fora não vos darem nada. São estes como a rapoza de Hisopete , que banqueteu a cegonha com papas estendidas sobre huma lagem ,  
para

para que as não podesse tomar com o bico. E se me perguntardes, onde está aqui o furto, que parece o não ha em guardar cada hum o que he feu, e em poupar até o alheyo? Respondo, que o caro he barato, e o barato he caro. Direis que tôa isto a despropósito: mas eu não ví couza mais certa, se a entenderdes, como a entendo; e já me não haveis de entender, se me não declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia vemos em provimentos de náos da India, e de galeoens, e navios, que manda El Rey nosso Senhor ao Brasil, Angola, e outras partes: provem-se de chacinhas podres, bacalhao corrupto, biscouto mascavado, vinho azedo, azeite borra; porque achão tudo isto assim mais barato na compra; e são lhes mais caro no effeito, porque adoeccem todos os passageiros, morre a ametade, malogra-se a viagem, perde-se tudo; porque foram providos com unhas de fome: e por pouparem o que se furta, fizerao com que o barato custasse caro a todos.

Segundo exemplo seja do que succede nas armadas: manda-as Sua Magestade provêr para tres mezes com liberalidade Real: encolhem os Provedores as mãos para encher as unhas, e dão provimento para tres semanas: eis que na segunda  
semana

semana já falta a agua , e na terceira já não ha pão. Tornaõ-se a recolher sem obrarem o a que hiaõ , e por milagre chegaõ cá com vida. Eis aqui que couza faõ unhas de fome , que por matarem a sua , põem em desesperaçãõ a alhea. Os provimentos Reaes , como os de toda a casa bem governada , devem ser como os de Deos , que sempre nos dá remedios superabundantes. Não devem hir as couzas taõ gizadas , nem taõ creceadas , que nada sobeje : o que sobeja no prato , he o que satisfaz mais , que o que se come. Tres açoutes tem Deos , com que castiga o mundo , e o primeiro he fome : açoutar quer nosla Monarquia , quem mette em suas forças fome. Nada poupa , quem aguarenta a fortuna , porque vos vem a levar o rato , o que não quizestes dar ao gato. Perdem-se immensos thesouros de gloria , e interesse nos cômercios do mar , e nas victorias da campanha por falta do provimento liberal , e conveniente. Deos nos livre da ganancia , que nos occasiona taõ grandes perdas.

Tambem roubaõ com unhas de fome, os que, por forrarem de gastos, aguarentaõ os ordenados , privilegios , e favores aos Ministros , e Officiaes delRey , ou das Republicas. Nos marinheiros das náos da India temos bom exemplo. Concedelhes

lhes o Regimento antigo trinta mil reis de praça, hum lugar na não capaz de sua pessoa, e fato, quatro fardos de canela livres, e sem taixa, para que engodados com estes interesses, e liberdades, abracem o trabalho, que he desmedido. Vem o Regimento moderno, aguarenta-lhes tudo a titulo de poupar á fazenda Real : e segue-se dahi não haver, quem queira arriscar sua vida por tão pouco, e irem forçados, e porisso negligentes em tudo. Nem ha, para que buscar outra causa de se perderem tantas náos de poucos annos a esta parte. As náos no mar são como os carros, que caminhaõ carregados por terra : se tem quem os guie, e governe com cuidado, e ciencia, escapaõ de atoleiros, e barrancos, onde se fazem em pedaços, se os deixaõ meter nelles. Como não haõ de dar as náos á costa, e em baixos, se os que as guiaõ, e governaõ, vaõ descontentes, e ignorantes ? Vaõ descontentes, porque vaõ forçados, e vaõ forçados, porque não vaõ bem remunerados : e dahi vem serem ignorantes ; porque ninguém estada, nem toma bem a arte, de que não espera mayor proveito : e assim nos vem a custar o barato muito caro ; porque houve unhas de fome, que fabricaraõ ruinas, onde armaraõ interesses.

Aqui

Aqui me vêm a curiosidade de perguntar, qual he a razão, porque nenhuma não, nem galeão nosso, ou vá de viagem, ou de armada, nunca leva botica, nem medicamentos communs, para as febres da Linha, nem para as feridas de huma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Huma de duas; ou he ignorancia, ou escaceza: ignorancia não creyo que seja; porque não ha, quem não saiba, que se adocece no mar mais, e mais gravemente que em terra: he logo escaceza; por não gastarem dous, ou tres mil cruzados nos aprestos para a faude, e vida dos passageiros, e soldados, sem os quaes se perde tudo: perde-se a gente, que he o mais precioso, morrendo como mosquitos, e alojando-os ao mar aos feixes; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o defenda das inundaçoens do mar, e violencias dos inimigos. Muita ventagem nos fazem nesta parte os estrangeiros, em cujos navios vemos boticas, e aprestos muitas vezes, para curar doentes, e feridos, que valem muitos mil cruzados: e nós escassamente levamos hum barbeiro, nem hum ovo para huma estopada.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XLII.

*Dos que furtaõ com unhas fartas.*

**A** Rapoza, quando saltea hum galinheiro faminta, cevalê bem nos primeiros dous pares de galinhas que mata; e como se vê farta, degola as de mais, e vailhe lambendo o sangue por acipipe. Isto mesmo succede aos que furtaõ com unhas fartas, que naõ paraõ nos roubos, por se verem cheos, antes entaõ fazem mayor carniçaria no sangue alheyo: são como as languixugas, que chupaõ até que arrebentaõ. Andaõ sempre doentes de hidropesia as unhas destes: entaõ tem mayor sede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos, e repimpados á culta alheya, que naõ contentes, da mesma fortuna fazem razaõ de estado, para sustentarem faustos superfluos, engolfandose mais para isto nas pillagens, para luzirem desperdiçando; porque só no que desperdiçaõ achaõ gosto, e honra: chamara-lhe eu descredito, e amargura de consciencia, se elles a tiveraõ.

Olhem para mim todos os Ministros del-Rey,

Rey, que hontem andavaõ a pé, e hoje a cavallo: estejaõ-me atentos a duas perguntas, que lhes faço, e respondeã-me a ellas, se souberem; e se não souberem, eu responderey por elles: Se os officios de vossas mercês daõ de si até poderem andar em hum macho, ou em huma faca, quando muito, e suas mulheres em huma cadeira: como andaõ vossas mercês em liteira, e ellas em coche? Se a sua mesa se servia muito bem com pratos, faleiro, e jarro de louça pintada de Lisboa, como se serve agora com baixelas de prata, salvas de bastioens, confeiteiras de relevo? Não me diraõ, de donde lhes vieraõ tantas colgaduras de damasco, e téla, tantos bofetes guarnecidos, escriptorios marchetados, com pontas de abbada em cima? Deraõ de fartos em fome canina? Já que lhes não dá do que dirá a gente, não me diraõ, onde acharaõ estes thesouros, sem irem á India; ou que arte tiveraõ, para medrarem tanto em taõ pouca tempo, para que os desculpe-mos ao menos com avifinhança? Já o sey, sem que mo digaõ: houveraõ-se como a rapoza no galinheiro, em que entraraõ: cevaraõ-se não só no necessario, senaõ tambem no superfluo. Não se contentaõ com se verem fartos, e cheyos como esponjas, querem engordar com acipipes: e  
por-

porisso lançaõ o pé além da mão, e estendem a mão até o Ceo, e as unhas até o inferno, e metem tudo a faco, quando o enfacaõ: e saõ como o fogo, que a nada diz, basta. E se querem saber a causa de suas demazias, leaõ com atençaõ o capitulo, que se segue.

\*\*\*\*\*

### C A P I T U L O XLIII.

*Dos que furtaõ com unhas mimosas.*

**A** Ssim como ha unhas fartas, tambem as ha mimosas, que saõ suas filhas, e porisso peores, por mal disciplinadas, porque para regalarem a seus donos furtaõ mais do necessario. Furtar o necessario, quando a necessidade he extrema, dizem os Theologos, que naõ he peccado; porque entaõ tudo he commum; e naõ ha meu, nem teu, quando se trata da conservaçaõ das vidas, que perecem por falta do que haõ mister, para se sustentarem: mas furtar o superfluo para animar o corpo, e regalar a alma, he caso digno de reprehensaõ: e ainda mal, que succede muitas vezes. Como agora? Ponhamos exemplos; por-

porque exemplos declaraõ muito. He certo, que a qualquer Ministro delRey basta o ordenado, que tem com as gages licitas do officio para passar honestamente conforme a seu estado. Pois se lhe basta hum vestido de baeta, para que o faz de veludo? Se lhe sobeja hum gibaõ de tafetá, para que o faz de téla, quando ElRey o traz de olandilha? Para que rasga hollanda, onde basta linho? Para que come galinhas, e perdizes, e tem viveiro de rolas, se pôde passar com vacca, e carneiro? Para que despêde em doces, e conservas, o que bastava para cazar muitas orfans? Bastando passas, e queijo para assentar o estomago, sem lhe causar as aziãs que padece pelos muitos guizados, que naõ pôde digerir. Para que saõ tantas mostras do Reyno, e de Canarias, bastando huma de Caparica, ou de mais perto? Por verdade affirmo, que vi em casa de hum nesta Corte mais de quinze frasqueiras, e naõ era Flamengo; e outro que mandava borrifar o ar com agua de flor para aliviar a cabeça, que melhor se aliviaria, naõ lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos saõ estes, e que naõ podem estar sem empolgar as unhas na fazenda, que lhes corre pela maõ, e porisso lhes chamo unhas mimosas. *Quien cabras no tiene, y cabritos viende,*

*donde le vienen?* Meu irmão Ministro, ou official, ou quem quer que sois, se vossa casa hontem era de esgrimidor, como a vemos hoje águiza de Principe? E até vossa mulher brilha diamantes, rubins, e perolas sobre estrados broslados? Que cadeiras são estas, que vos vemos de brocado, contadores da China, caires de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza &c. Eu não sou bruxo, nem adevinho; mas atrevome sem lançar peneira a afirmar, que vossas unhas vos grangearão todos estes regalos para vosso corpo, sem vos lembrarem as tiçoadas, com que se hande recambiar no outro mundo: porque he certo, que vós os não lavraastes, nem vos naceraõ em casa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem vos deu por vossos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem se segue, que os furtastes: e vós sabeis o como, e eu tambem: e para que outros o saibaõ, volo direy; porque estou certo o não haveis de confessar, mas que vos dem tratos.

Entregarão-vos os livros das despezas, e receitas Reaes, enxiristes-lhe huma folha portatil no principio, outra no meyo, outra no cabo: acabouse a lenda; levantastes as folhas com quanto

to nellas se continha, que eraõ partidas de muitos contos; e ficastes livre das contas, e encarregado nos furtos, que só no dia do Juizo restituireis; porque ainda que vos vendais em vida, não ha em vós substancia, porque a desperdiçastes; nem vontade, porque a não tendes, para vos descarregar de taõ grande pezo. Por esta, e outras artes de não menor porte, que deixo, fazem seu negocio as unhas mimosas; e tudo lhes he necessario, para manterem jogo a seus appetites: e não houvera melhor Flandes, se o bicho da consciencia as não roera. Hum Licenciado destes picado do escrupulo correo, quantos Mosteiros ha em Lisboa antigamente buscando hum Confessor, que o absolvesse: e a razão que dava para ser absolto era, que não tinha mais que duzentos mil reis de ordenado, e gages, e que havia mister mais de quinhentos mil para governar sua casa; e que não havia de ser contente ElRey, que a sua familia perecesse. Respondiaõ-lhe todos [porque todos estudavaõ pelos mesmos livros] he verdade que não quer sua Magestade que seus criados morraõ de fome; mas tambem he verdade, que não quer, que o roubem: e se esse officio não vos abrange, moderay os gastos, ou largayo, que não faltará, quem o sirva com o que elle dá de si sem

esses furtos: fois obrigado a restituir, quanto tendes furtado: aqui perdia a paciencia o supplicante, allegando, que era muito o que estava comido, e bebido, e que não havia posses para tanto: mal mudarey de estylo, dizia elle, até agora tomava a ElRey diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras, daqui por diante accre-centarey tudo, e fura das partes cabedal, com que satisfaza, já que não ha outro remedio: e como as partes são muitas, e de mim desconhecidas, tomarey a bulla da Composição daqui a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas não faltou quem o advertisse, que não vale a tal bulla, a quem furta com os olhos nella; e que melhor remediaría tudo aguarentando os mimos, e regalos, em que dissipava tudo.

\*\*\*\*\*

#### C A P I T U L O XLIV.

*Dos que furtaõ com unhas desnecessariãs.*

**E**Xcusadas são no mundo quantas unhas ha, que o arranhaõ com ladroïces, e porisso bem desnecessarias todas. Mas este capitulo não as comprehen-

prehende todas ; porque só trata das superfluidades, que destroem as Republicas, peor que ladroens as bolças , a que dão caça. E bem poderamos aqui fazer logo invecção contra os trajes , invençoens , e costumes de vestidos , que se vão introduzindo cada dia de novo , esponjas do nosso dinheiro , que o chupaõ , e levaõ para as Naçoens estranhas , que como a bugios nos enganaõ com as suas invençoens : cada dia nos vem com novas cores , e teceduras de lam , e seda , que na sua terra custaõ pouco mais de nada , e cá no las vendem a pezo de ouro : e como vem de longe , sempre nos parece melhor , e o que nos nace em casa , não agrada ; desprezamos os nossos pannos , e sedas , que sempre se fizeraõ no Reyno com melhoria. Insania marcada , e politica errada foy sempre , antepor o alheyo ao proprio com dispendio da cômodidade. Haverá quarenta annos , que Castella lançou huma Pragmatica com graves penas , que ninguem vestisse seda , senaõ fosse fidalgo de bastante renda : e atentava nisto , ao que hoje se não atenta , que não gastassem superfluamente os vassallos furtando á boca , e aos filhos , e á Republica , o que punhaõ em luzimentos desnecessarios. Queixaõ-se hoje , que não tem para pagar as decimas , com que ElRey lhes de-

fende as vidas ; e nós vemos , que lhes sobeja para gastarem , no que lhes não he necessário para a vida. Apodaõ este tempo com o antigo : chamaõ ao passado idade de ouro , e ao presente seculo de ferro : e nós sabemos , que quem entaõ tinha hum anel de ouro com hum par de colheres , e garfos de prata , achava que possuia muito. Entaõ mandava ElRey D. Díniz , que fez quanto quiz , as arrecadas da Rainha á Cidade de Miranda , quando se murava , dizendo : não párem as obras por falta de dinheiro , empenhem-se essas arrecadas , que custaraõ cinco mil reis , ou vendaõ-se , e vaõ os muros por diante , que logo irá mais socorro. Estes eraõ os thesouros antigos ! E hoje não ha mecanico , que não tenha cadêas de ouro , tranfélins de pedraria , e baixellas de prata. Não tornou o tempo para traz ; mas a cobiça he , a que vay adiante pondo em couzas superfluas , e particulares , o que houvera de empregar no augmento do bem commum , e defen-  
sa da patria.

Esta he a opiniaõ de muitos politicos Esta ditas , que não sabem adquirir augmentos para o commum sem minguas dos particulares. A minha opiniaõ he , que todos luzaõ , porque a opulencia dos trajas ennobrece as Naçoens , e  
causa

causa veneração nos Estrangeiros ; e terror nos adversários : pelos trajes se regula a nobreza de cada hum , e naturalmente desprezamos o mal vestido , e guardamos respeito ao bem ataviado : e quasi que he isto de fé : pelo menos assim o diz Santiago na sua Canonica , ainda que reprehende aos que desprezaõ os pobres ; porque ás vezes : *Sub sordido pallio latet sapientia.* O luzimento com moderação he digno de louvor ; o superfluo com prodigalidade he o que táchamos. Dou-lhe , que não valha nada esta investiva : façamos outra , que porventura valerá menos na opinião dos poderosos , que ella ha de ferir de meyo , a meyo. He certo que se gasta neste Reyno todos os annos das rendas Reaes quasi hum milhão , ou o que se achar na verdade , em salarios de officiaes , e ministros , que assistem ao governo da justiça , e meneyo das couzas pertencentes á Coroa : e he mais que certo , que com a ametade dos taes ministros , e póde bem ser que com a terça parte delles , se daria melhor expediente a tudo ; porque nem sempre muitos alentão mais a empreza , e se ella se póde effectuar com poucos , a multidaõ só serve de enleyo. Se basta hum Provedor em cada Provincia , para que são cinco ou seis . Se basta hum Corregedor para vin-

te leguas de distrito, para que são tantos, quantos vemos? Tantos escripturaes, meirinhos, e alcaides, em cada Cidade, em cada Villa, e Aldea, de que servem; se basta hum para escrevinhar, e meirinhar este mundo, e mais o outro? Este alvitre se deu ao Rey de Castella não ha muitos annos, e não pegou; pôde bem ser, que por ser bom para nós. Se esmarmos bem as rendas Reaes das Provincias, e as discutirmos, acharemos que lá ficaõ todas pelas unhas destes galfarros despendidas em salarios, e pitaças. Entremos nas sete Casas desta Corte, mas que seja na Alfandega, e casa da India, acharemos tantos officiaes, e ministros, que não ha quem se possa revolver com elles: e todos tem ordenados: e todos são taõ necessarios, q̃ menos pôde ser fizessem melhor tudo. A hum Mister de Lisboa ouvi dizer, que bastavaõ na Camera tres Vereadores, e que tinha sete; e que fora melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras; e accrescentava: para que são na mesa do Paço oito, ou dez Dezembargadores, se bastavaõ quatro, ou cinco? Na casa da Supplicação, para que são vinte, ou trinta, bastando meya duzia? E em todos estes Tribunaes, para que são tantos Conselheiros, que se estorvaõ huns aos outros. Engordaõ particulares com salarios, e em-

magre-

magrecem as rendas Reaes no commum, e não ha porisso melhores expedientes : muita couza fantastica se sustenta, mais por uso, que por urgencia. Estive para dizer a este Licurgo, o que disse Apelles ao çopateiro, que lhe emendava o vestido, e roupagem de hum retrato : *Ne sutor ultra crepidam.* Quem te mete João topete com bicos de canivete ? Que muitas vezes nos metemos a emendar, o que não entendemos. E em Tribunaes mayores, que constaõ de ancianidade, tem muitas licenças, e privilegios a velhice, que ha mitter ajudada, e alentada, e porisso se permitem mais ministros, e mayores ajudas de custo. Deos nós livre de ministros, que antes de lhe chegar o tempo de os aposentarem, vencem salarios sem os merecerem, e sem trabalharem.

As guerras de Flandes estiveraõ muitos annos de quedo, sustentando exercitos grossissimos com immensos gastos, e soldos de Cabos, que os comiaõ com huma maõ sobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era necessario, porque dalli viviaõ. Das galés, que o estreito de Gibraltar nunca vio, e das de Portugal, que não existem, se estaõ vencendo praças, que pagaõ as rendas Ecclesiasticas ; e ninguem repara nisto ; porque se reparaõ com esses lucros, os que hou-  
veraõ

verão de zelar estas perdas. Chegaram os moineiros de Flandes hum dia a estado, que se haviaõ de concluir com huma batalha, em que meteraõ os levantados o resto. Entrataõ em conselho os Castellanos, e el sahio por voto de todos, que pelexassem, porque estavaõ de melhor, e mayor partido. Advertio-õs o Presidente, que ficavaõ todos sem rendas, e sem remédio de vida, se as guerras se acabavaõ: e retrataram-se todos, mandando dizer aos adversarios, que guardassem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deos não succeda isto mesmo cada dia entre nós nas occasioens, que se offerecem oppportunas, para concluirmos com guerras: porque huma boa lança o caõ do moinho: e quando vem a occasião, deixaõ-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha, que os sustenta.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O , XLV: do qual se trata da furtivação de asinhas domesticas.

*Dos que furtão com unhas domesticas.*

**J**oão Eusebio Escripitor infigne, e Author eruditissimo da Companhia de Jesus, refere na

lúa

sua Philosophia Natural, que ha no mundo Novo humas plantas, que poderão ser como cá melões, cujos fructos são viventes, e imitaõ a especie de borregos, ou cabritos: estes em quanto verdes estaõ amõrtecidos, e vaõ crescendo com o succo da planta: como amadurecem, levantaõ-se vivos, e comem a herva circumvisinha, até que se despedem da vide, em que nasceraõ: e se os não vigiaõ, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanhaõ, e tudo he pouco para a fome, com que saem da prizaõ materna, e vem a ser o que diz o Proverbio: *Criai o corvo, e tirar-vos-ha o olho.* Taes são as unhas domésticas, que não contentes com o que lhes dais, e basta, querem dominar tudo, quanto encontraõ na casa, em que as admittistes, e tudo he pouco para sua cobiça, e voracidade: Criados, e escravos a seus senhores, filhos a seus pays, e mulheres a seus maridos, e também aos que o não são, não ha duvida que furtaõ muito, e por mil maneiras; e que são estas verdadeiramente unhas domésticas; porque de portas adentro vivem, e fazem suas pilhagens muito a seu salvo; os criados sobindo o preço no que seus amos lhes mandaõ comprar; os filhos desfrutando as propriedades, e os celeiros nas ausencias de seus pays; e as mulheres escorchando

os eſcritorios com chaves falſas. Dera eu de conſelho aos amos , pays , e maridos , que ſejaõ mais liberaes , para que de ſua eſcaceza não reſultem perdas mayores , que as com que a liberalidade coſtuma reparar tudo. Mas não ſão eſtas as unhas domesticas , que a mim me canção ; porque o que eſtas peſcão , pela mayor parte na meſma caſa fica , e em couzas uſuais ſe gasta. As que me tocão no vivo , declararey com hum reſpoſta , que dey a hum velho aſtuto , que me fez eſta pergunta.

Folgara ſaber , dizia o bom velho mais ſagaz que zeloso , que couza he hum Rey dando audiencia publica : Devia de querer , que lhe reſpondeſſe , que era hum pay da Patria , que ſe expunha a todos para os amparar , e remediar como a filhos : e fazerme deſta reſpoſta alguma invectiva para ſeu intereſſe : mas eu furteille a agua ao intento , e reſpondilhe. Hum Rey dando audiencia a ſeus vaſſallos debaixo do ſeu docel he o Martyr S. Vicente noſſo Padroeiro poſto no Eculco , cercado de algozes , que o eſtaõ deſfazendo com pêntens de ferro , e unhas de aço ; porque todas , quantas petiçoens lhe apreſentaõ , ſão garavatos , e ganchos , que armaõ a lhe derriçar a ſubſtancia da Coroa : e he couza certa ,  
que

que nenhum lhe vay levar couza de feu proveito, e que todos lhe vão pedir o que haõ mister, allegando serviços como criados, e merecimentos como filhos; e que ElRey he Pelicano, que com o fangue do peito os hade manter a todos: sem atentarem, que padece ElRey, e o Reyno mayores necessidades que elles, e que se deve acodir primeiro ao commum, que ao particular. E atrevome a chamar a estas pertençoens furtos domesticos neste tempo, em que deveramos vender as capas para comprar espadas, como disse Christo a seus Discipulos, e não despir ao Reyno até a camiza. O nosso Reyno he pequeno, e assim tem poucas datas: e he muito fertil de fugeitos, e talentos; e porisso não ha nelle para todos: mas tem as Conquistas do mundo todo, aonde os manda ser senhores do melhor dellas, para que venhaõ ricos de merecimentos, e gloria, com que comprem as honras, e melhores postos da Patria: e pertendellos por outra via será furto domestico notorio, e digno de castigo.

Senhores pertendentes, levem daqui este defengano, que o Rey, que Deos nos deu, he de cera, e he de ferro: he de cera para nós, e he de ferro para si, e para nossos inimigos: he de cera para nós pela brandura, e clemencia

com

com que nos trata; nenhum vassallo achou nunca na sua boca má resposta, nem nos seus olhos máo semblante: exercita naturalmente o conselho, que Trajano guardou por arte, com que se conservou, e fez o melhor Emperador; que nunca nenhum vassallo se apartou d'elle desconfolado, nem descontente. He de ferro para si; bem vemos como se trata. E tambem o he para nossos inimigos com valor mais invencivel que o aço; e para sustentar o impeto adversario necessita, que o ajudemos com nossas forças: e será muito estolidio, quem neste tempo tratar de lhe diminuir as suas. O dinheiro he o nervo da guerra, e onde este falta, arriscase a victoria, e o prol do bem commum, de que he bem se trate primeiro que do particular, que totalmente se perde, quando se não assegura o commum: e para que a nós, e a nada se não falte, he bem que nós não faltemos da nessa parte, contentandonos com o que o tempo dá de si, e com a esperança certa da prosperidade, que he infallivel depois da fortuna aspera, beatificando com excessos, o que malogrou na adversidade.

E para todos os Reys me seja licito pôr aqui tambem huma advertencia, que não sejaõ tanto de cera, que se deixem imprimir; nem tanto de ferro,

ferro, que não se possa dobrar: não se deixem imprimir de conselhos peregrinos: não se deixem dobrar a exações rigorosas; porque estas recompensão-se com furtos domesticos, lima furda dos bens da Coroa; e aquelles tem por alvo lucros particulares com detrimentos cômuns. O dictame, e acordo de hum Rey vale mais que mil alheos: não reprovos conselhos: anteponho o do Rey a todos, porque he menos arriscado a erros: esta resolução para mim he evidente, não só pela experiencia, mas tambem pela certeza, que nos assegura o commum dos Santos, e Theologos, que os Reys tem dous Anjos de guarda, hum que os guarda, outro que os ensina; e porisso são mais illustrados, que todos seus conselheyros. Donde quando as opinioens se baralhão, o mais seguro he seguir o discurso do Rey, se não for intimado por outrem, que Rey não seja. E assim pedirão os Reys, o que lhes he necessario, e não tomarão, o que lhes he superfluo: darão a seus vassallos o que merecem, e não o que lhes não he devido: e em nenhum haverá occasião de se recompensar com furtos domesticos.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XLVI.

*Dos que furtaõ com unhas mentirofas.*

**P**Essoas ha, que tem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamaõ mentiras; mas naõ saõ estas as unhas mentirofas, que mais tem de pretas, que de candidas; e furtaõ de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testemunhas sejaõ, os que com certoens falsas pedem mercês a sua Magestade allegando serviços, que nunca fizeraõ, e dando testemunhas, que tal naõ viraõ: e porque ha nisto muitos enganos, naõ me espanto da exaçaõ, com que semelhantes papeis se examinaõ, ainda que seja com molestia das partes. Outros ha, que levaõ as mercês com serviços equivocados, que tem dous rostos, como Jano, com hum olho para Portugal, com outro para Castella. Jogaõ com pão de dous bicos: contemporisaõ com ElRey D. João, e fazem obras, que lhe pôdem servir de desculpa com ElRey D. Felippe: cá tem hum pé, e lá outro; cá o corpo, e lá o coraçãõ. E por vida delRey meu senhor, que se fora possível ao Dou-

tor

tor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente, em quantos escritorios, e algibeiras ha neste Reyno, que houvera de achar em mais de quatro cartazes Castelhanos, que promettem titulos, e Comendas, a quem der ordem, com que se baralhem as couzas; isto he, que fayaõ as náos tarde, que não haja galés, que se malogrem armadas, e frotaç, que se desfaça a bolça, que não se façaõ cavallos, nem infantes, que não se paguem estes, nem dem cevada a aquelles, que não se criem potros, que não se peleje nas occasioens de urgenciã, que não se fortifiquem as praças, que se lAtêem as decimas, que se gaste o dinheiro em couzas superfluas, e fantasticas; e em conclusaõ, que não se paguem serviços. E quando practicaõ, ou votaõ estas couzas, o fazem com taes tintas, e destreza, que fazem crer sêsta por balhésta aos mais acordados. E tudo lhe perdoara, porque no cabo não me enganaõ, se no fim não quiserãõ, que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios escuros, que com seus embustes nos caufaõ.

Outros ha, que com serem muito leais, furtaõ a trecheo com unhas mentirozas; porque á força fazem parecer serviço trabalhoso, e digno de grande mercê, o que poderamos reprehender de

grande calaçaria: sem saírem da Corte, nem de suas casas, e quintas, empolgaõ nos premios de campanha; levaõ ás barretadas, o que se designou para as lançadas: e não se correm de tomarem com mãos lavadas, o que só parece bem em mãos, que se empolgaõ no sangue inimigo: cheos como colmêas ao perto, se estaõ rindo dos que por servirem longe estaõ vasíos. Falta a estes senhores a generosidade, que sobejou ao Sereniíssimo Duque D. Theodosio, digniíssimo Progenitor do nosso invictiíssimo Rey D. Joaõ o IV. de gloriosa memoria, o qual convidado por ElRey Filippe III. de Castella, quando veyo a Portugal na era de 620. que lhe pedisse mercês, respondeo palavras dignas de cedro, e de laminas de ouro: Vossos, e nossos avós encherão nossa casa de tantas mercês, que não me deixaraõ lugar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercês, e ricos só de merecimentos, em quem V. Magestade póde empregar sua Real magnificencia. Este grande Heróe apurando assim verdades notorias ensinou harpás domesticas, que acabem já de ser sanguixugas de ouro, esponjas de honra, camaleoens fingidos, e Proteos falsos.

Outros ha, que seguindo outra marcha, empolgaõ effectivamente com mentiras em grandes

montes

montes de dinheiro , que usurpaõ a seu Rey , e á sua patria : por taes tenho , os que vencem praças mortas sem aleijoens , nem merecimentos : os que fingem praças fantasticas , que tem na lista , e nunca existiraõ no terço : os que embolçaõ os salarios de soldados , e officiaes defuntos , e auzentes : na Ilha da Madeira vî dous meninos , que nos berços venciaõ praças de Capitaens : os que dizem , que trazem nas fabricas dos galeoens , e das fortificaçoens duzentos obreiros , trazendo só cento e cincoenta. Os que vaõ para a India, a quem ElRey paga tres , ou quatro criados , para que ostentem authoridade em seu serviço , e vaõ sem elles servindo-se dos marinheiros , e soldados ; e assim comem os ordenados dos criados , que não levaõ : os que introduzem officios com ordenados sem ordem delRey ; e fintaõ os subditos com qualquer achaque para couzas , que não se obraõ. Todos estes , e muitos outros , que não relato , são milhafres de unhas mentirofas. Mas os mayores de todos a meu ver são , os que trataõ em escravos.

Este ponto de escravaria he o mais arriscado , que ha em todas nossas Conquistas : e para que todos o entendaõ , havemos de presuppor , que o natural dos homens he , que todos sejaõ livres , e só pódem ser escravos por dous principios. Pri-

meiro de delicto. Segundo de nascimento. Por delicto são verdadeiros escravos nossos os Mouros, que cativamos; porque elles contra justiça fazem seus escravos os Christãos, que tomaão. E os negros tem entre si leys justas, com que se governaão, por virtude das quaes cõmutaão em cativo o castigo dos crimes, que mereciaão morte; e tambem os que tomaão em suas guerras, aos quaes pôdem tirar a vida. Por nascimento sã pôdem ser cativos descendentes de escravas, mas não de escravos, pela regra: *Partus sequitur ventrem*. Posta esta doutrina, que he verdadeira, vaão Portuguezes a Guiné, Angola, Cafraria, e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada dístico. E para estas empresas tem homens ladinos, que chamaão pombeiros, e os negros lhe chamaão tangomaos; estes levaão trapos, ferramentas, e bugiarias, que daão por elles, e os trazem nus, e amarrados, sem mais prova de seu cativo, que a de lhos vender, e entregar outro negro, que os caçou, por ser mais valente: e succede muitas vezes fugir hum negro da corrente aos Portuguezes, ir-se aos mattos, e apanhar o mesmo, que o vendeo, e levalo a outros mercadores, que lho compraão a titulo de escravo seu por nascimento. Outros os tem em carceres, como em açougues, para

os irem comendo : e estes , para se livrarem da morte injusta , rogaõ aos Portuguezes , quando lá chegaõ , que os comprem , e que querem ser seus escravos , antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos scrupulosa , por ser voluntaria no padecente , que he senhor de sua liberdade , com tudo tem sua raiz na violencia , que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve , que para caçarem escravos com melhor consciencia , se vestiraõ em habitos de Padres da Companhia , dos quaes não fogem os negros pela experiencia , que tem de sua muita caridade , e enganando-os assim com capa de doutrina , e pretexto de Religiaõ os trazem , e metem na rede do cativoiro. E em conclusaõ todo o trato , e compra de negros he materia escrupulosa por mil enganos , de que usaõ , assim os que lá os vendem , como os que os compraõ.

Que direy dos Chins , e Japoens ! Ha ley entre nós , que não os cativemos ; e com tudo vemos em Portugal muitos Chins , e Japoens escravos. Tambem para os Brasís ha a mesma ley , e sabemos , que não se repara em os cativar. E não sey que diga a estes cativoiros tolerados sem exame ? Direy , o que ouvi prégar muitas vezes a V. roens Doutos , e de grande virtude , e experiencia ,

que a razaõ, porque Portugal esteve cativo sessenta annos em poder de Castella injustamente, padecendo extorsoens, e tyrannias, peores, que as que se usãõ com escravos, foy, porque injustamente Portuguezes cativaõ Naçoens innocentes. Justo juizo de Deos, que sejaõ saqueados com unhas mentirozas, os que com as melinas roubaõ tanto.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XLVII.

*Dos que furtaõ com unhas verdadeiras.*

**S**E ellas são unhas, verdadeiras unhas devem ser; e assim não haverá unha, que não seja unha verdadeira, e todas pertencerão a este capitulo. Negovos esta consequencia: porque huma couza he ser verdadeira unha, e outra couza he ser unha verdadeira. Verdadeira unha he qualquer unha; mas unha verdadeira he só, a que trata verdade, e destas só trata este capitulo: e parece muito, q̃ haja unhas, que fallando verdade furtem; porque onde ha furto, ha engano, que a verdade não permite: mas esta he a fineza desta arte, que até fallando verdade vos engana, e estáfa. Vem hum pertendente á Corte com dous, ou tres negocios de  
sum-

summa importancia ; porque quer lhe dem huma comenda por serviços de seus avós ; e pelos de seu pay quer lhe dem huma tença grossa para sua mãy, que está viuva ; e quer por contrapezo sobre tudo isso , que lhe dê sua Magestade para duas ir-mans dous lugares em hum Mosteiro. Toma este tal o pulso ás vias , por onde ha de requerer ; informe-se das valias dos ministros , corre-os todos com memoriaes. Hum lhe diz , que traz sua mercê requerimentos para tres annos , e falla verdade ; mas que forrará tempo , se souber contentar os ministros : e falla verdade. Outro lhe diz , que se não vem armado de paciencia , e provido de dinheiro para gastar , que se póde tornar por onde veyo ; porque nada ha de effectuar : e falla verdade ; mas que elle sabe hum cano occulto , por onde se alcanção as couzas : e falla verdade : e se v. m. me peitar, logo lhe abrirey caminho, por onde navegue vento em popa : e falla verdade. Outro lhe diz : senhor , isto de memoriaes he tempo perdido , porque ninguem os vê : e falla verdade : trate v. m. de couzas , que leve o gato , e melhor que tudo de gatos , que levem moeda , e fará negocio ; porque os sinos de Santo Antão por dar daõ , e assim o diz o Evangelho : *Date ; & dabitur vobis* : e falla verdade. A mulher de fulano pó-

de muito com seu marido, e este com tal ministro, e este com tal prelado, e este com fulano, e fulano com sicrano, que tem grandes entradas, e saídas: e assim tece huma cadéa, que nem com vinte de ouro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E passa assim na verdade, que bate todas essas moutas, de casa em casa, sem lhe bastar, quanto dinheiro se bate na casa da Moeda. Contarey hum caço, que me veyo ás mãos ha poucos dias, e apoya tudo isto bellamente. Veyo hum pertendente da Beira requerer hum officio, se não era beneficio; trouxe duzentos mil reis, que julgou lhe bastavaõ para seus gastos: despendeo-os em peitas: errou as poldras a todos como bisonho, e achouse em branco, e sem branca na bolça; mas rico de noticias para armar melhor os páos em outra occasião. Para buscar esta com bom successo, tornou á patria, fallou com duas irmãas, que tinha, desta maneira: Irmãas, e senhoras minhas, haveis de saber, que venho da Corte taõ cortado, que lá me fica tudo, e só esperanças trago de alcançar alguma couza: se vós quizerdes, que vendamos o meu patrimonio, e as vossas legittimas, e que façamos de tudo até mil cruzados, tenho por certo haõ de obrar mais que os duzentos mil reis, que se me foraõ por entre os dedos.

dos. Aqui não ha fenaõ fechar os olhos , e lançar o resto , e morrer com capúz , ou jantar com charamelas. Vieraõ as irmãas em tudo : deo comigo em Lisboa com os mil cruzados á destra , e lançou-os em hum cano de agua clara , que lhe tirou a limpo sua pertençaõ com este presuppõsto : Se v. m. me alcançar hum officio , ou beneficio , que renda duzentos mil reis , darlhe-hey trezentos para humas meyas , sem que haja outra couza de permeyo. Ajustaraõ suas promessas de parte a parte com as cautélas costumadas de assignados de dividas , e emprestimos : tudo foy huma pura verdade : e todos ficaraõ ricos empregando unhas verdadeiras ; hum nas datas delRey , e o outro nas do pertendente , que foy brindar o jantar de suas irmãas com charamelas.

Nos Advogados , e Julgadores ha tambem excellentes uahas , e todas verdadeiras ; porque não se póde presumir , que minta gente douta , e que professa justiça , e razaõ. O que me admira he , que tomem dous Advogados huma demanda entre mãos , e entre dentes ; hum para a defender , e outro para a impugnar ; este pelo Author , e aquelle pelo Réo , e que ambos affirmem a ambas as partes , que tem justiça. Como póde ser , se se contrariaõ , e hum diz que sim , e outro que não?

naõ? Necessariamente hum delles ha de mentir, porque a verdade consiste em indivisivel, como diz o Filosofo. Com tudo isto ambos fallaõ verdade; porque cada hum diz á sua parte, que tem justiça, isto he, que terá sentença por si, se quizerem os Julgadores: e falla verdade. Dada a sentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-se, que lhe roubarão a justiça: melhor dissera, que lhe roubarão as peitas, pois de nada lhe ferverão. Respondem os Juizes, que deraõ a sentença, assim como a julgaõ: e fallaõ verdade. Diz o Advogado da parte vencida, que naõ andou diligente de pés, nem de mãos o Requerente, e falla verdade. E todos fallando verdade se encherão de alviçaras, donativos, e esportulas: e estas sãõ as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras, que todas, e sãõ as do que agenceaõ, e defendem causas Reaes. Deve o Rey quinze mil cruzados a huma parte por huma via, e deve por outra a mesma parte cinco mil a Sua Magestade; citaõ-se, e demandaõ-se por seus procuradores em Juizo competente: e fãhe logo sentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a Sua Magestade. Replica, que se paguem os cinco mil dos quinze, que lhe  
deve

deve a Coroa , se que lhe dêem os dez , que restaõ , ou pelo menos ametade. Tornaõ a sentencear , que pague os cinco , como está mandado , e que demande a Coroa pelos quinze ,\* que diz lhe deve ; e se não , que o executem até lhe venderem a camisa , se não tiver por onde pague ; porque ElRey ha mister o que se lhe deve : e assim he na verdade. E tambem he verdade , que quebra a corda pelo mais fraco. E segue-se deste lanço , e de outros semelhantes, que não conto, abrirem-se huma, e mil portas francas , por onde entraõ unhas verdadeiras na fazenda Real recompensando-se , para remirem sua vexação. E quando não encontraõ cabedal da Coroa , em que se empreguem , descarregaõ-se no foro da consciencia com outros acredores , a quem devem ; e dizem-se huns aos outros : Senhor , vós deveis a ElRey quinze mil cruzados , de que elle não sabe parte , e porisso nunca vos ha de demandar por elles : ElRey deve-me a mim outros quinze, como muito bem sabeis : eu devo-vos a vós outros tantos : tomay-me por paga , os que me deve Sua Magestade , e assim ficareis desobrigado a lhe restituir o que lhe deveis , e todos ficaremos em paz. E assim passa na verdade, de que succede isto cada dia com grandissimo dextrimento da fazenda Real , onde seus Ministros negan-

negando saídas para pagar, abrem entradas a estas unhas para a destruir.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XLVIII.

*Dos que furtaõ com unhas vagarosas.*

**A** Maxima desta arte he , que todo ladraõ seja diligente , e apressado , para que o não apanhem com o furto na mão. Com tudo isso ha unhas , que em serem vagarosas tem a maxima de seu proveito : são como o fogo lento , que porisso menos se sente , e melhor se atêa. Qual he a razão , porque arribaõ náos da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual he a razão , porque partem tarde ? Porque as aviaõ de vagar ? Porque em quanto se aprestaõ , tem unhas vagarosas , em que empolgar. Mas deixando o mar , onde posso temer alguma tempestade , saltemos em terra , e seja á vela , e com vigia ; porque tambem acharemos pégos sem fundo nesta materia , em que podemos temer alguma tormenta , porque não são bons de vadear. Deos me guie , e me defenda.

Que

Que couza são as demoras de hum Ministro, que não despacha? São despertadores continuos, de que lhe deis alguma couza, e logo vos despachará. E porque o tal he pessoa grave, e que se peja de aceitar á escancara donativos, remete-vos ao seu official, quando aperteis muito com elle; e o official traz-vos arrastado hum mez, e dous mezes, e ás vezes seis com escuza ordinaria, que não acha os papeis, porque são muitos os de seu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encomendeis a Santo Antonio: e a verdade he, que os tem na algibeira, e de reserva, esperando, que acabeis já de lhe dar alguma couza. Allumiou-vos Santo Antonio com a candeinha, que lhe offerecestes: dais hum diamante de vinte e quatro quilates ao sobredito, e dá-vos logo os papeis pespõtados de vinte e quatro alfinetes, como vós quereis: e o menos, que vos roubou com seus vagares, foy o diamante; porque sendo obrigado a despachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gastos excessivos fóra de vossa casa, onde tambem perdestes muito com taõ dilatada ausencia. Em Italia ha costume, e ley, que sustente a Justiça os prezos, em quanto estiverem na cadêa: e he bom remedio, para que lhes apressem as causas. Em Portugal

tugal ainda a justiça não abriu os olhos nisto: prendem milhares de homens por dá cá aquella palha; se acertaõ de ser miseraveis, como ordinariamente sãõ quasi todos, na prizaõ perecem sem cama, e sem mantimento, porque a Misericordia não abrange a tantas obrigaçoens da justiça, que as pôdem temperar todas só com lhes apressar as causas. Se houvera ley, que pagassem os Ministros as demoras culpaveis, pôde ser, que elles, e os seus officiaes andassem mais diligentes.

Ministros ha incorruptos, e que fazem sua obrigaçãõ nesta parte, e até nestes fazem seu officio unhas vagarosas. Explico este ponto com hum casõ notavel. Importava a huma parte, que se detivesse o seu feito hum anno nas mãos de Rodamanto, em cuja casa nunca nenhum feito dormio duas noites: armou-lhe por confelho de hum Rabula esperto com outro feito, que comprou na Confeitaria muito grande, pezava mais de huma arroba, e altou sobre elle o seu, que era pequeno, e deu com elles, como se fora hum só, em casa do Julgador; o qual em vendo a maquina eimoreceo, e mandou-a pôr de referva para as ferias, com hum letreiro em cima, que assim o declarava. A outra parte requeria fortemente, que não tinha o feito que ver, e que em hum quarto de hora o  
 pedia

podia despachar : agastava-se o Dezembargador com tanta importunação , e ameaçava o Requerente , que o mandaria meter no Limoeiro , se mais lhe fallava no feito , que era de qualidade , que havia miister mais de hum mez de estudo , e que porisso o tinha guardado para as ferias : chegaraõ estas dahi a hum anno , vio o feito , descobrio-se a maranha do parto supposto , e alcançou o grande mal , que tinha feito á parte com as dentenças , que podéra evitar , se desatara o envoltorio. O que neste passo estranho mais que tudo , he soffrerem-se neste Reyno Letrados procuradores , os quaes se gabaõ , que farãõ dilatar huma demanda vinte annos , se lhe pagarem. O premio , que taes letras mereciaõ , era o de duas letras : L. e F. impressas nas costas , e naõ lhe esperarem mais , para o que ellas significaõ.

De Campo Mayor veyo hum Fidalgo requerer serviços a esta Corte : aconselhou-se com hum Religioso Letrado sobre o modo , que havia de seguir , e cõmunicou-lhe tudo : Perguntou-lhe o servo de Deos , que cabedal trazia para os gastos? Respondeo , que hum cavallo , e dous homens de serviço , e oitenta mil reis , que fez de hum olival que vendeo. Traz v. m. provimento para oitenta dias quando muito , lhe disse o Religioso ,

— visto

visto trazer tãtas bocas comsigo: e só para entabolar suas pertençaens ha miltar mais de trezentos dias: e se o não sabe , dirrho-hey : Ha v. m. de fazer huma petição , que ha de gastar mais de oito dias, aconselhando-se com Letrados : segue se logo esperar dia de audiencia geral , e ter entrada , e nisto ha de gastar outros oito , se não forem quinze. Sua Magestade no mesmo dia , em que lhe dão as petiçãoens , logo lhes manda dar expediente ; mas não saem na lista senão dalli a seis , ou sete dias , que v. m. ha de gastar espreitando na sala dos Tudescos , para ver aonde o remetem. Acha que ao Concelho da Fazenda. Corre logo os Secretarios , e seus officiaes , e gasta dez , ou doze dias , perguntando-lhes pelos seus papeis ; até que apparecem , onde menos o cuidava. Busca valias para os Conselheiros , e gasta outros tantos em alcançar as entradas com elles : e no cabo dão-lhe por despacho , que requeira no Concelho de Guerra , e he o mesmo que gastar outra quarentena , até haver o primeiro despacho , que he : justifique : e em justificar suas certidoens gasta muitos dias , e não poucos reales. Torna o justificado , e tornaõ archátello com vista ao Procurador da Coroa , ou da Fazenda , que ordinariamente responde contra os pertendentes , porque esse he

o seu

o seu officio : e com este despacho máo , ou bom, tornaõ os papeis á Mesa dahi a muitos dias : e gastaõ-se logo mais que muitos na fabrica da Consulta , porque se passaõ ás vezes semanas , sem haver Conselho de Guerra. Feita a Consulta, *a Dios que te la depare buena*, sobe a Sua Magestade, ou para melhor dizer a outros Secretarios , os quaes a detêm lá quanto tempo querem , e o ordinario he dous, e tres mezes ; e se passa de seis , he necessario reformar outra vez tudo ; e he o mesmo , que tornar a começar do principio : e isto succede sem culpa muitas vezes ; porque estaõ lá outros papeis diante , que por hirem primeiro , tem direito para o tempo , e por serem muitos, o gastaõ todo. Deceo por fim de contas a Consulta despachada , com parte do que v. m. pedia , ou com tudo : he vista no Conselho de Guerra com os vagares costumados , e dahi a tempos remetem a execuçaõ della á Mesa da fazenda , onde se movem novas duvidas ; e a bem livrar , quando o Alvará sahe feito dahi a hum mez , para hir a assignar por Sua Magestade , negoceou v. m. muito bem. Torna assignado dahi a dous mezes , lança-se nos Registos , e delles vay correr as sete estaçoens de Chancellarias , Mercês , direitos novos , e velhos , ou meyas natas , &c. E tenho dito a v. m. o que

Aa

passa

passa , ou ha de passar , e ainda lhe não disse tudo : mas se o quizer saber mais de raiz , falle com pessoas , que ha nesta Corte de tres , de cinco e de oito annos de requerimentos , e ellas lhe dirão o como isto pica. A resposta , que o Fidalgo deu ao Religioso , foy , que se ficasse embora , que se tornava para Campo Mayor.

Alguns Requerentes ha taõ pouco considerados , que attribuem estes vagares á pessoa do Rey , como se os Reys tiverão corpo reproduzido , e de bronze , que podesse assistir a todos os negocios , em todas as partes , e a todas as horas. Os mais penitentes Religiosos tem seu dia de fuet cada semana , e suas horas de descanso entre dia para que se não rompa o arco , se estiver sempre entesado com a corda do rigor : e del Rey Nosso Senhor sabemos , que não dorme entre dia , nem joga , nem gasta o tempo em couzas superfluas ; se algum entretenimento tem , he muito licito , e si lhe dá as horas , que furta do descanso , que lhe era devido ; e o mais todo o gasta no expediente das guerras , e em compôr as tormentas de negocios innumeraveis , sem admittir regalos , nem ostentações de festas , que o divirtaõ. Cada hum quer , que se lhe assista ao seu negocio , com se outro não houvera ; e daqui nascem as queixas que

que porisso são muito desarrefoadas. Da Villa de Goes veyo a esta Corte certo homem de bem com huma appellação em caso crime ; e no primeiro dia , em que lhe deu principio , passando pelo terreiro do Paço , vio huma mó de homens ; chegou-se a elles , e perguntou-lhes , se estavaõ fallando sobre o seu pleito ? Responderaõ-lhe , que o não conheciaõ , nem sabiaõ que pleito era o seu. Pois em Goes ( acodio elle ) não se falla em outra couza. Assim passa , que cada hum cuida que só nelle , e no seu negocio se deve fallar. Senhores Requerentes , levem daqui averiguado este ponto , para saberem , de quem se haõ de queixar : que os negocios são muitos , e que na mão de Sua Magestade não fazem detença : vejaõ lá , onde encalha a carreta , e untem-lhe as rodas , se querem que ande ; e com isso serãõ apressadas unhas vagarosas , e ainda com isso duvêdo , se serãõ diligentes ; porque pôde acontecer , o que Deos não queira , ou não permita , que haja Secretario , ou Official , ou Conselheiro , que não despache cada dia mais que sete , ou oito papeis , accrescendo-lhe cada dia quinze , ou vinte de novo. E se isto assim for , já não me espanto dos montes de papeladas , que vejo por essas Officinas , nem das queixas , que ouço por essas ruas. Trabalhem

os Officiaes, e Ministros, que bons ordenados comem, e não dêem com o seu descanso trabalho a tanta gente. De hum me contáraõ, que tendo seis centos mil reis de ordenado, quatro centos para si, e duzentos para Officiaes, nunca teve mais que hum, a quem dava cincoenta mil reis, e mandava os cento, e cincoenta para si, e porisso não se dava expediente a nada.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XLIX.

*Dos que furtão com unhas apressadas.*

**P**ARA intelligencia deste Capitulo contarey a historia, que aconteceu a hum Fidalgo Portuguez com certa Dama do Paço na Corte de Madrid. Foy elle, como hiaõ todos, requerer seus despachos, e levou para elles, e para seu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gastou hum anno requerendo sem effectuar nada: olhou para a bolça, e achou que tinha gastado mais de mil cruzados. Lançou suas contas: se isto assim vay, lá hirá quanto Martha fiou, e ficarey sem o que espero, e sem o que tenho. Bom remedio, busque-

busquemos unhas apressadas , já que não me ajudaõ unhas vagarosas. Informou-se , que Dama havia no Paço mais bem vista das Magestades ; e como as de Castella são de poucas ceremonias , facilmente fallou com ella , e disse-lhe claramente que tinha tres mil cruzados de feu , e que daria dous a sua Senhoria , se lhe fizesse despachar logo huma cõmoda por grandes serviços , que offerecia. *Dé acá sus papeles Señor mio* , lhe disse a Dama , *y buelvase a ver conmigo daqui a quatro dias , y traiga los dos mil en oro ; porque el oro me alegra , quando estoy triste.* Contou as horas o bom Fidalgo até o termo peremptorio , e voltou pontualmente com os dous mil em dobroens , e achou a Dama com o despacho nas mãos , sem lhe faltar huma cifra ; e pondo-lhe nellas o promettido , recebeu o que não houvera de alcançar por outra via. E estas são as unhas apressadas , de que fallo , e destas ha muitas.

Outro Portuguez Soldado da India na mesma Corte gastou annos allegando innumeraveis serviços , para o despacharem com hum pedaço de paõ honrado para a velhice. Vendo que se lhe gozavaõ suas pertençoens pelas vias ordinarias , tratou de se ajudar de unhas apressadas , que he o ultimo remedio , ou para melhor dizer , o primei-

ro, em quem trata de remir sua vexação; e achou-as com pouco dispendio do seu cabedal, que era já bem limitado, no pincel do melhor pintor de Madrid. Mandou-se retratar muito ao vivo quasi morto, com quantas feridas tinha recebido no serviço delRey, que passavaõ de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offensivas, com que os inimigos o feriraõ, que por serem diversas, faziaõ com o sangue hum espectáculo horrendo no retrato. Na cabeça tinha huma alabarda, no rosto dous piques, e nos braços quatro frechas, que lhos atravessavaõ; sobre a mão esquerda hum alange, que lha decepava; e de huma parte, e outra dous bacamartes, e hum mosquete vomitando fogo, e mandando balas aos pares, que lhe rompiaõ o peito: huma perna de todo quebrada com huma roqueira, e dez, ou doze punhaes, e espadas pelo corpo todo, que o faziaõ hum crivo. Com esta pintura, e seus papeis se apresentou diante delRey Philippe em audiencia publica, e desenrolando-a lhe disse em alta voz: Senhor, eu sou o que mostra este retrato: nestes papeis authenticos trago provas de como recebi todas estas feridas no serviço da Coroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago escrita em meu corpo, que Vossa Magestade pôde mandar

dar ver, e achará, que em tudo fallo verdade. Seja Vossa Magestade servido de me mandar despachar, como pedem estes serviços, e merecimentos. Enterneceo-se o Rey, pasmaraõ os circunstantes, e sahio logo dalli despachado o pertendente com huma cõmoda grande, a que poz embargos a inveja, e lha fez cõmutar em outra pequena; porque não era Fidalgo, ou porque não encheo as unhas apressadas, que tudo alcanção, ou tudo estorvaõ.

Acabo este Capitulo com hum exemplo da nossa Corte de Lisboa, que anda nas historias de Portugal. Na porta da Casa da Supplicação está huma argola, em que hum Rey nosso mandou enforcar hum Dezembargador, porque aceitou huma bolça de dobroens, que huma velha lhe offerenceo para lhe favorecer, e apressar certa causa de importancia, que lhe movia huma parte rijsa. Foy o Rey em pessoa á Relação para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e não se sahio dalli sem o deixar colgado. Louvo a reprehensão: não approvo o rigor. Antes sou de opiniaõ, que não devem ser enforcados homens Portuguezes: e porque não tenha alguem esta conclusaõ por inutil, seja-me licito provalla aqui com o apostrophe seguinte.

Aa iv

Em

Em Roma havia ley, que nenhum Romano fosse açoutado; porque se tinhaõ todos por muito nobres; ou porque a infamia acanha os espiritos bellicos, que os Romanos queriaõ nos seus sempre vigorosos. Portuguezes são a gente mais nobre do mundo por seu valor, e por seus illustres feitos, e heroicas emprezas; e quando mereção morte por delictos, tem Portugal conquistas, aonde os póde mandar por toda a vida, que he hum genero de morte mais penoso, que o de forza; porque esta acaba-se em huma hora, e aquella dura muitos annos com trabalhos peores de soffrer, que a mesma morte. Costumavaõ os nossos Reys antigos mandar os condenados á morte, que lhes fossem descobrir terras: e se morriaõ na empreza, empregavaõ bem a vida, e iê escapavaõ, era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos valentes por quasi nada, tenho grande lastima, porque me parece que fora melhor mandallos á India, ou a Africa. Custa muito hum homem a criar, e he muito facil emendar-se de hum erro. Se Deos castigara logo, quantos o offendem mortalmente, já não houvera gente no mundo, e ha Dezembargadores, que dão sentenças de morte, por sustentar capricho. E se na sua mão estivera, despovoariaõ o Reyno. Vê hum

hum Padre da Companhia de Jesus propor huns embargos , para livrar hum pobrete da forca : fallava com hum destes Ministros , que era o Relator , na escada da Relação ; e allegava-lhe , que o Réo não peccára mortalmente no homicidio , por quanto fora *motus primo primus* , e em sua justa defeza ; e que tinha sua mercê naquella razaõ , de que pegar para favorecer a Misericordia. Perguntou-lhe o Dezembargador muito sabio , se era Theologo ? Respondeo o Padre muito modesto , que sim. Pois he Theologo ( disse o Dezembargador já picado ) e allega-me que póde hum homem matar outro sem peccar mortalmente ! O Padre lhe instou muito sereno : v. m. vay agora matar hum homem , porque vay sentenciar este á morte , e cuida que vay fazer hum acto de virtude : e o algoz , que o hade enforçar , não tem necessidade de se confessar disso : hum bebado , hum doudo , e hum colerico mataõ vinte homens , e não peccaõ : logo bem digo eu , que póde hum homem matar outro sem peccar. Não soube o Senhor Doutor responder a isto com toda a sua garnacha , e deu as costas , e levou ávante a sua opiniaõ , sem querer a mainar da sua teima. Eis aqui como morrem muitos ao dezamparo , entregues ao cutello destes sabios , porque não tem,

quem

quem acuda por elles, nem cabedal, para lhes modificar a pena, que he a sua espada, e ás vezes unha. Nem me digaõ zelosos, que convém castigar-se tudo com rigor, para que haja emenda; porque lhe direy, que o seu zelo, quando mais se refina, he como o do outro, de quem disse o Poeta: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas*; e ainda mal que tantos exemplos vemos, em que se cumpre ao pé da letra, o que disse o outro: *Quidquid delirant Graeci, plectuntur Aethiopi*. E vem a ser o a que nós chamamos, Justiça de Guimaraens. Não nego, que ha crimes, que se devem castigar com morte a fogo, e ferro, quaes são os de *Lesæ maiestatis Divinae, & humanae*. E em taes casos he bem, que mostrem os Reys com o ultimo supplicio o poder, que Deos lhe deo até sobre os Sacerdotes. E porque a praxe desta doutrina pareceo em algum tempo escandalosa, no que toca aos Sacerdotes, he bem que a declaremos: e quem a quizer entender bem, lea o Capitulo, que se segue.

\*\*\*\*\*\*

C A P I T U L O L.

*Mostra-se, qual he a jurisdicção, que os Reys tem sobre os Sacerdotes.*

**H**E o Sacerdocio izento da jurisdicção dos Leigos, por direito divino, e humano. E com isto está, que ha muitos casos, em que os Ecclesiasticos ficão fugeitos ás Leys Civís, como os Seculares: e para melhor intelligencia desta verdade, havemos de presuppôr, que este mundo he como o corpo humano, que não se póde governar sem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epist. 4. *Ductores sequuntur suos: in apibus principes sunt; grues unum sequuntur ordine literato.* Os Grous seguem hum que os guia; as abelhas tem huma, que as governa: e todos os animaes reconhecem dominio em outros. Os homens levados deste dictame da natureza, que he ley muito forçoza, para não serem mais estolidos, que os brutos, fizeraõ, e escolheraõ Magistrados, a quem se sumetteraõ, para serem regidos. Deos no principio creou o homem livre, e taõ livre, que a nenhum concedeo dominio sobre outro: e até

até Adão cabeça de todos, por ser o primeiro, só de animaes, aves, e peixes o fez Senhor. Mas a todos juntos em cômunidades deo poder, para se governarem com as leys da natureza. E nesta conformidade todos juntos, como Senhores cada hum de sua liberdade, bem a podiaõ fugitar a hum só, que escolheßem, para serem melhor governados com o cuidado de hum, sem se cansarem outros. E a este escolhido pela cômunidade dá Deos o poder, porque o deo á cômunidade, e transferindo-o esta em hum, de Deos fica sendo. E neste sentido se verificaõ as Escripturas, que dizem, que Deos faz os Reys, e lhes dá o poder. E se alguém cuidar, que só de Deos, e não do Povo, recebem os Reys o poder, advirta, que esse he o erro, com que se perdeu Inglaterra, e abriu a porta ás heresias, com que se fez Papa o Rey, admittindo, que recebia os poderes immediatamente de Deos, como os Summos Pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul escolhido por Deos para Rey; porque o poder, e a aclamação do Povo o recebeu, e Deos não fez mais, que escolhe-lo, e apresentar-lho como digno da Coroa. E advirtaõ tambem os Póvos, que por fazerem o Rey, e lhe darem o poder, não lhes fica livre o revogar lho, nem limitar-lho; porque a ley da

verda-

verdadeira justiça ensina, que os pactos legitimos se devem guardar, e que as doações absolutas valiosas não se podem revogar.

Desta potestade livre, e legitima dos Póvos, para fazerem Rey, nasce poderem ser muitos os Reys, assim como as Nações o são; e não ser necessario, que seja hum só para toda a Christandade, ainda que seja huma em sua cabeça espiritual. E tambem se colhe, que o Papa não he Senhor temporal de tudo; porque Christo só o poder espiritual lhe deo, e o temporal só os Póvos lho podiaõ dar, e consta que não lho deraõ. Postas assim estas duas potestades secular, e Ecclesiastica, derivadas de seus principios, como temos dito: para chegarmos ao nosso ponto, de qual he o poder, que os Reys tem sobre os Sacerdotes, he necessario averiguarmos as potestades, que ha no Sacerdocio, para assim conhecermos, por onde póde o Rey entrar na jurisdicção Ecclesiastica.

Ha no Sacerdocio duas potestades, huma, que se chama das Ordens, e outra da Jurisdicção. A das Ordens de Christo a recebem, e só para o culto Divino, e administração dos Sacramentos, e esta claro está, que não tem lugar nella os Reys. A da jurisdicção se distingue em duas, hu-

ma para o foro interno, e outra para o externo. A do foro interno tambem he notorio, que não póde pertencer aos Reys. A externa tem outras duas, huma he espiritual, e outra temporal, e são distinctas, como o Ceo, e a terra; porque huma he terrena, e outra celestial. A espiritual de Christo procede, que a cõunicou só aos Sacerdotes, e nunca houve Rey temporal Catholico, que presumisse tal potestade. A temporal ha duvida, de donde, e como procede; se de Christo, se dos homens: E ainda se divide em duas; huma, que domina os bens dos Ecclesiasticos, e outra, que se estende ás pessoas dos meismos. E sobre estas duas he a nossa questãõ, se as tem os Reys de alguma maneira sobre os Sacerdotes, e Ecclesiasticos.

Que fossem os Ecclesiasticos exemptos do foro secular por Christo immediatamente, he questãõ controversa: que o direito Canonico, e os Summos Pontifices os eximãõ, he certo: e daqui bem podemos dizer, que Christo os exime, porque os Papas os eximem com o poder, que receberam de Christo. E daqui se colhe conclusãõ certissima, que não poderaõ nunca ser privados deste privilegio sem consentimento do Summo Pontifice, que o concedeo; assim porque legiti-  
mamen-

mamente o podia conceder, como também, porque os Emperadores, e Principes Catholicos o admittiraõ. E desta mesma exempção se colhe, que pôdem ser fugeitos aos Reys, e Magistrados seculares nos casos, que permittirem os Summos Pontifices, que os eximiraõ: porque a exempção não lhes vem das Ordens, como se vê nos Clerigos cazados, que não gozaõ o privilegio do foro Ecclesiastico, porque os Papas lho tiraraõ. E procedendo neste sentido, digo, que ha muitas razoes, e occasioens, que habilitaõ os Reys, para procederem contra os Ecclesiasticos: as principaes são, Costume, Concordia, Privilegio, Justa defençaõ. Costume; porque este tolerado pelos Papas tem força de ley. E assim vemos os Clerigos fugeitos ás leys Civis, que olhaõ pelo bem cõmum; como os que taxaõ os preços das couzas, as que irritaõ contractos, as que prohibem armas, &c. Concordia: porque quando consentem o Ecclesiastico, e o secular em huma couza, a nenhum se faz injuria: e esta deve ser a razaõ; porque em França são julgados os Ecclesiasticos, assim como os Leigos, no juizo secular em causas civeis, e crimes; e neste Reyno pôdem ser Authores, ainda que não possaõ Réos. Privilegio: porque se o Papa o conceder nos casos,

que

que póde, he valioso ; como se vê nos Feudos , cujas causas se demandaó sempre no juizo secular , e nos bens da Coroa , quando se daó a Clerigo com tal obrigação ; moeda falsa , e crime *Læse Maiestatis* tem em alguns Reynos o mesmo privilegio. Justa defensão : *porque vi vim repellere licet*. E para defender hum Rey sua pessoa , e a seus Vassallos innocentes , póde proceder contra a violencia dos Ecclesiasticos. E esta he a razão , porque vimos neste Reyno muitos Ecclesiasticos , assim Clerigos , como Religiosos , e tambem Bispos presos , e confiscados , por conspirarem contra a pessoa Real , e bem cômum de todo o Reyno : e no tal caso , por todos os principios de necessidade , costume , concordata , privilegio , e justa defensão , foy tudo licito , e bem obrado , ainda que de outro principio não constasse , mais que do da justa defensão : e assás moderado , e modésto andou ElRey Nosso Senhor em não fazer mais , que retellos presos , para assim reprimir sua audacia , e força.

Tudo, o que tenho dito neste Capitulo, he a Doutrina mais verdadeira , que ha nestas materias : e se alguem admittir outra contraria a esta , arriscarse-ha a cahir nos precipicios , em que se despenháraó muitos Hereges. E baste isto para defen-

defenganarmos a piedade superficial de alguns escrupulosos pouco sabios, que tomando as couzas á carga ferrada, appellidaõ em suas consciencias zelos fantasticos, com que se inquietaõ sem fundamento; e vamos por diante com as unhas, de que nos divertimos.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L I.

*Dos que furtaõ com unhas insensiveis.*

**D**O aspide escrevem os Naturaes, que morde, e mata com tanta suavidade, que não se sente: e porisso Cleopatra escolheo esta morte enfadada da vida pelo repudio de Marco Antonio. Taes são as unhas insensiveis: tiraõ a vida aos Reynos mais robustos, e esgotaõ a alma aos thesouros mais opulentos, com tanta suavidade, que não se sente o damno, senaõ quando está tudo morto. Estas são as unhas dos Estadistas, Alvitristas, aspides do Inferno, que persuadem aos Reys com razoens suaves, e sofisticas, que lancem fintas, que ponhaõ tributos, que peçaõ donativos aos Póvos sem mais necessidade, que a

de sua cobiça. Digo que são suaves as razoens que daõ , porque não ha cousa mais suave , que recolher dinheiro ; e digo que são sofísticas , porque as vestem de apparencias do zelo do bem cõum , e na realidade são cutelos , que degolaõ as Republicas. Declaro isto com hum discurso , ou consequencia , que vi fazer ao diabo : caso he , que me passou pela mão haverá vinte annos : Navegámos de Lisboa para a Ilha da Madeira , quando de repente entrou o demonio no corpo de hum marinheiro natural de Setuval , grande palreiro : dez , ou doze homens muito valentes não bastavaõ ao ter mão , ate que acodio hum Sacerdote Religioso , que com os exorcismos o subjugou. Muitas perguntas lhe fizeraõ ? A todas deo repostas taõ ladino , que bem mostravaõ sahirem de entendimento mayor q̃ a rusticidade de hum marinheiro. E que fosse espi rito máo , mostro-o bem nas faltas occultas , que descobrio a hum soldado meyo Castelhano , que com demasiada fanfarrice o atruou chamando-lhe perro , apostata , e outros nomes affrontosos , que até o diabo os não sofre ; e porisso lhe revidou , pondo-lhe em publico cousas não menos affrontosas , que elle tinha obrado em secreto , de que corrido , por não ouvir mais , se retirou. Hum dos circunstantes devia de ser Sebastianista , dezejoso de  
 saber

saber se era vivo El Rey D. Sebastião, tudo era apertar com o Padre Exorcista, que lho perguntasse. Mas o Padre lhe respondeo humilde, que seu officio era apertar seriamente com o Espirito maligno, que deixasse aquelle homem, e não fazer perguntas escuzadas. O diabo, que nada lhe cahe no chaõ, acodio a tudo: e pôde ser o faria por divertir os Exorcismos: e disse estas palavras formaes: Se vós tendes Rey, para que quereis outro Rey? Sabeis, qual he o verdadeiro Rey? He o dinheiro, porque ao dinheiro obedece tudo: porque quem o dá he Senhor, e quem o toma he ladraõ. O Rey que faz mercês, corrobora seus vassallos; o que lhes toma o dinheiro, debilita seus Estados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como he isto? He como as fintas, com que agora andaõ, para defender o Reyno; e erraõ o meyo da melhor defensão, que seria espalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor, com que servir. Mais arengas infiou a esta: todas deixo, porque o dito basta para o intento.

Bem sey que o diabo he pay da mentira: e tambem sey que o obriga Deos muitas vezes a fallar verdades para advertir homens, que não merecem melhores mensageiros, como se vio na Pitonfia de Saul, e na que jurou S. Paulo; e a experi-

riencia nos tem mostrado a certeza , com que fallou este espirito ; pois vimos que os tributos , e fintas de Castella , de que até o diabo se queixava entaõ , vieraõ a ser a unica causa de sua total ruina. Suave , e insensivelmente foy desfrutando tudo o pingue de seus Reynos ; e porisso os acha agora taõ debilitados , que não se pôdem sustentar a si , nem resistir a seus contrarios. Se tivera de reserva os vinte , ou trinta milhoens , que gastou nas superfluidades do galinheiro ; ou se os deixara estar nas mãos de seus vassallos , outro gallo lhe cantara , e não os achara todos gallinhas , quando lhe servia serem leoens ; titulo , e nomeada , de que se prezaõ.

Confórme a isto , não foy pequeno indice de perpetuidade a resolução generosa , com que ElRey D. Joaõ o IV. Nosso Senhor , que Deos guarde , e prospere , mandou levantar todos os tributos , que Castella nos tinha posto , tanto que tomou posse pacifica destes seus Reynos de Portugal. Nem se condenaõ com isto as decimas , que pôz para a defenção de sua Monarquia ; porque he tributo , que Deos approva , e a Ley Divina pede a todos os fieis , para a conservação , e augmento da Igreja Catholica : taes são os dizimos de todos os frutos temporaes. O que se estranha ,  
e deve

e deve reprehender , e castigar em exacção tão justa , he o rigor , e desaforo , com que alguns Ministros vexaõ as partes , executando-as por pouco mais de nada , até nos giboens , que trazem vestidos as pobres mulheres , e até nas enxadas , com que ganhaõ seu sustento os pobres maridos , e até na pobre manta , com que se cobrem , porque não achaõ outra couza. E destas violencias fazem serviço , para serem despachados com mayores officios , devendo ser castigados severamente ; porque no mesmo tempo dissimularaõ com decimas de ricos , e poderosos , taes , que a unica de qualquer delles faria quantia mayor , que a de todos os pobres , que esfolarãõ : e porque se não dá fé disto , chamo tambem a isto unhas insensiveis : assim porque o não adverte , quem o devera emendar , como porque o não sente , quem se deixa ficar com a contribuição , que por abranger a todos , o não desobriga na consciencia ; porque logra o bem , que da contribuição dos outros resulta , sem sentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas insensiveis nas armadas , que se aprestaõ , e sahem por essa barra fóra : todo o tempo que se detêm no rio , que ordinariamente he muito , e he hum perpetuo cano , por onde desagua , e

defova todo o provimento á formiga por tantas mãos dobradas, quantos são os soldados, officiaes, e passageiros, que continuamente estão a mandar para terra pelos filhos, parentes, e amigos; que os visitaõ todos os dias os lenços, e sacos de biscouto, que ao pé do Paço delRey se está vendendo; as chacinas, e frascos de vinho, azeite, vinagre, meadas de murraõ, cartuxos de polvora. E se algum nota algum lenço destes, respondem rindo: rica he a ordem: isto não he nada. He verdade, que nada he hum lenço de biscouto, e quasi nada hum sacco delle, mas tantos mil vem a ser muito. Bom fora porem-se guardas, quando sahem, assim como se poem, quando vem, aos navios de carga; pois mais vay a Sua Magestade em assegurar tua fazenda, que a alheya, e não sejaõ como hum, que vendeo por seis mil reis hum amarra delRey, que tinha custado setenta mil; que assim guardaõ elles, o que lhes mandaõ vigiar.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O L I I .

*Dos que furtaõ com unhas , que não se sentem ao perto , e arranhaõ muito ao longe.*

**Q**uem bem considerar a monstruosa fabrica do galinheiro de Madrid , que no Capitulo antecedente picamos , ao qual depois chamaraõ Bom retiro , para lhe emendarem o primeiro nome , que merecia ; achará nelle hum espelho claro deste Capitulo ; porque he certo se gastaraõ nelle mais de vinte milhoens , que com perdidos , fintas , e tributos foraõ roubando aos poucos , que entaõ o não sentiaõ , porque lhes hiaõ dando os xaques aos poucos , e á formiga : até que veyo o tempo a dar volta , convertendo-lhe a bella paz em feróz guerra , para a qual acharaõ menos os milhoens , que tinha devorado o galinheiro como milho : e se os tiveraõ de reserva , não lhes cantaraõ tantos gallos contrarios no poleiro. He cousa muito ordinaria não se sentirem danos ordinarios , que parecem leves , se não quando de pancada chega depois delles á

ruina , como na casa , que se vay calando pouco, e pouco com a goteira.

Na Villa de Montemor o Novo conheci hum Juiz de fóra bom letrado , que deu em hum modo de furtao , qual estou certo naõ achou em Bartholo , nem Acurfio. De toda a carne , que se comia em sua casa , apartava os ossos ; e os tornava ao açougue , mandando de potencia absoluta , como Juiz que era , que lhe dessem outra tanta carne por elles , allegando , que naõ comprava óssos , nem era caõ para os comer. O marchante os foy ajuntando , e no cabo do triennio tinha huma meda delles , que pezava muitas arrobas : deo-lhe com elles na residencia allegando a perda , que lhe dera na sua fazenda , ainda que a naõ sentira ao perto , por ser aos poucos , que vinha a ser muito consideravel ao longe , tomando-a por junto. Achou-lhe o Sindicante razãõ , e fez-lhe justiça , mandando que o Juiz pagasse logo o preço de outra tanta carne , como pezavaõ os óssos : e deu-lhe hum boléo na bolça muito bastante , e outro no credito que perdeu , em fóra que nunca mais entrou no serviço del Rey , até que morreo em Evora viuvo. Ambos , Juiz , e marchante , se arranharaõ no fim das contas asperamente , ainda que o naõ sentiraõ no principio : mas foy  
com

com differença , que o marchante achou cura para as suas arranhaduras , e o Juiz não achou remédio , e peorou do mal até morrer.

Nas armadas , e frotas desta Coroa succedem casos notaveis de grandíffimas perdas , por furtarem , ou pouparem ninharias. Parece que não vay nada em prover de vasilhas , para os Soldados tomarem suas raçoens de agua , e mantimentos ; e fegue-se dahi , que por não terem , em que guardem a agua , quando se reparte , haõ de bebella , ou vertella a deshoras : comem depois o toucinho falgado , e mal assado em espeto , que fazem dos arcos das pipas , e ficaõ estalando á fede. No biscouto ha tambem mil erros , por falta de industria , ou sobeja malicia : a cama he a que achaõ pelas taboas , ou calabres do navio : e como a vida humana depende de todos estes abrigos , e elles são taes , adoecem todos , e morrem aos centos , e sente-se no fim da jornada o mal grande , que se urdio no principio com faltas leves , e faceis de remediar na primeira fonte. Sepulta , e sorve o mar , o que com huma bochecha de agua se podéra salvar.

Nos exercitos , e campanhas se experimenta o mesmo , que por falta de corda , ou de bala , ou de polvora , se perdem victorias ; e por não  
mete-

meterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, se recolhem sem concluir a empreza, que era de mais ganho, e proveito, que o que se poupa na reserva. Lá chorou o outro, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeu huma gloriosa victoria, e foy assim; que por falta do cravo cahio a ferradura, e por falta desta mancou o cavallo, e faltou o Capitão, que hia nelle, em seu officio, e faltou logo o governo, e perdeu-se tudo. Em huma viagem, que fiz por esses mares, foy tal a injuria no provimento, que por não comprarem pipas novas fizeram aguada em humas, que tinham servido de chacinhas, e salmouras: e a graça he que allegavaõ ser melhor a agua de pipas velhas: e era tal a destas, que fora melhor beber a do mar. Seguiu-se desta bolada tão judicioza, q̃ e teve toda a gente do navio arriscada a morrer de sede, se Deos nos não levara em breves dias a parte, onde tivemos agua, e refrescos, com que emendámos erros de unhas, que não se sentindo ao perto, arranhaõ muito ao longe.

Tomara aqui todos os Reys, e Principes do mundo, para lhes dar este avizo de summa importancia, que fação muito caso do que parece pouco, quando he repetido; porque de muitos graõs se faz hum grande monte. Parece que não  
he

he nada hum defabrimento hoje , e outro á manhã : parece ninheria negar huma mercê a este, que a pede por serviços , e huma esmola áquelle, que a pede por necessidade : e vem-se a conglobar de muitas repulsas hum motim de desconsolados , que se achão menos na occasião de prestimo , e o peor de tudo he, que estes corrompem outros : e os damnaõ com suas queixas , e vay muito em correr linguagẽ de bom Principe temos: ou dizer-se , mas que seja por entre os dentes , que falta á sua obrigação. A obrigação do Principe he lutar com este gigante , que he o impossivel de trazer a todos contentes ; e para isso ha de ser Protheo , e Achelóo , que se transforme em leão , e em cordeiro ; que se vista humas vezes das propriedades de fogo , e outros das de agua. Socega-se este mundo bem com huma politica , a que os prudentes chamaõ sagacidade , e por esta toca de vicio , chamara-lhe eu antes advertencia , que tem mais de virtude : advirta nos principios o fim que poderão ter ; e pouca vista he necessaria para conhecer , que de má semente , ainda que seja pequena , não pôde nacer bom fruto : e que huma pequena faísca desprezada pôde causar grandes incendios ; e assim succede , que o que não se sente ao perto, damna muito ao longe.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O LIII.

*Dos que furtaõ com unhas visiveis.*

**R** Ara he a unha , ou nenhuma , que não procure fazer-se invisivel , para que não a apanhem com o furto nas mãos , e a agarrem melhor , do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas , que por mais invisiveis , que se fação , sempre se manifestaõ em seus effeitos ; tanto , que por mais luvas de-faidas , e escuzas , que lhes calceis , não póde o juizo aquietar-se , e está sempre latindo , e gritando : *Latet anguis in herba*. Aqui ha Harpias. Entrey hoje em casa de hum homem , que conheci hontem pagem çafado de hum Ministro opulento : vejo-lhe colgaduras , e quadros , escriterios , e cadeiras , bugios ás janelas , e papagayos em gaiolas de marfim , espelhos de cristal na sala , relgios de madre perola , e outras alfayyas , que as não tem taes o Rey da China : e fico pasnado sem saber , quem me diga a isto ! E digo cá comigo : *Quien cabras no tiene , y cabritos vende , de donde le vienen ?* Este homem não foy á India , nem achou thesouro ; porque se o achara , ElRey havia

havia levar pelo menos a ametade delle. Isto he thesouro encantado : e se quereis , que vo lo defcante , direy o que dizem todos ; que este homem he hum grandissimo ladraõ : perdoe-me sua ausencia : e isso está affás provado , e manifesto nestes effeitos : nem ha mister mais devaça.

Em minha casa estou eu trancado , porque quem não se tranca no dia de hoje , não vive seguro : e estou tirando devaças , que taes as soubera tirar a justiça delRey , que deve de andar dormindo , pois não dá fé do que olhos fechados , e trancados vem. Vejo que anda a cavallo com dous lacayos aquelle ministro , que não tem de ordenado mais que oitenta mil reis : sey que anda em coche o outro , e sua mulher em andas , sem terem de ordenado , nem de renda mais que , quando muito , até duzentos mil reis. Elles não trazem navios no mar , nem tem bens patrimoniaes na terra ; nem os pavoens de Juno em casa , que lhes ponhão ovos de ouro ! Pois que he isto ? São unhas visiveis , e bem se mostraõ em estes effeitos , e em outros que calo de tafularias , amizades &c. Hum molde , de como isto se obra visivelmente , porey aqui , que eu ví ha poucos dias na casa da India : despachava-se a fazenda de hum passageiro : e vieraõ a juizo tres , ou quatro escriptorios bem enfar-

enfundados com seus couros, e lonas, porque o mereciaõ, e debaixo destas capas, para virem mais bem acondicionados, traziaõ varios godrins muito bons, que os estofavaõ, e eraõ de preço. Ha hum regimento naquelle despacho, que fiquem as capas dos fardos, que se abrem, para os officiaes, que assistem a estas vestorias: abriãõ os escritorios até a ultima gaveta, e dados por livres, lançaõ mão dos godrins chamandolhes capas, e com elles se ficaraõ, que bem valiaõ vinte mil reis. Levantando mil falsos testemunhos ao regimento, que na verdade só as capas de couro, e lona lhes concede, e naõ o mais, que vem registado, como fazenda.

Em Villa Viçosa conheci hum criado da grande, e Real Casa de Bragança, que gastava os dias, e as noites em continuas queixas de naõ lhe mandar pagar o Serenissimo Senhor Duque D. Theodosio seus ordenados: e chegaraõ a tanto as queixas, que se foy valer do Confessor, para que puzesse a sua Excellencia em escrupulo aquelle ponto com todas as razoes de sua justiça. Assim o fez o Reverendo Padre Confessor: e o Duque prudentissimo com o animo Real, e grandioso, de que Deos o dotou, lhe respondeo: Naõ sey se sabeis vós, que esse fidalgo entrou no serviço desta

desta casa, sem trazer de seu mais que huma capa de baeta; e hoje anda em coche, e sua mulher, e filhos vestem galas, e comem taõ bem, como os que se sustentão da nossa meza. Perguntailhe vós, se lhe faltou depois que nos serve, algum dia alguma couza? E dizeilhe, que affaz mercê lhe fazemos, em não mandar ao nosso Dezebargo, que lhe tome contas, e examine as superfluidades de sua casa, e de seu trato; porque se puxarmos porisso, he de temer, que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eis aqui como se fazem visiveis as unhas em seus effeitos, por mais que se escondaõ.

Mais claramente se fizeraõ em Evora as unhas invisiveis de certos ladroens, que ha mais de vinte e cinco annos deraõ de noite no Mosteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no claustro tinha depositados hum Maltêz dez, ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriraõ as portas sutilmente, arrancando as fechaduras com trados, para não fazerem estrondo: tambem levarãõ farellos, para menearem a moeda sem chocalhada. Deraõ nos caixoens da pecunia, encheraõ alcofas, e sacos, sua boca, sua medida, até mais não quererem, ou não poderem levar para suas casas: onde começaraõ a lograr os frutos de sua diligencia, mas taõ

incau-

incautos, que sendo trabalhadores de enxada, já não hiaõ puxar por ella no serviço das vinhas, como costumavaõ. Nem fora isto bastante para os descobrir a grande diligencia, com que a justiça por todas as partes bada as moutas. Até que em huma festa feira notou hum argueireiro na praça do peixe, que hum destes comprava folho para jantar a tostaõ o arratel, costumando a passar com fardinhas. Deu alõpro ao Juiz de fóra, que lhe deu em casa de repente, e com poucos foroens descobrio a caça, e achou a mina, de donde sahiaõ os gaitos, que o fizeraõ manifesto, com prova bastante para o pôr no potro, onde chorou seu peccado, e cantou os complices, cujas cabeças vimos sobre as portas da Cidade fazendo suas unhas ainda mais manifestas.

\*\*\*\*\*

#### C A P I T U L O LIV.

*Dos que furtãõ com unhas invisíveis.*

**T** *Ela pr. evisa minus nocent.* Diz o Proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, he grande bem para escapar d'elle: Mas o  
 rayo,

rayo, que não se vê, a bala, que não se enxérga, senão quando vos sentis ferido, são males irremediáveis: e taes são as unhas invisíveis em suas rapinas. E passa assim na verdade, que não damos fé dellas, senão quando sentimos seus danos. Raro he o ladrao, se não he de estradas, que não trate de esconder as unhas, e fazer-se invisível, quando furta: e por esta via podem pertencer a este Capitulo quasi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre, fazem o assalto ainda mais invisível, pondo-vos á vista o harpéo, com que vos esfoláo, sem dardes fé delle.

Abroquelense os mecanicos, que começa esta bateria por elles. Vende-vos hum çapateiro hum par de obra por boa, e legitima, e como tal lhe talha o preço, que vós desembolçais muito contente, e elle agarra pouco escrupuloso: dahi a dous dias arrebetao as costuras, porque o canamo do fio era podre, ou fingello, devendo ser saó, e dobrado: vistes as entre-folas, que erao de pedaços, devendo ser inteiras, e os contrafortes de badana, que deverao ser de cordovaó, ou vaqueta. E tudo fez invisível a destreza do trinchete; e quanto vos deo de perda, tanto vos furtou em Deos, e em sua consciencia. Vende-vos hum al-

fayate o vestido feito , ou faz-vos o que lhe mandastes talhar : mete lãa por algodão nos a colchoados , trapos por holanda nos entreforros , linhas nos pespontos , que querieis de retroz , pontos de legua nas costuras : e paga-se , como se tudo fora direito como huma linha ; e tem para si , que nada fica a dever , porque de nada déstes fé , senão quando se foy gastando a obra , e appareceraõ estes furtos no vossõ negro , a quem déstes o vestido , porque não dizia com vossa pessoa. Hum Fidalgo da primeira nobreza , que todos conhecemos neste Reyno , mandou fazer humas calças altas no tempo , que se usavaõ , e deo para os entreforros dous covados de baeta muito fina ; e o senhor mestre , que as talhou , e pesponteou , tomando a baeta para si , poz-lhe em seu lugar hum sambenito , por se forrar dos custos , que lhe tinha feito : feitas as calças , sem nenhuma suspeita do que levavaõ dentro , achou o Fidalgo , que pezavaõ muito , e que o aquentavaõ mais que muito : mandou-as abrir para ver se tinhaõ chumbo , ou fogo dentro , e achou o sambenito de mais , e a sua baeta menos : não conto o mais que succedeo , porque isto basta para se ver , que ha nos alfayates unhas invisiveis.

Os cirieiros , que espalmaaõ cera preta debai-

xo da branca. Os confeitheiros, que cobrem açúcar mascavado, e borras com duas mãos de fino. Os pasteleiros, que picaõ hum gato em meya duzia de covilhetes. Os estalajadeiros, que baptizaõ o vinho, e daõ vianda de cabra por carneiro. O tofador, que sem pôr tesoura na peffa de vintadofeno, vos levaõ hum vintem por cada covado. O ferrador, que encrava a besta, e tambem de noite as acutilla, para ter que curar, e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candêa no emplasto, que pede oleo de minhocas na receita: O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra, que teceo de duas velhas, que desmanchoú: O sombreireiro, que trabalhou lãa grosseira, e podre, debaixo de hum pafta fina, para vender o chapéo, como se fora de castor: O farralheiro, que amassou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova: O ourives, que descontou a pezo de ouro o azougue, com que ligou o douramento, e a pezo de prata a liga, e cobre, que misturou na peffa. E todos, quantos elles faõ, ( que seria muito correllos todos ) tem estas tretas, e outras mil, com que escondem as unhas, que invisivelmente nos roubaõ.

Mas dirá alguem, que tudo isto faõ ninharias, que não tiraõ honra, nem desmanchaõ ca-

famentos. Seja assim. Vamos ávante: *Paulo maior* *canamus*. Levantemos de poato, e venha a juizo gente mais granada, e os que provêm as armadas, e frotas delRey Nosso Senhor, sejaõ os primeiros. Não tem conto as pipas de vinhos, e azeites, que nellas arrumaõ, para provimento, e droga: tudo vay fechado cravado o batoque: e se no fim da jornada se acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a Linha tem a culpa nas influencias, com que corrompe tudo, e o ladraõ a desculpa na mão, com que gualdripou, o que vay de mais a mais entre vinho, e zurrapa, azeite, e borra: e fica o salto, que foy invisível em Lisboa, manifesto além da Linha; como Santelmo, que se faz invisível em tempo sereno, e na tempestade apparece.

Os ladroens nocturnos são ainda mais invisíveis, como aquelle, que mudou hum transfelím da cabeça de seu dono para outra, a que não pertencia; era elle de diamantes, e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no ouro, pedras, e feitio: e foy o caso, que quando ElRey Filippe III. de Castella veyo a este Reyno, lançou o Duque de Aveiro esta gala, com que brillhou mais que todos: Encheo os olhos de huma ave de rapina, que se fez nocturna, para lhe dar  
caça

caça mais segura : esperou que o Duque se recolhesse do Paço Real alta noite ; investio-o no coche pela poupa , abrindo com ferro da banda de fóra entrada bastante para ter boa sahida o chapéo , e pessa , que voou pelos ares com seu segundo dono , que ainda não se sabe , se o ingulio a terra , ou se o levarão os ventos ; porque se fez logo tão invisivel , como clandestino .

Pela trilha deste se desempenhaõ muitos , a que chamaõ neste Reyno capeadores : esperaõ que anoiteça : fazem-se invisiveis por esses cantos das ruas de melhor passagem : espada , e broquel com pistola saõ os seus fiadores : e em passando couza , que lhes arme , desarmaõ de repente com huma tempestade de espaldeiradas , e ameaças de morte : e se lhes resiste , aplaca logo tudo a pistola posta nos peitos ; e com largar a capa , e a bolça , rime sua vexação o passageiro , sem conhecer o autor da presente perda , ou do ganho da vida , que diz lhe dá de barato , quando tão caro lhe custa o tornalla para sua casa illesa . Nas Chronicas de Portugal se conta , que houve hum Rey em Lisboa antigamente tão sollicito de atalhar furtos , que até aos invisiveis dava caça . Deraõ-lhe avizo os seus espias , que se furtava muito na casa da India , e na Alfandega , e que de noite se abriaõ as

portas , e levavaõ fardos de toda a droga com tanta affoiteza , que os mariolas da ribeira eraõ os portadores alugados. Disfarçou-se o bom Rey á guisa destes , e entre elles passou huma noite , e outra , até que chegou a infausta para todos : deixou-se hir ao chamado dos officiaes , que os levarã todos a Alfandega ; e o seu mayor cuidado foy dar tesouradas nas capas de todos sem ser sentido. Fez-se tudo , como os pilotos da facção mandaraõ , pagaraõ seu trabalho aos mariolas , e recolheo-se o Rey com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir parante si todas as Justiças , Ministros , e officiaes de seu serviço com os mesmos vestidos , com que tinhaõ rondado aquella noite : e al naõ façais , com pena de morte. E como os mandados dos Reys inteiros são leys inviolaveis , assim vieraõ todos : foy-lhes vendo as capas , e poz de reserva todas , as que achou feridas , para pôr a seus donos de depindura. E assim passou o negocio , que com tesouradas invisiveis assegurou os thezouros , que unhas invisiveis lhe roubaraõ.

Nunca faltaõ aos Reys traças , e modos , para evitar damnos , mas que pareçaõ irreparaveis por invisiveis. Taes foraõ , os que padeceo a Alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos

Reaes

Reaes com hum Ministro , que tirava folhas dos livros do recibo taõ subtilmente , que ficava invisivel a falta ; mas viraõ-se logo as sobras dos restos das contas no largo , que invidava o resto na casa do jogo : e se foubra fazer invisivel o lucro dos direitos , como fez invisivel o salto , com que os roubava , ainda estariaõ invisiveis as unhas , que o levaraõ á forca : por final que endoudeceo sua mulher : e ainda naõ se sabe , se foy de prazer por perder o marido , se depezar por lhe confiscarem a fazenda. Por tudo seria.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LV.

*Dos que furtaõ com unhas occultas.*

**P**Arecherà a alguem este Capitulo semelhante ao passado das unhas invisiveis , mas elle he muito differente ; porque as unhas o saõ tambem muito entre si , como logo mostrarãõ os exemplos ; e a razaõ tambem o mostra ; porque as invisiveis saõ , as que de nenhuma maneira se podem conhecer no fragante , e as occultas bem se podem alcançar logo , se fizermos diligencia. Succedeo o caso , e eu o vi em huma feira de tres ,

que se fazem todos os annos em Villa Viçosa , haverá defefete annos. Vinha alli muito açafraõ de Castella , e não taõ caro como hoje val : no primeiro dia não havia achallo por menos de dous mil reis , e isto em muitas tendas : no segundo dia só hum vendedor se achou delle , e davaõ liberalmente a mil e quinhentos reis. Deo isto que cuidar , porque não havendo mais , que hum mercador de huma droga , a razão pedia que lhe levantasse o preço : mas a femrazaõ , que elle usava , o ensinou ao abater , para se expedir mais depressa , e pôr-se em cobro com os ganhos. Quaes ganhos ? Chamara-lhe eu antes perdas , pois comprou tanta fazenda a dous mil reis , e a vendeo toda a mil e quinhentos. Assim passa : mas ahi val a unha occulta , que misturou com o açafraõ puro outro tanto pezo de flor de cardo tinta de amarello , fevaras de vaca , arêa miuda , nervos desfeitos : e multiplicando assim a massa , creosco a droga outro tanto , ou mais ; e ainda que lhe abateo a quarta parte do preço primeiro , dobrando a quantidade , ficou interessando no segundo outra quarta parte , que vinha a ser muito em taõ grande quantia. E ainda que as partes se acharaõ no primeiro jantar defraudadas , não foy com tanta pressa , que a não puzessem mayor as unhas

unhas occultas , em se porem em cobro , antes de as fazerem manifestas.

Hum segredo natural ha nesta materia de unhas occultas , que succede cada dia , de que só aos Confessores se dá parte , e porisso os Senhores ficão defraudados nesta parte. Logo me declararey : Ninguem cuide que tacho os Confessores de descuidados em mandarem restituir : pôde ser que se governem neste caso pelos conselhos de Sanches. He couza certa , que o paó , quando se recolhe nas eiras para os celleiros, que vem seco, e istitico do mayor Sol , que nellas padece : e outrosim he certissimo , que os celleiros pela mayor parte saó humidos : e daqui vem , que o paó penetrado da humidade incha em seu tanto de maneira , que está averiguado , que cada dez moyos lançaõ hum de crescenças. Entrega ElRey por estas Lyfrias mil moyos de paó a seus Almoxarifes no Veraõ , e quando lho pede no Inverno , he mais que certo , que fazem a restituiçãõ dos mil moyos, e que lhes ficão cem nos celleiros pela regra infalivel das crescenças , que temos dito. O Almoxarife , que he bom Christaõ , acha-se enleado : por huma parte o pica a consciencia , vendo em sua casa bens , que não herdou ; e por outra parte tambem se lhe socega , porque ninguem o deman-

da

da por elles, e vé que ElRey está satisfeito. Vay á confissão da Quaresma, e diz: **Accusó-me**, que comi cincoenta moyos de trigo, que não semeey, nem herdey, nem comprey; e tambem declaro, que os não furtey; porque me nacerao em casa dentro em huma tulha, assim como me podia nacer hum alqueire de verrugas nestas mãos. E destrinchado o caso fica, a couza occulta, e em opiniao; e quem a quizer ver decidida, veja o Doutor, que já toquey, que eu não professo aqui ensinar casos de consciencia: ainda que sey, que a praxe deste está resoluta nos celleiros do estado de Bragança, aonde se pedem as crescenças aos Almo-xarifes.

Mais occultas tem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos Theologos. Dey a vender huma pipa de vinagre; e a regateira foy tao arditosa, que a foy cevando com agua pelo batoque ao compasso, que a hia aquartilhando pela torneira: e aqui está escondido outro segredo natural, que aquella agua botada aos poucos, se vay convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque se destempéra; e nesta parte he como o cao damnado, que irritado se azeda mais: e vem a fazer a senhora vendedeira de huma pipa tres, ou quatro; e fica-se com o resto,

resto, que he mais outro tanto em dobro : e alimpa o escrupulo com lhe chamar fruto de sua industria.

Aqui pódem entrar os tafues, que jogão com dados falsos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com taes disfarces se manifestaõ, e fazem sua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vay Senhor do jogo, e sabedor da maranha. E nisto não ha opiniaõ, que os excuse de furto mais aleivoso, que a do ladraõ, que saltêa nas estradas. Tambem he occulta a treta, de quem poem mal com ElRey a poder de mexericos o Capitaõ, que vem de além mar muito rico, para que não lhe dê audiencia, e o traga desfavorecido, até que solcito busca caminho, para se congraçar com seu Senhor : e como o de boas informaçoens he o melhor, trata de buscar quem lhe desfaça as más, e apoye seu credito : e não falta logo quem lhe diga : Senhor valei-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor sahida á vossa pertençaõ ; e póde ser, que vem este mandado pelo mesmo, que o poz em desgraça, para o trazer a estes apertos de o buscar com os donativos costumados, que ás vezes passaõ de vinte caixas de açucar, porque em mais se estima a graça de hum Principe. E tanto que se alcan-

alcança este intento das caixas , pellas , ou bifalhos , segue-se o segundo de desfazer a maranha , e abonallo , até o pôr em pés de verdade restituído a seu primeiro ser , e valimento.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LVI.

*Dos que furtaõ com unhas toleradas.*

**T** Errivel ponto , e arriscado he , o que se nos offerece para deslindar neste Capitulo ; porque parece , que offende a justiça , e bom governo dizermos , que ha unhas , que furtaõ , e se toleraõ. Males ha necessarios , como diz o proverbio , e que se toleraõ nas Republicas para evitar mayores males. Tal he a de mulheres publicas , comediantes , e volatins , que se soffrem para divertir as más inclinaçoens , e evitar outros vicios mayores : mas o furtar sempre he taõ máo , que não se póde tolerar para delinquentir vicio mayor , pela regra que diz : *Non sunt facienda mala , ut veniant bona.* Donde o tolerar ladroens nunca he bom ; porque havelos he máo , e consentilos peor : e outra regra diz , que tanta pena merece

O con-

o consentidor como o ladrao. Nem se póde dizer, que a justiça os consente, nem que os Reys os dissimulaõ; porque a razão não os permite. Pois que unhas toleradas são estas, que aqui se nos entremetem, para serem descuidadas? Para serem emendadas folgára eu de as propor, e declarallashey com hum par de exemplos, taõ notorios, e correntes, que por serem taes, ninguem repara nelles. Seja o primeiro de longe, e o segundo de perto; este de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia está Roma, Cabeça do mundo, que pelo ser, nos deve dar documentos de justiça, e santidade; e porisso não estranhará tacharmos, o que se desviar desta regra. Lá ha huns officiaes, que chamaõ Banqueiros: e estes tem por todo o mundo, onde se acha obediencia Romana, seus correspondentes, que intitulaõ do mesmo nome: e assim huns, como outros, agenceaõ dispensações, graças, e indulgencias, e expedientes de Igrejas, e Beneficios, que vem por breves, e letras Apostolicas dos Summos Pontifices para partes, que não podem lá ir negociallas; e por tal arte meneaõ as couzas, que não lhas trazem senaõ a pezo de dinheiro; e vem a ser neste Reyno hum rio de prata, para que não lhe chamemos de ouro, que está correndo continuamente para a Curia Sacra,

por

por letras de Bispos, Igrejas, e Beneficios, e mil outras graças; tudo por tão excessivos preços, que vem a fazer mais de hum milhaõ todos os annos; sendo assim, que nas Bullas de tudo se diz, que daõ tudo de graça: *Gratis sub annulo Piscatoris*. E assim he na verdade, que São Pedro pescador; e nada logra de tão copiosa pesca. Os pescadores, que engordaõ com estes lanços, bem se sabe quaes são: e porque são, os que não convêm, se livrou França delles, com dar por cada Bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do sello, sem avaliar o muito, ou pouco, que se concede, porque isso todas as Bullas dizem, que vem de graça. Castella se suspeita, que tem a culpa do que Portugal padece nesta parte; porque alargou a mão para seus intentos; ou porque a tinha entaõ mais chea, que hoje com as enchentes de ouro, e prata, que lhe vinhaõ do mundo novo; e como Portugal lhe era fugeito, e sempre foy liberal, e grandioso, foy seguindo suas pizadas; e vendose picado, e opprimido com tal carga, e com o pé Italiano sobre o pescoço, tudo tolera a titulo de piedade; como senaõ fora impiedade defraudaríe a si, para encher as unhas de milhares Banqueiros, cuja fé não assegura a verdade das letras, que apraza a Deos não sejaõ falsas.

falsas. Doutos houve já , que considerando o muito ouro , que dispensações só dos matrimonios levavaõ deste Reyno , resolveraõ , que podia ElRey nosso Senhor fazer Ley , que annullasse todo o contrato de matrimonio entre parentes : mas mais facil era mandar com pena de confiscação de todos os bens , que ninguem passe lá dinheiro para taes graças , pois concedem que vem de graça; e atalhar-se-hia assim de pancada tudo; pois não ha razaõ , que nos tolha fazermos o que faz França , quando mais Christianissima.

Que venha hum Colleitõr a este Reyno por tres annos a governarnos as almas , e que puxe tanto pelos corpos , que ponha em Roma perto de hum milhaõ , quando nada , para si , e seus officiaes , he couza , que não entendo , e porisso não lhe sey dar remedio : e se o entendo , não me atrevo a receitalhe a mézinha , porque não me levantem , que sinto mal do Ecclesiastico. E a verdade he , que sinto n'alma ver chagas incuraveis , em quem tem por officio curar as nossas. Chamolhe incuraveis , não porque não tenhaõ remedio , mas porque são toleradas de tanto tempo , que de velhas não tem cura , e porisso ninguem se cura já dellas. Aqui se me põem huma instancia: tal qual he , eu a destroçarey : dizem os que de nada

da se doem : como pôde hum s<sup>o</sup> Collei<sup>to</sup>r com tres Mon<sup>te</sup>nho<sup>re</sup>s Varoens de letras , e virtude , recolher tanta pecunia , se elles s<sup>o</sup> trata<sup>o</sup> do Espirito ? Respondo , que ha neste Reyno mais de dez mil Frades , e mais de quinze mil Freiras , e mais de trinta mil Clerigos , e mais de cincoenta mil embaraços de consciencia em leigos , e todos movem demandas de lana caprina ; porque o Frade quer comer na mesa trave<sup>st</sup>ã ; a Freira quer janela sem grade , e grade sem escuta , o Clerigo quer viver a ley de leigo , e o leigo quer ordens sem cabeça , em que lias ponha<sup>o</sup> , e descalarse de duas , ou tres , que o demanda<sup>o</sup> ; *et sic de reliquis* : e todos para sahirem com a sua entra<sup>o</sup> com Monsieur Auditor , e com Monsieur Albornós , e com Monsieur Catrapúz ; huns da<sup>o</sup> ouro , outros prata , e outros pedras , q<sup>ue</sup> se não achã na rua ; porque de frasqueiras , capoeiras , canastras , costaes &c. já se não faz caso , por serem drogas de mais volume que lume : e com estas pedradas da<sup>o</sup> a batalha , e alcança<sup>o</sup> a victoria , e alinapa<sup>o</sup> o bico , pondo em pés de verdade , que Roma não se move por peitas , e assim he , porque tudo são graças. Não sey , se me tenho declarado ! Mas sey que tudo se tolera , porque corre tudo por canos inexcructaveis , e que fora bom haver hum breve de contramina , que annulla-se

anullasse tudo, o que por taes minas se agenciaffe.

E tornando ao primeiro ponto dos Banqueiros; remato esta teima com hum caso, que me passou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tratey huma dispensação, ou absolvição importante: hum pedio duzentos mil reis, outro cem mil, o terceiro foy mais moderado, e disse que por menos de oitenta era impossivel impetrarse. Não havia nos penitentes cabedal para tanto: fallou-se a pessoa, que tinha intelligencia na Curia Romana, e proposto o negocio, respondeo, que era de qualidade, que se expedia na Curia sem gastos de hum ceutil, e se offereceo para mandar vir o Breve de amor em graça; e assim foy, que de graça veyo: contey por graça isto ao matalote dos duzentos mil reis, respondeo marchando os beiços: são lanços, que não tiraõ seus direitos aos homens de negocio; e melhor dissera lançadas de Mouro esquerdo, que merece gente, que com sua infernal cobiça infama a sinceridade da Igreja Catholica, a qual de nenhuma maneira sofre simonias; como actualmente o tem mostrado a santidade de Innocencio X. depondo, enforcando, e queimando muitos por falsificarem letras.

Ate aqui unhas toleradas neste Reyno, no qual tambem ha outras suas proprias, que tolera, e

todas tomara cortadas. Arma hum fronteiro humma facção por seu capricho, entra por Castella com dous, ou tres mil Portuguezes, gasta na carnagem, muniçoens, e bastimentos da cavallaria, e infantaria, oito, ou dez mil cruzados: succedelhe mal a empreza; e ainda que lhe succeda bem, perde em armas, cavallos, e infantes mais de outro tanto, e recolhe se dizendo: bella maré levavamos, se não se virára o barco. E dado que nada perca, e que traga humma grande preza, está bem esmada, e mal baratada: lança a o quinto delRey ao mais arrebentar duzentas cabeças de toda a sorte, que não bastaõ para recuperar mais de duzentos mosquetos, e outras tantas pistólas, que desapparecraõ; piques, que se quebraraõ, e gastaraõ em assar borregos; capacetes, de que fizeraõ panellas, pare cozer ovelhas com nabos, e outras mil couzas, que não se contaõ; com que lançadas as contas, sempre as perdas excedem os ganhos. Além de que na giravolta se destorça o fiado, desicnta o vendido, e perde o comprado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos nossos lavradores, que o não aggravaraõ, deixando-os sem boys, nem gados, para cultivar as terras. Tornaõ lá os nossos a satisfazer esta perda, e he outro engano; porque com o que trazem, não se

se recuperaõ os lavradores ; tudo he dos soldados , que o malograõ , e dos attaveçadores , que dissipão. E assim se vaõ encadeando perdas sobre perdas , que unhas toleradas vaõ causando sem remedio ; porque não se deu ainda no segredo desta esponja. Olhaõ para o applauso da valentia , e as medras , dos que se empenhaõ nellas , lançaõ hum véo pelos olhos de bizzarria a todos , e outro de lizonja sobre a ruina da fazenda Real , que paga as custas ; e os lavradores choraõ , o de que se ficaõ rindo os pilhantes , que nesta agua envolta saõ os que mais pescaõ.

E que direy das innumeraveis unhas , que se toleraõ na grande Cidade de Lisboa ! Envergonha-la-hemos com Cidades muito mayores , que ha na China , nas quaes ha taõ grande vigilancia nisto de unhas de gente vadia , que de nenhuma maneira escapa pessoa viva , de que se não saiba quem he , o que trata ; e de que vive , para evitar roubos, e outras desordens, de q̃ saõ autores os ociosos, e vagabundos em grandes Respublicas. E na nossa ha destes tanta tolerancia, que andaõ as ruas cheas, sem haver quem lhes pergunte , se se sabem benzer , nem quem se benza delles ; porque delles nascem os roubos nocturnos , raptos clandestinos , homicidios quotidianos : nelles achareis testemu-

nhas para vencer qualquer pleito , e quem vos faça huma eſcritura falſa , e huma proviſão , que até ElRey , que a não aſſignou , a tenha por verdadeira : tudo ſe toléra , porque não ha quem vigie. Sou de parecer , que aſſim como ha Meirinho mór para reſguardo do Paço Real , haja ſegundo Meirinho mór , para guarda de toda a Corte nesta parte dos vadios , e gente ocioſa ; e que prenda todo o homem , que não conhecer , ſem lhe formar outra culpa: ſe provar no Limociro, que he homem de bem , ſerá ſolto ; e ſe for da vida airada , vá para as Conquiſtas , onde terá campo largo para eſprayar ſuas habilidades , e ficaremos livres deſta praga , que tanto á noſſa cuſta ſe toléra.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LVII.

*Dos que furtaõ com unhas alugadas.*

**T**oleradas ſão tambem eſtas unhas , pois ſe alugaõ ; mas ſão peores nas correrias , que fazem , como mulas de alquiler. Os Doutores Theologos tem para ſi , que não ha mayor maldade ,  
que

que a que se ajuda de forças alheas , quando as proprias não lhe bastão , para executar sua paixãõ. E está em boa razãõ , porque sabe da esfêra , e limite daquillo que pôde : e obrar humi pessoa mais do que pôde para o mal , he grandissima maldade ; assim como obrar mais do que pôde para o bem , he grandissima virtude. Não pôde hum ladrãõ arrombar a porta de hum mercador á meya noite , que remedio para lhe pescar hum par de peças sem estrondo , nem difficuldades ? Aluga hum trado , e com elle , comõ com lima surda , faz hum buraco , quanto caiba humã maõ ; mete hum gancho agudo taõ comprido , quanto baste para chegar ás peças , que esmou de olho ao meyo dia ; físgalhe humã pontã ; e como camisa de cobra as revira , e escõa todas pela talisca. Mas não são estas as unhas alugadas , que fazem os mayores danos na Republica. Outras ha , de que Deos nos livre , mais nocivas , estas são as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo ; correllos todos he impossivel , direy sómente de varas , e escrivatinhas , o que vemos , e choramos , e não remediamos , porq̃ não ferem a seus danos , nem a quem podêra dar-lhe o remedio. Que couza he a vara de hum meirinho , ou de hum alcaide , no dia d' hoje ? Se Aristoteles fora

vivo , com todo o seu saber não a havia de definir ao certo ; mas eu me atrevo a declaralã com a de Moysés. A vara de Moysés na sua mão vara era ; mas fóra da sua mão era serpente. Tal he qualquer vara destas ; de que fallamos : na mão de seu dono vara he , se he bom Ministro ; mas fóra da tua mão he serpente infernal , e se anda alugada , he todos os diabos do inferno ; porque hum diabo não tem poder , para se transformar em tantos monstros , como huma vara de serventia alugada se transforma : e elles mesmos o confessaõ , que não póde al ter , para pagarem ao orfaõ , ou á viuva , cuja he , e ficarem com ganho , que os sustente a todos á custa das perdas de muitos. Olhay para a vara de hum aguazil daninho , parecvos vaqueta da arcabúz ; e ella he espingarda de dous canos ; porque vay por esses campos de Jesu Christo , a melhor marrãa , que eontra , e o melhor carneiro , aponta nelles , e quando volta para casa , achao estirados na sua loge , sem gastar polvora , nem dar estouros. Tambem he cana de pescar fóra da agua : vay á Ribeira , lança o anzol na melhor pescada , e no melhor congro , ou favel , e sem cedella , que puxe , dá com elles no seu prato. Tambem he besta de pelouro , que mata galinhas aos pares , e pombas ás duzias ; perdi-

zes

zes nenhuma lhe escapa , se as acha nos açouges , porque no ar erra apontaria. Tambem he cadéla de fila , e quando a açúla a huma vitela , mas que seja a huma vaca, berrando a leva a onde quer. Tambem he covado , e vára de medir , e quanto mais comprida , tanto melhor : assim como he , entra em casa do mercador , e mede como quer panno, e feda. Tambem he garavato de colher fruta , e sem se abalar por hortas , nem pomares , colhe , e recolhe canastras cheas. E vedes aqui irmão leitor a vara de Condaõ , com que nos embalavaõ antigamente , que fazia ouro de pedras , e paõ de palhas , e da agua vinho ; e esta ainda faz mais , porque faz , e desfaz , quanto quer , quem a alugou.

O mesmo , e muito mais podera aqui dizer das escrivatinhas alquiladas ; mas não quero nada com pennas mal aparadas , não acerte de lhes vir a pelo este nosso tratado , que no lo depennem , ou jarretem com alguma sentença grega , ou defalmada. Só direy , que são alguns , ou quasi todos , tão fracos officiaes , que he grande valentia saber-lhes ler, o que escrevem. Eu fey hum , que o fizeraõ vir de Evora a esta Corte , para que lesse o que tinha escrito em hum feito , que não era pequeno , e não se achava em toda Lisboa , quem

em tal escriptura attinasse com boya, como se fora a de ElRey Balthasar. E com estes gregotins alimpaõ as bolças ás partes, e sujaõ quantas demandas ha no Reyno, escrevendo sêsta por ballêsta, e alhos por bugalhos: e já lho eu perdoara, senão succedera muitas vezes tirarem dos feitos as sentenças por tal estylo, que não se daõ á execuçaõ, porque não ha entendellas. Muito ha que reformar nas officinas, e cartorios destes Senhores, como em todos, quantos officios andaõ no Reyno arrendados.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LVIII.

*Dos que furtaõ com unhas amorosas.*

**Q**uem dizia no Capitulo 39. que não ha unhas bentas, porque todas são malditas, e fugeitas a mil excõmunhões, quando furtaõ; tambem dirá agora, que não ha unhas amorosas, porque todas arranhaõ; mas fernos-ha facil de enganalo com quantas unhas ha de femeas, q̃ estafaõ a seus amantes. E taes são tambem as unhas de todos os valídos, mimozos, e paniaguados dos gran-

grandes : daõ-lhes francas entradas em feu feyo , sem verem que abrem com isso sahidas enormes a seus thesouros. Ouça-me o mundo todo huma Filosofia certa : he certo , que animaes de differentes especies naõ se amañão : caens com gatos , aguias com perdizes , espadartes com balêas nunca sustentáraõ bom cõmercio : e se algum dia houve bruto , que se fugeitasse a outro de differente especie , foy , naõ porque a natureza o inclinasse a isso , mas por alguma conveniencia util para a conservação da vida. Ha entre os homens estados taõ diversos , que se distinguem entre si mais , que as especies dos brutos. Hum Fidalgo cuida , que se distingue de hum escudeiro , mais que hum leão de hum bugio : e hum escudeiro presume , que se differença de hum mecanico , mais que hum touro de hum cabrito. E que será hum Duque , ou hum Rey , comparado com qualquer desses ? Será o que he hum elefante com hum cordeiro. Donde se infere , que quando ha uniaõ de amor entre taes fugeitos , naõ he , porque a natureza os incline a isso , he a conveniencia do interesse ; e como este vay diante sempre , sempre vay fazendo seu officio , aproveitando-se do amor para suas conveniencias.

Entra aqui outra circumstancia , que dá grande

grande apoio a este discurso; e he, que o mayor ama ao menor, como couza sua; e o menor olha para o mayor, como para couza, que o domina. e isto de ser dominado, nunca causa bom sabor; e porisso vicia o amor, que não sofre disparidades. Donde se colhe evidente, e infallivelmente, que póde haver amor verdadeiro do superior para o inferior, e que não he certo havello do inferior para o superior; porque leva sempre a mira no que da hi lhe ha de vir; e essa he a pedra de toque, em que aguça as unhas, que chamo amorosas; porque com achaque de benevolencia, e amor, que seu amo lhe mostra, mete a mão no que a privança lhe franquêa com tanta segurança, como se tudo fora seu pela regra, que diz: *Anticorum omnia sunt cõmunia*. O grande nunca sofre igual, quanto mais superior, e porisso não se humana senão com o inferior; e este porque tem iguaes, com quem faça sociedade, não necessita do bafo dos grandes, mais que para engordar; e he quanto lhe permite o careyo, que lhe daõ, e usão delle os validos com insolencia; porque o acicate, que os move, esfirva mais em medras proprias, que em serviços, que pertendaõ fazer aos seus Meceñas. Reciprocaõ-se o amor do grande, e o interesse do pequeno: o amor abre a porta, o interesse estende

tende as unhas ; e como na arca aberta o justo pecca , empolga sem limite ; e como o amor he cego , não enxerga o damno ; e se acerta dar fé delle , porque ás vezes he tão grande , que ás apalpadelas se sente , tambem o dissimula ; e assim se vêm a refundir na affeição todos os damnos , que padece , e grangeão titulo de amadas , e amorosas as unhas , que lhos causão.

Não se condena com isto terem seus válidos os grandes ; porque nem os Summos Pontifices se pódem governar bem sem Nepótes , a quem de todo se entregaõ , para descançarem nelle o pezo de seus negocios , e segredos : e os Principes seculares necessitaõ muito mais deste auxilio , porque as couzas profanas não se domesticaõ tanto como as sagradas. O que se tacha he a demazia , e desáforo de alguns válidos : dos máos ha duas castas , huns que escondem as medras , e outros , que as assoalhaõ : estes duraõ pouco , porque a inveja os derruba armando-lhes precipicios , como a D. Alvaro de Luna ; e sua propria fortuna , e insolencia os jarreta , como a Belifario : aquelles mais duraõ , e he em quanto se sustem em seus limites ; mas por mais , que se dissimulem contrajos humildes , e alfayas pobres , logo seus augmentos os manifestaõ ; porque são como o fogo ,  
que

que se descobre pelo fumo , e abraza mais , quando mais se occulta. Se nós virmos hum destes comprar quintas como Conde , receber dotes como Duque , e jogar trinta , e quarenta mil cruzados como Principe ; e foubemos , que entrou na privança sem humas luvas , como havemos de crêr que cortou as unhas ? Cresceraõ-lhe sem duvida com o favor como planta , que regada medra. Grande louvor merecem nesta parte todos os Ministros , que assistem a ElRey Nosso Senhor , porque vemos , que tudo o que possuem , com não ser muito , he mais para o servirem , que para o lograrem. Nem se pôde dizer de Sua Magestade , que Deos guarde , que tem validos mais que dous , que se chamaõ , Verdade , e Merecimento. Como pôdem , e devem os Principes ter validos para se servirem , e ajudarem de suas industrias , e talentos , já o dissemos no Capitulo 30. ao titulo dos Conselheiros §. 1.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O L I X .

*Dos que furtaõ com unhas cortezes.*

**N**Aõ sey, se he certa huma murmuraçãõ, ou praga, que corre em todas as Cortes do mundo, que mais se ganha nõ Paço ás barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella he certa, he grande roubo, que se faz á razaõ, e justiça, que está pedindo, e mandando, que se dêm as couzas, e façãõ as mercês, a quem mais trabalha, e padece. Privilegio he de chocarreiros, que ganhem seu paõ com lizonjas; mas a honra guarda outro foro, que sendo muito cortez, naõ pertende, nem espera premio por sua cortezia, porque lhe he natural; e pelos actos naturaes, dizem os Theologos, que nada se merece, nem desmerece. E daqui vem, que o que se leva por esta via, vem a ser furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos chamar estafadores. Andão no terreiro do Paço, no Rocío, e por essas ruas de Lisboa; e como são ladinos, e versados, conhecem já de face a todos; e tanto que vem al-  
gum

gum de novo , ou que parece estrangeiro , che-  
gão-se a elle rasgando cortezias , envoltas com lou-  
vores de v. m. me parece hum Principe , a cuja  
sombra se prostra hoje minha pobreza : sou hum  
homem nobre , e forasteiro , sustento aqui plei-  
tos para remediar filhas orfans , que trouxe co-  
migo para vigiar sua limpeza : semanas se passaõ,  
em que não entra paõ em nossa casa , e pondo a  
mão na Cruz da espada , jura que não traz camisa:  
e por esta toada diz mil couzas , que traz estuda-  
das , como oração de cego ; até que remata com  
a petição , a que foy armando todas suas arengas ,  
com o chapéo na mão , o pé a traz , e o Joelho  
quasi no chaõ. O pobre novato , que he ás vezes  
mais pobre , que elle , movido por huma parte  
da compaixão , e por outra picado das cortezias ,  
abre a bolça , e pedindo perdoens dalhe a pataca ,  
ou ao menos o tostaõ , que o supplicante vay  
brindar logo na primeira taverna : e sabida a cou-  
za , nem filhas , nem demanda teve nunca , e  
sempre foy estafador cortezaõ , que he o mesmo  
que ladraõ cortez.

Tem hum official de vara , ou escrivaniinha  
no seu regimento dous , ou tres vintens , que se  
lhe taixaõ por esta , ou por aquella diligencia :  
acha nos aranzeis de sua cobiça , que he pouco ,  
teme

teme pedir mais com medo do castigo, que não falta, quando Sua Magestade sabe as desordens: pergunta o requerente bisonho o que deve? Responde-lhe: de graça desejava servir a v. m. mas vive hum homem alcançado, e sustenta casa com este officio, dê v. m. o que quizer. E se o requerente insta, que lhe diga ao certo o que deve, porque não traz ordem para dar mais, nem he bem que dê menos? Torna a responder, que em mayores couzas o deseja servir, que se não quizer dar nada, que o póde fazer; e que taõ seu cativo ficará assim como de antes. Bem se vê, que isto he estafa, pois nunca o vio em sua vida, senão aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, mostra-lhe hum livro muito grande, e o muito, que nelle se rabiscou, &c. Pasma o supplicante, lança-lhe hum par de patacas Mexicanas, onde só devia dous vinteis; recolhe-as o Senhor escriba, de prata Fariseo, e despacha-o com aqui me tem v. m. a seu serviço taõ certo, como obrigado. E se estes mancebinhos puzerem no fim de seus despachos os preços delles, como são obrigados, saberão as partes o que devem, e não haverá enganos; mas quando o salario he pouco, não o escrevem, para ter lugar a treta; e se he muito, galhardamente o explicaõ. Seja suspenso todo o  
que

que o callar : e eisahi o remedio.

Isto são ninherias em comparação de outras prezas, que a cortezia agarra sem muitas ceremonias; como na India, em Cochim, e outras praças semelhantes de mayor comércio: Quer hum Capitão Mór oitenta, ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os emprestados a bom pagar na sahida com esta arte, que o desobriga para o futuro, e não dá molestia ao presente. Haverá em Cochim, e seu districto, mais de cincoenta mil mercadores entre Christãos, e Banianes de bom trato: manda-os visitar pelos corretores com mil cortezias, de como he chegado para es servir, e que lhes faz a saber, como vem pobre, e que trata de armar hum empregosinho para a China; e que por não ser molesto a suas mercês, quando vem para os ajudar a todos, não quer de cada hum mais que dous, ou tres xerafins emprestados em boa cortezia; e que com a mesma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em emprestar tão pouco, e muito menos em o cobrar a seu tempo, porque haõ mister ao Senhor Capitão para muito; e assim se fica com tudo, que vem a passar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que succeda isto na India, acolá tão longe; quando vemos

cá mais ao perto dentro em Portugal casos semelhantes ! Hum Prelado grave , ou para melhor dizer gravissimo , conheci neste Reyno , que com achaque de huma jornada á Corte de Madrid pediu emprestados por boa cortezia a cada Parocho da sua Dioceſi dous cruzados , com que veyo a fazer monte de mais de quatro mil : e quando veyo á paga , com a meſma cortezia nenhum lhos aceitou , como os Banianez da India. Por eſta arte anda a Politica do mundo cheya de mil tretas , de forte , que por mal , ou por bem , não ha eſcapar de roubos.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L X .

*Dos que furtaõ com unhas Politicas.*

**A**Nda o mundo atroado com Politicas , de que fazem applauſo os Eſtadistas : a huma chamaõ ſagrada , a outra profana , e ambas que-rem , que tenhaõ immenſos preceitos , com que inſtruem , ou deſtroem os governos do mundo , ſegundo ſeus Pilotos os applicaõ. E he certo , que toda a maquina dos preceitos , aſſim de hum ,

Ee

como

como da outra se encerraõ em dous : os da sagrada são , amar a Deos sobre todas as couzas , e ao proximo , como a tí mesmo. Os da profana são , o bom para mim , e o máo para tí. Mas he enganoso crasso , a que repugna Minerva , cuidar que ha politica sagrada : isso chama-se Ley de Deos , que com nada contemporiza , nada affecta , nem dissimula , lavra direito , e sem torçicolos contra os axiomas da Politica. Pelo que , isto que chamamos Politica , só no profano se acha : e esta só he a que tem as unhas , de que falla este Capitulo ; e para sabermos , que taes ellas são , he necessario averiguarmos bem de raiz , que couza he Politica? E apósto que se o perguntarmos a mais de vinte , dos que se prézaõ de politicos , que nenhum a sabia definir pelas regras de Aristoteles , assim como ella merece ?

Todos fallaõ na Politica , muitos compoem livros della ; e no cabo nenhum a vio , nem sabe de que côr he. E atrevome a affirmar isto assim , porque com eu ter pouco conhecimento della , sey que he huma má peça , e que a estimaõ , e applaudem , como se fora boa : o que não fariaõ l'ors entendimentos , se a conheceraõ de pays , e avós , taes , que quem lhos souber , mal poderá ter por bom o fruto , que naceo de taõ más plantas:

plantas: e para que não nos detenhamos em couza trilhada, he de saber, que no anno, em que Herodes matou os Innocentes, deo hum catarro taõ grande no Diabo, que o fez vomitar peçonha; e desta se gerou hum monstro, assim como naceo ratos *ex materia putridi*, saõ qual chamaraõ os Criticos Razaõ de Estado: e esta Senhora sahio taõ presumida, que tratou de cazar; e feu pay a despozou com hum mancebo robusto, e de más manhas, que havia por nome Amor proprio, filho bastardo da primeira defobediencia: de ambos naceo huma filha, a que chamaraõ Dona Politica: dotaraõ-na de sagacidade hereditaria, e modestia possiça: Criou-se nas Cortes de grandes Principes, embrulhou-os a todos: teve por ayos o Machavello, Pelagio, Calvino, Luthéro, e outros Doutores desta qualidade, com cuja doutrina se fez taõ viciosa, que della naceraõ todas as Seitas, e herefias, que hoje abrazaõ o mundo. E eis aqui, quem he a Senhora Dona Politica.

E para a termos por tal, basta vermos a variedade, com que fallaõ della seus proprios Chronistas, que se bem advertimos, cada qual a pinta de maneira, que estamos vendo, que leva toda a agua a seu moinho. Se he Letrado, todas as regras da politica vaõ dar, em que se favoreçaõ

as letras, que tudo o mais he aire : Se professa armas o Author, lá arruma tudo para Marte, e Belona, e deixa tudo o mais á porta inferi. E se he Fidalgo, tudo apoya para a nobreza, e que tudo o mais he vulgo inutil, de que se não deve fazer conta. E he a primeira maxima de toda a Politica do mundo, que todos seus preceitos se encerraõ em dous, como temos dito, o bom para mim, o máo para vós. E posta neste primeiro principio, entra logo sua mãy Razaõ de estado, ensinando-lhe, que por tudo córte, sagrado, e profano, para alcançar este fim; e que não repare em outras doutrinas, nem em preceitos, que sejaõ do outro mundo, porque só do cómodo deste deve tratar, e de seu augmento, e da ruina alheya; porque não ha grandeza, que avulte á vista de outra grandeza. Minguas de outros são meus accrescentamentos; sou obrigado a me conservar illeõ; e não estou seguro, tendo junto de mim, quem me faça sombra: e para nos livrarmos deste soçobro, dêmos-lhe carga, tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas, que chamo Politicas, armadas com guerra, hervadas com ira, e peçonha de inveja, que lhe ministrou a cobiça: e nada deixa em pé, que não escalle, e meta a faco. Este Reyno he meu, e  
esta

esta Provincia he o menos , de que se trata : Os Imperios mais dilatados , e opulentos , são pequeno prato para estas unhas ; e o direito , com que os agarrão , escreve o outro com poucas letras , sem fer Bartholo , na boca de huma bombardas ; e vêm a fer : *Viva, quem vence* E vence quem mais pôde , e quem mais pôde , tenha tudo por seu ; porque tudo se lhe rende. E fica a Politica cantando a gala do triumpho , e sua mãy Razaõ de estado rindo-se de tudo , como grande Senhora , e seu pay Amor proprio logrando próes , e precalços ; e seu avô o Diabo recolhendo ganancias , embolçando a todos na caldeira de Pero Botelho ; porque fizeraõ do Ceo cebola , e deste mundo Paraíso de deleites , sendo na verdade labyrintho de desafócegos , e inferno de miserias , em que vem dar tudo , o que nelle ha , porque tudo he corruptivel. )

Este he o ponto , em que a Politica errou o norte totalmente , porqué tratou só do temporal , sem pôr a mira no eterno , aonde se vay por outra esteira , que tem por roteiro dar o seu a seu dono , e a gloria a Deos , que nos creou para o buscarmos , e servirmos com outra ley muito diferente , da que ensina a Politica do mundo. E lá virá o dia do desengano , em que se acharáõ com as mãos vazias , os que hoje as enchem da substancia alhea.

Testemunhas sejaõ o famoso Belisario, terror de Vandalos, assolação de Persas, estragador de milhoens, que dos mais altos córnos da Lua o poz sua fortuna sem olhos em huma estrada á sombra de huma choupana, pedindo esmola aos passageiros: *Date obolum Belisario*. E o grande Tarmolaõ, cujo exercito enxugava rios, quando matava a sede; taõ poderoso, que trazia Reys ajoujados como caens debaixo da lua mesa roendo ossos; o qual á hora da morte mandou mostrar a seus soldados a mortalha, com hum pregaõ, e defengano, que de tanto, que adquirio, só aquelle lançol levava para o outro mundo.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L X I .

*Dos que furtaõ com unhas confidentes.*

**Q**ue tenha a minha mão confiança comigo, para me servir, e coçar, lisonja he, que bem se permite; mas que a tenhaõ as minhas unhas, para me darem huma coça, que me estolem a pelle, não se sofre. Pois taes são, os que os Reys applicaõ, como mãos proprias, a seu Real servi-

serviço , e elles esquecidos da confiança , que a Magestade Real faz delles , estendem as unhas ; para applicarem a si, o que lhes mandaõ ter em reserva para o bem cõmum , e de muitos particulares , que esfolaçõ. Ha neste Reyno Thesoueiros , Depositarios , e Almoxarifes sem conto ; todos arrecadaõ em seus depositos , que chamaõ arcaes , grandes copias de dinheiro , hum delRey , outro de orçaõs , e muito de outras muitas partes : e sendo obrigados a tello a ponto para toda a hora , que lho pedirem , aproveitando-se da confiança , que se faz delles , metem o dito dinheiro em seus tratos de compras , e vendas , com que vem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E se lho pedem no tempo , em que anda a pecunia nos boléos da fortuna , com riscos de se hir o ruço a traz das canastras , fingem ausencias , e que tem a arca tres chaves , que da hi a quinze dias virá da feira das virtudes Bento Quadrado , que levou huma , que ahi está o dinheiro cheyo de bolor na arca : e passaõ-se quinze mezes , e não ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a residencia , e alcança os sobredittos em muitos contos. E estes são os confidentes da nossa Republica, que fazendo-se proprietarios do alheyo , alienaõ o que não he seu , e daõ através com os thesouros alheyos.

Nas fronteiras succedem casos admiraveis nesta parte. Está hum destes ( pouco digo em hum , podendo dizer mais de cento , mas hum exemplo declara mil. ) Está hum destes a la mira e'preitando , quando voltaõ as nossas facçoens de Castella com grandes prezas de boys , cavalgadas , porcos , carneiros , e outros gados : e como os soldados vem famintos de dinheiro mais , que de alimarias , que não pódem guardar , nem sustentar ; e o sobredito se vé Senhor dos depositos dos pagamentos , que foy atrazando , para não lhe faltar moeda nesta occasião , atravessã tudo , resgatando-o por pouco mais de nada , sem haver quem lhe vá a mão , porque todos dependem del- le , e o affagaõ , para o terem da sua mão : e da hi a quatro dias , e tambem logo ao pé da obra , vende a oito , e a dez mil reis a lavradores , e marchantes os boys , que comprou a quinze tostoens quando muito , e o mesmo computo se faz no mais. E vem a ser o mais rico homem do Reyno , sem meter no trato vintem , que ganhassẽ , nem herdassẽ de seus avós. Melhor fora venderem-se os taes gados aos nossos lavradores pelos preços dos soldados , para se refazerem de semelhantes prezas , que os inimigos nos levarãõ , e não ficarem exhaustos de criaçoens , os que sustentaõ a

Repu-

Republica, e cheos, os que a destroem com as unhas, que chamo confidentes. Cortem-se estas unhas; e se não houver puxavante, que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis; tirem-lhe o cabedal, e ponha-se, onde haja vergonha, e honra, que se peje de comprar para vender.

Na Cidade de Lisboa conheci hum barbeiro, o qual enfadado do pouco, que lhe rendia a sua arte, se deo a sangrar bolças, e fazer a barba aos mais opulentos escritorios: e para o fazer a seu salvo, e com credito de sua pessoa, foy-se metendo de gorra com seus freguezes, dando-lhes alvitres, de que se fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro emprestado para taes, e taes empregos, que se lhe offerenciaõ rendosos, e que partiriaõ os ganhos dentro de breves dias: e com a pontualidade foy ganhando terra para accrescentar as partidas: e com o lucro, que dava aos acredores, os foy cevando, e metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o resto. Já se não curavaõ de fianças, nem penhores, para com elle. E vendo assim o campo seguro, deo de repente em todos abonando hum lanço, que fingio se lhe abria de grandissimo interesse, e que convinha  
meter

meter nelle todo o cabedal , para ficarem todos ricos. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha ; e tal houve , que lhe entregou cinco mil cruzados , outros a dous , a tres , e a quatro , sem saberem huns dos outros. Deo com tudo em hum navio estrangeiro , que estava a pique , e deu á vela pela barra fora : e o mancebinho nunca mais appareceo , nem novas delle , nem rasto do dinheiro , por mais Paulinas , que se tiraraõ. E estas são as verdadeiras unhas confidentes. E não são menos daninhas as confiadas , de que já digo casos memoraveis.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXII.

*Dos que furtaõ com unhas confiadas.*

**P** Ara que não pareça este capitulo o mesmo , que o passado , contarey huma historia , que declara bem o muito que se distinguem. Succedeo em Lisboa , que fazendo huma Confraria em certa Igreja a festa do seu Orago muito solemne , ajuntou para isso muita prata de castiças , alampadas , pevitciros , e caçoulas , que pedio por empref-

emprestimo a outras Igrejas, Mosteiros, e Irmandades: e como o thesouro era de muitos, tinhaõ direito todos para virem buscar, e levar as suas peças. Entre os que vieraõ, acabada a festa, foy hum ladraõ cadimo com dous maráos, que alugou na Ribeira por dous vintens cada hum, e duas canastras mais grandes, que pequenas: e entrando muito confiado, como se fora mordomo mór de toda a festa, pôz a capa, e o chapéo sobre hum caixaõ, assegurado primeiro a ausencia dos que lhe podiaõ pôr embargos: abaixou diante de Deos, e de todo o mundo, as melhores duas alampadas, e tirando dos altares os castiçaes, que bastaraõ para encher as canastras, pôz tudo ás costas dos mariolas, e sacodindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança; e escapou por sua arte dando com a prata, onde nunca mais appareceo; ficando mil almas, que estavaõ na Igreja, persuadidas, que aquelle homem era o legitimo dono, como manifestava a confiança, com que fez o salto, que não foy em vão. E isto he, o que chamo unhas confiadas, sem serem confidentes: e destas ha muitas a cada passo, e no serviço delRey não faltaõ; mas falta-me a mim coragem para mostrar aqui, o que récolhem, como se fora seu, com tanta confiança, como se o cavaraõ, e o roçaraõ,

çaraõ , ou o herdaraõ dos senhores seus avós. E assim digo , que não me meto com averiguaçoens, de que a pezar da verdade posso sahir delimentido. Só aos affoutos fizera eu huma pergunta em segredo [chamolhe assim, por não especificar cargos , de donde se possaõ collegir pessoas , com que não quero pleitos] perguntemos a estes , com que authoridade , ou para que fazem tornar 'a traz os pagamentos da milicia , que sua Magestade despacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que rezaõ as ordens verdadeiras : Nada respondem : metem-se no escuro das razoens de Estado , e he couza clara , que accrescentaõ seu estado : e ainda mal que vemos accrescentados , os que para bem ouve-raõ de ser diminuidos. Estes são, os que com grande affouteza , e confiança, matem a faco a Republica , cujos sacos vasaõ para encher taleigos , que já medem aos alqueires: e isso he o menos, e o mais he o volume immenso de outras drogas , de que enchem sobrados , que haõ mister espeques para sustentar o pezo , sem temor da forca , que fora melhor fabricarse desstes pontoens. Aponto só o damno , não trato , de quem leva o proveito ; porque a confiança, com que nelle apoyaõ suas unhas, as faz impunes. Mas deixando pontos inintelligiveis, passemos a outra couza.

Ahi

Ahi não póde haver mayor confiança , que a de hum Cabo , a quem daõ cem mil reis para hum pagamento de seus soldados ; e em vez de o fazer logo , para lhes matar a fome , que os traz mórtos , vay-se á casa da tafularia , põem o dinheiro na taboa do jogo , como se fora seu , ou lhe viera de casa de seu avô torto ; e sem nenhum direito , que para elle tenha , o lança a quatro mãos , e o perde com ambas , sem lhe ficar nellas , mais que o taleigo vasio , e o focinho cheo de paixão , com que satisfaz ás partes , de sorte que nenhum soldado ousa apparecer diante delle : e he estremada traça , para não lhe puxarem pela divida. Mais confiados que estes são outros , que ha na casa da India , e nas Alfandegas , que não sey como se chamaõ seus officios , nem o quero saber , por não ser obrigado a nomealos por seu nome. Estes tem por obrigação ver todos os fardos , e examinar todas as fazendas , que vem de fóra , para orçar ao justo os direitos , que se haõ de pagar a sua Magestade ; e elles por quatro patacas examinaõ as couzas taõ superficialmente , que deixaõ passar por estimaçãõ de anil o pacote , que vem cheyo de basares ; e contaõ por cascaveis o barril , que vem recheado de coraes , e alambres. Que fardos de télas finas , e brocados de tres altos cor-  
raõ

raõ praça de bocachim, e calhamaço, naõ o cre-  
 rá, senaõ quem o vio. Ballas de meyas de seda fa-  
 zem figura de resinas de papel. E he facil deslum-  
 brar os olhos de todos os Argos, a quem está em  
 comendada a vigia disto, com hum par de peças  
 resplandecentes de vidros de Veneza, e crystaes de  
 Genova. E para que naõ se diga, que naõ viraõ  
 tudo, mandaõ abrir costaes, que já vem marca-  
 dos, e preparados para o effeito: os quaes trazem  
 na primeira superficie, o que val menos; mas o  
 amego he do mais precioso. Já se vio caixaõ, e  
 quartola, que trazia na boca chocalhos, e no  
 fundo peças de ouro, e prata. E se algum Minis-  
 tro fiel requer, que se examine tudo, respondem,  
 que naõ seja desconfiado: e com duas gracetas  
 passãõ desgrças, que naõ conto. Declaro sobre  
 tudo isto, que já esta moeda naõ corre, como  
 em tempo de Castella; porque está seu dono em  
 casa, que a vigia, e faz a todos, que naõ sejaõ  
 taõ confiados, como o Carvalho.

Naõ sey, se possa aqui huma confiança ad-  
 miravel, que naõ podia crer até que a vi. Bem he  
 que saiba sua Magestade tudo, para que o emen-  
 de com seu Real zelo, e para isso digo. E he que  
 todas as dividas, que ElRey nosso Senhor manda  
 pagar, ou esmolas, que manda fazer por via da  
 fazen-

fazenda, achão todos os despachos correntes até o thezouro, onde topão com ordem secreta, que a todos diz, que satisfará como tiver dinheiro, e consta por outras vias, que o tem aos montes para outros prestimos; mas para isto de dividas, e esmolas, não ha tirarlhe hum real das unhas: e occasionão com isto a se cuidar, que a tal ordem baixou de cima: e he ponto, que nem hum Turco o presumirá de Sua Magestade; mas he confiança de Ministros, que devem de presumir, que o não virá a saber Sua Magestade, que deve sentir muito lanços, que tem mais de alcivozia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que sim, e com as obras q̄ não. Doutrina he, que Christo reprehendeo muitas vezes severamente nos Fariseos: e assim se deve estranhar entre Christãos. E eu não acabo de dar no alvo, a que tira esta confiança, quando tira aos pobres, o que seu dono lhes manda dar. Dizerem que he zelo da fazenda Real, que não querem se esperdice, ainda pecca mais de confiada esta reposta; que não deve o criado ter mais amor á fazenda, que seu senhor; além de que seria estolidada confiança tomar sobre si os encargos de tantas restituçoens, de que o Senhor fica livre, só com mandar que se paguem. E em conclusão levem todos daqui esta verdade, que não empobre-

ce, o que se dá por esmola, nem faz falta, o que se paga por divida. Vejaõ lá naõ enriqueçaõ estas demoras a outrem: e este he o tópe, em que vem esbarrar todo o discurso, que se póde formar nesta materia: e nem isto he bem que se creya de gente honrada.

Neste capitulo entraõ de molde mulheres, que ha em Lisboa, as quaes vivem de despir meninos, assim como os acima ditos de despir pobres: tanto que achaõ alguma criança na rua, sem que olhe para ella, fazem-lhe quatro affagos, como se foraõ suas amas, levaõ-na nos braços, recolhẽ-se na primeira loge, e a titulo de lhe darem o peito, ou pensarem, lhe despem toda a roupa; e em taõ boa hora, que lhe deixem a camisa. Se acerta alguẽ de as ver, daõ tudo por bem feito; julgandoas por domesticas, como mostra a lhaneza, e confiança, com que lhe metem a papa na boca: e feita a preza, fazem-se na volta do çaragaço a buscar outra; e tiray lá carta de excõmunhaõ, para vo la restituirem no dia do juizo.

Huma mulher houve taõ confiada nesta Corte, que contentandolhe huma cruz de ouro, e pedraria, que estava para ornato de huma festa no altar de certa Igreja, disseron que seus donos se ausentassẽ, e posta no meyo da Igreja, porque  
naõ

naõ podia chegar perto com o concurso , levantou a vóz dizendo : alcancem-me cá aquella cruz , e venha de maõ em maõ , por me fazerem mercê. Todos julgaraõ que seria sua , pois com tanta confiança a demãdava ; e de maõ em maõ veyo , até chegar ás da harpya , que deu ao pé com ella sem ajuda de Simaõ Cyrineo , porque lhe custou menos a achar que a Santa Helêna. Tambem ha muitos , que furtaõ confiados , em que Deos perdoatudo ; mas já Santo Agostinho os defenganou a todos , que naõ se perdoa o peccado , sem se restituir o mal levado. E neste mundo , ou no outro haõ de pagar pela bolça , ou pela pelle.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L X I I I .

*Dos que furtaõ com unhas proveitozas.*

**G** Raças a Deos , que foy servido de nos deparar humas unhas boas entre tantas roins. Mas dirá alguem , que nenhuma ha , que naõ sejaõ proveitozas para seu dono , no que agarraõ. Naõ fallo deffas , que affas danosas saõ até a seu senhor , pois muitas vezes daõ com elle na for-

ca. Trato das que são proveitozas para ambas as partes sem risco de danos: e explicalas hey logo com hum exemplo. No Crato, Villa bem conhecida neste Reyno pelo seu grande Priorado de Malta, houve hum cavallo não ha muitos annos, cujas unhas eraõ de tal qualidade, que todos os cravos, que nellas entravaõ, depois de sahirem tórtos com a ferradura, serviaõ de anzoës a seu dono, com que pescava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que postos em qualquer dedo da mão, eraõ remedio presentissimo para gota artetica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e assim não será couza nova acharem-se unhas proveitozas para ambas as partes: tiravaõ de si dinheiro, os que levavaõ os cravos para remediarcm a outrem, e remediavaõ-se todos.

Taes seraõ, os que no governo de hum Reyno, e no meneyo de suas fabricas, e emprezas, tirarem de huma parte para remediarcm outra, e será o mesmo, que acodir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peores, que de gota coral, e artetica, que mal será acodirhe o Brasil com alguma substancia, que a alente, ainda que seja por modo de emprestimo: nem correrá nisso o Ditado, que não he bom descobrir hum Santo para cobrir outro, pois tudo respeita, e serve

ferve o mesmo corpo debaixo de huma Coroa. Pa-  
 dece o Brasil falta de mantimentos, não vejo ra-  
 zão, que tolha acodirem-lhe as Alfandegas do  
 Reyno, e de outras Conquistas, supprindo-lhe os  
 gastos, e focorros, até que se melhore. O mesmo  
 digo de Angola, Mina de S. Jorge, Moçambi-  
 que, e outras praças. Bom se pararia o corpo  
 humano, se a mão esquerda não ajudasse a direita,  
 e a direita a esquerda, e hum pé ao outro. A Re-  
 publica he corpo mystico, e as suas Colonias, e  
 Conquistas membros della; e assim se devem aju-  
 dar reservando, e reparando suas fortunas, e con-  
 veniencias. Superstição he, e não axioma politi-  
 co de Estado; negarem-se auxilios, os que vivem  
 juntos na mesma commuidade: e aqui corre cer-  
 tissimo o Proverbio, que huma mão lava a outra.  
 Hum Rey empresta ao outro, e tira de seu cabe-  
 dal focorros, com que ajuda o visinho; quanto  
 mais o deve fazer hum Rey a si mesmo, e a seus  
 vassallos, que são partes integrantes da sua Coroa.  
 A contribuição das decimas neste Reyno he mui-  
 to grande, pois chega a milhaõ e meyo: he verda-  
 de, que as dão os Póvos para as fronteiras, e  
 he o mesmo, que para se defenderem dos inimi-  
 gos, que nos infestaõ por mais de cem leguas de  
 terra, que correm do Algarve até Traz os mon-

tes. E o outro lado, que fica descuberto por outro tanto districto de mar, parece que o não consideraraõ, e que ha mister muito mayores gastos de armadas, e muniçoens, que guarneçaõ as costas; e que as forças Reaes acodem a mil focorros de além mar, de donde estaõ outros tantos portuguezes, como ha no Reyno pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que não he bem lhos neguemos. Não vem olhos cegos, o que se gasta em Embaixadas, e conveniencias de pazes com outras Naçoens; que ainda que não nos ajudem, he bem que os componhamos, para que não nos descomponhaõ. Em que apertos nos veriamos, se França, e Catalunha, não divertissem o Castelhano no tempo, em que estavamos menos apercebidos: Estas correspondencias não se alcançaõ sem gastos, estes de nós haõ de sahir, como do couro as correas: que mal he logo, que se tomem estas das decimas com unhas taõ proveitozas, quando vemos, que os outros cabedaes não bastaõ para seus meneyos proprios.

Não posso deixar de picar aqui em hum escrupulo de alguns zelotes, que tem para si, que se faz thesouro, e que he já taõ grande, que ha mister espeques, e a graça he, que grunhem sobre isso. Provéra a Deos, que assim fora, e que  
arrui-

arruinassem já com o pezo as casas , que o recolhem , que devem ser encantadas , pois as não vemos : mas para me consolar quero crer , que assim he , e assim o fio da grandissima providencia de ElRey Nosso Senhor , que sabe muito bem , que foy costume celebre dos mais acordados Reys terem erarios publicos para as guerras repentinas , e nós não estamos fóra de as termos mayores , que as que vemos : e para huma occasião de honra costumão os prudentes reservar cabedal , que lhes tire o pé do lodo , ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro , que intesouraõ. Tudo vem a ser unhas proveitosas.

Neste passo se enviaõ a mim , os que tem pensoens de juros , e tenças na Alfandega , na Casa da India , ou nas sete Casas , Almojarifados , &c. e me fazem o mesmo argumento dizendo : se he bom , e licito tirar de huma parte para remediar outra , como ha de haver no mundo , que não se nos paguem da casa da India as tenças , e os juros , aos que os temos na Alfandega , quando nesta faltaõ os rendimentos , para satisfazer a todos ? Aos mesmos pergunto , quando tem duas herdades , huma dizima a Deos sem nenhuma pensão , e outra carregada de fóros , ou juros ; se esta ficou esteril hum anno sem os podet

pagar, porque os não satisfazem da outra, que deo muitos frutos? Respondem, que a outra he livre. Pois tambem a casa da India no nosso caso está livre dos encargos da Alfandega. Acudo a outra instancia, que Donas costumão pôr, e he: que do mesmo modo, que a herdade, que este anno não pagou fóros, nem juros, porque não deo frutos, fica desobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno seguinte, ainda que dê frutos em dobro; assim a Alfandega fica desobrigada para sempre do anno, que não teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande copia delles. Mayor duvida póde fazer, quando El Rey toma todos os rendimentos deste anno para acodir a alguma necessidade urgente [ chamaõ a isto tomar os quartéis ] se será obrigado a refazer esta tomadia no anno seguinte, quando a Alfandega estiver mais pingue, e elle mais desafogado? Responde-se a isto, que as unhas proveitosas são muito privilegiadas, quando empregão no bem cômum as prezas; que fazem em bens propios, ainda que obrigados a outras partes da mesma comunidade: e nisto se distingue o dominio alto dos Reys do dominio particular dos vassallos; que estes são obrigados a refazer, o que gastaraõ de partes em usos propios, e os Reys não, no caso, que

que o gastaõ em bem de todos : assim o en-  
finaõ os Doutores Theologos : e isto basta.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXIV.

*Dos que furtaõ. com unhas de prata.*

**E**M Sevilha, cabeça de Andaluzia, e Promon-  
torio maximo de todos os cômercios de Hes-  
panha, entrou o diabo no corpo de hum Caste-  
lhano, e devia de ser muito licenciado, ou pelo  
menos grande bacharel; porque com todos argu-  
mentava, e de tudo dava razãõ : e entre as cou-  
zas notaveis, que se deixou dizer, foy huma a  
mais admiravel de todas : que já elle teria posto  
de ré a Fé de Christo, embrulhado o genero hu-  
mano, e se teria feito Senhor do mundo absoluto,  
se Deos lhe não prohibira tres couzas : a primeira  
bulir na Sagrada Escripura : segunda falsificar  
cartorios : terceira dar dinheiro. Com a primeira  
dizia, que desfaria nossa Santa Fé pervertendo,  
e mudando nas impressoens, e em todos seus vo-  
lumes os sentidos da Escripura Sagrada. Com a  
segunda, que confunderia os homens variando-lhes

as provas de suas demandas , e falsificando-lhes as sentenças. Com a terceira , que levaria o mundo todo a traz de si , dando-lhe dinheiro , prata , e ouro , que elle sabe muito bem aonde está. E não ha duvida , que discursou a proposito , e que fallou verdade , com ser pay da mentira ; porque se Deos com sua admiravel justiça o não a ferrolhara de maneira , que nenhuma destas tres couzas póde executar , já teria concluido com o genero humano , e com o mundo universo , que Deos por sua infinita misericordia assim conferva. E só a ultima couza de dar dinheiro , que lhe concedera , com ser a menos nociva , ella só bastara , para se fazer o demonio senhor do mundo : porque isto , que aqui chamamos unhas de prata , são as mais poderosas garras , que ha para arrastar , e levar tudo a traz de si. Não podendo Alexandre Magno render huma Cidade por inexpugnavel , e inacessivel , perguntou se poderia lá chegar , ou sobir huma a zemola carregada de dinheiro ? E tanto que esta bateo á porta , logo se lhe abriu , e deo entrada a todo o exercito de Alexandre , que com taes unhas empolgou nella.

Famoso invento foy o do dinheiro , pois com elle se alcança tudo , e não ha couza , que se lhe não renda : do mais incorrupto Juiz alcança

ça

ça sentença , da mais arisca femea tira favores , nõ  
 mais invencivel gigante obra ruinas , do mais nu-  
 meroso exercito alcança victoria , nos mais inex-  
 pugnaveis muros rompe brechas , arromba portas  
 de diamantes melhor , que Petardos , arraza torres,  
 quebra omenagens , tudo se lhe fugeita , nada  
 lhe resiste ! As fabulas antigas dizem , que Plutaõ  
 inventou o dinheiro , e que foy tambem inventor  
 da sepultura , e Deos do inferno : nem podiaõ  
 deixar de dar taes nomeadas , a quem se soube fa-  
 zer senhor do dinheiro , que tudo rende , como a  
 sepultura , e morte ; que tudo violenta , como o  
 inferno. Os Lidios foraõ os primeiros , que fize-  
 raõ moeda de ouro , Jano foy o primeiro , que  
 formou moedas de cobre ; e porque foy o inven-  
 tor das coroas , pontes , e navios , lhe insculpiraõ  
 tudo isto nas suas moedas ; porque o dinheiro dá  
 passagem , como ponte , para as mayores coroas ;  
 e navega vento em poupa aos mais dilatados Im-  
 perios. Hermodice , mulher de Midas Rey dos  
 Phrigios , foy a primeira , que bateo moeda de pra-  
 ta : e estas saõ as unhas de prata , que propoem  
 este Capitulo , que do dinheiro fazem garras  
 para pilhar mais dinheiro ; como o pescador , que  
 com hum caramujo , que lança no anzol , apanha  
 grandes barbos. Pescadores ha de anzol , e pesca-  
 dores

dores ha de redes : até os que pescaõ com redes, usaõ de isca , e cevadouros , com que engodaõ o peixe : e os pescadores , de que aqui tratamos , naõ tem melhor engodo , que o do dinheiro ; se souberem usar bem d'elle , pescaráõ quanto quizerem , e enredaráõ o mundo todo.

Bem ufou do dinheiro hum Mercador em Africa para pescar cincoenta mil cruzados , que se lhe hiaõ pela agua abaixo. Arribou com tempestade a hum porto de Marrocos , tomaraõ-lhe os Mouros a não por perdida em ley de contrabando , tratou de a recuperar por justiça ; mas naõ achou quem lha fizesse , porque he droga , que naõ se dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de seu quatro , ou cinco mil cruzados , que escapou em joyas , e boa moeda : fallou com o Rey, offereceo-lhe tres mil por huma leve mercê , que lhe pedio , e elle lhe concedeo facilmente : que dessem hum passieyo ambos a cavallo pelas ruas , e praças da sua Corte , fallando sós amigavelmente. Feita a mercê , dado a passieyo , e pagos os tres mil cruzados , tudo foy o mesmo : mas muito differente o que se seguiu ; porque conceberaõ todos os Mouros opiniaõ , que aquelle homem era grande pessoa , e muito privado , e valido do seu Rey : todos o visitaraõ logo por tal ; mandaõ-

davaõ-lhe presentes, e donativos de grande pórte, imaginando, que por aquella via abriaõ porta a suas pertençoens : e elles abrião-na para a restauração do Mercador, que assim se hia fazendo; em tanto, que até os Juizes, que tinhaõ condemnado a não, lha absolveraõ : e assim pescou com unhas de prata de tres mil cruzados, que soube dar, mais de cincoenta mil, que hiaõ perdidos. E por esta arte pescaõ muitos ladroens no dia de hoje, até o que não he seu, com grande destreza.

A portou á Ilha da Madeira huma não de carga, saltáraõ em terra os passageiros a fazer vi-niagas, e entre elles hum Clerigo, que eu vi ( grande pirata devia de ser pelo tear, que armou para fazer seu negocio melhor, que todos. ) Vi-sitou o Bispo no primeiro lugar, e a quantos pobres achou no pátéo, fez esmola de tostaõ, e ás mulheres de manto a pataca : e em quanto fallou com o Bispo, sahiraõ estas campainhas pela Cida-de, dando huma alvorada do Clerigo, que bastava, para o canonizarem em Roma : huns lhe chamavaõ o Clerigo Santo, outros o Abbade rico, outros o Peruleiro ; em tanto, que cresceo a cobiça nos Mercadores da terra, e se picaraõ a fazerem negocio com elle. Este servo de Deos, depois de dar obediencia, e beijar a mão ao

Bispo,

Bispo, lhe pedio fosse servido de lhe mandar dizer duas mil Missas, e que daria a vantajada esmola por ellas, para que Deos lhe desse bom successo em hum emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A segunda visita, que fez depois do Bispo, foy aos prezos da cadeia, dando a cada hum seu tostaõ de esmola: e quando daqui foy dar volta á Cidade, já a achou disposta para lhe darem ao fiado tudo, quanto sua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dous barris de patacas, para dar plenaria fatisfação a tudo. Até aos Padres da Companhia mamou trinta cruzados, a titulo de emprestimo, para levar a bordo os empregos, que fazia, e que havia de dar huma peça boa para a Sacristia. Armava o mendicante a dar á vela no dia, em que tinha promettido o pagamento das patacas: e sem duvida sabira com a empreza da grossa pilhagem, que tinha feita com dez, ou doze mil reis, que dispendeo á custa alheya, se o Bispo não presentira a tramoya por indicios, que teve; e se não se picára o tempo em fôrma, que obrigou á não a dilatar a jornada. Não conto o que daqui por diante se seguiu, porque o dito basta, em fôrma, de que entendamos, que ha unhas de prata, que com dispendios pequenos avanção grandes

grandes lucros : o ponto está na têmpera , e na disposição dos meyo , para assegurar os lanços. E vem a ser isto hum jogo de ganha perde, perder para ganhar ; como os que jogaõ com cartas , e dados falsos , que no principio se deixaõ perder lanços de menos invite para engodar o competidor , e enterreirar huma mão , com que lhe varraõ todo o cabedal.

Vejo alguns mandar presentes , e donativos , a quem lhes não pertence ; e sey , que são de condição , que nem a sua mãy darão huma vez de vinho , quanto mais frasqueiras , com que cantarão os Anjos , a quem nunca trataraõ ! Daõ cargas de fruta , tabuleiros de doces , joyas de preço , facos de dinheiro , e fico atordoado examinando , de donde lhe vem a Pedro fallar galego ? Irmaõ , se tú nunca entraste em barco , nem meteste o pé em meyo alqueire com este homem , como te despendes com elle ? Isto tem mysterio : e buscada a raiz , he ganancia grande , que solicíta com dispendios leves : adoça a passagem , para haver o que pertende , despachos de officios , cõmendas , Igrejas , titulos ; &c. Para os quaes até a propria consciencia , o acha inhabil : mas como dadivas quebraõ penedos , acha que por este caminho torcerá a justiça , e vem a ser hum genero

genero de latrocinio de má casta; porque ás vezes cheira a simonia, e he hydropesia da ambição. Acabo este Capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes ainda que estas.

Na Corte de Madrid se achou hum tratante de Indias com grande quantidade de esmeraldas lavradas, sem lhes achar gasto, nem sahida, para se desfazer dellas. Poz duas escolhidas em hum par de arrecadas, e fez dellas presente á Rainha Dona Margarida, que as estimou muito; porque tudo o dado de graça leva consigo agrado, e graça natural: e como as Rainhas são o espelho de todas as Senhoras do seu Reyno, em estas vendo a estima, que a Magestade fazia das esmeraldas, creosco nellas a estimação, e logo o desejo, que o Mercador estava esperando para as levantar de preço; e se tivera hum milhaõ dellas, todas as gastara talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viraõ. He irmão gêmeo deste successo outro semelhante, que outro Mercador fabricou na mesma Corte, para dar expediente a vinte peças de panno fino, que não tinha gasto por razão da côr: offereceo a ElRey hum vestido delle muito bem guarnecido, e obrado ao costume, pedindo-lhe por mercê fosse servido trazel o se quer oito dias: e não eraõ bem quatro andados,

dos, quando já o Mercador não tinha na loge de todo o panno, nem hum só retalho, e se mil peças tivera, tantas gastara. E estas são as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgaõ grandes ganancias, tirando por arte a substancia do vulgo ignorante, que se leva de vans apparencias.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L X V .

*Dos que furtaõ com unhas de não sey  
como lhe chame.*

**O**S Rhetoricos daõ nomes ás couzas, tirando-lhos de suas propriedades, e derivaçoens: e assim o temos nós dado a todas as unhas desta arte: e indo já no fim della, se me offerecem algumas taes, que não sey, que nome lhes ponha; porque se lhes olho para os effeitos, acho-as necias, se para a derivação, acho-as sem principios, nem fim util. E chamar-lhes parucas, he descortezia; chamar-lhes sem principio, nem fim, he fazellas eternas, contra o que pertendemos, que he extinguilas. Ora emfim a Deos, e á ventura, chamo-

chamo-lhe tolas, e faya o que fahir. E passa affim na verdade, que bem consideradas, achará nellas até hum cego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar só por fazer mal ao proximo sem utilidade propria. Segunda, furtar o que haõ de restituir. Terceira, furtar para outrem. Quarta, furtar o que lhes haõ de demandar, e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar só por fazer mal ao proximo sem nenhuma utilidade para si, não ha duvida, que he tolice grande; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alheya, ou poem em fogo a seara de feu visinho, só por se vingar de huma paixão, que teve contra elle: e se o tal he Christão, cresce nelle a tolice pela obrigação, que sabe lhe acrefcer de refazer o damno, que deo: donde se segue, que a si fez todo o mal, e não ao proximo, pois he obrigado a lho recompensar por inteiro. E ha homens nesta parte taõ cegos, que por darem hum desgosto a feu inimigo, não reparaõ no que porisso sobre si tomaõ. Houve hum Rey antigamente neste mundo, que sabendo de dous vassallos seus, que eraõ grandes inimigos entre si, mandou chamar o mais apaixonado, e disse-lhe: Quero-vos fazer huma mercê, e ha de ser a que vós me pedirdes com advertencia, que a heide fazer

zer dobrada a fulano , de quem sey , fois grande inimigo. Beijou a mão ao Rey pelo favor , e pediu logo por mercê , que lhe mandasse arrancar hum olho ; porque assim feria obrigado a arrancar dous ao outro , para que ficasse cego , ainda que elle ficasse torto. E bem cego estava , quando procurava damno alheyo sem proveito proprio.

Quanto á segunda: furtar o que haõ de restituir. Melhor dissera : o que naõ haõ de restituir , porque raro he o ladraõ , que restitua ; mas fallamos da obrigação , que lhes corre , se he que são Christaõs , e trataõ de se salvar. E bem devem de saber , o que dizem os Doutores , que naõ se perdoa o peccado , a quem podendo naõ restitue o mal levado. Todos dizem , quando se confessaõ , que haõ de restituir , como tiverem por onde. Pois nosso irmaõ , se vós o haveis de restituir , para que o furtastes ? Respondem , que sabe melhor o furtado , que o comprado : e naõ poderáõ , que o amargor da restituiçaõ he mayor , que a doçura do furto ; e porisso dissemos , que he grande tolice furtar , o que se ha de restituir. Furtáraõ tres officiaes mancamunados nove mil cruzados á fazenda de Sua Magestade , repartiraõ-na entre si , e navegaraõ com o cabedal , hum para a India , outro para Angola , e para o Brasil outro ;

e depois de chatinarem valentemente, tomou-os por lá a hora da morte. Tratou cada hum por sua parte de se pôr bem com Deos pelos Sacramentos da penitencia, que he o ultimo valhacouto dos peccadores; e chegando ao septimo mandamento, picavaõ a consciencia de cada hum os tres mil cruzados, que lhe couberaõ, e declaravaõ, como tinhaõ de obrigaçaõ, que o furto ao todo fora de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavaõ-se todos com cabedaes, que tinhaõ adquirido, bastantes para restituir tudo. Dizia o Confessor da India ao seu penitente, que era obrigado a restituir os nove mil cruzados por inteiro, visto naõ lhe constar, se seus companheiros tinhaõ dado satisfacaõ á sua parte. O Confessor de Angola, e do Brasil diziaõ o mesmo aos seus moribundos, que se achavaõ novos na nova obrigaçaõ, que se lhes impunha, e argumentavaõ: se eu naõ logrey mais que tres mil, como hey de restituir nove mil? Mas a resposta estava á mão, e clara; porque fostes causa do damno por inteito com a ajuda, que déstes a vossos companheiros, consta vos do furto, e naõ vos consta da restituiçaõ; e assim sois obrigado a vos descarregar do que he certo, e naõ vos póde valer a descarga, que he incerta. Eis aqui outra  
tolice

tolice mayor , furtar o que se ha de restituir dobrado, e tresdobrado, conforme o numero dos companheiros, que entraraõ ao escôte. Alguns neste ponto fazem-se mancos por não remar ; dizem que não tem posses para restituir , e que não são obrigados , senão quando os favorecer fortuna mais pingue ; que primeiro está a obrigação de se sustentarem a si , e a sua casa , para que não pereção : e nós vemos , que poderãõ aguarentar mil superfluidades , e estreitar os gastos , e pouparem para dar o seu a seu dono. Lá se a venhaõ : só lhes lembro , que haõ de viver mais no outro mundo , que neste , e que tudo cá lhes ha de ficar , testemunhando ser justa sua condemnação.

Quanto á terceira tollice : furtar para outrem, digo que he mayor , que a primeira , e segunda ; porque não ha duvida , que he insania muito grande empenhar-se hum homem , pelo que não ha de lograr. Os Reys devem pagar a quem os serve , e pagão-lhe com ordenados , e mercês ; chega o tempo de cobrarem , passãõ-lhe os Reys portarias , e alvarás , com que se descarregãõ : vaõ com estes papeis os acredores aos Veadores , e Thesoureiros , para que entreguem , o que nelles se contêm ; e fechaõ-se á banda como ouriços cacheiros , em que não ha mais , que espinhos de repostas pican-

tes, e bem devem saber, que a retenção do que se deve he verdadeiro furto: e tomara perguntar-lhes, para quem furtaão isto, que não pagaão: Não faltará, quem cuide, que para si; e se não for para si, será para o Rey, que já se defobrigou com mandar, que se pague; e assim vem a ser ladroens, que furtaão para outrem, e he o que chamamos grande tolice: e a graça he, que se ficaão rindo com estas retençoens, como se foraão chistes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova Rubias tem por si; e eu sey, que as marcaão os mesmos por muito grande ignorancia. Por mayor tive a de certos Cavalheiros em Santarem, que meteraão na cabeça a hum mancebo vagabundo, que se fingisse filho de hum homem nobre, e rico para o herdar. Foy o caso, que este homem teve hum filho unico, que lhe fugio de nove annos, e havia mais de vinte, que não sabia delle: appareceo neste tempo naquella Villa hum pobretaão, que representava a mesma idade: amigos, ou inimigos do homem de bem, o enlayaraão, como havia de dizer, que era seu filho, e lhe ensinaraão historias, e circumstancias, para se dar a conhecer, e que os allegasse por testemunhas: o pay supposto negava-o de filho fortemente, e dava por razaão, que não se lhe alvoroçara o sangue, quando

do o vio. O mancebo demandava-o diante do Juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o não herdava por morte: as historias, que contava, e testemunhas, que dava, contestaraõ de maneira, que deo o Juiz sentença pelo mancebo, e condenou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por seu filho. Caso raro, e nunca visto, nem imaginado! Que no mesmo dia appareceo em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceraõ logo; e o velho dizia: este sim, que se me alvoroçou o sangue, quando o vi. O outro desapareceo logo, e eu perguntava aos embaidores, se advertiaõ, que era furto os alimentos, que faziaõ dar com seu testemunho, a quem os não merecia? E que negoceavaõ para outrem, e não para si o fruto da demanda, que iniquamente venciaõ? Não deviaõ de ignorallo, ainda que se mostravaõ nisso grandes ignorantes, e tolos.

Alguns cuidaõ, que tem desculpa, quando furtaõ para darem remedio a seus filhos; mas creaõ, que não escapaõ da mesma nota, porque seus filhos não os haõ de tirar do inferno, quando lá forem, pelo que para elles mal, e sujamente adquiriraõ. Em certo lugar deste Reyno tinha hum alfayate tres filhas sem dote para lhes dar es-

tado : acordou de as casar com tres obreiros , e para ajuntar remedio para todos , deo comsigo , e com elles no Algarve , fingindo-se Conde vomitado das ondas , que escapara com aquelles criados de hum naufragio ; tinha presença , e labia , para persuadir tudo ; que vinha de Indias , e perdéra mais de meyo milhaõ em barras de ouro , e pinhas de prata , que até as panélas da sua cosinha eraõ do mesmo , e que se via como Job posto de lodo. E com estas , e outras imposturas , persuadia ás Cameras , e Cabidos , Nobreza , e Póvos , por onde passava , que o ajudassem contra sua fortuna : todos se compadeciaõ , e para os mover mais , mostrava em pergaminhos sua grande prosapia , e os famosos cargos , que servira. O menos que lhe davaõ , até nos lugares pequenos , e humildes , eraõ os dez , e os vinte cruzados , que nas Villas grandes , e Cidades ricas , passava sempre o donativo de vinte mil reis , e ás vezes de quarenta. E depois de correrem assim o Reyno quasi todo pela pósta , achou-se o Senhor Conde de Sigamos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por esta arte , com que armou tres dotes para as tres filhas , como se feroã tres Condeffas : e elle ficou taõ alfayate como dantes , sem lograr de tantos furtos ,

mais

mais que o pezar de os ver mal logrados nas unhas de seus genros , que se bem o ajudaraõ , mal lho agradeceraõ. E naõ diz mais a historia.

Quanto á quarta:furtar o que vos haõ de demandar , e fazer pagar , em que vos pez , he a mayor tolice de todas , como se vio no que succedeo ao Carvalho na semana , em que componho este Capitulo. Era guarda da Alfandega de Lisboa , e guardava as fazendas alheyas muito bem , porque as punha em sua casa , como se foraõ suas : foy demandado porisso ; e porque naõ deo boa razaõ de si ás partes , o puzeraõ por portas repartido : pertendeo levantar cabeça á custa alheya , e levantaraõ-lha dos hombros á sua custa. Setecentos casos pudéra contar para apoyo desta tolice ; livro-me com hum deste particular , e de todo este Capitulo. Em Angola tinha ElRey nosso Senhor naõ ha muitos annos hum Ministro ( tomara-lhe muitos semelhantes ) que empregava os direitos Reaes em escravos , que mandava ao Brasil com direcção , que se vendessem , e fizessem do procedido caixas de açucar para o Reyno , e assim se augmentasse a fazenda de Sua Magestade tres vezes ao galarim ; mas o Ministro , que respondia no Brasil , fazia seu negocio melhor que os alheyos. Chegava huma partida de trinta, ou qua-

renta negros, achava serem mortos dous na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para si resuscitados: eraõ os que restavaõ mancebos, e bem dispostos, mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha velhos, ou estropeados, punha-os no numero delRey, e tirava outros tantos para si moços, e de bom recibo: e vendida a partida assim como succedia, fazia o emprego da resulta nos açucares tanto a seu modo, que sempre as perdas eraõ Reaes, e os ganhos proprios. Havia olheiros zelosos, que viaõ isto, mas andavaõ taõ intimidados, que nem boquejar se atreviaõ, até que o tempo descobridor de mayores segredos trazia tudo a luz; e para escurecer esta, tinha o sobredito na Corte outros officiaes, a quem respondia com os ganhos; e porisso o defendiaõ, e conservavaõ, fazendo-se as barbas com sabonetes de açucar, a pezar, que ficava tida por mentira, e talvez como tal castigada. Mas como a verdade traz consigo a luz, por mais que a eclipsen, sempre se manifesta: e provada esta, que será bom que se faça ao tal Ministro? Deixo isso a seu dono, que tem de casa a justiça, e lhe fará pagar pela fazenda, e corpo o novo, e o velho, para que não seja taõ tolo, que cuide poderá cobrir o Ceo com  
huma

humã joeira ; e que não saiba, o que já fica dito por boca de hum arganzaz no Capitulo 24. que quem a galinha delRey come magra , gorda a paga,

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXVI.

*Dos que furtaõ com unhas ridiculas.*

**F**Urtar para rir he muito máo modo de zombar ; porque ordinariamente se converte o riso em pranto , como aconteceu em Coimbra a humã corja de Estudantes , por final que eraõ graves , e bem nascidos. Deraõ no galinheiro de Santa Cruz por galhofa , depois de cantarem os gallos , e fizeraõ tal descante nas galinhas , perús , e ganços sem compasso , que meteraõ tudo a sacco , sem deixarem mais , que dous , ou tres gallos vestidos de luto , arrastando capuzes de baeta , como viuvos. Queixou-se o Procurador do Convento á justiça , tirou-se devaça ; e como tinhaõ contado em banquetes , o que depennaraõ , foy facil apanhalos a todos ; e choraraõ as penas , que mereciaõ , e se lhes perdoaraõ por misericordia ,  
respei-

respeitando sua authoridade , e nobreza. Mais ardilosos se portaraõ outros taes na mesma praça : fouberaõ , que vinha do celebre Lorvaõ , por occasião de Natal , huma valente consoada para o Bispo : seis mulheres a traziaõ em outros tantos tabuleiros ; fraca tropa , ainda que copiosa , para taõ alentados combatentes , que lhe cortaraõ o passo , antes de chegarem á Cidade ; e aliviando-as da carga , as fizeraõ voltar de vasio , enchendo-se de doces para a festa , e carregando-se de amargozes para a Quaresma ; ainda que sahi-raõ em paz desta batalha , porque não deraõ com a lingua nos dentes , contentando-se , com darem a seu salvo com os dentes na consoada. Chegou a semana Santa , mordeo-os a consciencia , como costuma ; fizeraõ petição ao Bispo , que os perdoasse , sem se affinarem nella : poz-lhes por despacho : Apareçaõ os supplicantes , e perdoar-lhes-hemos. E foy o mesmo , que deixar-lhes a restituicão ás cóstas a cada hum por inteiro , se todos juntos a não satisfizeraõ ; e assim ganharaõ mayor pena , que o risõ , que lograraõ.

Em Villa Viçosa conheci hum Fidalgo , ha mais de vinte annos , no serviço da Real Casa de Bragança , o qual tomou por materia de risõ calçar todo o anno , sem pagar nenhum pár de obra

obra aos çapateiros , que vieraõ a dar-lhe na trilha, levantando-se ás mayores com palavra , que correo entre todos , que nenhum se fiasse delle, nem lhe désse calçado, sem lho pagar primeiro. Vendo-se o Fidalgo posto em cerco , e que ninguem lhe queria dar çapatos sem o dinheiro na mão , mandou ao moço , que pedisse hum só çapato á prova ; e que se lhe contentasse , mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos. Isso sim, disse o official , hum çapato levará vossè , mas dous não os verá seu amo , sem me pôr nesta banca o dinheiro. Como o Fidalgo teve hum nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o mesmo recado , e do mesmo modo fiou hum çapato delle, persuadindo-se , que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lho restituiria , não lhe servindo. Vendo-se assim com dous , calçou-os , e foy-se ao Paço rir sobre a historia ; e os officiaes ficaraõ bramindo a nova zombaria , sobre que se fizeraõ boas Decimas, e Sonetos.

Tambem para bons despachos tem boa preza estas unhas ; porque huma graceta , e dous chistes movem talvez hum Ministro , e tambem hum Rey enfadado , mais que discursos sérios. O sério do governo vexa , e cansa a natureza , que aceita , e estima o delafogo , que traz consigo  
alegria,

alegria , e riso ; e quem sabe mover a este com boa tempera , e em boa conjunção , faz bom negocio : tal o fez huma Dona em Madrid com o Conde de Olivares , e com o Rey , para seus despachos , por conselho de hum experimentado , que lhe notou a petição nesta fórma em tres

*Q U A R T E T O S .*

*Soy Dona Anna Gavilanes ,  
 La de los ojos hundidos ,  
 Muger fuy de tres maridos ,  
 Y todos tres Capitanes .  
 Murieron en la milicia ,  
 Sirviendo a Su Magestad ,  
 Quedé yo de poca edad ,  
 E de muy poca codicia .  
 Bebo tinto , y como assado ,  
 Por achaques de dolencia ,  
 Supplico a Vuestra Excellencia  
 Me perdone este peccado .*

Deo a mulher a petição ao Conde Duque , sem saber o que levava nella : festejou-a elle como merecia ; e levou-a logo a ElRey , que rio infinito . E mandou que a despachasse com mais do que

que pedia. Cortes ha, em que medraõ mais burfoens com suas graças, que homens sezudos com grandes serviços.

Acabo este Capitulo, e todo o tratado, com hum gasto notavel, que se faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito ridiculo, e he: que ha nesta Corte huma casa, que chamaõ Collegio dos Cathecumenos, o qual fundaraõ os Reys de Portugal, e o dotaraõ com sua grande piedade de bastante renda, para nelle se agasalharem, e sustentarem todos os infieis, assim Mouros, como Judeos, ou Gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedir o Santo Bautifmo, até serem industriados nos Mysterios da Fé, e aprenderem todas as oraçoens da Santa Doutrina: e he certo, que passaõ annos, sem haver neste Collegio hum só Cathecumeno, o qual tem seu Reytor, e officiaes, como se houera nelle hum grande meneyo de sujeitos. E he certissimo outro sim, que o Reytor tem sessenta mil reis de renda, e que não paga casas, sem fazer mais, que dar-se a S. Pedro, quando lhe vem algum Cathecumeno, e chorar que não tem, que lhe dar a comer, nem cama, em que durma. O Escrivaõ desta fabrica tem setenta mil reis de ordenado, e casas de vinte e quatro mil,

mil, sem tomar a penna na mão em todo o anno, mais que para passar as quitaçoens dos recibos do seu estipendio. E o Medico tem doze mil reis, sem tomar o pulso mais que ao dinheiro, quando o recebe: e o barbeiro tem quatro mil reis, sem fazer mais que huma sangria na bolça delRey, quando os arrecada. E estas são as verdadeiras unhas ridiculas: e a graça melhor de todas he, que o trabalho de todas estas maquinas, que consiste em cathequizar, e baptisar os Neophitos, fica todo ás costas dos Padres da Companhia de S. Roque, sem terem porisso prões, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deos, que lho pagará no outro mundo. São porêm muito dignas de lagrimas as unhas, que a estas se seguem; porque em havendo Cathecumenos, são tudo petiçoens a Sua Magestade, que lhes mande dar esmolas para os sustentar, e se não que perecem! Valha-me Jesu Christo, não fora melhor andar o principal diante do accessorio! O principal aqui he a educação, e ensino dos Cathecumenos, e o accessorio são os Ministros, que os servem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos boys! Que os servos tenham tudo o necessario de sobejo, e os servidos não tenham hum basaruco, se lho não derem de esmo-

esmola ! Sou de parecer , que *frangat nucleum , qui vult nucem*. Quem quizer comer, depenne ; porque não se pescaõ trutas a bragas enxutas. Quero dizer , que se extinguaõ os taes officios , sem ficar mais que hum administrador Ecclesiastico com quarenta mil reis , que he bastante porção , ajudada com sua Missa livre , e casas de graça , que tem no mesmo Collegio ; e o mais , que passa de cento e cincoenta mil reis , que o logre seu legitimo dono , que saõ os Cathecumenos. E quando for necessario Medico , ou barbeiro , paguem-se da mesma porção por aquella só vez , que vem a ser nada , porque passaõ annos , sem serem necessarios taes Ministros. Quanto mais , que bem pôdem passar , sem fazerem a barba tantas vezes. E eu a tenho feita bastantemente, a quantos ladroens ha neste Reyno ; e se algum me escapou , perdoe-me ; porque não foy minha intenção deixallo sem crisma : mas de ver , como ardem as barbas de seus visinhos , poderá aprender para botar as suas de molho. Restava agora cortar as unhas a todos , e tenho para isso tres tisouras excellenres de aço fino : a primeira se chana *Vigia* : a segunda *Milicia* : a terceira *Degredo*. Direy de cada huma duas palavras ; e a todas as unhas tres desenganos : e daremos fim a esta obra.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O LXVII.

*Tisoura primeira para cortar unhas, chamase Vigia.*

**B**aldado seria o trabalho, que tomey em descobrir tantos males da nossa Republica, se os deixasse sem remedio, e o melhor, que ha para achaques de unhas, não ha duvida que he huma boa tisoura, que as corte: e porque são muitas, as que aqui se nos offerecem, offereço tres tisouras, que me parece bastarão para as cortar todas. Digo pois que a primeira tisoura se chama *vigia*; porque he grande remedio para escapar de ladroens, vigiallos bem. Ladrao vigiado he conhecido; e em se vendo descoberto, encolhe as unhas. Esta vigia corre por conta dos Reys, que devem mandar ás suas justiças, que não durmao: muito dormem as justiças de Lisboa, e á sua imitação as de todo o Reyno. Já não ha huma vara, que ronde de noite, nem quem caçe hum milhafre; e porisso as unhas andaõ tão soltas. E porque os Reys são, os a quem mais neste mundo se furta, porque tem mais de feu, ou porque não se resguardao porisso tanto,

tanto, como os que tem menos; sejame licito dar aqui huma palavra a ElRey nosso Senhor.

Senhor, eu offereci esta obra a V. Magestade, para ver nella os canos, por onde se desbarata sua fazenda, e a de seus vassallos: façame V. Magestade mercê de a ver com ambos os olhos; porque se os não tiver ambos abertos, nem a capa lhe escapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, segundo contaõ os Poetas; e nem isso bastou, para Mercurio lhe não furtar huma peça, que trazia nelles, porque os fechou todos. Dous olhos tem V. Magestade como duas Estrellas; e se tivera dous mil, cada hum como o Sol, todos teriaõ bem que ver, e que vigiar em seu Imperio; taõ grande na extensãõ, que se mede com a do mundo; e taõ alto, e soberano na grandeza, que se levanta até o Ceo. Das mãos dos Reys, disse Nasão, que são muito compridas; porque abarçaõ seus Reynos, quando bem os governaõ: mais compridas considero as de V. Magestade; porque chegaõ do Occidente, onde vive, ao Oriente, Norte, e Sul, onde Reyna, e he temido. Taes lhe tomára a V. Magestade os olhos, e taes os tem, quando em todas as partes do mundo, que domina, põem bons olheiros: e para estes serem melhores, desejavaõ muitos prudentes, que os illustrasse

trasse V. Magestade com os titulos , e prerogativas , que fazem os homens mais illustres : e ficaria V. Magestade com isso mais illustrado , e o seu Imperio mais bem visto , e tudo mais venerado , mais amado , e temido .

Este lustre dos olhos , e olheiros de V. Magestade , não sey se o diga , porque temo dizello sem fruto ; mas sim direy , porque me assegura , que não será de balde , por ser muito facil , e de muito proveito , e nenhum custo . Ponha V. Magestade quatro Vice-Reys da sua mão nas quatro partes do mundo : grandeza he , a que não chegou Alexandre , nem Monarca algum do Universo ; porque nenhum teve , nem tem nas quatro partes do Orbetanto , como V. Magestade possuiue . Na Asia Vice-Rey temos ; e poderamos ter nella tres : o de Goa , que governe a Persia , Arabia , Ethiopia , prayas de Cambaya , e o Mogor , com a parte da India , que corre até Moçambique . Outro em Ceilaó do Cabo de Comorim para dentro , que governe o Reyno de Jatanapataó , ilha de Manar , costa da Pescaria , e Choromandel , com innumeraveis ilhas adjacentes , e Reynos circumvizinhos . Outro em Malaca , ou Macáo , para Bengala , Pegú , Arracaó , Malucas , Japaó , China ,

na, Cochinchina &c. Todos para muitos outros Reynos, e Imperios, que não cabem neste rascunho, e será mais facil velos no Mappa, que pintalos aqui. Na Africa podemos ter outro Vice-Rey em Angola; na America, outro no Brasil, e outro em Europa no Reyno do Algarve. Para grandes officios buscaõ-se grandes fugeitos, e humna, e outra grandeza os obriga a darem boa conta de si, e do que se lhes entrega. Pasmaõ as Naçoens, quando vem que o Monarca de Espanha tem quatro, ou cinco Vice-Reys; dous, ou tres na America, e outros tantos em Europa. Mas na Africa, e Asia, não lhe he possivel; porque não tem nestas duas partes dominio capaz de tão grande governo. Só V. Magestade o tem em todas as quatro partes capacissimo, para ser o mayor Monarca de todos: e porisso assombrará, que se leva muito destas nomeadas; e a cortezia, que se deve a estes titulos, mete veneração, terror, e obediencia até nos coraçõens mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer, que o medo guarda a vinha; e os homens tanto tem de temidos, quanto de venerados. Venerados se fazem os homens, a quem V. Magestade entrega o cuidado de seus Imperios, com os titulos, e poderes, que lhes

communica; e quando estes são maiores, então são elles mais temidos: e sendo temidos, e respeitados, guardaõ, e vigiaõ melhor a fazenda de V. Magestade. Estes são os olhos, com que V. Magestade vencerá a os Argos, e vencerá os linceos. Onde ha muitos, sempre ha furtos; porque os ladroens são em toda a parte mais que muitos: e como as couzas por muitas lhes vem á mão, as unhas não lhes perdoão; mas onde ha bons olheiros, não se furta tanto. Seja esta a primeira tisoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que não diminua muito os ladroens; porque os que são por natureza: *Naturam expellunt furcæ*. Mas para extinguir estes, ou moderellos de todo, he de grande importancia a segunda tisoura, que se chama *Milicia*; de que já digo grandes prettimos.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXVIII.

### *Tisoura segunda chamada Milicia.*

**O** Bocalino nas suas Cortes do Parnaso, ou Parabolos de Apollo, diz que se amotinaraõ as Republicas do mundo contra Jupiter, por não lhes

lhes dar instrumentos , com que podessem alimpar facilmente a terra , e o mar de ladroens ; e que leváraõ por seus procuradores esta queixa a Apollo , para que lha resolvesse , e remediasse . Achaõ-no dando audiencia geral no monte Pindo ; recebeos benigno , e propuzeraõ-lhe a sua embaixada desta maneira : Senhor , como ha de haver no mundo , que estejaõ os horteloens de melhor condiçaõ , que nós , no governo das suas hortas , e quintas ! Deulhes Deos instrumentos para as mondarem ; deulhes a enxada para arrancar as hortigas , e abrolhos ; deulhes a fouce para cortarem os sylvados , e todas as malezas ; e ás Republicas nenhum instrumento deu acomodado , nem se quer hum ancinho , para as podermos mondar , e alimpar de tantos ladroens , que nos destroem , e de tantos males , que nos causaõ sem remedio ! Indignou-se Apollo chamando-lhes barbaros ! Pois naõ viaõ a mayor providencia , que Deos tem das Republicas , que das hortas : porque se ás hortas deu a enxada , e a fouce , para as mondarem ; ás Republicas deu o pifaro , o tambor , e a trombeta , para as alimparem . Tocay caixa , alistay todos esses , de que vos queixais , ponde-lhe hum pique ás costas , mandayos á guerra ; lá amanfaraõ , ou acabáraõ servindo a seu Rey , e patria , e ficará a

vossa Republica livre dessa praga. E vedes ahí a melhor souce que ha , e a melhor enxada , para mondar , e cultivar as Republicas do mundo. Disse Apollo , e disse bem.

O mesmo digo aos Procuradores , e Governadores da nossa Republica , que se queixaó de haver nella tantos ladroens , que não os podem extinguir : toquem caixa , toquem pifaro , e trombeta ; alistem-nos todos para os exercitos das fronteiras , para as armadas das Conquistas ; empreguem suas unhas , e garras em nossos inimigos , e ficarão livres de suas invasoens nossas fazendas. Esta he a melhor tisoura , que ha , para cortar todas as unhas. Não sey se notaó os Criticos , o que tenho notado de dez , ou doze annos a esta parte ; que tantos ha , que andamos em guerra viva com nossos inimigos , assim por mar , como por terra. Noto que antes disto , não nos podiamos ver livres de ladroens por essas estradas de todo o Reyno , nem podiamos dar passo , sem que nos salteassem pelas charnecas ; não se fazia feira , em que não fizessem mil assaltos ; nem havia justiça , que bastasse , para nos livrar desta praga , a qual cessou de todo com as guerras ; e já não vemos no interior do Reyno ladroens em quadrilhas , como andavaó dantes ; e he , porque lhes démos , que fa-

zer nas fronteiras , lá se cevaõ nas pilhagens do inimigo , com que nos deixaõ.

Nem me digaõ , que quem más manhas ha , tarde , ou nunca as perderá , e que ainda fazem das suas , e agora melhor ; porque andaõ armados , e a titulo de servirem a ElRey , se fazem izentos , e indomaveis , porque a isto se responde , que não haverá tal , se andarem bem disciplinados. Saõ as regras da Milicia muito ajustadas com o bem publico ; e se os cabos [ que sempre saõ homens escolhidos ] as fizerem guardar , como tem de obrigação , tambem os soldados fazem a sua , de andarem compostos , ou por medo , ou por primor. Não sey , que tem o andarem os homens alistados , e com superiores continuos sobre suas acçoens , que lhes tomaõ cada hora conta dellas , para lhes darem o galardão bom , ou máo , segundo o merecem ; que nenhum se atreve a lançar o pé além da mão , antes lhes serve affim o premio , como o castigo de continuos estimulos , para serem bons. E tratarem da honra , e aumentos louvaveis , que por armas se alcançaõ.

Esta he a segunda tisoura , que offereço , para cortar de todo as unhas aos ladroens , que nos inquietaõ. E se esta ainda não bastar para alimpar de todo a nossa Republica , e Reyno , porque ha

nelle muitos incapazes da milicia, quaes são signos, e outros, que se parecem com elles nas obras, e se livraão da guerra por varios principios, que se deixaão conhecer, e não aponto; temos outra tisoura muito efficaz para os extinguir no Reyno, sem que escapem, assim haja quem a mencye. Esta se chama *Degredo*, do qual se contaão, e escrevem grandes excellencias; e eu direy só, as que fazem para o nosso intento no capitulo que se segue: e e neste não digo mais da *Milicia*; porque tudo, o que della se pode disputar, fica apontado nos capitulos 20. 21. e 22. das Unhas militares.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L X I X .

*Tisoura terceira chamada Degredo.*

**D**Uas couzas ha, que facilitaão muito os ladroens a furtar; huma he, o que sobeja nelles, e a outra, o que falta em nós: e parece que havia de ser ás aveças; porque na verdade o que falta nelles, e sobeja em nós, he o que os move a serem ladroens, para proverem as suas faltas com os nossos sobejos. Com tudo isso não he assim, se-  
 não

naõ que fobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós justiça para os emendarmos : bem está ; assim he ; mas tomara saber , de donde vem fobejar nelles a cobiça , e faltar em nós a justiça ? Eu o direy , a quem estiver attento á historia , ou parabola , que se segue.

Duas Donas principaes , e senhoras muito conhecidas nesta Corte , vieraõ ás gadelhas sobre pouco mais de nada , e fizeraõ huma briga muito arriscada no terreiro do Paço ; huma se chamava Dona Justiça , e a outra Dona Cobiça . A senhora Dona Cobiça , naõ sey se por mais moça , se por menos sofrida , deu huma punhada em hum olho á Justiça , taõ grande , que lho lançou fóra ; e dando-a por morta , tratou de se pôr em cobro . Acolheo-se para o Paço , que lhe ficava perto ; mas logo lhe disseraõ seus amigos [ que lá naõ lhe faltaõ ] que visse onde se metia , que naõ lhe havia de valer o couto ; porque qualquer das Pessoas Reaes , que a encontrasse , a havia de mandar pôr na forca , assim por ser homicida , e ladra , como por ser cobiça , que naõ se permite no Paço . Deu comfigo no Corpo Santo , cuidando de achar guarida na companhia geral da Bolça ; mas logo a avisaraõ , que se arriscava a fazerem estanque della para o Brasil ; além de que poderia cahir nas unhas

dos Parlamentarios, 'ou Hollandezes,' se para lá fosse, que lhe dariaõ máo trato, como daõ a tudo. Deu comsigo na rua Nova, para se esconder por essas loges dos mercadores, que todas são escuras, e sem janellas, para não vermos o que nos vendem. Mas temendo que a vendessem por bayeta, dessa que compraõ a seis vintens, para a encaixarem a seis tostoens, passou de corrida para a rua dos Ourives; e não fez ahi muita detença, porque vio que mal se podia encobrir, onde tudo se põem á porta. Acolhamonos a sagrado; disse ella por ultimo remedio; mas em nenhuma Igreja a quizeraõ recolher, por ser vedado nos Sagrados Canones aos Ecclesiasticos todo o trato de cobiça. Tratou de se homiziar em algum mosteiro, mas todos lhe fecharaõ as portas; os Religiosos, porque não lhes inquietasse as commuidades com ambiçoens; e as Freiras, porque não podia professar entre ellas, por ser cazada com hum mulato, que se chama Interesse. Por fim de contas se recolheo no Castello, onde aturou pouco; porque não se dá lá mesa, nem cama aos hospedes; e fez porisso taes revoltas, que a degradaraõ para as Fronteiras, onde não podendo aturar o paõ de muniçaõ, por que he muito mimoza, deu em ladra com tanto dezaforo, que roubava a olhos vistos até os pagamentos

mentos dos soldados, e destruhia a fazenda del-Rey por mil modos, que não se podem contar: e temendo, que a enforcassem os Generais porisso, porque he ponto, que se não deve perdoar, passou-se para Castella, castigando-se assi mesma com degredo voluntario: e porque fugio sem passa-porte, não se atreveo a voltar; e lá se fez natural com tanta audacia, e excessõ, que em breve tempo assolou toda Hespanha com tributos para engordar, porque hia muito magra deste Reyno. Enxergavaõ-se em Castella os danos da Cobiça, não só nos vassallos destruidos com as fazendas quintadas, e fintas, que lhes poz até no fumo, que se vay por esses ares; mas tambem na cabeça do Rey tirando-lhe della Coroas, e quebrandolhe Sceptros á sua vista. Para se repararem de taõ grandes danos, deraõ com a causa delles no mundo Novo, onde fez tal estrago, que só na Ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de Indios, para se encher de ouro. O que fez no Perú, no Mexico, e Flórída, não he para se referir: dos braços das mãys tirava as crianças, e feitas em quartos as dava a caens, com que andava á caça. Queimava vivos os Cacizes mais opulentos, esfolava Reys, degolava Emperadores,

para

para mais a seu salvo devorar ferras de prata, e montes de ouro, que mandava a Hespanha, para fazer guerra a toda Europa, Africa, e Asia. Revolto assim o mundo todo, e posto em riscos de se perder por esta fera, tratou-se do remedio; e resolveu-se com maduro conselho, que só a justiça direita lho podia dar; mas esta estava torta com hum olho menos, que lhe tirou a Cobiça, Puzeraõ-lhe hum olho de prata, para a fazerem direita; e dahi lhe veyo trazer sempre a prata nos olhos, e o olho na prata, com que ficou mais torta: só no Ceo se achava neste tempo justiça direita, tem-se pedido a Deos por muitas vias, que a mande á terra, e espera-se que venha cedo, e ha disso já grandes prenuncios: e como ella vier, e degradar a Cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Naõ sey se me tenho declarado? Quero dizer, que a Cobiça he mãy de todos os ladroens, e que a justiça se lhe acanha, quando naõ he direita. Haja, quem castigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de taõ más pestes. E esta será a melhor tisoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpias, como por todas as partes nos cercaõ. Dirá alguem, que a melhor tisoura de todas he a força. Naõ a tenho por tal; porque aqui tratamos de  
emen-

emendar, e não de extinguir o mundo; além de que não haverá forcas, que bastem para tão grande pindura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo, comão-se lá embora huns aos outros, isso mesmo lhes servirá de castigo, e ficaremos livres delles, até que se melhorem, que he o que se pertende; e os que se melhorarem, tornem a nos ajudar com seu exemplo. As razoens, que me movem para não admittir, que se dem facilmente castigos de morte, ficaõ apontadas no cap. 49. das unhas apressadas, do meyo por diante §. *Em Roma havia* :

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXX.

*Dezengano geral a todas as unhas.*

**M**Ais unhas ha; mas as que temos visto neste tratado, bastaõ para as conhecermos todas, e para entendermos, quaõ perniciozas, e desarrefoadas saõ. *Ab unguibus leo*, diz o proverbio, pelas unhas se conhece o leaõ, e pelas mesmas se conhece o ladraõ. Conhecidos assim bem todos os ladroens, suas unhas, e artes, boas tres tisouras

ras

ras vos dey , para lhas cortardes todas. E se essas não bastarem por poucas para tantas unhas , ou não vos contentarem por asperas , porque nem toda aspereza serve para medicamento , tenho tres desenganos efficacissimos para as emendar suavemente , fazendo-lhes entender , e abraçar a verdade , que he o melhor modo , que ha de correição. Assim he : e he impossivel não repudiar a vontade, o que o entendimento lhe mostra nocivo. Peço a todos , os que virem este tratado , que leão com attenção estes tres pontos.

### DESENGANO PRIMEIRO.

**A** Cobiça de riquezas he como o fogo , que nunca diz , *basta*. Quanto mais pasto damos ao fogo , tanto mais se acende , e mais fome mostra de mais pasto, accrescentando-a com aquillo , que a podera faltar , e extinguir. Tal he a cobiça , e fome , que os homens tem de riquezas : *Crescit amor nummi , quantum ipsa pecunia crescit*. Disse lá o outro , que crece a cobiça ao compasso das riquezas , augmentando a fome dellas com a posse , que só a podera satisfazer. E he o primeiro desengano , que damos a todas as unhas ; que se furtaõ para faltar sua cobiça , e fome , que tem  
de

de riquezas , defenganem-se , que trabalhaõ de balde ; porque mayor a haõ de ter , quando mais se encherem , e mayores montes ajuntarem ; porque he hydropesia , que quanto mais bebe , tanto mayor fede tem.

Esquadrinhando eu a causa deste appetite infaciavel , acho que naõ procede de fome , mas que nasce de fastio , causado do enjoõ , que a todas as couzas do mundo he natural causallo , pela corrupçaõ , que tem de casa. E dahi vem , que enfastiados do que possuimos , suspiramos por mais , cuidando , que no que de novo vier , acharemos alguma satisfacaõ : e naõ he assim , quando lá vou ; porque tudo he do mesmo lote , e jaez , e em nada ha a satisfacaõ , que buscamos : e por isso digo , que se defenganem todas as unhas , que cançaõ , e trabalhaõ de balde , andando á caça do que nunca lhes ha de satisfazer a fede , que as pica. Ora dêmos-lhe , que naõ seja assim , o que assim he , que naõ achastes fastio em nada ; mas que lograstes muita doçura em tudo , quanto vossas unhas adquiriraõ , e que a vosso bello prazer com muito agrado fostes gostando de tudo , e saboreando-vos em cada couza : day-me licença , para descorrermos por todas , e vereis mais claro ainda o defengano.

## DESENGANO SEGUNDO.

**V**Enhaõ aqui todos os ladroens do mundo , tenha cada hum tantas mãos como o Briareu Centimano , e em cada mão outras tantas unhas , naõ fique unha , que aqui naõ venha a este exame : peſquem , caçem , empolguem , e pillhem tudo quanto quizerem , ouro , prata , perolas , joyas de pedraria mais precioſa , officios , beneficios , cõmendas , mórgados , titulos , honras , grandezas até naõ mais , e vamos por ordem discutindo tudo. Naceſtes neste mundo nú ( que aſſim nadem todos ) abriſtes os olhos , e viſtes , que com as riquezas medraõ os poderoſos ; deſejaſtes logo ſer hum delles , e trataſtes de ajuntar as riquezas , com que os poderoſos inchaõ. Eſperay : naõ furteis para as haverdes , eu vo-las dou todas ; porque ſõ tratamos aqui por hora fazer a experiencia , que vou diſcurſando , para cairdes no deſengano , que trato de vos intimar : e ſe as tendes já , porque as adquiriſtes ſervindo , chatinando , e roubando , que tudo vem a ſer o meſmo : Dizeme agora , ſe vos falta mais alguma couza , depois de vos verdes com grande cabedal , que he o que pertendeis ? Pertendo , responde muito ſezudo , huma gineta de Capitaõ mór , para ter que mandar,

dar , e ser temido , e respeitado de todos , e merecer fervendo a Sua Magestade , que me faça maiores mercês . Se o não haveis mais , que por huma gineta , dou-vos hum bastaõ ; e dou-vos , que servistes já com gineta , e bastaõ , até vos enfadardes , e praza a Deos não vos enfadeis mais cedo do que convêm . Ao depois dessa Capitania , e generalato , tomára saber , o que se vos segue para appetecer ? Segue-se huma Cómenda famosa , para ter renda , que gastar , e com que viver na Corte , livre dos perigos da guerra , e das baixas da chatinaria . Se o não haveis por mais , dou-vos duas Cómendas , e que sejaõ embora as mais grossas do Mestrádo de Christo ; e faço-vos Fidalgo nos livros delRey , para que em honra , e proveito fiquéis mais satisfeito . Ao depois de tanta cómenda , e fidalguia tomára saber , que he o que resta a v. m. Hum titulo de Conde para mayor credito meu , e lustre de minha geração . Titulo de Conde ? Com pouco se contenta v. m. Senhor Cómendador ; eu lho dou logo de Marquez : e diga-me por vida sua , Senhor Marquez , diga-me Vossa Senhoria , ou Vossa Excellencia ( que já se não contentaõ com Senhoria ) ao depois desse titulo , que he o que se lhe segue ? Segue-se passar huma velhice muito descansada , e

lustrosa. Embora, seja assim; ainda que lho pod'ra negar; porque neste mundo não ha velhice descansada, nem lustrosa: *Senectus ipsa est morlus*. A mesma velhice em si he doença cheya de mil defalinhos. Essa velhice ha de ter o fim: e ao depois della tomára saber, que he o que se segue a Vossa Excellencia, meu Senhor Marquez? Seguirseme-ha huma morte muito bem assombrada; porque farey hum testamento cheyo de mandás para meus parentes, e que me fação humas Exequias, em que se gastem duzentos mil reis, e dous trintarios de Missas pela minha alma: *Requiescat in pace*; que representey meu dito. Bem está; mas ainda não tem dito tudo Vossa Excellencia. Demaneira meu Senhor, que deixa quinhentos cruzados para Exequias, e trinta tostoes para Missas! Fois eu tomara-lhe antes os quinhentos em Missas, e os trinta em Exequias. E as mandas, que deixa a seus parentes, quem lhe disse, que não seriaõ demandas? E a morte bem assombrada, que se promete, quem lhe passou carta de seguro para ella? Não sabe que os velhos, quasi todos, morrem tontos, e que toda a morte no mundo sempre foy muito fea, e mal assombrada? Mas dou-lhe que a teve assim como a pinta, muito formosa, contra o que nos mostraõ seus retratos; e dou-

e dou-lhe , que lhe fizeraõ seus parentes as Exequias , ainda mais magestosas. Ao depois de tudo isso , que he o que se lhe segue ? Que he o que resta ? Naõ me responde ? Encolhe os hombros ? Diz que naõ sabe ? Pois este ponto , e este ao depois , tomára eu , que o trouxera estudado desde o primeiro despacho da gineta , e desde o primeiro dia , em que entrou nú neste mundo , para prova , de que assim havia de fahir d'elle , sem levar nada de quanto ajuntou na vida : e se o naõ sabe , porque nunca cuidou nisso , eu lho direy , esteja-me attento.

Ao depois da morte , e das Exequias segue-se hir para baixo , ou para cima , voar para o Ceo , ou decer para o inferno. Quem servio o mundo , e se carregou do alheyo , esse pezo mesmo o leva para o profundo : Quem fugio do mundo , e desprezou tudo isso , fica ligeiro para voar ao Ceo. E este he o ponto mais effencial , e a maxima do nosso ser , q̃ devemos trazer sempre diante dos olhos , para desengano , de que tudo dispara em nada : e desse nada resulta hum muito , que são eternas penas , as quaes cambiadas com o gosto , que lograftes , ou comprastes , necessariamente vos haveis de achar enganado , em muito mais da ametade do justo preço. E para que naõ

duvideis disto, ouvî a S. Paulo: *Raptores Regnum Dei non possidebunt.* Que a ladroens não se deve gloria, senão penas. Mas direis, o que já disse hum grande de Castella em Madrid: *Esto del infierno parece-me patranha; y lo del Limbo ninheria; que lo del Purgatorio no hay duda, que es invencion de Clerigos, y Frailes, para sacarem dineros por Missas.* Não sey, como não disse tambem, que não havia gloria, nem Ceo! Mas temeo, que lho mostrassem com o dedo até os cegos: e não diria mais hum orate, nem Machavelo, nem Maforma. E já que vos pondes em termos tão alcantilados, que vem a ser, que não ha mais que este mundo, estendey os olhos por todo elle, e achareis que tudo he corruptivel. Consideray, os que mayores bens, e glorias lograraõ, Salamoens, Alexandres, Cressos, Midas, Cesares, Pompeos. Nem delles, nem de suas riquezas, e mandos achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foraõ, que acabáraõ, que disseraõ seu dito no theatro deste mundo. E se sois tão A'theo, que nada disto vos move para crer, que ha outro mundo melhor, e que se não deve fazer caso deste, confesso que este desengano para Christãos o dava, que o devem crer; mas para Atheos será o desengano ultimo, que se segue.

## DESENGANO TERCEIRO.

111

**S** Upponho que não fallo com animaes brutos, mas com homens racionaes, que se entendem; mas que sejam Atheos, que não crem, que ha Deos, nem outra vida. Tratando só desta: dou-vos, que vos fez vossa fortuna, assim como vós quizestes, nobre, saõ, valente, gentil-homme; e que adquiristes por vossas artes, e industria tudo, quanto o mundo ama, e estima, e em que poem sua gloria. Tudo vem a ser riquezas, honra, e gostos; e nada mais ha neste mundo, nem elle tem mais que lhe possais roubar. Senhor estais de tudo: Dizei-me agora, quaes saõ as vossas riquezas? Saõ thesouros de ouro, prata, joyas, peças, enxovaes, propriedades, rendas, &c. Se dais, ou gastais isto, como mundano, sois prodigo; se o guardais como escasso, sois avarento, e ambas as couzas saõ vicio. E se tendes entendimento, como supponho, sois obrigado a crer, que em vicios não póde haver gloria, nem descanso; assim o alcançaraõ, e escreveraõ até os mayores idolatras do mundo. Pelo meyo da prodigalidade, e avareza, corre a liberalidade, que dispõe, e guarda com a moderação devida, e porisso he virtude; e porque o he, não atina

com ella, quem serve o mundo, que traz apregoada guerra com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas não póde haver para vós a bemaventurança, que vós fingis.

Quaes são as vossas honras? São titulos, que vos fazem respeitado; apparatus de criados, e vestidos, que vos fazem venerado; são officios, que vos dão poder para sopear; e ficar superior a todos: e se bem considerardes tudo, nada disso tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que vo lo podem tirar com vos negar huma cortezia. Bem fraca he a honra, que depende de huma barretada; de pouca estima deve ser o titulo, que se perde com hum delicto; os apparatus, que se destazem com huma ausencia, e as superioridades, que se malograão com huma desobediencia dos subditos: e tudo, o que chamais honra, vem a ser hum vidro, que com a liviandade de huma mulher se quebra, e com o desconcerto de qualquer de vossa familia se tolda, como o espelho com hum bafo. E se bem apertardes a honra buscando-a em vós mesmo, não a haveis de achar, porque toda he de quem a dá, e se vo la negar, ficais sem ella: e até a que chamais de sangue, não consiste no vosso, tenão em vossos antepassados, e em seus braçoens, que vem a ser pergaminhos velhos

velhos roídos de ratos, folhagens, e fingimentos mal averiguados. E vedes a hi como não póde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ser estavel, e as honras são mais mudaveis, que as grinpas.

Os deleites desta vida nos cinco sentidos se cifraõ todos: e os da vista com ser dos sentidos o mais nobre, são de qualidade, que a noite os rouba; e nisso que vemos de dia, ainda q̃ nos alegre, vemos, que ha mais defeitos para a borrecer, que perfeçoens para estimar; e até nas mesmas perfeçoens vemos, que não são de dura, que se murchaõ como rosas, que se extinguem como luzes, e que fogem como auroras: e vem a ser tudo hum crystal de furta cores, que a hum virar de olhos desaparece tudo. Os gostos do ouvido são musicas, e lisonjas: lisonjas, que mentem, e enganaõ; musicas, que se compoem de vozes, as vozes do ar, o ar fugeito aos ventos, porque tudo nesta vida vem a desparar em vento. Os do cheiro nadem de fumos, e vapores, que em si mesmos se exhalaõ, e extenuaõ, até se consumirem: que couza mais corruptivel, que o fumo; que couza menos duravel, que o vapor tenue? Os do gosto são doçuras, e sabores de manjares, e licores: se os tomais com demazia, mataõ-vos;

se vos abstenades delles, já os não lograis, e se os ufais com moderação, continuados enfastiaõ, dilatados causaõ fome, e deixados saõ como se não fossem, para defengano, que por todas as vias não se acha gosto nos mesmos gostos desta vida. Os do tacto, que consistem na brandura, no carêo, e afago, com que a sensualidade lisongêa a natureza, quem os logra confessa, que saõ momentaneos; e ainda que successivos, de tal maneira se alternaõ, que saõ mais as dores, que as suavidades, que de seu trato, quando he immoderado, resultaõ. E em conclusaõ todos os deleites dos sentidos rendem vassalagem ao sono, que os sepulta: O sono imagem da morte he Senhor de todos os gostos, para os ter cativos, e sepultados: e quem a tal Senhor se fugeita, bem certo he, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Isto he, o que passa nesta Babylonia do mundo, onde tudo saõ confusoens, e labyrintos. Dêstes faco ao mundo, para viverdes nelle abastado, e satisfeito, e em nada achastes a satisfacaõ plenaria, que buscaveis: seguistes suas leys, que vos ensinaraõ a pertender, buscar, e estimar, o que elle estima; e achastes em tudo vaidades sem firmeza, amargózes sem doçura, infernos sem bema-

ventu-

venturança. Que resta logo ? Cuidarmos, que toda a gloria he como esta, e que não ha outra, será engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, constancia, e formosura do Ceo nos testimunha, e assegura, que ha outra couza melhor, que isto que cá vemos, e que ha bemaventurança sólida, e verdadeira. A esta não he possível, que se vá pelo caminho, que segue o mundo, pois vemos, que nos leva ao contrario. Outra ley, e regra ha de haver necessariamente, que nos guie com verdade, e leve ao descanso firme, e que nos ponha na gloria, que não padece eclipfes. Esta he a Ley Divina, que se reduz a dous preceitos, que são, amar a Deos sobre todas as couzas, e ao proximo como a tí mesmo. Quem ama a Deos, não trata no mundo, porque lhe he opposto; quem ama ao proximo, não o offende: dar a cada hum o que he seu, he hum ponto, em que tudo se cifra; a Deos a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a esta felicidade, logrará a mayor bemaventurança, ainda nesta vida, e livrar-se-ha dos infernos deste mundo; que infernos vem a ser todas suas couzas nas penas, molestias, e tribulaçoens, que causão, até quando se gozaõ; e porisso com muita propriedade, e razão lhes chamou Christo espinhos. Quem quizer viver sem estes, viva sem o

alheyo,

alheyo, trate só do que lhe pertence, e converterfelhe-ha esta vida em gloria, e achará no mundo o Paraíso: e bem se prova; porque se o não ha, em quem segue as leys do mundo, havello-ha necessariamente, em quem seguir a ley contraria, que he a de Christo, a qual se resolve naquella sentença sua: *Reddite ergo, que sunt Cesaris Cesari, & que sunt Dei Deo.* Que demos a cada hum o que he seu; a Deos a honra, e ao proximo o que lhe convem. Donde se segue, que quem não tomar o alheyo será bemaventurado.

**C O N C L U S A M F I N A L,**  
*e remate do desengano verdadeiro.*

**T**Eve hum Religioso Santo huma visão, em que lhe appareceo huma matrona muito formosa com huma tocha acesa em huma mão, e huma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o servo de Deos, quem era? Respondeo: sou a Ley de Christo. E que tem que ver com a Ley de Christo esses dous elementos fogo, e agua, que trazeis nas mãos? Com este fogo trato de abraçar o Ceo até o desfazer; e com esta agua quero apagar o inferno até o aniquilar: e depois de não haver Ceo, que espere, nem inferno, que tema, ainda heide guardar a Ley de Christo; porque só  
com

com a guardar acho, que terey gloria, e ficarey livre de penas. Assim passa, que até neste mundo tem gloria, e descanso, e se livra de penas, e affliçoens, quem guarda a Ley de Christo, que dá o seu a seu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, não achará o que busca, se he que busca descanso; mas achará afflicção de espirito, cansaço do corpo, tormento para a alma, e vivirá em inferno.

Que fazes homem á vista de verdades tão claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, trata do eterno, e celestial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que he certo, que hum milhaõ de arroubas de glorias temporaes não faz meya onça de bemaventurança eterna: esta custa muito pouco a haver, porque se alcança vivendo no descanso da Ley de Christo; e aquellas custão muito a achar, porque se buscaõ com o suor, e trabalhos, que comfigo trazem as leys do mundo. Deixa de ser ladraõ, e terás o que has mister; porque terás a Deos, que para si te criou, e não para servires o mundo falso, e enganador, que não tem que te dar mais, que dores disfarçadas com apparencias de mimos; suas glorias são relampagos, que se por huma parte luzem, por outra disparaõ rayos. Suas luzes são de candêa, que com hum affopro se apagaõ. Seus affagos são

rapo-

raposas de Sanção astutas , que no cabo leuão fogo , que abraza. Sua formosura he a dos pomos de Pentapoli , por fóra dourados , e por dentro corrupção , e fumo ; em que poem seu termo todas as couzas do mundo , que naõ tem outro fim.

E eu ponho aqui remate a este tratado , que intituley *Arte de furtar* ; porque descobre todas as traças dos ladroens , para vos acautelar delles : aqui vos ponho patent : este espelho ; que chamo de enganos , para que nelle vejais os vossos , e vos emendeis , conhecendo sua deformidade : Este he o theatro das verdades , se as conhecerdes , representareis melhor figura no deste mundo. Mostrador he de horas minguadas , para que fugindo-as , acheis huma boa , em que vos salveis. Tambem he gasua geral , que se bem se occupou até aqui em abrir , melhor saberá fechar : chave he que fecha , e abre ; se usardes bem della , fechareis para naõ perder , e abrireis para ganhar. Verdadeiramente he chave mestra , que vos ensinará a verdadeira arte , com que se abrem os thesouros do Ceo , os quaes lograreis , quando menos usurpades os da terra. Em quanto estudais esta arte , vos fico compondo outra mais liberal , que se intitula : *Arte de adquirir gloria verdadeira*.

F I M.











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).